


Dorothy Macardle



OS QUE NÃO SÃO CONVIDADOS

 CASA EDITORA
O CLARIM

**Os que não são
convidados**

Dorothy Macardle

Os que não são convidados

Matão, SP

- 2013 -

Tradução de Wallace Leal V. Rodrigues

Os que não são convidados

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim
3ª edição - 2013

ISBN - IMPRESSO: 978-85-7357-113-4

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do copyright.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1070 - Centro - Caixa Postal 09

Cep. 15.990-903 - Matão-SP - Brasil

Fone: 3382-1066 | 3382-1647

CNPJ: 52.313.780/0001-23

Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br

oclarim@oclarim.com.br

Ficha Catalográfica

Dorothy Macardle

Os que não são convidados

Tradução de Wallace Leal V. Rodrigues do original
The Uninvited

1ª edição: janeiro/1972

3ª edição: fevereiro/2013 - 6.000 exemplares

Matão/SP: Casa Editora O Clarim

ISBN 978-85-7357-113-4

CDD - 133.9

Ficha para catálogo sistemático

133.9 - Espiritismo

133.901 - Filosofia e Teoria

133.91 - Mediunidade

133.92 - Fenômenos Físicos

133.93 - Fenômenos Psíquicos

Dados biográficos da autora

Macardle, Dorothy (1899-1958), historiadora, romancista, crítica teatral; filha de Sir Thomas Macardle, chefe de uma renomada família de cervejeiros de Dundalk. Estudou na Universidade Católica de Dublin. Tornou-se professora do Alexandra College, em Dublin. Influenciada por Maud Gonne envolveu-se no movimento republicano irlandês, foi presa e passou por uma greve de fome. Sua posição no Alexandra College esteve franquada

até que ela pôde retomar seu trabalho. Trabalhou como propagandista e publicista durante a luta da Independência da Irlanda, e pela facção republicana durante a Guerra Civil. Requisitada por Mr. Valera (1º Presidente da República da Irlanda – Eire) ela escreveu seu mais conhecido trabalho, *The Irish Republic*, (1937). Outros trabalhos são: *Tragedies of Kerry*, onde narra incidentes da Guerra Civil, e *Children of Europe* (1949), cujo assunto versa sobre as crianças refugiadas. Dois de seus romances, *Uneasy Freehold* e *Os que não são convidados* (trad. de Wallace Leal V. Rodrigues, Ed. O Clarim) transformaram-se em filmes; também

escreveu duas peças de teatro: *Asphara* e *Dark Waters*. Durante os primeiros anos que trabalhou no *Irish Press* produziu diversas críticas teatrais. Entre 1939 e 1945, sua preocupação voltou-se para o problema dos refugiados. Também apaixonadamente interessou-se pelos movimentos juvenis. Foi presidente da Associação Irlandesa das Liberdades Civis, em 1951. Morreu em dezembro de 1958, no Hospital Médico das Missionárias de Maria, em Drogheda.

Da renomada escritora, apresentaremos em breve, um outro apaixonante romance, "*The unforeseen*" (Os inesperados), tão fascinante quanto *Os que não são convidados*.

Prefácio do tradutor

Os *que não são convidadas*, título que encontramos para o original inglês *The Uninvited*, põe-nos em face de um dos romances espíritas mais bem urdidos e mais interessantes até hoje elaborados longe da área mediúnica. É um livro sem par e, tecnicamente, melhor elaborado mesmo que o hoje célebre *Returned Empty*, que a Editora O Clarim lançou com o título de *Voltou, mas esqueceu...*

Dorothy Macardle, autora também de *The Unexpected*, conta-nos nesta sua obra uma história atualíssima, ainda que tendo por cenário uma velha mansão no

litoral selvagem da Inglaterra. É a história de uma mulher – quase uma menina-moça –, perturbada pelas paixões desencadeadas por entidades espirituais que se negam a abandonar o velho solar.

Stella, assim se chama ela, conhece emoções que a levam do amor mais intenso às raias da loucura. Sua beleza e ternura inspiraram um dos compositores de maior renome de nosso tempo, Victor Young, a compor um “moderno concerto” que é tido pelos entendidos como uma das linhas melódicas mais belas divulgadas na atualidade. Trata-se de “Stella by starlight”, “Estela sob a luz das estrelas”, tema sinfônico que mereceu do grande letrista norte-

americano, Ned Washington, os
seguintes e inspirados versos:

*Have you seen Stella by starlight
Standing alone, moon in her hair?
Have you seen Stella by starlight
When have you known rapture so
rare?*

*The song a robin sings
Through years of endless springs
The murmur of a brook at eventide
The ripples by a nook
Where two lovers hide
A great symphonic theme
That's Stella by starlight
And not a dream
My heart and I agree
She's everything on earth to me.*

É em torno desta bela personalidade e dos choques que para ela representam o encontro com o mundo invisível, que a escritora Dorothy Macardle – sobre a qual não pudemos obter nenhum dado informativo – escreveu este romance, já filmado pela companhia Paramount Pictures.

Voltar à casa em que nascera, ao ambiente que lhe fora familiar, ao cenário que lhe trazia contraditórias emoções, eis a única solução que ocorria a Estela Meredith! E ela se torna o centro de intrigas terríveis, de memórias dolorosas, tanto mais que envolviam criaturas invisíveis aos olhos mortais.

Desde a primeira página do empolgante livro, sente-se que Estela Meredith está fadada, tanto quanto a música de Young, que inspirou, a se tornar imortal, quando menos na literatura espírita.

De fato o leitor nunca mais a esquecerá, jamais perderá de vista a sua imperecível beleza, inda mesmo quando desponha entre espectros nefastos e hediondos.

O “suspense” que Dorothy Macardle estabelece se mantém até o fim. Cada minuto que o leitor passa na bela mansão “Cliff End”, a Casa do Fim do Penedo, tem em si algo de vital.

Tão absorvente é este livro, quer pelo tema, como pelo estilo, e tantas são as

surpresas que encerra, que não hesitamos em afirmar que nele existe uma profunda mensagem – a mensagem da reencarnação, da comunicabilidade dos espíritos e da imortalidade pessoal – que para todos os leitores terá a maior e a mais válida das significações.

Araraquara, janeiro de 1970

“Prezado Garry,

Aqui está seu livro. Foi você quem insistiu comigo para escrevê-lo.

Compreendo sua pertinácia. Os extraordinários acontecimentos daquele verão nunca seriam acreditados – duvidaríamos mesmo de nossas próprias recordações, não fossem os fatos registrados sem mais demora.

Sei que você compreende minha relutância. As ocorrências, que considera como de “significação científica e probatória”, inextricavelmente se prendiam a questões de caráter pessoal. Falhou todo o esforço que fiz para separá-las desta história íntima. E só fui capaz de fazer o

que você desejava, forçando-me por esquecer que o que eu estava escrevendo pudesse ser lido.

Não poupei a você, nem a mim – seu ceticismo de homem da lei ou meus atos inconsiderados e recusas estúpidas de enfrentar a verdade.

Imagino se você, quando tiver lido toda esta circunstanciada narrativa, sentirá tão agudamente quanto eu que

Nossas indiscrições servem-nos bem quando os projetos mais astutos se evaporam...

Que estranho entrelaçamento de destinos principiou naquela descuidada manhã de abril em que Pamela e eu vimos, pela primeira vez, Cliff End.

Seu,

RODERICK”.

CLIFF END¹

O carro parecia participar da alegria da manhã, zumbindo pelas estradas da região e de charnecas escalando as colinas torcidas. Fiquei satisfeito de que houvéssemos descido a capota. Havia uma exuberância impetuosa no ar. O céu era uma névoa leve, elevada; as árvores e sebes se esmaltavam de cores novas; pássaros se atarefavam e cordeiros corriam saltitando e balindo pelos outeiros. Pamela tirou o chapéu, para que não o carregasse a brisa. Fora ela quem nos fizera estar a caminho antes

das nove da manhã, rumando para o mar.

Aquilo já era muita despreocupação, pois estávamos a duzentas milhas de Londres e deveria comparecer à redação às doze horas do dia seguinte. Mesmo com um jornal de feitura fácil como o Amanhã e um chefe tão camarada como Marriott, não se pode estirar um fim de semana das quatro horas da sexta-feira até ao meio dia de terça. Eu, porém, não voltaria à cidade sem saudar o Atlântico do alto daqueles famosos penhascos do norte de Devon, além da insistência de Pamela em ver aquela casa.

Tornou-se loquaz, um pouco entusiasmada, gozando a manhã primaveril:

— Vai fazer calor, Roddy; olhe para

aquele espinheiro negro; é deslumbrante! Sinto-me feliz esta manhã... Você não? “Maratona” não é um bonito nome?

– E isso – repliquei – é o motivo por que você deseja vê-la! Você já deveria ter imaginado quanto são valiosas as recomendações dos donos de hospedarias! Se fosse qualquer coisa boa, estaria nas listas dos corretores.

– Listas de corretores!

O tom que ela empregou varreu-os a todos. Era verdade que não se haviam mostrado muito úteis.

– Essa deve ser a aldeia. Vire para a direita.

Girei o volante para um atalho de pedestres; o “Hillman” subiu facilmente

a ladeira e chegamos, no mesmo momento, diante da casa e do mar. Freei o carro, ao ver que estava escrito “Maratona” nos batentes do portão, mas não desliguei o motor. A casa era um desengonçado barracão, com a fachada para o nordeste e um fundo cego para aquele soberbo panorama.

O primeiro “Oh!” de Pamela foi um grito de entusiasmo; o segundo, um grunhido de desgosto. Sentou-se enraivecida.

– E Maratona tem vista para o mar! – citou, colericamente. O homem que construiu uma casa como esta num lugar como este devia ser condenado a assombrá-la por toda a eternidade! É exatamente o que ela não tem!...

Dirigi-me para onde a estrada se estreitava e um atalho ia descendo até a beira do penhasco. Lá estava o oceano. Ou seria ainda, ali, o Canal de Brístol? Pouco importava. Andei, a grandes passadas, sobre a relva. Pamela saltou à minha frente e pôs-se na ponta dos pés. Ela é incapaz, por temperamento, de afastar-se das bordas de rochas; segui-a e agarrei-lhe os cotovelos, firmando os calcanhares, tenso contra o sopro do vento.

A baía parecia rir para nós, deleitando-se com a nossa surpresa. A água cintilava, dançando na luz vaporosa; para a direita e para a esquerda, a costa ondulava em arcos quebrados, as rochas escavavam-se em

cavernas, pontilhavam-se de ilhotas, os penhascos coroando-se de urzes amarelas; perto, havia pontas de terra verdes, pontas de terra prateadas e nevoentas mais além, e o Lundy, estendendo-se bem à distância, semelhava o escaler de um gigante. E a cada hora de todo o dia o panorama se ia mudando, assumindo novas cores e formas. Senti que, desde a infância, estivera ansioso por aquela paisagem e continuaria a ansiá-la pelo resto de minha vida.

– Se ao menos não tivesse havido casa alguma neste lugar! – disse Pamela, amargamente.

Voltamos e caminhamos para o carro. Dirigindo-nos à estrada principal,

estudamos o mapa e escolhemos um caminho para o mais curto regresso a Londres, pois para nós morrera a atração dourada da manhã.

Mergulhamos no silêncio, com os pensamentos seguindo a mesma rota e chegando à mesma desoladora conclusão: nossas esperanças haviam sido absurdas; éramos loucos.

– Creio – falei afinal – que o melhor é nos resignarmos; o que procuramos não existe.

Durante um momento, Pamela não replicou; depois, em voz baixa, disse:

– Podemos fazer qualquer coisa da fazenda de Ghyll Bridge.

– Minha querida, você passará o dia inteiro enchendo lâmpadas de óleo e

banheiras, e eu ficarei rachando lenha e carregando água, em vez de continuar com o livro. Haveria senso nisso? Não! – prossegui implacável. – Um velho moinho arruinado em Sleepy Hollow, ou uma cintilante “Liga-longa” ou “Cotta-Bunga”, um pouco afastadas, eis o que poderíamos conseguir com o nosso dinheiro. Mas uma casa discreta, simples, honesta, com espaço, ar, luz, e instalações; isso a Inglaterra não mais oferece a gente como eu e você.

– Poderíamos ter “Littlewood” por três anos.

– E pintar, ser carpinteiro, plantar e cavar em todos os minutos vagos, para proveito alheio! Já lhe falei: alugar casa não quero!

Pamela ficou silenciosa e eu desanimado. Ela mordia o lábio inferior, sinal certo, na infância, de que iria chorar. Para alívio meu riu-se, dizendo:

– Temos de pôr um anúncio: “Precisa-se de uma casa mal-assombrada”.

Aquilo ia mal. Eu tinha esperanças de ver Pamela entregar-se, de coração, a alguma coisa, e esse plano que prometera refúgio, solução e novas aventuras para nós dois, parecia agora condenado a falhar.

Seis anos de cuidados a nosso pai, haviam modificado Pamela. Quando ele morreu, persuadi-a a vir morar comigo em Bloomsbury, pensando que aí poderia encontrar novas coisas que a

interessassem, recobrando o ânimo, na insipidez de minha vida de solteiro. O plano parecera bastante bom, mas não tivera tanto sucesso. De fato, a maioria da gente que me rodeava não era do mesmo gênio que ela ou eu. Depois, havia meu “caso” com Lorette. Parecia evidente, para qualquer outra pessoa, que Lorette preferiria uma vida borboleteante com Johnny Mayhew a tudo o que eu lhe pudesse oferecer. Pamela incomodava-se, temendo que ela quisesse casar-se comigo. Para que isso não acontecesse ficou hipersensitiva, apagando-se justamente no momento em que seus modos de escolar, a imaginação ousada e a capacidade de ridicularizar o sentimentalismo,

poderiam ter-me sido de grande auxílio. Principiou um curso de bibliotecária, mas verificou que isso a levaria de uma vida de clausura para outra, e desistiu. Finalmente, falou-me que desejava viver no interior e pensava em comprar uma casa de campo e cultivar framboeseiras, de sociedade com Gillian Long.

Imediatamente notei diversas coisas: que Londres nos deprimia; que quanto mais cedo eu escapulisse da órbita de Lorette, tanto melhor; que eu ia perder Pamela; que meu livro sobre a censura britânica, com o fito de causar a morte do animal pelo risco, não progredia; e que eu podia ganhar, tanto escrevendo como livre atirador, quanto na redação do “Amanhã”. E disse:

– Por que você não será minha sócia?

O prazer de Pamela foi uma exaltação; o entusiasmo empolgou-nos e desenvolvemos o plano. Romper completamente com a cidade, viver com ar, espaço e amplitude, era o de que necessitávamos. Sabíamos-lo, e a busca principiou. Este fim de semana era a nossa quinta derrota.

Agora, o mar estava fora de vista; a estrada descia entre pinheiros e subia pela região das charnecas; o caminho melhorava. Nas encruzilhadas, um marco em que se lia “Biddlecombe” indicava uma daquelas aldeias que se estiram para o mar nos penhascos das colinas de Devon. Esta começava com uma estalagem de bom aspecto; eu teria

gostado de provar sua cidra, mas lembrei-me de que era ainda manhãzinha.

Pamela principiou a tagarelar.

– Como desanima a gente voltar as costas para o oeste! Por que as antigas civilizações iam-se impelindo umas às outras, sempre rumo a oeste? E as ilhas mágicas estão todas nos mares do Sul. E o povo ocidental tem mais feitiço, não é? E música... Oh! Roddy, que ruazinha encantadora! Suba-a logo. A vista, lá do alto, deve ser estupenda!

– A vista deve ser a mesma – resmunguei. – Porém, se ela arrancar o oeste de seus planos...

Para satisfazê-la, recuei e subi por um atalho cercado de urzes que serpeava

entre rochas e lariços. Além, se bifurcava, enviando para a direita uma estrada carroçável de fazenda, que se mudava numa vereda, desviada entre rododendros fluorescentes, cujo término era um pequeno planalto batido de ventos, no alto dos rochedos. A vista era a mesma, com mais amplitude, porém, pois ali findava uma pequena ponta de terra e o mar se alongava tanto para o sul como para oeste.

Pamela foi a primeira a sair do carro; rodeou um grupo de árvores para a esquerda, mas, em vez de caminhar para diante, parou, contemplando, dando costas ao panorama. Juntei-me a ela e avistei uma casa vazia.

Construída de pedra, de fachada

simples, dois andares, tão bem proporcionada que se pararia para olhá-la em qualquer parte, lá estava ela defrontando a baía. Uma ladeira arborizada abrigava-a do leste e ao norte havia um quebra-vento de árvores.

– Roddy – disse Pamela – é uma casa!

– Assim parece.

Rodeei a construção. Era sólida. Tipo georgiano, pensei, com amplas janelas, de cada lado da porta, e três no alto. Havia um pórtico de pilares e teto chato, com uma claraboia por cima. As janelas do andar térreo eram de arco aberto, repetindo a curva, da claraboia. A frente da casa dava para o sul. A forma era esquisita; os lados eram muito mais compridos que a frente e o andar térreo

projetava-se no fundo, com um teto plano. Quem construía aquela casa, evidentemente, pretendia acrescentar quartos em cima. Havia um pátio com barracões e um estábulo abria-se para a vereda. O lugar fora descuidado durante anos; os toldos que protegiam as janelas do andar térreo estavam despídos de pintura e um deles pendia obliquamente; e um barracãozinho novo, construído no pátio, no lado ocidental, perdera muitos de seus vidros. As paredes, porém, pareciam intactas. Os canteiros de jardim, que haviam sido feitos aqui e ali, onde o permitia a irrupção da rocha, estavam esteirados de mato e folhagem de cravos. Clareiras ásperas, abrindo-se dos dois lados da borda do penhasco,

mergulhavam com o tojal, desprotegidas; havia moitas de narcisos pequenos e carnudos na relva; uma trepadeira espalhava campainhas amarelas num vão de janela. Caminhei até a borda. Nenhum prédio estava à vista, além de um farol e um posto de guarda-costas, longe, à esquerda. Prestei ouvidos e só escutei o rumor do mar, um grito de gaivota e o balido distante de cordeiros. O rochedo caía a prumo para o mar; do lado ocidental, a borda não ficava a cem metros da casa; havia ali uma pequena enseada e no seu ponto mais interior ficava uma árvore morta e retorcida. Parando ali, olhei para baixo e divisei, entre rochas pontudas e aceradas, o brilho de âmbar de uma

praia minúscula. Eu estava empolgado de cobiça. Poder-se-ia descer por algum caminho em ziguezague entre os rochedos e nadar ali. E havia gente que podia possuir lugares como aquele...

– Roddy, Roddy! – chamava Pamela.
– Está à venda!

Ela estava na vereda, perto do estábulo. Encontrara um cartaz desbotado, meio escondido pelo mato.

– Desleixada como está, assim mesmo vale o dobro do dinheiro que temos; esqueça isso! – falei.

– “Comandante Brooke, Wilmcote, Avenida, Biddlecombe” – leu Pamela. – Roddy, vamos.

Tínhamos, agora, bons motivos para parar na “Corça Dourada”. Eu ansiava

pela cidra, mas era cedo e estávamos na Inglaterra; o café da estalagem era infame. A matrona que nos serviu mostrou o mais vivo interesse quando perguntamos pelo caminho para Wilmcote e ficou a olhar-nos do portal, quando saímos. Pamela riu.

– Ela vê em você um freguês de futuro!

A propriedade arborizada que incluía a “Avenida” podia ser vista na encosta da colina, para o norte, no lado oposto da aldeia, para quem vinha do Cliff End. Tinha-se de atravessar a aldeia e subir um caminho escarpado para a direita, ou ir de carro pela estrada principal e tomar uma estrada serpeante em volta da colina.

A aldeia encantou-nos; podia-se ver a rua descer, ondulante e alcantilada, para o pequeno molhe, em que pescadores se ocupavam com botes e redes. O lugar inteiro tinha um perfume delicado de urze marinha; mas ardíamos de impaciência e tocamos para fora.

Muito composta, muito ao jeito de navio, Wilmcote apareceu, com uma sebe tosquiada, orlas de caixa, cortinas de musselina com ilhoses e aldravas de bronze polido.

Quando bati a campainha, fiquei de súbito acanhado, notando que ainda não eram dez horas. A porta foi rapidamente aberta, não, porém, como se poderia esperar, por uma criada protocolar. A mocinha que olhou para nós, com

desanimados olhos escuros, tinha os cabelos enrolados num turbante de guardanapo cor-de-rosa, e suas faces estavam coradas de calor de fogo; o efeito era encantador e eu sorri; isso a fez enrubescer ainda mais profundamente e pediu-nos, apressada, que entrássemos. Murmuramos desculpas por ter vindo tão cedo e ela as aceitou com um solene ademane de mandarim.

— Pensei que fosse a nossa criada, que vem de dia. Queiram desculpar-me — disse ela.

Parecia uma criança, mas seus modos estariam bem numa dona de casa de trinta anos.

Vimos — disse-lhe Pamela —

inteiramente por acaso a casa chamada “Cliff End”. Gostaríamos de vê-la se pudéssemos ter a chave.

– Meu avô está fora; sinto muito – respondeu a moça, polidamente. E depois sua face voltou à vida, com um olhar de excitação quase incrédulo.

– Oh! – suspirou, olhando de mim para Pamela e vice-versa. – Estão querendo ver a casa?

– Se pudermos – replicou Pamela.

– Não faço ideia de onde está a chave! – falou ela, desanimadamente. Depois, refletiu e acrescentou:

– Mas hei de achá-la. Se isso levar algum tempo, desculpe-me. Não querem esperar aqui?

Deixou-nos numa sala de jantar

pequena, convencional, mas logo voltou com uma chave. Era grande e enferrujada.

– Penso que deve ser esta. Acho que podem levá-la. Ou, talvez, pudessem esperar?

Parecia um tanto incomodada. Expliquei-lhe que tínhamos um dia de viagem a fazer e estávamos ansiosos para não perder tempo. Como a decisão era de natureza séria, ela estendeu-me a chave.

– Leve-a. Eu explicarei – soltou um suspiro de desengano. – Possivelmente, não poderei ir com os senhores, porque acabei de lavar a cabeça. Que falta de sorte!

– Não fique incomodada por nossa

causa! – disse Pamela, ansiosamente.

Regressou aquele sorriso, um tanto surpreendido, e um olhar, franco, embora acanhado, caiu nos olhos de Pamela. Senti, quando a porta se fechou às nossas costas, que ela nos acompanhava com desejosos pensamentos e que era mesmo má sorte ter ela acabado de lavar a cabeça.

A chave não girou na fechadura da porta de frente. Passeando ao longo do lado leste da casa, junto ao da colina que se erguia perto de suas janelas, encontramos uma portinha e esta, depois de muito empurrar e bater, deu-nos entrada. Passamos, por uma despensa, para uma cozinha grande e coberta de lajes. Estava escuro, pois as janelas,

muito sombreadas pela ladeira, achavam-se repletas de pó. Todos os cantos, o esgoto, as torneiras e o encanamento estavam adornados e cobertos de teias de aranha polvilhadas de poeira. Mas o aposento tinha instalação elétrica, uma pia e aquecedores magníficos e, pensou Pamela, um fogão tolerável.

– Não poupará trabalho – falou ela – mas é espaçosa; tem lugar para Lizzie e seu gato.

Esse era um assunto importante. Lizzie Flynn cozinhou para nós desde o tempo em que eu tinha dezessete anos e Pamela onze, até quando vendemos a casa de Wimbledon. Ela consolara Pamela quando nossa mãe morreu,

ensinara-a a fazer as vezes de dona de casa e protegera-a dos acessos de mau humor de meu pai. Eu as encontrava misturando as lágrimas na cozinha quando alguma iguaria especial voltava sem ter sido provada. Lizzie jurara, ao partir, que voltaria para Pamela, a qualquer tempo, em qualquer parte do mundo, contanto que seu gato cor de gengibre pudesse ir também. E Lizzie requeria espaço.

— Isso a atrairia! — Pamela estava olhando para as despensas e depósitos, uma queijeira, uma lavanderia, e dois ou três aposentos para provisões que davam para um corredor por trás da cozinha e ocupavam o espaço por baixo do teto plano.

Lançamos rápidos olhares a eles e ao quarto de dormir da empregada e fomos às pressas para a parte de frente da casa. Um amplo corredor levou-nos diretamente à porta de entrada. Ficando de costas para essa porta, olhamos o vestíbulo e as escadas com deleite. Era uma bela entrada, ampla, equilibrada, notavelmente larga para casa tão pequena. As escadas eram curvas e tinham um balaústre de mogno que se encurvava graciosamente no andar de cima, dobrando-se para trás, ao longo do corredor, para a esquerda. Ao pé da escada, à nossa direita, havia uma porta de linhas simples e agradáveis; outra, exatamente semelhante, defrontava-a do lado oposto do vestíbulo.

— Elegante! — exclamou Pamela abrindo a porta da direita.

Esta seria a sala de jantar. Estava quase escuro, só deixando os postigos que entrassem finos laivos de luz; mas podia-se ver que era um aposento comprido, de forro alto, com uma bela lareira de mármore. A janela do sul devia dar para a baía e a da parede leste teria sido construída para evitar a sombra da colina. Que sala para se almoçar!

Pesadas cortinas de seda — ia murmurando Pamela. — Pintura de marfim; um pano de frisa Wedgwood; uma velha mesa de refeitório; o espelho Waterford.

Atravessei o amplo vestíbulo para a

porta oposta, abri-a e fiquei silencioso. Ainda não vira quarto mais adorável. Estava, então, numa penumbra submarina, mas eu podia ver a forma perfeita do aposento, a beleza das cornijas e da lareira; podia imaginá-lo de janelas abertas, lançando-se nele todo o luzente encanto do mar e da charneca.

Pamela, ficando a meu lado, soltou fundo suspiro.

— A proporção áurea, não é? — murmurou.

O quarto era um lago de paz; nossos passos, altos no soalho, violaram-lhe a antiga quietação. Ali, nada devia penetrar que perturbasse ou frustrasse o impulso criador do espírito. Senti que

podia arruinar-me para viver ali, mas não o disse a Pamela, que, muda de excitação, correu para cima. Seguiu-a. Ficou na janela do patamar, olhando a baía radiosa. Abriu uma porta à minha direita. Ali, sobre a sala de visitas, havia dois quartos com uma porta de comunicação. Surpreendentemente, o quarto da frente era o menor; o outro era quase quadrado; de suas janelas olhei para o oeste, para aquela majestosa costa acidentada em mar aberto. No primeiro plano, a árvore morta, com todos os seus galhos crescendo para o interior, formava um vulto negro e fantástico, de encontro ao brilho azul da água. Falei alto, sem me voltar:

– Desejo este panorama!

– Você o terá – falou Pamela de trás, exultando. – Eu desejo este quarto!

Encontrei-a no quarto oposto, que, como a sala de jantar, tinha janelas para o leste e o sul. A luz do sol e do mar dançava no forro e nas paredes.

– Adeus! És muito belo para que eu te possua! – suspirou ela.

Olhei para o quarto por trás desse, que se abria perto do alto da escadaria, e chamei-a:

– Não desespere; aqui está o corcunda da sorte!

A janela do leste fora pregada, e outra, muito ampla, na parede do norte, abria-se sobre o telhado chato e o pátio. O fogão de tijolos era muito menor; os embutidos, estreitos e fundos demais. E

o quarto enregelava. Era sombrio, sem graça, inteiramente despido de encanto.

– O “atelier” de alguém – disse Pamela. Eu, se fosse pintor, odiaria viver fora do sol. As aranhas gostam do quarto, não é? Teria de ser, precisamente, o quarto de hóspedes.

Ri de sua noção de hospitalidade.

– Eu, você e Lizzie, eis o que importa – retrucou ela. – E você deve ter um escritório. Lizzie terá de dormir em baixo.

Os cômodos de dormitório acabavam ali; outras portas do patamar mostraram um grande banheiro, armários de roupa de cama, e uma espécie de quarto de depósito, com uma escada para o sótão; e era tudo.

– É, realmente, uma casinha, não é? – disse Pamela, pensativamente.

Sua face estava ávida, como se estivesse com fome; ela desejava a casa; eu também.

– Plano de arquiteto – falei, resumido. – Eletricidade, encanamento; em muito boas condições; nem campo de tênis nem lugar para um; o telefone teria de ser trazido Deus sabe de onde; isolada demais, para o gosto de muitos; há uma rara possibilidade, uma possibilidade quase mínima, de que o preço esteja ao nosso alcance.

Ela ficou imóvel um momento, como se estivesse escutando.

– Acredito que está – falou. – Acredito que viremos morar aqui!

Vamos ver!

1. Cliff End: Fim do Penedo. – Nota do Tradutor.

O COMANDANTE

O Comandante estava em casa. A criada que tomara meu cartão e entrara, voltou imediatamente e levou-nos para uma espécie de escritório, nos fundos. Ele estava de pé à nossa espera. Era um homem já beirando os setenta, de cabelo e barba brancos, a cabeça ereta e olhos azuis muito vivos, com um aspecto imponente de quem ia combater. Disse:

– Bom dia, Sr. Fitzgerald.

Inclinou-se para Pamela, indicou-nos cadeiras de braços e, sentando-se na cadeira giratória da escrivaninha, esperou que eu comesse.

Ouviu minhas perguntas atentamente e respondeu com precisão. Sim, a não ser por breve período a casa ficara desabitada durante certo tempo; quinze anos, de fato. Sim, sem dúvida o teto e os barracões necessitariam de consertos. Era, porém, uma casa bem construída; fora um arquiteto que lhe fizera a planta e a construía para si mesmo.

— Cinco gerações de minha família — disse o Comandante Brooke, quase desafiadoramente — moravam ali, com saúde e conforto. Consideráveis quantias foram gastas em reformas, há cerca de vinte anos.

Estava à venda, livre de ônus; os impostos eram insignificantes; a propriedade incluía a colina do lado de

leste e parte do bosque de lariços, bem como a praia arenosa, onde se poderia banhar-se sem perigo algum, quando a maré baixava.

– E o preço?

– Nas condições atuais, mil e quatrocentas libras.

Sacudi a cabeça. Vi a face de Pamela mudar-se; o velho olhou-a agudamente, por baixo das sobrancelhas salientes, parecendo estudá-la.

– Talvez o Comandante quisesse examinar uma proposta – disse ela.

Ofereci mil libras, salientando que os consertos certamente custariam caro. Ele sentou-se, absorvido em pensamentos, e depois levantou os olhos, dizendo:

– Faça o obséquio?...

Repeti minha oferta e ele falou, impaciente:

– Sim... Sim... Isso poderia... Sua voz era tão incerta que fiquei a imaginar que é que não poderia. Pamela ou eu, talvez?

– O Sr. venderá por mil libras? – perguntei, na dúvida de que me tivesse compreendido. Sentou-se, imóvel, por um momento, com a face impassível. Depois, como um homem que se forçasse a algum sacrifício, disse:

– Sim.

Pamela abriu olhos incrédulos e descansou com um imenso suspiro. Fiz o máximo que pude para conservar uma rigidez de tipo comercial e lembrei-me de dizer que gostaria de examinar o local demoradamente com um arquiteto

e ter seu parecer. Ainda abstraído em seus modos, o Comandante falou-me que havia um bom profissional em Barnstaple, pensava, e, telefonando para um banco de lá, tomou-lhe o endereço. Seu telefone estava à minha disposição, caso eu quisesse tratar do negócio logo.

– Um parecer não nos compromete a nada – acrescentou, como se pensando em voz alta.

Refleti que, para mim, havia o compromisso de pagar os honorários do arquiteto, mas concordei. A relutância dos modos do velho fazia-me ansioso em ficar com a casa, antes que ele pudesse mudar de ideia. Não se podia deixar de ver que toda a transação lhe desgostava e que nossas perguntas lhe

causavam uma impressão desagradável. Não gostaria ele da casa, pensei, ou não gostaria de vendê-la?

Telefonei. Ótimo! O Sr. Richards podia vir de Barnstaple. Estaria às três horas na Cliff End. Não, desculpava-se, podia chegar mais cedo. Perguntei a Pamela que achava de viajar de carro a maior parte da noite; ela disse que gostaria disso. E a vinda do arquiteto ficou assentada.

Ao colocar o fone no gancho, apreendi o olhar do Comandante fixo em mim, pesquisadoramente. Senti-me diminuído, sob aqueles luminosos olhos azuis. À face do velho, estreita e aquilina, onde se imprimiam experiência e autoridade, assomava uma expressão

que, imaginei, era raro nela: o aspecto de dúvida. Haveria na casa algum defeito que ele temia pudesse o arquiteto mostrar? Não, não era isso; aquele homem era a retidão em pessoa. Incomodar-se-ia com a espécie de gente com que tinha de tratar? Retruquei-lhe ao exame com um olhar franco, talvez um tanto divertido e, como se recuperando a confiança, voltou-se para Pamela, dizendo-lhe, com um gesto cortês;

– Posso convidá-la a tomar um cálice de licor? Tocou a campainha, pediu o licor e, depois de um momento de reflexão, disse à criada que pedisse à senhorita Meredith para vir. A mulher olhou-nos, espantada e

inquisidoramente, ao deixar a sala; evidentemente, eram raras as visitas a Wilmcote pela manhã.

Enquanto esperávamos, o Comandante falou acerca de dirigir carros, coisa que nunca aprendera a apreciar, disse ele, e sobre os veículos de sua mocidade. Pamela respondeu alegremente e eu tive tempo de espiar pelo aposento. Nada havia pelo aposento. Nada havia de interessante: armários enfileirados, prateleiras cheias de livros velhos; nem lareira, nem flores, nem fotografias que não fossem de navios, nem livros novos, nem jornais além de periódicos náuticos e do “Times”. Só havia uma obra de arte no aposento, um grande retrato a óleo sobre a chaminé, e não era muito bom.

Contudo, pensando melhor, aquela pintura tinha qualidades; era dessas que a gente recorda, um retrato de moça. O artista poupou trabalhos nas mãos, no cabelo e no vestido de musselina branca, mas pintou uma face viva.

A moça era bela: pele clara, cabelos louros, com grandes olhos azuis e gélidos. O cabelo se alteava sobre uma fronte nobre; a boca era traçada em linhas suaves e severas; como as de uma freira, suas mãos cruzavam-se sobre o peito. Eu podia imaginá-la pintada numa janela de vitrais, com uma auréola em volta da cabeça. Notando a direção de meu olhar, o Comandante ficou silencioso. Hesitei em falar acerca da pintura e houve uma pausa constrangida.

Foi um alívio quando a mocinha do turbante entrou, com um licoreiro e cálices numa bandeja. O velho apresentou-nos:

— Esta é minha neta, senhorita Meredith; a senhorita Pamela Fitzgerald; o Sr. Roderick Fitzgerald. Eles estão pensando em comprar Cliff End. Essa casa — explicou-nos — pertence agora a ela.

Um relâmpago de entusiasmo iluminou a facezinha séria da moça, que se inclinou cerimoniosamente, depondo a bandeja. Sua mão tremia de leve, ao passar--nos os cálices. Olhou com seriedade para Pamela e em seguida para mim.

— Espero que sejam felizes ali —

disse.

Que criança estranha, bem comportada! Não, não era uma criança! Agora, com um vestido cinzento, de gola e punhos creme, com o cabelo castanho partido e penteado tão de leve quanto o permitiam os cachos primaveris, parecia ter seus dezessete anos. Seus modos ainda teriam convindo a alguém de trinta ou mais anos, mas não sempre. Novamente repousou o olhar franco e investigador na face de Pamela e, transferindo-o depois para a minha, sorriu.

– Creio mesmo que serão felizes ali!
– exclamou, e fez uma leve saudação com o cálice, antes de beber.

Dissemos-lhe quanto estávamos

encantados com a casa, os quartos ensolarados e o panorama. Ela ouvia satisfeita.

– Deve ser fabuloso! – suspirou.

O Comandante voltou-se para ela.

– Como estamos de provisões, Estela? Podemos dar-nos o prazer de convidar nossos novos conhecidos para a merenda?

– Decerto! – respondeu ela, avidamente. – Dar-nos-iam grande prazer, se perdoarem uma refeição muito simples – emendou-se, ao olhar de censura de seu tutor.

Aceitamos e Pamela foi conduzida ao quarto de Estela.

O Comandante ofereceu-me um cigarro. Havia, era evidente, qualquer

coisa acerca da qual me desejava falar, a sós. Começou, desajeitado.

– A senhorita Fitzgerald parece um tanto franzina. O clima aqui lhe faria bem.

Isso, concordei, era um dos motivos que tínhamos para sair de Londres.

– Sim – continuou ele, pensativo. – Tipo franzino, supersensível.

– Quase nada supersensível – protestei.

– Desculpe-me. – Desculpava-se sinceramente; era, tinha eu a certeza, o último homem capaz de cometer impertinências.

– O clima de Cliff End – sugeri – deve ser estupendo.

Ele estava distraído e não respondeu

diretamente. Perguntou:

– O vento a impressiona?

– Não muito; nós dois até preferimos uma tempestade ...

– O vento faz sons melancólicos – murmurou – ao soprar sobre as charnecas.

– Isso não nos incomodará...

– Naturalmente, o lugar é solitário...

– Um escritor deve ficar só, e Pamela tem relações – interrompi.

Aonde queria chegar o homem? Achei melhor deixá-lo sair-se por si e esperei. Ele estava batendo num livro com um canivete de marfim, como se dando algum sinal imperioso. Afinal, falou de súbito:

– É-me imposto um claro dever.

– Sim?

– Falei-lhe que, há seis anos, a casa foi habitada por alguns meses. Devo informar-lhe que os habitantes não ficaram lá muito tempo. Experimentaram perturbações ali.

“Experimentaram!” Sorri a esta palavra; muitos homens, em lugar dele, teriam dito “imaginaram” ou “fantasiaram”, se de algum modo julgassem necessário mencionar isso.

– Contanto que os ratos não fossem a causa – respondi levianamente.

– Não eram ratos.

Esperei. Iria ele dizer-me mais? Evidentemente não. Sua boca fechara-se em linhas firmes; estava agora contemplando um gato no muro do

jardim.

– Julguei-me obrigado a mencionar isso – disse. Assim, ou deveria acreditar ou deixar como estava, mas respondi:

– Uma história como essa será uma atração para minha irmã.

– Deveras?

Voltou para a escrivanhinha e escreveu, entregando-me o endereço, em Londres, do procurador encarregado de todos os negócios concernentes à casa. Bem eu podia ver que ele desejava livrar-se de tudo quanto a ela dissesse respeito, e ainda mais admirei a integridade que o forçara a advertir-me acerca das “perturbações” e a delicadeza que o levara, para não mencionar tais coisas diante de Pamela,

a convidar-nos, relutantemente, para merendar. Personalidade complexa. Duro para consigo mesmo. Pesaria sua mão sobre a mocinha?

Dessa maneira, era difícil conversar com ele, e ergui-me repleto de alegria quando Estela voltou, chamando-nos para a merenda.

Foi uma refeição deliciosa: galinha com aspargos e bolinhos de batata, seguidos de uma sobremesa em que o creme de leite ainda estava quente, com sequilhos prodigamente espalhados. O Comandante serviu excelente vinho velho. À mesa, esforçou-se por ser afável e entreteve-nos com casos acerca dos usos e caracteres da gente do Devonshire; sob seu humor seco, às

vezes cáustico, podia-se sentir a forte apreciação dessa gente. Pamela, incrivelmente animada, fazia-lhe perguntas com vivo interesse.

– Há um ramo celta no Devon do Norte? – perguntou ela. – Seria de esperar, não é, aqui, entre a Cornualha e Gales?

– Não há nenhum – replicou ele, com certa aspereza. – Os gauleses são uma raça inteiramente diferente.

E inferior, era o que seu tom de voz subentendia.

Estela, sentada à minha direita, olhava para o prato, com os pensamentos, de modo visível, voltados para outro rumo. Seria muito reservada ou muito transparente? Eu não podia

adivinhar. Sua face, firmemente moldada sobre ossos delicados, com ampla fronte macia e têmporas em curva, tinha uma aparência reticente; contudo, pequenas sombras e contrações, contínuas, traíam o que os lábios e os olhos poderiam ocultar. Em nossa honra, substituíra o pente no cabelo por uma fita de veludo, pusera ao pescoço um broche, pendente de fina corrente de ouro. Nossa visita era um intervalo excitante e a venda da casa um culminante acontecimento. Ela teria feito mil perguntas, se os bons modos o permitissem. Agora, como se tentando encarcerar alguma recordação fugitiva, semicerrara os olhos. Abriu-os de súbito, exclamando:

– Pamela Fitzgerald!

– Estela!

O tom da voz expressava horror. A mocinha empalideceu, sob o olhar intencional do Comandante. Lágrimas encheram-lhe os olhos, a garganta a engolir em seco; não seria capaz de emitir uma palavra. Pamela sorriu.

– O Comandante não ouviu falar em minha famosa antepassada – disse ela, voltando a atenção para ele. – Dizem que foi uma filha do Duque de Orleans, uma moça estranha. Casou-se com Lorde Edward Fitzgerald, que dirigiu a insurreição irlandesa de 98. Não era, realmente, uma antepassada minha, receio, mas sinto-me encantada de ter este nome por causa dela. Não conheço história mais cheia de heroísmo

romanesco.

– Acho – respondeu tesamente o Comandante – que não sou muito conhecedor da história da rebelião irlandesa.

Pamela, quando principia com sua Irlanda, não pode ser facilmente dominada. Enquanto eu tentava divertir nosso hospedeiro com algumas conversas sobre imprensa, ela contava a Estela como a outra Pamela fora vista em Frascati, sua antiga casa perto de Dublin, à plena luz do dia, numa festa, fazia pouco tempo.

Estela estava extasiada.

– Eu, de fato, não estou surpreendida – prosseguiu Pamela. – Você sabe, ela fora feliz em Frascati. Estou certa de

que, se os espíritos aparecem, é nos lugares que amaram. Eis porque me parece tolice ter medo deles.

Ela dissera isso levianamente, mas o efeito foi impressionante. Estela deixou de comer e olhou-a com a face iluminada de admiração e alívio.

– Você pensa assim, deveras? – suspirou. – Você acredita realmente...

Seu avô interrompeu, com tal olhar de desagrado a Pamela, que ardi de indignação:

– A senhora, com certeza, não pode – falou ele, a voz carregada de desgosto – a senhora não pode, com certeza, ter tais ideias! Com que petulância, com que descuidada leviandade hoje se fala de tais coisas!

Pamela encarou-o; iria responder-lhe com sarcasmos? Evidentemente que o podia. Porém, falou grave e pensativamente:

– O senhor tem inteira razão; é leviandade.

Houve uma pausa. De fato, pensei, Pamela não fora feliz na sua escolha de assuntos: gauleses, fantasmas e rebeldes não deviam figurar entre os temas favoritos do velho. Estela amarrotava nervosamente o lenço; forte perfume de flores evolou-se dele; o Comandante notou-o e franziu o cenho, abrindo as narinas. Desolada, Estela apressadamente pôs o lenço a um lado. Falou gentilmente:

– Desculpe, vovô; esqueci que o

senhor não gosta de meu perfume.

– Imaginei que você havia esquecido
– replicou ele.

Ela pôs-se de pé e disse, com leve inclinação para Pamela.

– Com licença – saindo da sala.

Ninguém mais falou e o silêncio continuou, até Estela voltar. Tentamos travar com ela palestra acerca da vizinhança e dos divertimentos, perguntando-lhe onde se poderia dançar algumas vezes, se havia teatro de amadores, e em que lugar se ouviria música. Havia um clube de tênis – disse-nos ela – e um cinema, “de comédias, principalmente”; não havia música, nem teatro.

– Minha neta – informou-nos o

Comandante – voltou recentemente de uma escola em Bruxelas. É uma escola excepcional; as alunas assistem a concertos e visitam exposições de arte. Depois disso, penso que a sociedade coral da aldeia mal poderá interessá-la.

A moça valeu-se de seu auxílio e falou com segurança acerca dos confortos da vida em Bruxelas. O café foi servido à mesa e soou, então, a hora de voltarmos para Cliff End. Estela tinha na face tal aparência de desejo, enquanto nos preparávamos para sair, que tentei perguntar-lhe, em particular, se não queria ir. Sorriu tristemente e meneou a cabeça.

– Peça – sussurrou.

Fiz um sinal a Pamela, mas esta já

tivera a mesma ideia e estava dizendo, baixinho, ao velho:

– Quer vir conosco? Os dois, talvez?

– Obrigado – respondeu ele. – Mas não gosto de automóveis e a viagem leva uma hora.

– E a dona da casa?

Ele, por certo, compreenderia o olhar da neta, um apelo eloquente, se a encarasse.

– Lamento muito; vou precisar de Estela esta tarde.

Tirou um grande molho de chaves de forma antiquada. Ele e a neta estariam ocupados, imaginamos, quando voltássemos. Deram-nos um polido “adeus”.

Estela não mostrara sinais de

decepção, mas sua face apresentava-se triste e resignada; era a mesma expressão da pintura. Lastimando-a sinceramente, durante longo tempo, a despeito da excitação de nossa aventura, não pude arrancá-la da imaginação.

No carro, Pamela agitava alegremente o molho de chaves e lia os cartões: “estábulo”, “atelier”, “depósito de água” etc.

– Elas fazem com que eu me sinta como uma proprietária – disse.

– Fomos um pouco precipitados – avisei. – Não batemos com os pés no soalho, nem examinamos os armários, nem olhamos o madeirame; provavelmente, está tudo carunchado.

– Carunchado! – exclamou ela, como

se fosse um termo injurioso. – Por isso é que o velho estava incomodado!

– Você vai-se afundar no soalho até os cotovelos.

– Ora! Deixe disso!...

– Esquisito! O velho queria ou não vender-nos a casa?

– Ele precisa vendê-la e, entretanto, não o quer.

– Provavelmente.

– Bom proveito lhe faça!

– Você é uma macaquinha, virando-lhe assim a mesa por cima!

– Bem, eu pensaria que ninguém o suportou durante cinco gerações. E eu também não poderia suportá-lo, a censurar aquela encantadora criança.

– Criança! – zombei. – Qual é a

diferença entre vocês duas? Cinco anos?

– Mais ou menos. Ela tem dezoito.

– Não parece.

– Não a deixam crescer.

– Ela o disse?

– Não, por Deus! Ela ainda não c
notou. Acontecerá alguma coisa, quando
o notar.

– Ela parece inteiramente
entusiasmada com a casa.

– É mesmo. Saiu de lá antes de ter
três anos e nunca mais lá voltou.

– Estranho! Por que será?

– A mãe dela morreu naquela casa.

– Não é motivo.

– Eu sei... A mãe dela era a moça do
quadro; parece que fora tão boa quanto
bonita. Foi o pai de Estela quem o

pintou... Llewellyn Meredith. Conhece esse nome?

– Não. Ah! Um gaulês!

– Uma raça inteiramente diferente – arremedou Pamela com maldade.

– Não vá começar com ideias preconcebidas! – pedi.

Estávamos na vereda.

– Roddy, pense naqueles rododendros, florindo!

– Você não poderá arranjar ali um jardim que seja grande coisa, você sabe; quase não há terreno.

– Garanto-lhe que arranjarei um, de qualquer jeito.

– É curiosa a maneira como a casa se oculta.

Freei o carro ao lado do estábulo e

andamos em volta das árvores. A casa era esplêndida, ostentando-se ali em sua austeridade e solidez, entre a solidão e a liberdade das charnecas e do mar.

– Você está certa de que ficará satisfeita – perguntei a Pamela – morando aqui em cima, na borda do mundo?

– Satisfeita? – riu ela, extasiada como se tomada de amor à primeira vista.

– Agora, seja prática! – adverti-a, ao entrarmos.

– Armários! – respondeu ela, seguindo para a alcova sob a escadaria. – Vira, Roddy! É bem grande para se colocar o telefone!

Por trás da alcova, encontrei um pequeno quarto de malas. Em frente,

examinei de novo o quarto da empregada. Moitas escureciam a janela; teria de cortá-las, se quisesse ter vista para o oeste. Ao lado estava o velho quarto de banho, com uma banheira horrível, enferrujada, de pés de ferro.

– Viva! Esquecemos um quarto.

Pamela estava à porta, entre a sala de visitas e o banheiro, experimentando a chave em sua fechadura. Abriu-a, com uma que não tinha etiqueta. Olhamos diretamente, por um espaço batido de sol, para a árvore retorcida.

Era um quartinho estranho, encantador. A abertura na parede fora feita do lado de fora e, ali de pé, Pamela inundava-se de luz. À direita havia uma alcova bastante grande para colocar-se

um berço e, do lado oposto, se encontrava uma lareira com ladrilhos amarelos. O papel da parede, descorado pelo sol, mostrava ainda um desenho apagado de grinaldas amarelas.

– É uma prenda! – disse Pamela, encantada. – Para que você acha que ele servia?

– Quarto de fumar, quarto de costura, quarto de descanso, depósito de armas – sugeri.

Pamela não estava ouvindo; examinava a porta, com vidro na metade superior, defrontando o jardim. Empurrou-a e os painéis envidraçados abriram-se para dentro, deixando meia-porta fechada.

– Está aferrolhada por fora! –

exclamou ela. – Os degraus estão cobertos com uma tábuia. É um passadiço! Oh! Ê um passadiço para um carrinho! É o quarto das crianças, o quarto de Estela!

Fiquei certo de que ela estava com a razão. Do lado de fora, aliás, havia uma tela de forte teia de arame que provavelmente ficava fechada, mas a argola da aldrava enferrujada caíra e o crescimento do mato conservara a tela amplamente aberta. Sim, fora aquele o quarto de Estela.

– É o quarto mais bonito da casa! Como não gostaria ela de passar uma noite aqui – disse Pamela.

– Ih! já? Você está com excesso de velocidade.

O ferrolho não saía. Pulei pela meia-porta e atravessei a clareira, parando junto à árvore e olhando para baixo, para o luminoso crescente de areia. Possuí-lo seria possuir o oceano. Minha pele formigava de desejo de mergulhar ali, imediatamente. Eu seria feliz no mar, ainda que tivesse de ser enforcado dentro de uma hora. Ri, de súbito, imaginando Lorette naquele lugar. Ela se aborreceria até à loucura, em uma semana. Mesmo sua recordação seria varrida por aquelas brisas. Bem, era isso mesmo o que eu queria!

— Roddy! — dizia Pamela. — Pense nisso. Possuir terras, rochas, árvores e uma praia!

— Estou pensando nisso. Vamos ver a

garagem? – repliquei.

O estábulo serviria de garagem para dois carros. Havia infinitas possibilidades nos quartos pequenos, uns com janelas, outros sem, dando para o pátio. A pedra e o trabalho deviam ser baratos quando se construía e planejara a Cliff End, para uma família em crescimento. Dessa família, supunha eu, Estela era a última.

Voltamos ao quarto de crianças.

– Não poderemos fazer de novo esta viagem – falei a Pamela. – É melhor tomar medidas, para o caso... Você tem a caderneta?

Este quarto deve ser todo amarelo – disse ela. – Móvel de cor; cravos numa jarra; talvez, um capacho verde ao pé da

cama...

Eu estava trabalhando com a minha bela fita métrica de aço, que se enovelava ou ficava de pé como a corda trançada dos indianos. A conversa era divagante.

– Alcova: seis pés por seis. Você está tomando nota?

– Estou. Na Casa “Liberty” há fazenda para cortinas, ondulante, verde e amarela.

– Janela, seis por dez... Vamos à sala de visitas; é mais importante.

A sala de visitas era muito grande para meu tapete, podia eu vê-lo à primeira vista, e o soalho não precisava disso.

– Janelas – ditei. – Nove pés por

quatro e meio. As velhas cortinas de veludo poderiam servir. Demora, aquele arquiteto... Llewellyn Meredith? Acho que já ouvi esse nome. Max saberá alguma coisa a respeito dele, se for dos bons.

– Artista premiado – respondeu Pamela. – Cantos chatos, arqueados, não? Estela teve o Infortúnio de possuir maneiras do pai, e isso é um grande pesar para o velho. Ele pensa que ela herdou uma vocação irresponsável.

– Deus meu! – exclamei. – De onde você tirou tudo isso?

– Dedução psicológica! As passadeiras da escada custarão caro...

– Então não poremos passadeiras...

– Os arranhões serão um

aborrecimento...

– Não vamos pôr linóleo!...

– Puxa! Não? Naquela escadaria?

– O que tivermos de comprar – decidi

– será o de que necessitarmos para morar aqui. Não podemos estar com frivolidades.

– De acordo – respondeu Pamela.

– Naturalmente, ainda não compramos a casa!

– Naturalmente que não! – Ela estava rindo. – Ele pensa que aquela rígida disciplina a conservará no caminho reto e estreito. Mas gosta dela e é bom para ela, a seu modo.

– Vinte e dois degraus.

– Só, às vezes, o pai irrompe dentro dela e, então, ele a agarra como um

gavião. Eu gostaria de saber onde ela arranhou aquele perfume de mimosa. Ele não o sabe, mas está a impedir-lhe o desenvolvimento, a estragar-lhe a espontaneidade.

– Maldito arquiteto! Temos de viajar duzentas milhas!

– Maldito! Ele a está enervando. Criará nela um complexo, se não deixar disso.

– Por Deus, mulher! – Levantei-me e olhei para Pamela. Fazia anos que não a ouvia tagarelar desse jeito.

– Onde é que ela achou tempo para lhe contar isso tudo? – perguntei.

– Ora! – motejou ela. – Aquela mocinha acanhada? Roddy, tenha juízo!

– Ah! Você é que está imaginando

isso...

– Apostarei como é verdade!

– Você ó uma ameaça à tranquilidade pública! O ar da Cliff End era embriagador; abençoei-o; Pamela voltava a ser o que fora outrora.

A ALDEIA

Desembaraçar-se de Londres é um problema tão terrível como lutar com um polvo; mal nos libertamos de um tentáculo, outro nos agarra. Havia, em primeiro lugar, Mariott, que sempre me fora correto; não podia abandoná-lo. Saíra para uma estação de águas, e durante todo o mês de maio tive de substituí-lo. Depois, Clement Forster, que deveria suceder-me como redator literário, insistiu, antes, em gozar umas longas férias. Para meu livro, necessitava de montes de notas que tomara no Museu Britânico, onde só

podia trabalhar à tarde. E assim, o tempo ia passando.

A 19 de abril, a Cliff End tornou-se inteiramente nossa, livre de qualquer ônus, “do centro da terra até o céu”, como dizia Pamela. Quanto ao céu, nestes dias de aeroplanos, eu não tinha tanta certeza.

Estava furioso, mas não tinha a menor esperança de escapar de Londres antes de julho. Pamela, simplesmente, “atirou Londres ao mar”, como se expressou, e partiu. Hospedou-se na “Corça Dourada”; passei ali com ela uns dias, contratei trabalhadores e deixei-a tomando conta de tudo. Seus relatórios eram um tanto superlativos, mas, mesmo descontando uma percentagem de

entusiasmo, fiquei contente de ver que tudo corria muito bem. Passei lá três fins de semana e verifiquei que ela dirigia tudo magnificamente, com infinita satisfação. Sentia-me irritado por estar perdendo o melhor da festa. De Wilmcote não parecia vir qualquer auxílio ou mostra de interesse, mas isso não me incomodava nem surpreendia; o velho, pensei, era difícil de tratar, e melhor era deixá-lo. Ademais, não tinha nenhuma dúvida de que Pamela faria amizade, mais cedo ou mais tarde, com sua neta, estranha menina, que me fazia pensar num narciso que acabasse de irromper do caule.

Quando Forster saiu, mudei-me para seu apartamento e despachei nossa

mobília; uma semana depois, vi Lizzie partir, em Paddington, com a coleção de canastras e o gato.

– Este é meu “Whisky” – falou, com gargalhadas, quando o carregador lhe entregava o cesto com o gato. – Tenho de estar com meu “Whisky” aonde eu for, de dia e de noite.

Ela ainda não se cansara dessa brincadeira. O carregador era do mesmo tipo.

– Está bem, minha senhora – replicou ele, piscando o olho. – Não perca seu espírito, suceda o que suceder.

Como Lizzie se riu! E Lizzie, quando ri, sacode todo o vasto corpo; seus braços giram, suas faces ficam vermelhas e, quem quer que a ouça, é

forçado a sorrir. Ela iria falar daquele carregador durante semanas.

– “Whisky” e a bisbilhotice são seus únicos vícios – falei-lhe, quando o trem partiu.

Ainda rebolando-se de rir, tentou despedir-se:

– Adeus, Sr. Roderick. Tenha muito juízo!

Desde que eu completara vinte e um anos, Lizzie tomara cuidado em só dizer “Sr. Fitzgerald”; foi uma dificuldade fazê-la esquecer-se disso. Seria magnífico ser cuidado de novo por Lizzie! Entrementes, como eu devia amaldiçoar aquelas semanas, nem viajando, nem em casa. E Max não se achava na cidade...

Mas julho estava perversamente agradável, com sombras nos parques, sol e vento nas ruas. Londres, abandonada aos trabalhadores honestos como eu, começou a parecer meu próprio lar. Não estava certo de que quisesse abandoná-la. E iria perder o jornal, os gabinetes políticos, as merendas apressadas nos cafés com os nossos singulares e divertidos colaboradores, e a fuga semanal para o interior. Marriott era um excelente sujeito, a despeito de seus modos ditatoriais, que tantas vezes indignavam, e a redação era um emprego de conveniência incomum. Tomlin parecia legitimamente desalentado com a minha saída: “Quem vai ficar em lugar dele,

agora, para tomar conta de Sua Maçaneta?” falou, irritado. E Knoblok declarou que, perdendo o “Quebra-galhos”, Tomlin iria decair. Eu não gostava de ser conhecido como “Quebra-galhos”, mas, afinal de contas, isso era um tributo de amizade. Quando iria ouvi-lo de novo? Marriott chamou-me para uma xícara de chá e uma palestra de despedida. Disse que minha decisão era para ele um golpe, um grande golpe.

— Seu nome é atração para nossos leitores, R.D.F., uma grande atração. Você deve mandar-nos muitos artigos; não nos abandone. Ficarei contente, muito contente, se você cuidar de escrever-nos uma série deles. Não coisa

muito profunda. Por exemplo... Que me diz de “Vida no Campo?” ou “Um escritor no Devonshire?” Qualquer coisa assim...

Frisei que não era ainda um homem do campo propriamente dito. Esse estilo de mesa de café era justamente o de que eu me queria livrar, embora tivesse ocultado tal desejo, espero.

– Que me diz de “Recordações de Velhas Noites?” – foi sua sugestão seguinte. Era assunto para um setuagenário, mas concordei. Além de tudo, iria perder o teatro. Oh! Jiminy. Estaria cometendo um erro?

Lorette forneceu a resposta a esta pergunta. Agradeceria às estrelas se ela estivesse fora da cidade; porém veio de

Sussex e, enquanto se queixava e lastimava em sua voz cantante, podia ver aquele rosto de garrafão sonolento, pegar-lhe nas mãozinhas pendentes e macias. Johnny não estava sendo bondoso, gemia ela; achava que não o poderia suportar por mais tempo. Que devia fazer? Deveria ter uma longa e amável palestra comigo e por isso viera à cidade. Quando lhe falei, talvez num tom de voz demasiado despreocupado, que estava de partida, ela passou para o insulto, afastando-se de repente.

Bem, isso era magnífico! Eu queria o vento, o mar, os rochedos de Devonshire! Queria gente que respeitasse a própria palavra e tivesse consciência de si.

O nome da Grande Estrada do Oeste é tônico. Poucas saudades senti ao seguir de carro para fora da cidade, no termo poeirento de um dia sufocante, deixando para trás os subúrbios lívidos e acelerando a corrida na vastidão do crepúsculo. Não havia sentido nenhuma ainda quando despertei, ao amanhecer, com o pipilar dos pássaros e o rumorejar da água corrente, numa estalagem à beira das dunas de Marlborough.

Dormira pesadamente e acordara tarde. A manhã era quente e cintilante. Uma brisa soprava no planalto e, por volta das dez horas, pude sentir nela o vigor do mar. Senti-me sedento da cabeça aos pés. A estrada continuava a

furtar-me a vista da água, precipitando-se para vales cheios de matas e ondulando por trás de altos barrancos. Mas, afinal, a baía se estendeu à minha frente. Eu estava empolgado de louca excitação e levei o auto a correr doidamente até que subi para a Cliff End.

Durante um minuto, toda a cena oscilou; depois, vi-a nítida, em puras e fortes cores infantis, como se ali se rasgasse uma fenda nalgum véu que velasse o mundo a olhos mais idosos. A casa estava atraente, cintilando com a pintura nova; brilhavam as janelas lustradas; brancas cortinas balançavam-se no andar de cima. Ouvi, de dentro, o grito de boas-vindas de Lizzie.

Pamela saiu voando da casa, belamente corada nas faces queimadas de sol, com os olhos castanhos acesos. Estava de calção, com blusa branca. Parecia ter dezoito anos.

– A moça rejuvenesceu! – exclamei.

Examinou-me, rindo e censurando. Lizzie, também, enquanto me esfregava as mãos no calor de sua acolhida, meneava a cabeça, com ar de comiseração.

– Deus nos ajude, o Sr. está com mau aspecto!

– A cidade tornou-o cego! – disse Pamela. Apanhamo-lo a tempo. Depressa, Lizzie: chá! Temos ainda comida na cozinha, Roddy. Eu sei que você gostaria antes de tomar um banho

de mar, mas não pode; a maré está muito alta.

– Está bem! Primeiro, o chá. Puxa, Pamela! Você está bem bonita!

– Tudo está bonito!

Levou-me a inspecionar os quartos de cima, tagarelando todo o tempo: “Receio que pareça que nada tenha sido feito, mas há montanhas de coisas esperando a mão do dono. Não há tapetes em baixo, nem cortinas em cima. Apesar disso, as luzes se acendem, o fogão cozinha e seu bendito telefone já está funcionando.

Com surpresa minha, os quartos pareciam maiores que quando vazios. Muitos deles tinham sido pintados de verde claro; o vestíbulo e os corredores,

de marfim. Gostei do resultado. E a mobília avoenga, que em Londres parecera elephantina, ali vinha a calhar. No seu quarto de dormir, Pamela pusera a cama de meio dossel, o sofá, a cômoda de frente inclinada, e o guarda-roupa, mais largo que alto, como deve ser um guarda-roupa. O quarto possuía uma atmosfera de saúde permanente, apresentando um efeito teatral, escuro no fim, com o espaço entre as janelas brilhantemente iluminado. Encontrei o criado-mudo em meu quarto, entre as janelas. Jamais acreditaria que um quarto pudesse ser, a um só tempo, tão pacífico e entusiasmador. Decidi mudar a posição da cama; queria acordar olhando para aquela paisagem. No

apartamento que se abria para fora estava minha escrivaninha de tampa chata. O sol jorrava-o de luz, o ar perfumado pelas rosas de uma jarra. Meus pacotes de papéis, cada um com uma etiqueta correspondente a uma gaveta, estava em cima da escrivaninha. Com dez minutos de trabalho, este seria o meu lar.

– Você fez tudo maravilhosamente – falei.

– O atelier ainda não está com papel nas paredes – disse-me Pamela. – O reboco é muito ruim para levar pintura. E, por enquanto, teremos de manter fechada a sala de jantar. É um cômodo muito imponente e não tolera bugigangas. Para mobiliá-lo, teremos primeiro que enriquecer.

A encantadora sala de estar aceitara de bom grado o papel de sala de visitas. A bétula sem pintura do aparador, da mesa de jantar e das cadeiras, harmonizava-se com o rosa desmaiado das poltronas e cadeiras de braço e com a tinta verde das estantes de livros. A saliência interna da janela, em forma de assento, enchia-se de almofadas; no extremo oposto da sala, junto à lareira, meu canto de crítica literária completava-se, com uma poltrona funda, mesa baixa, lâmpada de cabeceira e o rádio ao alcance da mão. A mesa de costura e a lâmpada de Pamela estavam do outro lado; não que Pamela cosesse sempre, apenas raríssimas vezes, e assim mesmo quando os dias se

tornavam compridos demais. Nada havíamos comprado para a sala e, ao ver nela nossos velhos móveis, perturbei-me por um minuto, com a impressão de que o passado e o futuro ali se colidissem; assim o futuro se estabeleceria; tornava-se hoje. Na prateleira da lareira, rosas repolhudas inclinavam as cabeças pesadas e, no acidentado jardim em baixo, cintilava uma soberba azálea, proclamando quão florido e delicadamente colorido, com panejamentos de seda e mobília graciosa, deveria ficar aquele aposento.

– Quanto não iremos gastar nele – disse Pamela – quando seu livro estiver vendido!

Não lhe disse que um livro como o

meu nunca traria uma fortuna a seu autor, nem quanto aquele aposento me inspirava, com sua sugestão de possibilidades irrealizadas.

– Já houve visitas? – perguntei.

– Não, graças a Deus! Estaremos livres, diz Lizzie, até que se coloquem as cortinas.

– Nada da parte do Comandante?

– Não.

– Nem “perturbações”?

Ela hesitou: “Eu não me incomodaria com coisas imaginárias”.

– Pelo que sei, você nunca se incomodou muito com isso – respondi, ao tempo em que Lizzie vinha chamar-nos para o chá.

Um pródigo chá foi servido, sobre

toalha de riscado. Lizzie preparou-nos fatias de pão mais generosamente do que nos tempos de escola, enchendo-as de coalhada. Haviam-se acabado os anos de vacas magras.

— Amanhã — disse Pamela — penduraremos as cortinas da sala de visitas, colocaremos os livros e o candelabro. Charles Jessup virá ajudar, depois do meio-dia. É um vizinho prestativo. Não há nada que ele não experimente fazer. Dir-lhe-á um dia: “Eu entendo um pouco de cultura de tomates” e, no dia seguinte, “eu entendo um pouco de ferraria”. O mau é que quando se acha na metade de um serviço, fica ansioso por começar outro. Supõe-se que ele e a tia, creio, estavam

encarregados de preparar e limpar a casa para nós, mas isso foi deixado daquele jeito...

Fiquei surpreendido; pensava que o Comandante fosse escrupuloso numa questão dessas.

– De qualquer modo – prosseguiu Pamela – ele gosta de andar rondando por aí e não se importa que lhe paguem ou não pelo trabalho. Penso que está apaixonado por Lizzie.

– Está apaixonado mas é por meu guisado à irlandesa – riu Lizzie.

– Eu não o censuraria – falei lembrando-me desse petisco, substancioso, quente, cheiroso de bons temperos; mas impróprio para julho.

Perguntei a Pamela se o Comandante

não lhe oferecera ajuda alguma.

– Muito pouco – respondeu ela. – Apenas aquele bilhete protocolar, pedindo para informar-lhe se tudo estava em ordem, e depois uma lista de endereços locais que eu lhe havia solicitado; e nem mais uma palavra.

– Nada da parte de sua neta?

– Nem sinal de vida.

– Pensei que ela daria uma fugida até aqui, por qualquer pretexto.

– Não é que não quisesse, estou certa disso. É o “Ranzinza”.

Senti-me um tanto aborrecido. Contara com a companhia de Estela para Pamela. E, comecei a imaginar, pensara em convidá-la para passeios de automóvel, piqueniques, banhos de mar,

em suma, em oferecer diversões à menina!

– Sim – disse Pamela, com seu desconcertante hábito de ler meus pensamentos em voz alta. Precisa-se aqui de um emprego de cavaleiro andante.

– Enjoada! – repliquei.

Lizzie deu volta à mesa com o vasto bule pardo de chá, encheu minha xícara e colocou nela creme e açúcar, dois torrões grandes.

– Bolinho! respondeu Pamela automaticamente, passando-me o pão de gengibre.

– Que dizem, meninos! – falou Lizzie, em tom de censura.

Senti um tremor no plexo solar. Que

idade tinha eu? Dezesete?

Pamela não se divertia. Ruminava seus próprios pensamentos. Parecia carrancuda, com as sobrancelhas muito negras e retas, os olhos muito castanhos, a linha ao queixo firme, os ombros quadrados.

– Não estou disposta a suportar isso – falou.

– Você não está querendo lutar com o Comandante, não é? – perguntei. – Eu não quereria, menina! É um velho formidável!

– Vou tornar-me amiga de Estela!

Sua voz tinha um acento de resolução inabalável.

– Lizzie – acrescentou – está aprendendo a fazer creme do

Devonshire. Isso não era um dos despropósitos de Pamela; fazia parte de um plano de batalha. Explodi de rir, engasgando com um pedaço de bolo. Lizzie, com perita violência, bateu-me nas costas e o riso de Pamela e o de Lizzie irromperam juntos, violino e contrabaixo. Passado o engasgo, saltei para o carro, à busca da sacola que continha minha roupa de banho e um vasto roupão. Subi com eles e vesti-os em dois minutos, mas lembrei-me das rochas e praguejei porque esquecera de comprar sandálias. Na sala de visitas, Pamela pusera um disco no fonógrafo, um velho disco, repleto de inconsequente alegria: “Sous les toits de Paris”.

– Venha nadar! – gritei.

– Há alpercatas no seu armário – exclamou ela, correndo para seu quarto.

Era justamente isso o que servia para o caminho escarpado e ziguezagueante que descia até a praia, saindo de trás da colina. A areia ainda não estava a descoberto; pequenas ondas se quebravam, preguiçosamente, sobre uma rocha lisa e plana, que nos servia de trampolim. Somos, ambos, ótimos nadadores. Pamela rodeou o penhasco e rumei pela baía. Quando me cansei das braçadas, voltei-me de costas e boiei, remando com as mãos, olhando para o alto, para o rochedo e o céu. Fria, clara, leve, a água me impelia para cima. Eu estava no lugar em que desejaria estar.

O tempo como que não corria e assim foi até que ouvi Pamela chamar e vi-a acenando imperiosamente da rocha; nadei para lá e segui-a, a subir o caminho. Havia trabalho a fazer. Depois, na queijaria assoalhada de pedras, começamos a desembulhar livros.

Logo depois do jantar, Pamela, embora ainda tagarelando, dizia incoerências e bocejava. Como muita gente que tem imaginação ativa e sonha muito, ela é preguiçosa, pela manhã, gostando de tomar a primeira refeição no quarto. Isso me convinha bem, porque as melhores ideias me ocorriam durante o banho e preferia tomar o café matinal na companhia de um manuscrito

rascunhado. Naquela manhã, era evidente, ela e Lizzie levantaram-se às sete, “a fim de arrumar a casa para o dono”. Mandeí-as embora dormir.

Eu, também, estava com sono, mas sentei-me para fazer algumas contas. Assaltara-me a suspeita de que estávamos cometendo uma loucura. Mal podia crer, a despeito de todos os cálculos meticulosos, que nos fosse possível viver assim. Tirei os livros de contas e, sentado à mesa da cozinha, debrucei-me uma vez mais sobre os algarismos.

A quietude era absoluta, quase amedrontadora, depois da barulheira de Bloomsbury. Nem mesmo se ouvia o mar. Como se sentindo o silêncio,

“Whisky” ergueu-se do cesto, espichou-se caminhando para meu lado, hesitante; depois, saltou sobre meu regaço e deitou-se, rosnando, pesado e quente. Era um belo gato, com a mistura de sangue persa suficiente para dar-lhe um corpo longo e delgado, de pele fina. O gato, era evidente, aprovava a nova casa.

Também eu, “Whisky”; mas não nos estaremos arruinando?

Pamela fora sagaz quanto às reformas e fizera-as economicamente. Ficavam elas por minha conta, ao passo que ela se encarregava das decorações móveis em vista de ser mais provável que eu quisesse um dia comprar-lhe a parte na casa, do que ela a minha. Quanto às

despesas gerais, ela concorria com a metade. Os gastos de casa seriam, no máximo, os mesmos que em Londres; seriam menos, jurava Liz-zie, desde que tivesse algumas galinhas. Poupávamos a garagem e nesse verão, custasse o que custasse, não haveria viagens. Para entreter hóspedes, podíamos contar com cocktails em recepções. Sim, por incrível que parecesse, podia-se arranjar tudo. Não havia necessidade de preocupações e poderíamos ir levando a vida no estilo habitual. Apenas, até que meu trabalho rendesse mais, a sala de visitas deveria ficar nua, a estufa e o jardim sem trato e a sala de jantar fechada.

Isso não duraria muito, estava eu

convencido. Já surgia em mim aquela excitação criadora que invade um escritor, na amplidão e no silêncio. Que massacre não faz, dia e noite, dos pensamentos seminascidos, o tumulto londrino! Ali, as ideias brotariam e cresceriam para a luz solar, as fantasias ergueriam suas antenas sem choques nem obstáculos. Ali havia a liberdade da paz: o gato dormia, ouvindo-se apenas o tique-taque do relógio e as cinzas a cair no fogão.

Coloquei, sem o despertar, “Whisky” no cesto, e dei volta à casa, fechando as portas. Ladrões pouca dificuldade teriam em entrar pelo quarto das crianças ou pela estufa, que se abriam para a sala de visitas, numa porta

arqueada e com vidros pela metade. Entretanto, nada havia na Cliff End que os pudesse interessar. Rodei as chaves nas fechaduras pelo lado de dentro, pus o cadeado na porta da frente e subi para a cama, cheio de satisfação.

MERGULHADO EM PRAZER INFINITO

Despertei com o grito das gaivotas, aspirei o ar vindo do mar, num sopro, pelas janelas, e levantei-me, senhor de novo céu e nova terra. Saí correndo, em traje de banho, espantando um coelho que mordiscava uma amora na clareira, retomando rápido para o meio das urzes. O sol arrancava um cheiro esplêndido dos tojos, lariços e fetos. Embora a água estivesse fria, nadei até sentir fome e mesmo Lizzie ficou satisfeita com o almoço que devorei, ao voltar. Estava

arranjando os papéis no escritório quando Pamela saiu do quarto.

– Passa bem, cidadão de Bloomsbury? – perguntou, pondo a cabeça na porta. – Você parece que já se tornou um pouco mais humano.

– Prefiro parecer inumano do que ser parecido com o desenho da capa do “Jolly-Holiday Magazine”. É nisso que você se está transformando! Quer alguma coisa da aldeia? Vou até lá dar um passeio.

– Os homens são tão egoístas! Eu ia pendurar as cortinas. E Biddlecombe, preste atenção, não se considera uma aldeia. É uma cidade, com feira.

Fez uma lista e acrescentou, bondosamente, que tudo poderia

demorar a vir, menos uma dúzia de ovos, que eram precisos para a merenda, os quais, com a manteiga e o creme, deveria comprar da senhora Jessup, na fazenda.

A fazenda dos Jessups, como soube, não só nos supria de leite, manteiga, creme, ovos e Charlie, mas dava à Cliff End direito de passagem. Onde a alameda se bifurcava, a gente podia virar à esquerda, andar pelos altos e baixos dos pastos de Jessup, passar pela escola da aldeia e descer um atalho escarpado e ondulante até o cais. Disse-lhe que iria pela alameda, pegaria a estrada real e passaria pela “Corça Dourada”, voltando pela fazenda. Isso implicava em entregar à Sra. Robbins,

da estalagem, um roteiro que Pamela prometera enviar-lhe; implicava também, naturalmente, numa palestra.

A Sra. Robbins suspirou de alívio quando me viu e convidou-me a tomar um copo de cidra. Parecia ansiosa a respeito de Pamela.

– Lá em cima, sozinha, sem ninguém além da empregada, fora de vista e de auxílio. Deve ser uma mulher terrivelmente corajosa. Espero que nada a tenha incomodado – falou ela.

– Ora, por que se haveria ela de incomodar? – perguntei, divertido. – Aquele é o lugar mais pacífico que conhecemos,...

– Fico muito satisfeita em saber que é pacífico – disse ela, suscetibilizada. –

Uma moça tão alegre e bondosa...

Fiquei a imaginar se o suposto perigo viria de fantasmas ou de ciganos. Achei mais discreto nada perguntar; assim, agradei a cidra e despedi-me.

O correio forneceu os envelopes, os temperos e o vinagre da lista de Pamela. Não consegui encontrar chicória. Na tabacaria havia uma feira de cartões postais: vistas locais, mal fotografadas e reproduzidas. Uma delas mostrava um telhado e chaminés que, pensei, deveriam ser os da Cliff End, e talvez servisse para comunicar aos amigos a mudança de endereço.

– Esta é a Cliff End, não é? – perguntei ao velho sujeito reumático que tomava conta da loja.

– É, sim; bela casa – replicou ele, a embrolhar trabalhosamente meus cigarros. – Fiquei satisfeito de ouvir dizer que há gente morando nela de novo.

– Tem uma dúzia destas fotografias?

– Acho que sim.

Abriu gavetas, desceu caixas e, afinal, reuniu dez, falando durante esse tempo.

– Talvez o Sr. seja o novo dono... Bem, bem! Espero que o Sr. e a Sra. farão a casa voltar ao que era. Os últimos moradores não eram boas peças. Foram-se embora devendo quase oito libras na aldeia. Gente ruim... E começaram com umas histórias feias acerca da casa, como desculpa para desfazer a compra...

– Então foi assim que essas histórias começaram? Foi desagradável para o Comandante Brooke! – falei.

– É o que lhe digo. Há outros que falam de outro modo. Mas é o que lhe digo.

Sua voz tinha um timbre combativo. O estalo de um jornal no balcão fez-me olhar em volta.

– Não acredite nele, senhor – disse o velho colérico que lá estava, de polainas antigas e calças de veludo de algodão manchadas de terra, com a ira estampada na face cinzenta. – Não acredite nele. Ele não tem o direito de andar falando assim; já lhe tenho dito muitas e muitas vezes. Você devia ter vergonha, Will Hardy, de falar mal de

quem já não está aqui para se defender.

– Então – retorquiu Hardy – é falar mal dizer que eles saíram de Biddlecombe devendo dinheiro a todos os negociantes da praça?

– Eles só deviam um pouquinho – retorquiu o defensor dos Parkinson.

Os dois se mediam; ainda bem que o balcão estava entre eles.

E o senhor poderia censurá-los – continuou o último, apelando para mim – se eles ficaram quebrados, depois de pagar doze meses de aluguel por uma casa que não serve para cristãos morarem?

– Você acredita nessas histórias – fungou Hardy – porque lhe pagaram bem para acreditar nelas e espalhá-las.

– Isso é mentira!

A mão esmurrou, furiosa, o balcão.

– Eles me pagaram, e pagaram o que era justo, para trabalhar no jardim e fazer uma cerca, com bons petiscos ao meio-dia, mas além do que era justo, nem um vintém do dinheiro deles caiu em minha mão.

– Ah! Eles enjoaram do lugar! A sociedade não lhes fez festas e eles ficaram sozinhos, pregados lá em cima como peixes; então apresentaram desculpas para sair. Foi o que houve – declarou Hardy, enlouquecedoramente controlado e calmo.

O velho jardineiro dava pulos de raiva.

– E se eles quisessem ir-se embora,

teriam então planejado um paraíso de jardim? Ela queria transformá-lo num mimo, com bosquetes floridos, pois gostava loucamente do lugar. E o Comandante? Não lhes deu ele de volta metade do que haviam pago? Isso não mostra e prova que eles tinham razão?

– Isso prova que ele é um homem honesto e que houve velhacos que lhe tomaram o dinheiro.

– Aquilo não presta para cristãos morarem! É o que a cozinheira me disse. Está ouvindo, meu senhor? A cozinheira desmaiou, ao ver uma cara branca nas escadas, e não admira, depois que a senhora Meredith morreu ali, de uma maneira tão lastimável!

– Você quer “O Jardineiro Amador”

ou não quer? – perguntou Hardy, ainda careteando.

– Preciso dele. Não que um jornal para amadores me seja útil – julgou o jardineiro necessário explicar-me – mas minha nova patroa deste verão o lê secretamente e depois sai e vem falar comigo, como entendida; mas não entende nada de jardinagem. Na última semana, dei-lhe a maior decepção de sua vida. “Isso é o que ‘O Jardineiro Amador’ diz, minha senhora – falei-lhe – mas eu penso de outro modo”. Falei-lhe assim mesmo. “Oh!”, disse ela. Ficou toda vermelha e voltou para dentro de casa... Agora, dê-me a revista. Aqui estão duas pratas. E bom dia. O Sr. não acredite nele.

E o velho saltou para fora da loja.

– Que vantagem tira disso o Comandante? É o que lhe pergunto – interrogou-me Hardy.

– Tais histórias não são boas para uma casa – repliquei, bastante pesaroso, mas meu ponto de vista não interessava ao homem.

– Pobre Comandante! – prosseguiu. – As coisas não lhe correram bem. Ele e a filha moravam ali antigamente, com todo o luxo; era o que havia de melhor. Eu mandava buscar fumo especial para ele em Londres; agora usa do comum.

Ao pensar nessa decadência, o homem parecia prestes a chorar.

– Bem – disse eu – provavelmente o Sr. tem razão acerca dos Parkinsons e de

suas histórias; de qualquer modo, esperamos que seja assim.

Deixei encomendados jornais e descii para o ancoradouro.

A cozinheira dos Parkinsons e seu desmaio me haviam impressionado tanto quanto a solicitude da Sra. Robbins e não me agradavam mais. Algum dia teríamos de deixar a Cliff End para passar o verão na Irlanda ou no exterior; lendas como aquelas rebaixavam o aluguel. De outro lado, não havia dúvida, haviam também baixado o preço; talvez, afinal de contas, devêssemos ser gratos aos mexeriqueiros... contanto que Lizzie não levasse sustos nem Pamela começasse a ver caras... Era esquisito que ela não me

tivesse mencionado tais histórias. E que havia com relação à morte da senhora Meredith? Bolas, se o pobre do velho Comandante acreditasse naquilo, bem se podia compreender seu desgosto em vender a propriedade!

Alguns turistas estavam tagarelando num café. Na pequena praça da feira, calçada de seixos, um artista empunhava a palheta e fazia um esboço convencional das casas arqueadas, do molhe e dos botes. Era, aquele, um lugarzinho atarefado, cheio de odores fortes e salgados, de agradável barulho. Algumas casas velhíssimas se amontoavam na extremidade mais baixa. O lugar da feira era isolado, com correntes e estacas, do molhe e do cais,

onde estavam sendo puxados botezinhos de todos os modelos. Alguns pescadores estendiam as redes, para secar, ao calor do meio-dia e mulheres saíam das casas, pondo-se a consertá-las. Havia um murmúrio de vozes jocosas, em timbres fortes e graves. Apreendi olhares curiosos, rapidamente seguidos por acenos de saudação, à medida que eu ia passando. Fiquei a pensar se Max Hilliard acharia que poderia pintar naquele lugar. Seria esplêndido levar Max ali. Bem, poder-se-ia perder, no cais, longo tempo, mas estava muito quente para aquele atropelo e tinha de fazer uma caminhada difícil.

Uma subida áspera certamente seria a da região das charnecas. Senti-me

satisfeito por ir pela charneca, onde havia vento, e aceitar um convite para “entrar, pois era mais fresco, e tomar um mingau de milho”, ao chegar à fazenda.

A senhora Jessup, pequenina e ativa, com rugas bastantes para uma centenária, mas com a agilidade de uma jovem, examinou-me com vivos olhos castanhos, enquanto se movimentava entre a queijaria e a sala de visitas, arranjando as coisas que eu fora buscar. Era um acontecimento na vida da fazenda a reabertura da Cliff End; o começo de uma nova era. A velha, ansiosa por conversar, começou calorosamente:

– É um grande conforto ter vizinhos outra vez, principalmente uma moça tão

bondosa e distinta como a senhorita Fitzgerald. Todos os sábados ela me paga, pontualmente, e menciona até um quartilho extraordinário, quando eu esqueço. Não é como aqueles Parkinsons, que deixavam seus cães bravos caçarem os cordeiros e não pagaram um vintém por três que se despedaçaram nos rochedos. Pode não ser coisa cristã, mas abençoei o que os expulsou da Cliff End, fosse o que fosse. Rezo, também, para que o Sr. e Sra. Fitzgerald fiquem ali em paz.

– Obrigado. Estou certo de que ficaremos.

– E merecem. Por que iria alguém querer amedrontar uma senhora tão bondosa como sua irmã? Certamente não

será a bela alma que se foi.

– A filha do Comandante?

– Ai! Sua filha única. Ela não faria mal ao pior inimigo. Mary Meredith perdeu a vida querendo salvar aquela fera, Carmel... É o que a maioria acredita.

Foi essa a primeira vez que ouvi falar em Carmel. Era realmente extraordinário que nem Pamela nem Lizzie se tivessem referido a essa lenda local. Bem... eu evidentemente alcançara uma fértil fonte de informações; a Sra. Jessup nada desejava tanto quanto derramar a história em meus ouvidos.

– Quem era Carmel? – perguntei.

– Quem era ela? Só Deus sabe. Dizem que era modelo de pintor. Eles a

trouxeram consigo, quando voltaram do estrangeiro. Acho que era uma espécie de dama de companhia da Sra. Meredith, mas uma dama de companhia muito estranha, se o Sr. crê em mim. Brava como uma cigana geniosa. Vestia-se de chales e fitas e dançava na clareira; depois ficava com uns repentés, chorava, praguejava na sua língua estrangeira e ameaçava atirar-se pelo penhasco abaixo.

— Foi isso o que aconteceu?

A senhora Jessup lançou-me um olhar de dúvida, ansiosa por falar mais, porém indecisa sobre quanto dizer. Foi até à queijaria e voltou com manteiga num prato. Ficando junto à mesa e dando forma à manteiga, com espátulas de pau,

respondeu por fim:

– Não há vivalma que saiba o que aconteceu, Sr. Fitzgerald, nem nunca saberá. A menos que – acrescentou, com os olhos no trabalho e a voz mais baixa – a ama saiba mais do que disse.

Eu tinha de lançar os dados se quisesse obter a história.

– Que disse a ama?

– Disse que viu as duas na beira do penhasco. Carmel estava correndo e a Sra. Meredith ia atrás dela. A noite estava escura, com um vendaval vindo de sudoeste. Foi como se o vento agarrasse Carmel e a lançasse à árvore; podia vê-la, de roupa preta, pendurada nela, disse a Srta. Holloway. A Sra. Meredith não pôde deter-se na ladeira,

que ali é a pique; atirou-se para o lado, agarrando-se à árvore, mas caiu para trás e precipitou-se. É o que a ama conta, mas, pelo jeito com que ela o diz, acho que poderia acrescentar mais alguma coisa.

– E a Sra. Meredith morreu assim?

– O Sr. não sabia? – ela sacudiu a cabeça, com os olhos castanhos cheios de espanto. – Quebrou a espinha, pobre senhora; não houve um ferimento na sua linda face, dizem, além de uma ferida num lado da cabeça.

– Que tragédia horrível!

– O pai ficou com o coração despedaçado.

– E a moça que ela estava tentando salvar? Carmel? Nada lhe sucedeu?

– Nada. Mas não durou muito. Dentro de uma semana estava morta; morreu na sua cama, na Cliff End. Fugira, naquela noite, em meio à tempestade, ninguém sabe para onde. Meu tio Jacó foi quem a encontrou, dois dias depois, doente e delirante, lá em cima, no celeiro dos Hartley. A velha Sra. Hartley teve medo de levá-la para dentro de casa; assim, pô-la num carro da fazenda e mandou-a a Cliff End. Morreu nos braços da senhorita Holloway.

– E Meredith? Que foi feito dele?

– Ele? – a pancada que Sra. Jessup deu na manteiga foi mais eloquente do que as palavras. – Aquele homem não tinha coração para sofrer! Acabou a pintura e sumiu-se para o estrangeiro.

Passaram-se três anos sem que o víssemos nem ouvíssemos falar dele, até que chegaram notícias dizendo que se tinha afogado num ponto qualquer do mar. Ninguém em Biddlecombe derramou lágrimas por isso.

Arrumou as coisas com firmeza num cesto e, depois de me haver feito esperá-las todo esse tempo, declarou-me que Charlie iria à nossa casa, depois de jantar, e as levaria.

— Faça o favor, vou levar seis ovos; precisamos deles para a merenda — falei. — Bem, suponho que isto tenha sucedido há mais ou menos quinze anos; mas histórias como essa perduram muito tempo num lugar solitário.

— Aí! perduram — disse ela.

Havia algo de depressivo e ominoso no seu timbre de voz. Tirou os ovos e colocou-os num saco de papel.

– Bem – concluiu, com um suspiro – a senhora Flynn diz que não há um rumor naquela casa. É uma boa pessoa, a Sra. Flynn. Eu e Charlie gostamos muito da visita dela. Adeus, meu Sr., e espero que tudo continue bem.

Parou, a olhar-me, da porta. Podia sentir sua boa vontade e amabilidade acompanhando-me, enquanto, perplexo e divertido ao mesmo tempo, caminhava pelo campo, cortado de sulcos de carros.

Havia uma bela mistura de boatos ondulando entre Cliff End, a aldeia e a fazenda. Fiquei a pensar no que, de tudo

isso, o Comandante Brooke levaria a sério. E quanto Estela ouvira? E por que cargas d'água Pamela – a comunicativa e dramatizante Pamela – conservara tudo isso em segredo? Lizzie, sem dúvida, não havia deixado de reunir e relatar tudo, palavra por palavra, há muito tempo... Cortei pelo tojal, no ponto em que uma vereda apisoada serpeava em direção da casa. Era um belo local de passeio, com o mar a rebentar-se de encontro aos recifes, lá em baixo, à direita; no alto, os telhados de Cliff End; ao pé dele, a urze primaveril e a relva. Não encontrei sebe nem cerca e pus-me a imaginar onde acabaria o terreno dos Jessups e começaria o nosso. Pamela observara-o no mapa e teria de levá-la

comigo, quando fosse marcar os limites.

A vereda conduziu-me, atalhando, a nossos rododendros e ao caminho do lado oposto à porta do pátio. Pamela chamou-me do quarto das crianças, apanhou os ovos, e, entregando-os a Lizzie, juntou-se a mim na clareira.

– É divertido fazer compras na aldeia, não é? – perguntou-me. – Você comprou alguma coisa?

– Comprei. E ainda por cima trouxe um bom punhado de boatos.

– Foi o que eu pensei – disse ela, confirmando com a cabeça.

– A propriedade inteira borbulha com eles – falei-lhe. – Tentativa de suicídio, suspeita de assassinio, assombração... Sabe Deus mais o que! Parece que

estamos no centro de uma lenda. Isso explica os modos do Comandante. Explica muita coisa. Em nome do céu, por que você me mandou aos nativos, completamente inocente, para saber deles tudo isso?

Ela tomou-me do braço e nossos passos nos levaram à árvore retorcida. Era um lariço morto havia muito, inclinado para o lado da terra, com as raízes penduradas e precariamente agarradas à borda do penhasco, meio expostas onde a terra caíra.

– Foi aqui que ela se precipitou – disse Pamela.

– E foi apanhada naquela laje, suponho.

– Assim diz Charlie: ficou deitada ali,

morrendo...

– Que coisa! Por que você nunca me falou nisso?

– Roddy, é uma história tão terrível! Trágica, na realidade, e não propriamente romântica. A princípio, não pude tirá-la da ideia; parece, de algum modo, tão recente...

– Mas, olhe aqui! Você me disse que Estela saiu desta casa quando era criancinha; isso deve ter acontecido há uns quinze anos. Não é exatamente recente...

– Eu sei. Foi tolice minha. Já me dominei. Não queria estragar seu primeiro dia falando disso sem necessidade. Avisei Lizzie de que também não devia fazê-lo.

– Deus do céu! Você não vai supor que eu fique chorando por uma mulher que nunca conheci? Que significa Hécuba para mim?

– Oh! Roddy! – suspirou ela, rindo-se. – Seu velho “Quebra galhos”.

– Acho que você estava muito sozinha.

– Não estava, para falar verdade... pelo menos, acho que não.

– Ao que parece – falei-lhe – aquelas “perturbações” foram inventadas pelos tais Parkinsons como uma desculpa para se livrarem do contrato; eles foram-se embora sem pagar as dívidas.

– É uma agradável teoria; devo contar isso a Lizzie.

– E como reage ela a tudo isso?

– Está satisfeitiíssima de ver-se no centro da história e gostaria de ter um caso para contar; mas não poderia suportar uma assombração real. Os católicos abominam essas coisas.

Fomos andando para a abertura na parede do quarto das crianças. A rede de arame partida ainda estava pendente e tomei nota, mentalmente, para consertá-la. Inclinando-me sobre a meia porta, vi “Whisky” dormindo na cama de campo, que, com as cadeiras de jardim, compunha a única mobília do aposento.

– “Whisky” gosta desse quarto – disse Pamela.

– Os gatos têm para o que é confortável um faro verdadeiramente psíquico. Você se lembra de

“Minnehaha” e de seu quartel de inverno na capa de peles de mamãe?

– Sim – sorriu Pamela, com a face a traír um pouco de preocupação; estava ainda ruminando a história de Meredith.

– É horrível – falou – pensar naquela criança... perdendo tal mãe; crescendo com um velho de coração magoado. Saberá ela o que seja felicidade?

Assim, isso explicava a obsessão de Pamela! Sua própria infância fora tão prejudicada e tão ensombrecida pelas maneiras amargas de um velho, sofrera tantas restrições nervosas e emocionais, que se rebelava contra o pensamento de que Estela estivesse passando pela mesma situação.

– Bem – sugeri – talvez se possa fazer

alguma coisa nesse sentido.

– Parece que há obstáculos – replicou ela, secamente.

Fiz uma careta, lembrando-me das corridas no Condado de Wicklow.

– Você sempre ganhou as carreiras de obstáculos.

– “Quarto de crianças” é um nome estúpido – disse ela. – Teremos de chamá-lo “o quarto amarelo”.

– Poderemos experimentar!

Eu estava pronto a apostar ser “quarto de crianças” o nome que ficaria.

Lizzie veio pelo corredor, trazendo um prato fumegante. Aspirei e reconheci o olor dos regalos dos feriados de outrora.

– Queijo soufflé! – exclamei.

– É, sim – falou Lizzie, satisfeita. – E venha comê-lo, antes que caia em cima de mim!

A merenda estava na sala de visitas; tinham sido colocadas as cortinas. Lizzie cintilava de alegria, ao nos sentarmos à mesa inundada de sol. Destampou a terrina, fazendo uma medida e dizendo:

– Agora, o Sr. e a Srta. Fitzgerald estão em casa.

ESTELA

Para um escritor, toda ocupação que não seja a tarefa de esmiuçar o próprio cérebro parece deleitosa ociosidade; tomei um feriado, fazendo da estufa minha oficina, e trabalhei como um mouro, com serrote, enxó, martelo, cortador de vidro, brochas, só parando para comer, dormir e tomar banho. A máquina de costura de Pamela zumbia no quarto de crianças. Nas alcovas e ângulos da casa levantavam-se estantes e armários. Nunca nos havíamos divertido tanto. Dez dias depois de minha chegada, Cliff End se

transformara subitamente num lar. A época de transição acabou quando ficou pronta a última vara do balaústre. Para melhor apreciar o efeito completo da perspectiva, saímos de casa e tornamos a entrar pela porta da frente. Nenhuma entrada poderia ser mais sedutora. O tapete era azul e plantas ornamentais cintilavam em safira, malva e azul, sobre a pintura de marfim do patamar e do vestíbulo. A luz do sol, jorrando pela claraboia, piscava na face do relógio avoengo, das taças de cobre e do aquecedor, herança de família.

– Como pôde esta casa ficar vazia todos esses anos? – perguntou Pamela, no seu êxtase.

– Os Jessups – respondi. – Eles e os

de sua casta – acrescentei – tornarão impossível vender ou alugar a casa, se algum dia quisermos deixá-la.

– Roddy – interrompeu Pamela, batendo em madeira com os nós dos dedos – não fale uma coisa dessas.

– Já se apaixonou? – perguntei.

– Desesperadamente; meu coração tremeria como a mandrágora, se você tentasse desenraizá-lo daqui.

A tarde tornara-se bastante fria para justificar que, pela primeira vez, nos sentássemos juntos à lareira acesa. A lenha do fogo vinha de nossa própria provisão e enchia o aposento de magnífico cheiro campestre. Com os livros em seus lugares, cerradas nossas antigas cortinas de veludo cor de ouro

pálido, acesas as lâmpadas, sentamo-nos para uma noite de aprazível trabalho. Como de costume, a mesa de costura de Pamela estava apinhada de recortes de jornais e revistas a serem colados e arquivados. Era essa uma distração que eu encorajava, como útil à irmã de um jornalista. Eu tinha de fazer a crítica de contos de De La Mare. Só nos fazia falta um gato, mas verificamos que nada induziria “Whisky” a sair à noite da cozinha; mesmo quando Lizzie ia “Jessupiar” – nome que Pamela dava a suas frequentes visitas à fazenda – seu espírito familiar permanecia em sua cidadela.

Depois de mais ou menos meia hora, quando fiz uma pausa para tornar a

acender o cachimbo, Pamela disse, distraída:

– E o fim de semana depois do próximo? Já pensou nisso?

– Por quê?

– Eu lhe disse! O “batismo” da casas.

– Você me falou? Está bem. Mas quem convidaremos?

Pamela sorriu. Andara pensando em tudo isso.

– Wendy, para começar!

– Wendy Flower? Onde está ela?

– Representando em Brístol.

– Carey, também?

– Naturalmente.

– Na Companhia Argosy, eu suponho.

– É? Recebi um cartão dela, Wendy diz que estão colecionando estalagens e

querem tentar um fim de semana na “Corça Dourada”. Têm folga nas segundas-feiras à noite e gostariam que os convidássemos para um jantar. Seria interessante tê-los aqui.

– Seria? Talvez...

A ideia era de intrigar... Aqueles dois em Cliff End. Eu nunca me acostumara inteiramente a pensar neles como em simples mortais; eram Pierrot e Pierrette, como quando os vi pela primeira vez, numa reprise de “Prunella”, no “Matinée Club”. Encheram-me de admiração aquelas duas pessoas tão jovens. Tinham poesia no seu trabalho, uma espécie de original estouvamento, e representavam em conjunto de um modo que tornou a peça

lírica. Falei muito sobre eles em minha notícia e isso lhes deu sorte; um contrato para ambos em “Hassan”. Escreveram-me juntos uma carta, cheia de agradecimento e êxtase, daí nascendo uma espécie de esporádica amizade. Vinham muitas vezes a meu apartamento. Pamela imaginava que não tinham muito que comer e por vezes diversas os convidara a cear. Julguei-os inteiramente desmiolados, apesar de seu talento, mas ambos me surpreenderam: Wendy, reagindo com doçura quando dei uma notícia severa a seu respeito; e Reter, pagando uma importância que lhe emprestara num tempo de dificuldades. E agora ele trocara o emprego de dançarino pelo de cenógrafo: precária

aventura.

– E quem mais? – perguntei.

A resposta de Pamela me deixou perplexo, como fora sua intenção.

– Max e Judite – disse ela.

– Deus do céu! Como você pula de uma coisa para outra!

– Você gostaria. Não?

– Você bem sabe. Mas onde andam eles? Não podemos pedir-lhes para viajar centenas de milhas...

– Penso que ainda estão em Chapping. Max está sempre pronto para tudo; eles virão.

– Creio que sim. Mas não estará você com precipitações? O “studio” não está ainda preparado...

– Ora, só falta pôr o papel nas

paredes e Charlie pode ajudar. Se não acabarmos com isso de uma vez, ficará esperando meses...

– Bem... O defunto é seu; o funeral lhe pertence.

– Ótimo! Você escreverá a Max. Peca-lhe para vir no sábado da outra semana e ficar aqui alguns dias.

– Bem, isso deve ser excelente para estrear a casa. Você é formidável! E que me diz da sociedade local? Vai convidar alguém?

– O Dr. Scott – replicou. – Penso que é também novato aqui. Tem-me convidado para jogar tênis no clube, mas esquivei-me. Eu não posso vestir-me e ir para os clubes de tênis e ainda ficar à disposição de visitas. Ele foi

muito atencioso quando Lizzie queimou a mão e teve tanto cuidado em não se mostrar curioso com relação à casa, que me comprometi a convidá-lo a vir cá um dia.

– Muito bem. E...

– E Estela, naturalmente...

Estela, naturalmente. Assim, o batismo da casa deveria ser a primeira ação da campanha de Pamela. Interessante Estela! Como aquelas faces enrubesceriam e aqueles olhos escuros cintilariam, quando chegasse o convite! E que aconteceria depois? “Acho que vou precisar de Estela esta tarde”.

– Receio que Estela não possa aceitar tão “naturalmente”. .. – falei.

– Sei; terei de escrever-lhe com todo

o cuidado, mas acho que sei um jeito de fazê-lo.

– Eu não desejaria estar no seu lugar.

Escrevi a carta a Max e saí para levá-la ao correio. A caixa postal ficava perto da fazenda dos Jessups, mas não havia meio de encontrar o atalho no escuro, de modo que fui pela estrada de automóvel, passei à da fazenda e andei uns bons vinte minutos. Caía uma chuva fina, o ar agradável; vinha do mar um rumor surdo, abafado.

Esperava que Max viesse e ele com certeza gostaria daquele lugar. Seria magnífico mostrar-lhe a casa, passear, conversar e nadar. Estava ansioso por saber, também, como ia aquele casamento. O primeiro matrimônio tinha

sido um sacrifício para Max. Seu trabalho perdera boa porção do imprevisto e da audácia que o faziam tão sugestivo. Era um problema insolúvel para os amigos a razão pela qual casara ele com aquela criança, Mitzi. Foi justamente antes do rompimento que o encontrei pela primeira vez, em casa de Lorette.

Ela e Mitzi pertenciam à mesma casta. Comportaram-se, naquela noite, como dois gatos assanhados: Mitzi ignorando Max deliberadamente e Lorette satirizando-me publicamente. Johnny estourava de rir, passando quase do limite. Não sei que impulso fez Max dedicar extraordinária amizade a uma pessoa obscura e muito mais nova.

Encontramo-nos muitas vezes, depois disso. Homem que, por princípio, falava pouco e raramente dava conselhos, relatou-me certas coisas acerca de seus problemas, que esclareceram, como um jorro de luz, os meus próprios. Aproveitei-as em tempo. Quando lhe falei de minha decisão de deixar Londres, respondeu-me, com visível sinceridade, que ficava muito satisfeito, embora sem acrescentar por que. Rever Max ser-me-ia, pois, bastante agradável. Quando voltei, Pamela fora deitar-se. Fiquei sentado até tarde, trabalhando, e escrevi a mais calorosa apreciação que jamais fizera de um livro desde os dias de principiante; a melhor, talvez. Cessara a chuva; a última acha de lenha

a queimar-se, desfez-se e morreu em cinzas. A quietude estranha e viva, vibrante de tremor do invisível, que De La Mare cria em seus contos, empolgara o ambiente; o som do mar nada mais era que o ressonar da natureza em seu sono; meu quarto iluminado flutuava sozinho no espaço. Estremeci; ri-me, depois: tornara-me nervoso, ao ler aquelas estranhas histórias. Recolhi-me ao quarto.

Dois dias mais tarde, pelas nove da manhã, chegou-me um telegrama de Max: “Ambos contentíssimos”. A mensagem era característica, na sua rapidez, brevidade e calor. Subitamente, senti-me mais excitado. Pamela e eu éramos criaturas gregárias e suponho

que se abatera sobre ela, como sobre mim, o lúgubre temor de sentir-se isolada. Era esplêndido sermos capazes de reunir amigos como esses. Telefonei para o teatro em Brístol, enquanto Pamela escrevia bilhetes para Estela e Dr. Scott.

– O Sr. Carey – disse-me encantadora voz de moça – estava ensaiando. Quereria eu falar com a Sra. Carey?

Isso era de espantar.

– Espere um instante, faz favor?

Cobri a boca do fone, chamei Pamela e lhe disse:

– Você sabia que Peter se casou?

– Impossível! Ele não tem um vintém...

– Pois casou-se. Seria com Wendy ou

com quem?

– Só pode ser com Wendy. Pergunte. Parecia não haver outro meio.

– Alô! Está me ouvindo? Por favor, quem é a Sra. Carey? Quero dizer, quem era ela, por obséquio? Oh! sim; naturalmente! Sim, faça o favor de pedir-lhe para vir ao telefone.

A voz entusiástica de Wendy entrecortava-se de risos.

– Sim, meu caro; fizemos isso! Há meses que estávamos morrendo por fazê-lo! Você não sabia? Mas, veja só, era um problema simplesmente aterrador e não víamos outro meio além desse... Deus do céu, não! Peter e eu não nos incomodamos nem um pouco com dinheiro. Não por causa de nossos

nomes. Sabe? Nossos atrozes, desastrosos nomes! Estavam ambos começando a ser um pouquinho conhecidos, de modo que ele não queria mudar o dele nem eu o meu. Mas, levar a vida inteira como Peter e Wendy, não seria suportável. Não é? Assim, afinal, eu prometi, sob palavra de honra, nunca mais chamá-lo Peter. De modo que nos casamos. Sim. chegaremos até aí; andávamos morrendo de vontade de passar algum tempo na “Corça Dourada”...

Relatei, o melhor possível, tudo Isso a Pamela, a quem as notícias agradaram tanto quanto a mim. Aqueles dois eram um casal alegre e ornamental. Se ao menos pudessem obter emprego

regularmente, tudo iria bem; mas não tinham recursos, além dos próprios talentos e uma aparência bastante exótica.

– Sejam felizes! – disse Pamela. – Eles, realmente, você sabe, eram almas siamesas, gêmeas por demais. Venha, agora, corrigir minha carta.

Muito boa, pensei. Ela estabelecera um belo equilíbrio entre as prerrogativas de um avô e a liberdade própria dos dezoito anos. “Alguns amigos, jovens” viriam de Brístol e estávamos convidando o Dr. Scott. Quereria a Srta. Meredith vir também? Seríamos felizes se o Comandante Brooke consentisse em confiá-la a nós por uma tarde e a levaríamos à casa, de

carro, a qualquer hora que fosse marcada, embora esperássemos que não antes das doze. Expressávamos nossa satisfação pela tranquilidade de que gozávamos em Cliff End e enviávamos ao Comandante nossa melhor consideração.

A carta, aprovada, foi endereçada e selada. Coloquei-a no bolso para pô-la no Correio depois do chá.

Começara o trabalho no “studio”. Charlie armara uma mesa de cavaletes, na qual colava o papel, com vastas pinceladas de brocha; a face gasta e achatada enrubescia de importância. O papel era de boa cor amarela. Com o tapete avermelhado, as velhas cortinas favoritas, decoradas com desenhos de

pássaros tropicais em campo amarelo claro, as duas camas novas e cortinados ondulantes, o quarto seria acolhedor.

– De qualquer modo, pode-se fazer dele um belo quarto de dormir – observou Pamela ao voltarmos ao trabalho.

– É muito grande para papel liso – objetei.

Pamela, concordando, ponderava-me que os amadores eram capazes de não acertar com papel de desenhos ou listas. Nosso perito olhou em volta, careteou e acudiu com presteza, meio ressentido.

– A senhorita não sabe onde acharia um segundo Charlie Jessup neste lugar. Não é?

– Nem posso imaginar o que teríamos

feito sem você, Charlie – respondeu ela, subindo ao cavalete e fixando cuidadosamente na parede uma tira de papel engomada.

Ainda não lhe havia passado o ressentimento, quando Charlie se adiantou, arrancando a tira, levemente.

– As beiradas estavam fora do lugar – disse, em tom de censura. – Ora, ora, isso não está muito bem.

Meu Deus, como o sujeito era vagaroso! Eu cobrira tão depressa minha parte da parede! Estaríamos condenados a ficar todo o belo dia naquele quarto lúgubre? Eu queria nadar. Pamela, porém, não mostrava intenções de sair, de modo que nada mais restava que mergulhar-se com afínco no trabalho.

– Você mal poderia acreditar daqui – resmunguei – que está fazendo um lindo dia de verão lá fora. Estou pensando em mandar abrir de novo aquela janela de leste. Que acha?

– A encosta da colina fica tão próxima – replicou Pamela – que isso não traria vantagens. Nada conseguirá melhorar este quarto, de dia.

– Foi este mesmo – anunciou Charlie – que aqueles Parkinsons fecharam.

Vi Pamela deter-se no trabalho, admirada, mas só por um instante. Falou, animadamente:

– Sim, e deixaram-no com os cantos cheios de bugigangas. Cobriram-no de papel e foi por isso que o fecharam, os preguiçosos!

Charlie nada disse.

– Ou talvez – implicou ela – foi você quem fez isso, quando lhes veio aprontar a casa?

– Fecharam o quarto e depois nunca mais puseram o pé nele – foi a resposta.

Mais mexericos! Com a descoberta deste lixo, meu aborrecimento pelo serviço e a irritação pelo trabalho vagaroso de Charlie, estava pronto a explodir à primeira provocação.

– Suponho que tinham motivos particulares para não querer usá-lo – falei.

Não se dando ainda por vencido, Charlie replicou, sombriamente:

– Não há dúvida de que alguma razão haviam de ter.

Não estando mais disposto a lhe encorajar os falatórios, disse-lhe:

– Acho que você está gastando cola demais.

Ficou ofendido e manteve deliberado silêncio, até que lhe falamos para descer e pedir o jantar a Lizzie. Foi-se, então, com uma careta, um pulo e uma cabriola.

– Maroto esquisito – observei, trabalhando à mesa. – Que idade você disse que ele tem? Pode ter qualquer uma, entre vinte anos e cinquenta, com aquela cara de leproso.

Pamela não respondeu. Estava de pé, junto à janela, completamente ociosa, a espiar-me; sua face aparentava preocupação. Depois de um momento, perguntou, um tanto seriamente:

– Você está dormindo bem aqui?

– Como um cepo – respondi. – Você não está?

Não respondeu a isso diretamente; falou:

– Eu não queria incomodá-lo. Pensei que talvez isso não voltasse, mas voltou. Roddy, há qualquer coisa... à noite...

Voltei-me e encarei-a; suas sobrancelhas estavam fechadas e seus olhos repousavam desanimadamente nos meus.

– Que é isso? Que quer você dizer? – minha voz soava rudemente.

– Você não ouviu nada, Roddy?

– Decerto que não!

– Nem a noite passada, nem a atrasada, quando foi se deitar tão tarde?

Na noite em que acendemos a lareira?

– Ouvi o mar... e nada mais. Mão havia nem o fantasma de um som em toda a casa.

– Havia um som, Roddy; ouvi-o pouquinho antes de escutar você a subir.

– Que espécie de som?

– Um suspiro.. . não, um soluço agudo e trêmulo, uma espécie de gemido abafado, como se alguém tivesse tido um choque.

– Foi o vento, Pamela. Talvez estivesse fazendo ruídos estranhos entre a casa e a colina.

– Não ventou nessas noites.

– É verdade... Você já o ouvira antes?

– Sim.

– Sempre à noite?

– Sim... Mas nas duas últimas noites foi muito mais nítido. Parecia real. Oh! Roddy, é um ruído de doer o coração!

A voz de Pamela tremia. Fiquei ali de pé, sem nada dizer, enrijecido de desânimo. Realidade ou fantasia, aquilo iria aniquilar a paz de espírito de Pamela. Malditos mexeriqueiros supersticiosos! Que poderia eu fazer ou dizer? Pamela era uma pessoa tão sensata; não se lhe poderia simplesmente desmentir o que pensava.

– Você sabe – falei, vagorosamente – que a sugestão pode explicar tudo isso. Não é? Depois de todas aquelas histórias... Estiveram tanto tempo na sua cabeça...

– Sim. Foi o que eu mesma me disse,

a princípio; mas não é isso.

– De onde você acha que os sons vêm?

– Não tenho a menor ideia.

– Será deste quarto?

– Talvez.

– Por que você não me veio chamar?

– Eu estava resolvida a fazê-lo, Roddy; teria vindo. Tentei-o, na noite passada, experimentando sair da cama... mas não pude mover-me.

– Você estava sonhando – declarei. Esse temor paralisante é uma sensação comum nos sonhos. Estou certo de que, acordada, você nunca o teria sentido.

– Não foi sonho – disse ela, sacudindo a cabeça. – Eu desejava que você também o tivesse ouvido.

– Em nome de tudo quanto é sensato, Pamela, por quê? Para que você pudesse pensar que há qualquer coisa que não vai bem?

– Não, Roddy. Para que eu soubesse que não era a única a senti-lo.

Fiz uma pausa. Ela estava terrivelmente preocupada com aquilo; depois perguntei:

– Isso demora muito?

– Só alguns minutos.

– É qualquer coisa dentro de casa, Pamela; aves na chaminé, ratos, um morcego talvez.

– Pode ser.

Aliviado com sua aquiescência disse-lhe mais animado:

– Traremos “Whisky” para aqui.

Vamos fechá-lo neste quarto e ele expulsará seus visitantes.

– “Whisky” não fica neste quarto.

– Gato prudente; eu também gostaria de não precisar ficar...

Pamela valeu-se disso:

– Charlie trabalha muito bem, Roddy.

Vamos deixá-lo acabar. Tomaremos chá e iremos à praia.

Agora era a minha vez de desferrar-me, e repliquei:

– Você diz que ele não acaba as coisas; é melhor ficar fiscalizando.

Não fiquei triste, porém, quando, minutos depois, ouvi Lizzie tocar a sineta para a merenda.

Quando Pamela se liberta de um acesso de depressão, afasta-a de uma

vez e torna-se, de súbito, volúvel e saltitante. À merenda, começou a planejar a festa inaugural com tanto entusiasmo, que me senti reconfortado. O que quer que produzisse, à noite, aqueles estranhos ruídos, devia ser inofensivo, disse a mim mesmo, visto como seu efeito sobre ela podia ser tão facilmente repellido.

— As cortinas da Casa Liberty chegaram — anunciou ela. — São lindas. O quarto das crianças será o vestiário das senhoras. Vou pôr lá uma mesa de passar, com coberta. Você me emprestará o espelho grande. Não é? Terei de emprestar a Judite o meu, de três faces; ela usa muita maquiagem, dispondo-a de modo esquisito. Parece

que tem trinta anos. Não é, Roddy? É, pelo menos, seis anos mais velha que Max.

– Isso não tem importância – repliquei. – Max aparenta mais idade do que tem e já viveu demais em companhia da juventude volúvel. Achei Judite muito linda quando a vi, e isso foi no Queen's Hall, onde a maioria das mulheres parece que levam máscaras. Fico a pensar como se estão dando ela e Wendy...

Era divertido imaginar-se as diversas situações porque passariam, ao se encontrarem umas com as outras, todas aquelas pessoas que estávamos convidando, e calcular-lhes as futuras reações e preferências. Max, pensei,

gostaria de Estela, e seria decepcionante se ela não viesse.

Charlie voltou do jantar visivelmente bem humorado. Pamela e eu aceitamos melifluamente o lugar de seus auxiliares e o trabalho prosseguiu melhor. Mas, como se arrastasse meia hora, de novo lastimei, encolerizadamente, não haver aceitado a proposta de Pamela e descido à praia. Resmungava contra cada minuto passado naquele quarto e sentia uma dor de cabeça chegando. Quando, justamente ao bater das quatro horas, Lizzie apareceu, Pamela e eu gritamos, a um só tempo:

– Chá!

– Psiu! – e fez-nos um sinal. – estava sem fôlego, falando num sussurro

trêmulo. — A senhorita Meredith está aí.

— Creme do Devonshire! — ordenou Pamela, arrancando o avental.

Quando fui-me reunir a elas, dez minutos mais tarde, encontrei Pamela sentada no vão da janela e Estela na cadeira estofada de espaldar alto; entre as duas estava a mesa, carregada de sequilhos, compotas e creme, enquanto perto se achava o carrinho com o serviço de chá. Estela deu-me a mão, dizendo:

— Como passa? — sem qualquer entonação de interesse, mas com um alegre sorriso.

Usava uma coisa de seda parda e aveludada na cabeça, meio boné de jóquei e meio chapéu, com uma curva na

aba que produzia efeito muito mais chique que imaginava. Seu vestido frocado, de tussor, parecendo mais de uma colegial, tinha presa uma rosa, justamente da cor que a satisfação lhe trouxera às faces. Espalhou modesta mão de creme em sua fatia de bolo.

– Ponha um monte disso, como eu – insistiu Pamela. – Foi por isso – acrescentou, gravemente – que viemos para o Devon. Mas talvez você não goste dele? A gente nunca sabe. Não é? Em casa do ferreiro...

Estela riu-se e tirou uma colherada.

– Gosto demais. Vovô sempre me mandava deste creme para os meus aniversários, quando eu estava no colégio.

– Gostava da escola, em Bruxelas? – perguntei-lhe.

– Era ótima, mas suponho que nenhum colégio seja precisamente do gosto da gente.

Ela procurava na mente algum assunto apropriado, que, sem dúvida, preparara de antemão. A fronte se lhe desanuviou.

Pensam que gostarão de morar no interior? – interrogou .

– Estamos inteiramente certos de que gostaremos – respondeu Pamela, calorosamente. – E esperamos que você não se sinta muito triste por ter deixado de ser a proprietária desta linda casa.

Pamela tacava o gelo, quando achava que era necessário quebrá-lo. Isso deu certo, dessa vez. A moça ardia de

ansiedade por conversar sobre Cliff End.

– Achei que ficaria triste se alguém viesse a comprá-la; mas, agora, estou alegre.

Havia, em seu tímido sorriso, uma lisonja para nós.

– Mas, no que me toca, isso é muito curioso – continuou ela – porque eu nunca pensei nela como uma casa propriamente, como uma casa viva, isto é, uma casa em que houvesse habitantes; achava que era apenas uma recordação; uma recordação, e paredes de pedra.

Então esta é a primeira visita que lhe faz desde que a deixou? – perguntei.

Ela respondeu com um gesto afirmativo.

– Meu avô – e hesitou – vinha... muito natural... não compreendia que eu desejasse vir aqui.

– Compreendemos isso; é natural!

Estela acabara sua fatia, e, esquecendo-se de pedir licença, começou a andar em torno do aposento. Contemplou o panorama, da janela, caminhando, depois, para a estufa. Virou-se, de súbito, e, voltando a seu lugar, sentou-se.

– Oh! desculpem-me! – falou.

– Não se incomode. Aceita mais um pouco de chá? Diga-me – perguntou Pamela, servindo-lhe segunda xícara. – Você está se recordando de alguma coisa daqui?

– Não, nada de novo – respondeu

Estela, concentrada, as mãos no regaço. – Há precisamente uma recordação que sempre tive, que me volta constantemente nos sonhos. Não havia completado ainda três anos, vejam só, quando... quando fui morar com meu avô.

– Gostaria – disse-lhe – de saber que recordação é essa, a menos que não lhe seja entristecedora.

– Só uma parte é que entristece. Vejo-me sozinha, num quarto, no escuro. Há uma coisa negra do lado de fora, avançando para mim... Talvez fosse aquela árvore. Sinto medo na escuridão e grito. Grito durante longo tempo e vejo alguém chegar, É uma mulher. Inclina-se sobre mim e sussurra-me belas palavras

aos ouvidos... Nunca soube quais eram elas... Depois, acende uma luz, linda luz, e sinto-me feliz. Então, outra pessoa entra e leva a lâmpada.

– E você grita de novo? – perguntou Pamela.

– Aí estou aterrorizada demais para gritar.

– Faça o favor de lembrar-se, da próxima vez que sonhar isso – disse Pamela com firmeza – que eu virei acender a lâmpada outra vez.

Estela fitou-a seriamente.

– Obrigada – acrescentou .

Conversamos acerca de sonhos e vi-me a defender, de modo mais explícito do que o conseguira até então, a teoria de que os sonhos são uma abstração de

um conflito reprimido, disfarçado em símbolos extraídos dos acontecimentos diários. Estela ouvia-me, intensamente absorta, menos com a atenção normal das moças, que é muitas vezes somente lisonja pessoal, como a de um garotinho a quem se mostra como trabalha o relógio. Quando lhe falei do sonho comum de voar, ela exclamou:

– Ora, eu sempre sonho isso!

– Você tem nos sonhos uma assistência a admirá-la, como eu? – perguntou Pamela.

– Não – riu Estela. – E fico satisfeita de não ter, pois, mal começo a levantar-me, caio logo aos trambolhões.

– Eu também costumava cair antigamente – disse Pamela, às

gargalhadas. – Algum dia você há de voar direito...

Falamos-lhe acerca da festa e dissemos-lhe quanto gostaríamos de que ela viesse.

– Toda a casa, então, estará pronta, menos a sala de jantar, e mostrar-lhe-ei quarto por quarto – prometi.

– Oh! – suspirou ela, ansiosamente. – Se isso fosse possível...

– Deixarei a festa, se for preciso, e, a tempo, irei levá-la à casa, de carro.

– E a que horas será a festa?

– Começaremos às oito – respondeu-lhe Pamela.

– Não creio que me seja possível vir – disse, sacudindo a cabeça.

– Isso será uma decepção. Venha

pouco depois do meio-dia. Não é? – sugeriu-lhe Pamela. – Faremos um piquenique com chá, em um daqueles lugares de que você me falou. Ainda não fomos a Clovelly – e, dirigindo-se a mim. – Você já ouviu nomes mais atraentes, Roddy? “Rocha do Morto”, “Toca dos Ladrões” e “Galante Measureiro”?

– Você conhece bem a costa? – perguntei a Estela.

– Costumava explorá-la nas minhas férias – respondeu ela, avidamente – quando conseguia economizar bastante para os ônibus e os trenzinhos engraçados. Mas agora vovô diz que estou muito velha para ficar andando assim por aí. É esquisito a gente ter

menos liberdade só porque cresceu...

Conteve-se, como que lastimando parecer criticar o avô, achei eu. Olhou, hesitante, de Pamela para mim. Havia qualquer coisa um tanto difícil que julgava dever-nos dizer.

– Por favor, senhorita Fitzgerald... Sr. Fitzgerald... Por favor, não fiquem zangados com o vovô porque ele não lhes fez uma visita. Sim?

Parecia ansiosa.

– Não há motivo para isso – disse Pamela, rapidamente. – Você sabe, fomos informados a respeito daquele terrível acidente. Para ele, deve ser muito doloroso pensar nesta casa.

Como se não satisfeita ainda, Estela continuou:

– Minha mãe... sabem, era sua filha única, tão linda, tão boa... Viram o retrato dela, não viram?

– Um rostinho de anjo – respondi.

– E morreu antes que o pai pudesse vir vê-la.

Fez uma pausa e depois perguntou, impulsivamente, como se pensamentos penderes lhe estivessem a fugir, contra a vontade:

– Estarei agindo mal por desejar vir aqui? Não será isso anormal e insincero, de minha parte?

Que face ensombrecida! Evidentemente estava citando palavras do velho.

– Ao contrário – disse Pamela, refletindo. – Penso que insincero seria

você não vir. Com as pessoas idosas, é diferente. A mocidade tem de acostumar-se a vencer essas coisas.

– Bem sei – disse Estela, com ansiedade.

E acrescentou, levantando-se:

– Obrigada. Mas agora acho que devo mesmo ir-me embora.

Falei-lhe que tinha cartas a pôr no correio e iria com ela até a fazenda.

– Dar-me-á muito prazer – disse ela.

Levei um pedaço de bolo às gaivotas, que nunca me cansara de vê-las pairando no espaço, precipitando-se depois sobre a presa.

Estela, despedindo-se de Pamela à porta, voltou-se para fazer-lhe uma pequena mesura, ao darmos volta pelo

canto da casa. Haviam-lhe ensinado etiqueta naquela escola, pensei, e lá habitualmente falava-se francês. As jovens inglesas de hoje não adotam tais gestos e frases.

Ao passarmos pela borda do penhasco, os olhos de Estela pousaram com tristeza na árvore morta.

– Vou pô-la abaixo qualquer dia – falei.

Distraidamente, porém, nem daríamos com aquela árvore confundida no fundo, com aquela forma grotesca que, entretanto, numa ventania, emprestaria, a tudo, o ambiente de Macbeth.

Uma gaivota apanhou um pedaço de bolo no espaço; outra e mais outra se precipitaram. Estela atirou-lhes fatias,

rindo de sua voracidade.

– Vi as gaivotas, uma vez, de um bote, ao nascer do Sol. Levantavam-se de encontro à luz, negras como corvos; depois, voavam majestosamente para o outro lado, transformando-se, como se fora mágica, em ouro puro.

– Quem pintou aquele retrato? – perguntei-lhe, ao passearmos pelo tojal.

– Meu pai. Chamava-se Llewellyr Meredith. Já viu algum de seus quadros? Conhece sua obra? Ela teria gostado que eu dissesse “sim”.

– Não – respondi-lhe. – Mas isso é porque a geração de nossos pais é sempre aquela que ignoramos mais vergonhosamente. Você estuda pintura?

– Estudei, no colégio, e espero

recomeçar de novo, algum dia.

Chegáramos à estrada da fazenda. Deteve-se, embaraçosamente, olhando-me depois.

– Por favor, se o Sr. não se incomoda... Desculpe-me... Teria imenso prazer em que o Sr. fosse comigo, mas seria melhor que não...

– Tenho cartas a pôr no correio.

– Posso levá-las?

– Eu gostaria do passeio.

– Como quiser.

Isso era horrível! Estava a contrariá-la, tratando-a como criança; e agora lembrava-me de que estava impondo minha companhia a uma senhorita que não a desejava. Parei um momento e falei, meio sério:

– Você gostaria que eu fosse e preferiria que eu não fosse.. . Não entendo.

– Isso não tem importância.

Eu fora um refinadíssimo idiota, sem dúvida! A estrada passava pela porta da fazenda dos Jessups e aquela visita era clandestina; não devia ser relatada.

– Peco-lhe mil desculpas, senhorita Meredith – falei, com sinceridade. – Vou voltar agora.

Ela enrubesceu, triste por haver parecido fria e sem amizade, imaginando o que poderia dizer ou fazer; e eu me sentia infeliz por ter-lhe estragado o prazer daquela visita. Olhávamos um para o outro, ambos compreendendo a situação, sabendo da

perplexidade mútua e igualmente embaraçados. Acudiu-me, de súbito, uma ideia; sorri.

– Quererá ter a bondade de me colocar estas cartas na caixa do correio? A primeira é importante, como pode ver.

Entreguei-lhe as cartas e ela, involuntariamente, lançou-lhes um olhar. Franzindo a testa de modo atônito, olhou para cima; depois a fronte se lhe desanuviou, um sorriso irrompendo. Num instante, de novo, o rosto lhe estava sério.

– Por certo, Sr. Fitzgerald.

– Então, ver-nos-emos em breve.

Uma sombra desceu. Olhou para a carta, com ar duvidoso. Temeraria, talvez, que fosse causar uma proibição direta?

Não expressou seus pensamentos; apenas disse, suavemente:

– Para mim, seria um prazer. Adeus.

Apressou-se pela estrada, sem olhar para trás, logo perdendo-se de vista, escondida pelo tojal. Voltando à casa, ao pensar na criança que era ela; na alegria que relampejava e se desvanecia; na sua candura e reserva, não pude deixar de sorrir. Isso era também, pensei, um pouco de precaução protetora. Alguma profunda fascinação a atraía para a casa e, contudo, nem uma sugestão fizera acerca dos mexericos locais. Nem mesmo sinal de pergunta.

Veríamos Estela de novo: seu avô poderia, sem resultado algum, tentar impedir que ela nos visitasse. Ela e

Pamela se haviam afeiçoado e minha irmã era tenaz nas amizades. O velho teria de ceder.

O “STUDIO”

Tracei, a mim mesmo, um rígido horário de trabalho. As tarefas na casa e no jardim, daí por diante, seriam classificadas como diversão e limitadas às horas que mediavam a merenda e o chá. O entardecer e a noite estavam reservados a artigos e críticas, ao passo que as manhãs, das dez à uma da tarde, dedicava-as estritamente a meu livro.

Apesar de muito prometedora, a História da Censura Britânica não progredia. Que me impedia? Meu escritório era confortável, cheio de luz e calmo. Os recortes estavam em ordem,

os livros nas estantes. Minha última remessa de peças da Biblioteca da Liga Dramática estava espalhada no assento do vão da janela. Tudo estava pronto para um trabalho contínuo; contudo, meu capítulo principal, “A histeria ibseniana”, parara numa página amarrotada. Outrora me atirara a essa obra com ânimo de um cruzado, achando-a brinquedo para minha espada, mas agora qualquer outra coisa me interessaria mais que essas ninharias de há tanto tempo. Eu andava de um lado para outro, ocioso, resmungando.

O horário que Pamela me prescrevia era simples: dedicar as manhãs de verão à Cliff End e depois, em setembro, cair em cheio sobre o livro. Especioso,

embora soubesse muito bem que, quanto maior fosse a demora, mais doloroso seria o trabalho de recomeçar. Comecei a recear nunca mais fosse capaz de continuar o livro. Temia estar atravessando um daqueles períodos de transição que Clemente Forster costumava prolongar. Todas as nossas perspectivas da vida mudam, dizia ele; e nossas antigas ideias e estilo são tão inúteis quanto nossas roupas no período do crescimento. É necessário descobrir em nós mesmos nova personalidade de escritor. Eu realmente observara algo dessa espécie a surgir nele e isso lhe fizera bem: libertara-se de uma boa porção de sentimentalismo, desenvolvera o realismo, o humorismo e

o equilíbrio. Tudo isso, no jornalismo, era excelente, mas seria terrível acontecer tal coisa em meio de um livro.

Algum fermento indefinível se desenvolvia e não havia explicação para isso. A luta contra ele resultou em encher de folhas rasgadas a cesta de papéis e em ficar com a cabeça quente. Cheguei a uma decisão: abandonaria o livro por uma quinzena, e veria o que sucederia.

Pamela aprovou.

– Ainda há muito serviço aqui para você – falou ela.

Havia mesmo.

Num Natal que vai bem longe, minha madrinha me dera um teatro de brinquedo, vindo da Espanha. Havia

diversos cenários e figuras de cartolina; material completo para meia-dúzia de belas peças. Não imaginava que a vida novamente me pudesse fornecer idêntico sentimento de riqueza e domínio. Mas aquela excitação de outrora fora quase igualada, nos dias que se seguiram, quando verificara os limites de nosso terreno e planejara utilizar os barracões. Devera ter, pelo menos, uma câmara escura para fotografias e uma oficina de carpinteiro. Por que não uma cerâmica? Por que não instalar um moinho de olaria e fazer experiências com a argila local? E que me poderia impedir de construir um bote?

Havia, ainda, ligações elétricas a fazer, na casa. Logo que me fosse

possível, teria de colocar novo circuito. Precisava de mais tomadas para lâmpadas de mesa, comutadores duplos para o vestíbulo e o patamar, lâmpadas para a escada. Entrementes, fiz o que pude com “benjamins” e metros de fio, enquanto Pamela preparava quebra-luzes cor-de-rosa para a festa.

— É um fato cientificamente comprovado que a gente fala melhor com iluminação cor-de-rosa — declarou ela.

Estela viria. Numa cartinha protocolar, informava Pamela de que seu avô apreciara nossa bondade em convidá-la e de que ela tinha a satisfação de aceitar o convite. O Dr. Scott tivera a gentileza de prometer

levá-la à casa, de carro.

Um “postscriptum” dizia: “Foi o Dr. Scott quem arranhou tudo”.

Max telegrafou: “Lastimo adiar domingo tempo”. Isso queria dizer que estava trabalhando num de seus estudos de nuvens e devia aproveitar as condições do tempo, enquanto estivessem favoráveis. Em minha opinião, não havia, nestas ilhas, pintura alguma cujos céus rivalizassem com os melhores que ele fizera. Essa alteração significava que nossa festa teria de começar com o jantar para nossos quatro velhos amigos, no domingo. A festa inaugural da casa, propriamente dita, começaria às nove horas de segunda-feira.

No sábado, enquanto Lizzie e Pamela andavam às voltas com lagostas, patos e cogumelos, completei meu plano de iluminação. Agora, a sala de visitas tinha um lindo e pequeno candelabro e lâmpadas de parede; cada cama tinha sua lâmpada de leitura e cada penteadeira uma cintilante luz de refletor. Depois que escureceu, espanamos tudo e fomos apreciar o efeito. Pamela fora ao jardim da creche de Honeysett e enchera a casa de flores: rosas e goivos nos quartos e gladiólos no patamar e no vestíbulo. Toda a casa cintilava suavemente. Eu não invejaria o lar de ninguém. Mesmo o “studio” pareceria convidativo, quando se acendesse fogo na lareira de ladrilhos

vermelhos.

– Será preciso acender o fogo esta noite e todo o dia de amanhã, para arejar esse quarto – decretou Pamela.

Mas era mais fácil dizer que fazer. Lizzie, ela e eu levamos vinte minutos soprando foles, atirando óleo, pondo jornais e, mesmo, escandalosamente, açúcar, tentando fazer com que o fogo acendesse. Quando, por fim, os carvões se inflamaram, Lizzie ergueu-se, enfadada, ficando de pé, a olhar todo o aposento.

– Está bastante bonito – admitiu ela – mas o que não entendo é como os senhores têm consciência para deixar alguém dormir aqui. Eu preferiria dormir nos rochedos.

– Ora, Lizzie! – exclamou Pamela, espantada.

Mas eu interrompi:

– Ela esteve ouvindo Charlie, que nada sabe a não ser que os Parkinsons traziam o quarto fechado. Eram malucos e contagiaram-no. Pelo amor de Deus, Lizzie, não deixe que Charlie a ponha maluca também.

– Eu não me importo com aquela cabeça de palha – prosseguiu Lizzie, teimosa. – Mas isso é o que a Sra. Jessup diz.

– Que o fantasma da Sra. Meredith anda por aqui. Não é?

– Sim, Sr. Roderick. Deus dê descanso à sua alma.

– Decerto que eles haviam de dizer

isso, Lizzie! Por que não o fariam? Uma casa solitária, uma linda senhora e uma morte violenta... Poderia algum deles, pensando bem, perder a oportunidade de extrair um conto de tudo isso?

Pamela apoiou-me .

– Nós não vimos nada, não é, Lizzie? Não penso que precisemos incomodarnos.

– Bem, se houver algum perigo, as almas dos senhores é que sofrerão, não a minha... Se este fogo se apagar, palavra que derramarei verniz de móveis nele – concluiu Lizzie, saindo.

Depois de um momento, Pamela disse baixinho:

– Poderia dar-lhes meu quarto. A cama é bem grande... Eu viria dormir

aqui.

– Concordando com Lizzie e Charlie?

– falei, secamente. – Espero que você não vá fazê-lo.

– Não. Naturalmente, não.

– Este é um quarto excelente.

– Sim, realmente não é mau.

– Você tem dormido bem? –
perguntei, por acaso.

– Perfeitamente, obrigada.

– Não houve mais soluços à meia-noite?

– Nem um som.

– Esplêndido!

– É mesmo.

Eu também, embora não fosse contar isso a Pamela, imaginara uma vez ter ouvido sons lastimosos, tais como os

que ela descrevera. Fora na noite seguinte à visita de Estela, quando tivera um sonho estranhamente preocupado a seu respeito. Havia levado-a ao Jardim Zoológico, onde vimos uma grande gaiola cheia de pássaros. Estela entrara um pouco na gaiola e gritava, amedrontada, incapaz de sair. Em vão tentava retirá-la de lá. Ao acordar, pareceu-me que o grito continuava. Cessou, porém, num instante; evidentemente, fora uma alucinação causada pelo sonho. Sem dúvida, o que Pamela ouvira era qualquer coisa do mesmo gênero. Estava satisfeito de que ela, afinal, se houvesse libertado daquilo.

Fui de carro à estação de Bideford

para encontrar Max e Judite, na tarde de domingo.

Bronzeado, esguio, lesto, Max tinha o aspecto de saúde e contentamento. Olhei para Judite, louvando-a interiormente. Serena e equilibrada, com a lisa cabeleira escura, movimentos controlados e voz calma, era uma mulher de um mundo bem diferente do de Mitzi, embora ainda não fosse, ter-se-ia pensado, o de Max.

Aquela tranquila mulher intrigou-me um pouco; quando um lago é tão quieto, como se poderá saber se é raso ou profundo? Quando não se permite que qualquer emoção perturbe a superfície, pode haver alguma participação nas mais rudes experiências da vida? Fiquei

a imaginar se algumas das qualidades de
aço de Max não se desgastariam, diante
de pessoa tão admiravelmente
equilibrada.

– Max ficou apaixonado por um
montão de cúmulos – explicou ela, em
tom de desculpa. – Não foi culpa minha.
Quando tais coisas acontecem, deixo de
existir para ele. Felizmente, isso passa
logo.

– E ele imortalizou sua bem-amada? –
perguntei.

– Está fazendo uma coisa admirável!
– replicou ela, baixinho.

– Judite tem seus preconceitos –
sorriu Max.

Bom, pensei; preocupa-a o trabalho
dele.

– Hoje, pelo menos, você não tem rivais – observei .

O entardecer era tão calmo como os olhos de Judite. Max estava silencioso, e enquanto o carro rodava, nós o contemplávamos.

– Eu poderia ir andando? – perguntou ele. – É longe? Chegaria à casa a tempo?

Deixei-o sair na encruzilhada das estradas de Biddlecombe, percorrendo o atalho para Cliff End, e parei para apanhar os Careys na estalagem.

– Max é um novo homem – declarei a Judite, quando ficamos a sós. – Inteiramente pacífico e descansado. Parece mais jovem que quando o vi pela primeira vez.

Seus lábios se abriram num sorriso tranquilo.

– É encantador ouvir isso de você, Roderick... Podemos tratar-nos por “Judite” e “Roderick”. Não é?... Desejava perguntar-lhe: Não é simples o segredo de tornar Max feliz? Não é necessário somente que a gente se sinta feliz?

Refleti: provavelmente, isso era verdade. Mitzi nunca vivera sem qualquer obsessão trágica acerca da saúde, ou as amigadas, ou as perspectivas no palco; se alguma coisa lhe falhava, resultando bem, ela seguiria sua vocação para o melodrama, transformando-a em mal. Fora isso que prejudicara Max?

– Acho certamente que você tem razão – respondi-lhe.

Os Careys apareceram, como visitantes vindos de outra estrela; a cabeça flamejante de Wendy por cima de um traje leve, verde-mar; Peter de camisa de seda branca e lenço escarlate ao pescoço. Estavam arrebatados; Peter cheio de melancolia no seu êxtase. Parecia, mais do que nunca, um belo Pierrot moribundo.

– Vagabundeamos por vinte milhas – falou-me ele, em tristes e sucessivos tons musicais.

E Wendy prosseguiu, com seu canto de Ariel:

– É a ponta extrema de nossa lua de mel.

Judite sorriu e Peter ergueu as sobrancelhas, inquisidoramente.

– É o contraste entre a poesia do aspecto de vocês – expliquei – e o realismo de suas frases.

– Carey, meu bem – suspirou Wendy – já lhe pedi para não falar “vagabundeamos”.

– Divagamos, deambulando erraticamente, ó Luz da Minha Alma! – respondeu ele.

– Lá está sua irmã! – exclamou Judite, quando nos dirigíamos para a garagem.

Pamela correu apressada para cumprimentar os hóspedes. Ela e Judite, que não se haviam encontrado mais de três ou quatro vezes, saudaram-se com calorosa satisfação e deu a Wendy o

beijo que lhe devia pelo casamento. Depois que pus o carro na garagem e os conduzi para dentro de casa, encontrei Peter perambulando, examinando cada canto, de todos os ângulos, enquanto Wendy sussurrava:

– Oh! Roddy! É soberba, soberba!

– Tem potencialidades maravilhosas – concluiu Peter. – Eu a pintaria de prata e gerânio, com pintas de púrpura e risca de jade.

– Gosto tal como está – disse Judite – recusando inclinar-se ante Mamon, mas cheia de harmonia e conforto.

Pamela estava contente.

– Perfeita homenagem, Judite. Leva-me a desejar dar-lhe meu próprio quarto.

Ainda bem que as fatias de pato eram abundantes. Nossos amigos estavam famintos. Eram um grupo pitoresco o que havíamos reunido, pensei. Pamela, que reformara seu vestido de tafetá cor de vinho, cortado à moda de Nell Gwyn, parecia uma castelã majestosa; e Max, com a macia barba castanha, vestia, patriarcal e solenemente, um sobretudo de veludo pardo. Judite trajava de negro nebuloso, com aplicações douradas, e compridos brincos filigranados lhe pendiam das delicadas orelhas; esbelta e esquisita, oferecia atraente contraste com Wendy, a quem fitava com olhos bondosos e divertidos .

Max estava um tanto preocupado. Quando lhe perguntei, ansiosamente, se

podia pintar naquelas regiões, franziu o cenho:

– Tenho de pensar nisso.

– Meu pobre Max! – suspirou Judite.

– Não diga que isto é pitoresco!

– “Touché”! – confessou ele, a sorrir.

– E aí está a dificuldade: casas desordenadas, com excesso de cores, patinadas de tempo e tempestades; torres de igrejas perdidas na folhagem; o cais, os pescadores, os botezinhos. Que sei eu?

Judite concordou, com um aceno:

– Que pena!...

“Que poderemos fazer nesse sentido?” – fiquei a pensar, enquanto Pamela o convidava para ir ver os “Duendes”, nome com que batizara

curiosas formações rochosas na costa do sul.

– Se houver tempo – concordou ele. – Terei de regressar terça-feira à noite.

– Deixou suas nuvens no espaço? – conjecturei.

– Isso mesmo.

A preocupação de Max havia passado e palestrava com Peter sobre teatro.

Os recém-casados estavam em vibrante disposição de espírito. O deus da sorte, sob cuja égide se haviam unido, os recompensara: Wendy fora contratada para seu primeiro papel principal como estrela, o de Salomé; Carey fora encarregado de desenhar o vestuário e os cenários. Pediu nossa opinião acerca das cores que Wendy

deveria usar para parecer extremamente acabada e disfarçar-lhe o que Peter denominava “cabelo alaranjado e tênues tonalidades esverdeadas da pele”. Max refletiu seriamente sobre o assunto e, entre nós, depois do jantar, esboçou-se um modelo de sete véus, que deviam, pensamos, evocar Oscar Wilde de seu túmulo.

— Faremos o desenho amanhã — sugeriu Max. — Carey teve umas ideias bem originais.

Tiramos os móveis para um canto, depois, e pedimos a Wendy que nos reproduzisse a dança. Ela, porém, estava demasiado entusiasmada e só apresentou uma hilariante caricatura, com um jarro fazendo as vezes da cabeça do profeta.

A brincadeira ter-se-ia prolongado até o amanhecer, se Max não a interrompesse, justificando que Pamela precisava descansar. Judite também ajuntou, na sua voz fria e suave, que se sentia um tanto cansada. Sorriu muito docemente para Wendy, cuja entusiástica mocidade a encantara. Judite aparentava ter trinta anos, e era doze ou mais anos mais velha do que Wendy; tinha beleza, aprumo, doçura, porém não mais aquela vibrante alegria.

A noite estava quente e perfumada; extasiada, a baía dormitava sob a alta meia-lua. Max e eu passeamos, com os Careys, até onde a estrada se bifurcava, e depois voltamos para casa, pelos tojais à beira da borda do penhasco,

falando, como outrora, das correntes retrógradas que se espalhavam por toda a Europa e de seu efeito sobre a arte e a literatura.

– Subordinam o todo à parte – falou Max, com amargura. – Não festejam mais a vida, nem a natureza, e sim algum credo partidário, fanático e selvagem. Receio que fazer as coisas que nos agradam seja, em breve, apenas luxo de crianças e – ajuntou, com um sorriso – para extravagantes como você e eu.

Max estava sendo generoso; era um artista de considerável renome e eu apenas um jornalista que começava a ser conhecido. Leu meu pensamento.

– Não se surpreenda – continuou – se este lugar o mudar, alterando seu

trabalho. Ele pode impeli-lo a qualquer coisa de criativo. É excitante. Você não está satisfeito de haver rompido com Lorette?

– Inteiramente satisfeito.

– Aqueles dois – continuou, seriamente – estão se desmoralizando e receio que nenhum deles jamais se reabilite.

– Mayhew é um sujeito sem caráter.

– É mesmo.

Nenhum de nós acrescentou uma opinião sobre Lorette, mas ousei dizer que o mesmo termo nos ocorreu a ambos.

Ficando à margem do penhasco, atirei uma pedra lá em baixo, caindo, com um plaft! Lorette, para mim, desaparecera

totalmente.

Max aproximou-se da árvore morta.

– É interessante – falou.

– Interessante, por muitos motivos –
aduzi.

E contei-lhe algo da história do local, da qual ele se recordava um pouco do nome de Meredith.

– Hei de me lembrar melhor; acredito que havia algumas pinturas sem muito valor.

– Ele parece ter tido um feio caráter, de acordo com a lenda local; e o estranho é que a moça com quem se casou é tida quase como uma santa.

Fomos subindo para casa.

– Os casamentos podem ser surpreendentes – disse Max.

Fazendo, depois, uma pausa, tirou o cachimbo da boca, bateu com ele no pórtico, encarando-me a seguir, com seu significativo sorriso.

– Você certa vez se preocupou bastante comigo, Roderick. Desejo dizer-lhe: Judite é perfeita e, assim, a vida pode ser magnífica.

– Ela parece feliz – falei.

– Ela é feliz.

Sós, na sala de visitas, tomando “whiskies” com soda, conversamos por mais meia hora. De súbito, Max recordou-se completamente do nome de Meredith.

– Lyn Meredith! É ele: Llewellyn, conhecido por Lyn. Por Deus, aquele homem pintou um quadro... Fez-se

famoso com ele, durante uma estação, ou melhor, notório, mas não por causa do valor da pintura. Era um desses “quadros com história” que se tornaram um furor público. Gostaria de poder lembrar-me do assunto, mas não me é possível. Tenho, em algum lugar, os volumes de fotografias da Academia Real; vou verificar. O mais estranho é que me lembro das características de seu estilo; pinceladas rudes, tratamento impaciente, violento mesmo, do fundo, mas uma destreza diabolicamente hábil nos rostos.

– Temo que sua filha o tenha como um ser ideal.

– Ah! – replicou Max, com interesse.
– Os órfãos que perderam os pais na

infância tendem a isso. É natural, não é? Provavelmente, nunca lhe dirão não ser o pai de primeira classe. Como é ela?

– Você a encontrará amanhã.

Eram horas de dormir. Tiramos os sapatos e levamo-los, pois a casa estava imersa em profunda quietude, subindo a escada nas pontas dos pés. Eu gostava de pisar a lanugem leve de meu tapete. Antes de alcançar o alto, paramos, simultaneamente, detidos por um som: um soluço ofegante e arrastado. Vinha do “studio”. Num instante, Max havia escancarado a porta, que fechou, depois de entrar, exclamando com aterrada aflição:

– Judite!

Sim, era a voz de Judite, chorando,

soluçando, histérica. Que poderia ter sucedido? Aquilo era de espantar. Que se poderia fazer? Judite devia ter-se ferido ou estar doente. Corri para o quarto de Pamela, mas, antes de lá chegar, abrira a porta, segurando o quimono branco, com o terror estampado no rosto.

– Você está ouvindo agora, Roddy? – murmurou, a tremer.

– Se estou ouvindo? Naturalmente, meu Deus! É Judite!

Atônita pôs-se à escuta. O soluçar, agora, era rítmico e desolado.

– É Judite! Oh! Roddy, graças a Deus que não é... Mas Judite... ela estava tão bem disposta, estava, agora há pouco, no meu quarto! Vou vê-la.

– Não vá. Max está lá.

Max veio, pelo vão debaixo da escada.

– Pelo amor de Deus, Pamela, leve Judite para seu quarto – implorou ele, pálido e estupefato.

– Não houve nada demais – falou-me, quando Pamela saiu. – Nada, absolutamente. É histeria pura. Nunca a vi chorar antes.

O pobre homem andava para lá e para cá, no corredor. Conhecia as histéricas e sentia-se num inferno.

– Eu só a fiz sentir-se pior – disse desesperado.

Ele enfiou-se comigo em meu quarto, quando passaram: Judite, a chorar alucinadamente, e Pamela, severa, a

dizer-lhe que ficasse quieta, pois não queria ver Lizzie incomodada com uma coisa dessas. Depois, tudo acalmou-se e, um instante mais, Pamela veio ver-nos.

– Vá onde ela está, e dê-lhe umas bofetadas! – disse a Max, que se dirigiu para onde estava Judite.

Dei a Pamela um cigarro. Ela estava trêmula.

– Você está bem cruel – falei-lhe.

– Se eu a tivesse levado a sério, ela teria perdido a cabeça.

– Viu algum fantasma?

– Não.

– Ouviu alguma coisa?

– Não, nada, absolutamente... Espere um minuto; estou pensando se lhe posso

contar. Foi um incidente muitíssimo feminino.

Sentou-se, a fumar, e gradualmente as cores lhe voltaram.

– Se eu não contar, você vai pensar que é alguma coisa de sério – disse ela em voz alta.

– Decerto.

– Quando sentou para passar creme no rosto, em frente do espelho, pensou parecer uma velha, o que lhe causou um choque tremendo.

– Mas, Deus do céu, isso não é o bastante para pôr uma mulher como Judite naquele estado frenético!

– Ela diz que estava cadavérica: “velhice completa, caveira de velhice”. Roddy, deve ter sido um grande choque!

– Mas é grotesco! Judite não pode ter esse aspecto!

– Eu sei. Mesmo no desespero em que estava, ela tem um rosto lindo, lindo. Fiz com que ela se olhasse em meu espelho de mão. Isso a reconfortou um pouco.

– Mas é inacreditável! Deve haver nisso mais alguma coisa; não posso compreender.

– Nem eu, Roddy. Mas você já viu pessoas que sofreram um choque. Não é? É assim que ela está. Não pode voltar esta noite àquele quarto. Vou dar-lhe o meu e ficar no “studio”.

– Você irá ficar em minha cama, Pamela. Leve o sofá para meu escritório: dormirei lá.

Max veio ter conosco. A face pesava-

lhe de angústia. Ouvira o que eu dissera.

– Não, Roderick; ela terá de voltar e olhar de novo naquele espelho; tem de se convencer de que tudo não passou de efeito de sua própria imaginação, ou talvez da luz.

– Não é a luz – repliquei.

– E o espelho é muito bom – acrescentou Pamela. – Max – prosseguiu – Judite está realmente doente. Não a force esta noite. Por favor, fique em meu quarto. Irei para o de Roddy.

– Não estou doente; não é nada disso – interveio Judite.

Estava de pé à porta, com lágrimas a lhe rolares na face, os lábios lívidos, a cabeça encostada ao batente da porta.

– Você nunca será capaz de esquecer

isso. Oh! Pobre Max! Pobre Max!

Ela e Max pareciam criaturas despedaçadas. Era verdade que nenhum de nós poderia esquecer. O desespero fez-me dizer a primeira coisa que me veio à cabeça e o fiz com tal acento de convicção que espantou a mim mesmo.

— Judite, a culpa não é sua. Há qualquer coisa de estranho naquele quarto. Pamela e eu sentíamo-nos deprimidos quando trabalhávamos nele. Os anteriores habitantes da casa o conservavam fechado. Nós dois ouvimos certos ruídos; não os devíamos ter colocado ali.

Max fitou-me, esperando ser verdade o que eu dissera. As lágrimas de Judite cessaram de correr; ela voltou-se,

implorando, para Max:

– Oh! é isso! Houve qualquer coisa estranha em mim! Nunca me havia sentido assim! Não podia ter aquela aparência. Não é, Max?

– Os suspiros – disse Pamela, trêmula – devem vir daquele quarto. Você nunca me disse que também os havia ouvido! Oh! Roddy, ele é assombrado! A casa está dominada por alguma tragédia que não pode morrer! Que faremos?

Agora, Pamela estava aflita; aquilo era demais.

– Fecharemos aquele quarto e esquecer-lo-emos – resolvi. – Fomos loucos em colocar Max e Judite ali; Lizzie tinha razão. Judite sofreu um choque terrível e, em vez de gritar por

nós, tentou lutar sozinha contra ele. A coisa melhor que se faz quando se vê um fantasma – disse à Judite – é gritar. Vocês, mulheres nervosas, são mestras para lidar com eles.

Entre leves soluços decrescentes, Judite sorriu.

– Oh! você é um anjo, Roddy! Não é mesmo, Max? Pamela correrá ao andar de cima, à busca de “brandy”; Judite tomou um gole pequeno. Levamos o sofá para o escritório e demo-nos boa-noite, sem outra coisa a mais para dizer. Pamela deixou um recado para Lizzie, dizendo-lhe para não nos chamar, a não ser para o almoço, quando ela tocasse a campainha, pois ficáramos acordados até tarde. Logo que ela se instalou em

meu quarto e todas as portas foram fechadas, entrei no “studio”. Pretendia passar ali a noite e verificar tudo por mim mesmo.

Nada vi. A luz nada tinha de má e o espelho lançava um reflexo agradavelmente brando; minha face, com o longo lábio superior e supercílios desordenados, parecia menos rudemente talhada que de costume. Deitei-me, apaguei a luz e todo o infeliz incidente se me imergiu nas profundezas da mente; contudo, não consegui dormir.

Uma frase que Max proferira incomodava-me. Não deveria surpreender-me se meu trabalho experimentasse uma alteração. Talvez pudesse achar que ele se tornaria mais

criativo. Que diabo queria Max dizer com isso? Frioleiras jornalísticas, sem profundidade, convencionalidade fácil, tudo nos velhos e são sistemas tradicionais? Não havia dúvida de que era como ele o via. Suporia que eu também não o visse? Por que empreendera eu aquele livro? E que era o livro, de outro lado, além de uma compilação, uma repetição de velhos artigos de jornal, merecidamente esquecidos e sem nada de “criador”, como os cadernos de recortes de Pamela? E mesmo aquilo eu não fora capaz de acabar. Nunca seria terminado, sabia-o, agora. Não seria terminado, porque nada tinha para dizer. O que tomara como talento não passava

daquela inspiração que faz com que cada adolescente medíocre, de cabeça inchada, se considere escritor de vocação. Fora uma loucura, que me fizera voltar as costas à oportunidade de uma sólida profissão, levava-me até a escrivania de subdiretor de um semanário londrino e acabara por fazer-me andar nas nuvens. Imaginara que tivesse alguma coisa para dizer e via que, sem a ajuda de uma peça para criticar, um livro para apreciar ou uma polêmica para intervir, ficava vazio; mergulhei no meu próprio intelecto, e nada ali achei. Minha energia moça já estava quase exaurida. Eu estava liquidado; liquidado, aos trinta anos. E Max o vira.

Ouvi o relógio bater, no vestíbulo, três horas, quatro e cinco. Eram nove horas quando acordei; tarde demais para nadar.

Pamela desceu para o almoço um pouco antes das dez, reconfortada; depois chegaram Max e Judite, declarando que haviam dormido magnificamente; só uma sombra parecia restar dos acontecimentos da véspera.

– Roddy – disse Pamela – é quem parece ter visto um fantasma.

– Onde você dormiu? – perguntou Max, abruptamente.

Comecei a recordar-me do que sucedera.

– No “studio” – respondi. – E tive uma experiência muito semelhante à de

Judite.

Nem Max nem Judite esconderam seu alívio: qualquer explicação era preferível ao pensamento de que Judite se comportara como uma egoísta histérica. Enquanto eu arquitetava a imagem de mim mesmo que me aparecera na madrugada, ela soltou uma leve risada; Max, deitado, explodiu de rir, fazendo-me crer em meu talento de comediante, e rajadas de gargalhadas carregaram as preocupações deixadas pela noite.

– Mas não tem graça o fato de sua bela casa ser assombrada – disse Judite.

– Não tem, não – concordou Pamela.

– Olhem aqui – falei aos três. – Poderíamos discutir isso, e apenas isso,

o dia inteiro; o assunto da assombração é inesgotável. E que sucederia à nossa festa? Proponho que esqueçamos esse assunto, pelo menos até passarmos uma boa noite de sono.

Ficaram de acordo.

– E eu sugiro – disse Pamela – que façamos uma pequena “camouflage” nos quartos, senão Lizzie achará que “nesse mato há coelho”.

– Há, há! Eu achei um coelho. Vejo-o flutuando no espaço. Mas vou pegá-lo, antes que cresça – comentei.

Estávamos justamente na hora. Pamela cercou Lizzie no vestíbulo, fazendo-a voltar à cozinha, enquanto nós, sentindo-nos como crianças culpadas de travessuras, reordenávamos

tudo lá em cima. Mal tínhamos acabado a arrumação, Pamela veio inspecionar. Declarou-nos conspiradores de primeira ordem e depois levou-me para baixo, murmurando:

– Venha ver o que encontrei no quarto das crianças.

Era um embrulho com um cartão que dizia: “Para a festa de Roderick e Pamela”. Estava escrito na caligrafia enfeitada de Peter. Uma caixa de fogos de artifício! Magnífico! Eu tinha uma paixão piromaníaca pelos fogos de artifício. Quando fora que Peter o descobrira? Seria esplêndido soltá-los, à meia-noite, da borda do penhasco.

Arrumamo-los em caixinhas que escondemos na queijaria; depois,

deixando Pamela a fazer sanduíches, levei Max e Judite para os rochedos, em baixo.

Era um dia quente e arrastado, de agosto, e o mar mostrava-se mais azul que o céu, com manchas violetas aqui e ali. A maré cobrira a praia. Max escolheu uma saliência de rocha e dali deu repetidos mergulhos na água profunda, revelando o vigor que possuía. Judite estava quieta, cansada e satisfeita de estar assim. Nadou um pouco e depois estirou-se na rocha lisa, contemplando Max. Havia a sombra de um sorriso em sua face, constantemente, acentuando-se quando os olhos dos dois se encontravam. Era uma Judite diferente daquela da véspera, certamente

mais feliz, libertada de alguma espécie de opressão. Uma mulher, pensei, devia ser corajosa para casar-se com um homem mais jovem do que ela: no caso inverso, a diferença só faz bem.

– Cansada? – indagou-lhe Max, de pé, numa rocha acima dela.

Judite sorriu-lhe.

– Esplendidamente cansada!

– Ótimo!

– Suponho que devo ir dar uma ajuda a Pamela – murmurei.

Ninguém me ouviu; eu estava tão só como aquela gaivota que voava: o céu inteiramente para si.

E escalei, de volta, o caminho penhascoso.

A FESTA INAUGURAL

A festa decorreu animadamente; eu nada tinha a fazer além de travar conhecimento com o Dr. Scott. Ele veio mais tarde e Estela, trajando capa de capuz preto, correu para o lado de Pamela, deixando-me a acolhê-lo lá fora. Acabara de examinar um cliente e revolvia no pensamento, de modo evidente, seu diagnóstico; sentia-se deslocado naquela atmosfera frívola e não se importava, de modo algum, por demonstrá-lo. Magro, desengonçado, de

barba raspada, amorenado pelo verão, parecia ter mais ou menos a minha idade, mas esforçava-se por aparentar muito mais. Quando Wendy deslizou, com seu vestido de seda arco-irisada, fitou-a como se não pudesse crer nos próprios olhos. Apresentei-lhe Peter. Contemplaram-se mutuamente, como criaturas de espécie diversa e afastaram-se com sorrisos estúpidos. Agradei quando Max interveio. Em poucos minutos pusera Scott a falar, absorvidamente, sobre cães. Judite e Wendy insistiram em pôr no fonógrafo um foxtrot, o que fez Peter cambalear de dor. O casamento o enfadava, queixou-se, enquanto me ajudava a tirar os móveis do centro da sala. Parecia que

ele e sua mulher, em face do perigo mortal de mergulharem numa só alma, que ficaria por toda a eternidade sendo Peter & Wendy, acharam importante fazer cada um, premeditadamente, coisas que sabia não serem do agrado do outro.

— Somos forçados a cultivar diferenças, e isso é tão fatigante! — lastimou-se.

— E vê você — gritou Wendy, mais alto que a música — o que começar a esquecer primeiro estará perdido.

Judite, fascinada por essa filosofia do casamento, fez perguntas que provocaram uma babel de explicações, mas isso logo morreu; toda a conversa na sala aquietou se deixando a música cantarolar até o fim. Pamela entrara,

com a linda Estela.

A conversação e o riso borbulhavam de novo, instantaneamente; mas aquela pausa fora efetiva, fora um tributo àquela moça de olhos escuros que se movia, acanhada na blusa lisa, engomada, cor de marfim, ao lado de Pamela. Dirigiu-se a mim imediatamente.

— Como o Dr. Scott arranjou isso? perguntei.

— Imagine que fez meu avô considerar que seria indelicado não deixar-me vir; e vovô nunca é indelicado.

Esperava as apresentações, e, quando eu e Pamela as fizemos, encarou com cândida admiração cada face, como se ansiosa de conhecer tudo acerca de

todos, de uma só vez. Enquanto os demais dançavam um foxtrot, fiquei com ela à porta da estufa, contando-lhe coisas sobre meus amigos. E, ao contá-las, que pessoas dramáticas, bem dotadas, cheias de vida se tornaram! E de fato o eram; também eu e Pamela éramos pessoas livres, sagazes, amigas e afortunadas, levando vidas mutáveis e progressivas. Aquela imaginosa menina começou a vê-lo, contemplando-o dentre as grades de sua prisão.

– Quer dar-me o prazer desta dança, senhorita Meredith?

Ela sacudiu a cabeça.

– Sinto muito, mas só sei dançar valsas. Oh! como eles são magníficos! Olhe!

Tinha razão. Judite, dançando, era perfeita, e Peter só abandonara o “ballet” por causa de sua paixão pelo desenho.

Scott dirigia Pamela conscientemente, com a cabeça inclinada, em ávida palestra, todo o tempo. Estela riu ao passarem Wendy e Max; este, a mover-se, como muitos homens de elevada estatura, com deslizante facilidade, mas demasiado perdido na música para poder falar.

– Ela parece a moça do conto de fadas que beijou o bom urso cinzento, o qual, então, se transformou num príncipe

– Você transformou Max num deles – disse, satisfeito. – Agora, fale-me sobre

os outros. Carey e Judite, que lhe parecem?

Ficou a pensar um instante e depois disse:

– Endimião, creio eu; porém não Diana. Sua irmã é Diana. Não é?

– Perfeitamente!

– Ou, talvez... Sim, se esta fosse uma festa de fantasias...

Fez uma pausa.

– Continue! – pedi.

– Você não acha que eu esteja sendo rude?

– Você está fazendo encantadores cumprimentos.

– Bem; então, Joana d'Arc.

– A única santa que Pamela tolera!

Magnífico!

– Amo Joana d’Arc! E a Sr^a Hilliard é uma rainha naturalmente: Maria Antonieta.

– Perfeito! Nossa próxima festa será um baile a fantasia, por certo! E quem seria você?

Tive uma visão rápida de Estela a flutuar pela escadaria, vestida com os nevados véus de vaga das vestes da dança do cisne, da Pavlova, mas esperei para ver o que ela diria. Eu faria uma aposta a esse respeito, com muitas moças, mas Estela esquivou-se.

– Eu não poderia pensar coisa alguma, pois não podemos escolher para nós mesmos; não se pode olhar para si próprio desse modo imaginário... Francamente, prefiro uma festa como

esta, em que todos se apresentam tais como o são.

– Uma valsa, agora; quer dar-me o prazer?

– Prometi ao Dr. Scott.

– Mas acho que você é uma debutante...

Ela riu-se:

– Creio que sou.

– Então é sua festa inaugural! E uma debutante deve dançar com o dono da casa.

– Quer dizer que esta dança será um *faux pas!* – riu ela, satisfeita com a brincadeira, ao dançar, aereamente, para ser trazida logo à terra pelos passos comedidos de Scott.

– Roderick – perguntou Judite,

enquanto valsávamos – por que essa criança parece tão alegre? Não é uma aparência de “festa”. Ela está realmente satisfeita.

– Você diria que ela é bonita, Judite?

– Sem dúvida! Causou-me admiração.

– Está apaixonada por esta casa.

– A casa é digna disso.

– Foi-lhe uma casa de sonhos, durante anos, e agora se acha nela.

– Onde vivia?

– Numa escola de freiras, em Bruxelas, e numa bela e pequena “vila” de Biddlecombe... no bairro elegante.

– Ah! agora, compreendo. Roderick, não deixe que a ponham de novo numa jaula.

Pamela pôs no fonógrafo outro

foxtrot; dançou com Max, enquanto Judite rodava calmamente com o médico e Peter ensinava a dança a Estela. Falando a Wendy acerca do urso e da fada, pedi-lhe que se sentasse ao meu lado e me impedisse de ser comparado a uma carroça aferrada a uma estrela.

Desejava falar-me, declarou. Desejava que usasse de minha influência junto a Peter, que, em súbito acesso de responsabilidade marital, jurava que ia abandonar o teatro e abrir uma loja.

– Isso o mataria, meu filho. Você não sabe que isso o mataria? – suspirou ela.

– Ele não o fará – assegurei-lhe. – Mas ficará sempre a falar-lhe disso, só para você dizer que não o deve fazer. Não ceda.

– Ele raramente ganha algum dinheiro, mas algum dia alguém reconhecerá seu gênio. Você não acha?

Falei-lhe, com toda a verdade, que eu considerava ter Peter mais originalidade que muitos dos medalhões da cenografia, e, com menos verdade, que em breve isso seria reconhecido.

Nunca me agradou pensar no futuro daqueles dois; desafiavam tão levemente a vida...

Quando a dança terminou, tomei conta do gramofone e pus “Convite à valsa”.

Estela não falou enquanto dançava. Seus movimentos eram leves e precisos e seu prazer era evidente, mas ainda se mostrava um tanto desconfiada e rígida. Aquilo mudaria, pensei, e então ela

dançaria magnificamente. Reconheci o perfume que estava usando: era o de mimosa, que tanto desagradava a seu avô.

Judite descansava a um canto; sorriu para Estela, quando nossa dança terminou e Estela foi sentar-se com ela no sofá. Os outros conversavam animadamente e Pamela chamou-me, satisfeita:

– Roddy, vão apresentar a dança de Pierrot.

– Gostamos disso; é a nossa dança mascote – respondeu Wendy.

– De fato; mas é um tanto acrobática – observou Peter. – Vamos desarranjar a sala. Vocês nos desculparão?

Procurei entre meus discos e

encontrei a música. Peter ma dera, fazia muito tempo, como oferta de paz, depois de haver sido extremamente rude por causa de uma crítica sobre Wendy, numa representação moderna, que eu escrevera.

Apaguei as lâmpadas do teto, deixando só um círculo de luz no centro da sala.

A apresentação foi admirável. Certamente, aqueles dois, quando dançavam juntos, tinham uma só alma.

– Estou exausta de prazer – suspirou Judite, quando eles acabaram. – Quem poderia prever tal festim?

– Foi uma perfeição – disse Max.

Scott parecia aniquilado; murmurava:

– Incrível! Incrível!

E Estela, que se sentava a seu lado, ria-se.

– Você estava desejando ver os esqueletos deles. Não é? – disse, a provocá-lo. – Mas eu acho que eles não têm isso.

– Oh! querida, esse era um segredo nosso – gritou Wendy, afundando-se, desanimada, no escabelo.

Estela fitou-a, agradecida. Falou:

– Vocês nos deram um prazer que lembraremos sempre.

Judite sorriu àquela graciosa frase, pronunciada tão espontaneamente, e veio para meu lado, murmurando:

– Que criança atraente é ela!

– Já tem quase dezenove anos; não pode ser tão criança – ouvi-me dizer,

bruscamente, e senti a surpresa de Judite.

Que coisa absurda e rude!

– Desculpe-me, Judite.

– Está desculpado, Roderick – sorriu ela.

Era hora de jantar. Um bar e *buffet* haviam sido organizados no vestíbulo e ali dominava Lizzie, com suprema satisfação, entre suas garrafas, frascos, bules, colheres e vasos. A Sr^a Jessup estava na cozinha e Charlie, com a face vermelha de calor e excitação, ajudava a correr entre as duas. A porta estava aberta, dando para a noite iluminada de luar; copos e pratos eram levados para o pórtico. Scott, que servia Pamela assiduamente, se tornara, afinal,

comunicativo. Ouvi-a dizer que gostaria muito de ter um em Cliff End. Que quereria ela dizer com esse um? Oh! um cão...

Ouvi o riso de Judite; Peter, sentado a seu lado, nas escadas, desfiava para ela uma de suas tristes e fantásticas teias de sonhos. Max, no pórtico, com Estela, falava sobre pintura. Ela ouvia-o, radiante, porque ele conhecia o nome de seu pai. Daí a pouco, Max veio oferecer-se para ajudar-me no bar.

– Desejava que a senhorita Meredith pudesse estudar – disse, pensativo. Parece possuir o instinto pictórico. Eu não esperaria tal integridade de espírito na filha de Meredith.

Fiz um sinal das escadas a Estela, que

veio juntar-se a mim.

– Não esqueci minha promessa – disse-lhe. – Esta é a nossa oportunidade. Quer começar vendo a cozinha?

– Não, não. Estão muito ocupados, lá. Não ficaria direito. Se ninguém se incomoda, só... só o quarto de minha mãe.

– Ninguém se incomodará – respondi. – Você gostaria de ver o “studio”, também, não é? É este.

Ela ficou silenciosa no meio do quarto.

– O Sr. Hilliard viu os quadros de meu pai – disse ela, feliz. – Eu gostaria de saber mais coisas acerca dele. Vovô nunca falou muito a seu respeito, nem a senhorita Holloway. Receio que não

gostassem dele.

A Srt^a Holloway, explicou ela, fora sua ama e governante.

– Gostava dela? – perguntei.

Estela pareceu um tanto perplexa.

– Era uma excelente pessoa e dedicada amiga de minha mãe; deveria gostar dela mas não se pode nunca ficar muito agarrado a uma governanta. Não é? O que ela quer fazer é tornar-nos diferentes do que somos; é sua obrigação...

– É mesmo? Acho suas teorias um pouco austeras.

– Teorias? – perguntou ela, confusa.

– Muitos jovens gostam de suas governantes e sentem satisfação nas escolas.

– Mas a vida, assim, seria um verdadeiro sonho!

– Onde é ela “real e séria”? Não se apoquente...

– Os antigos moradores – falei, para livrá-la do embaraço – traziam este quarto fechado.

Ela concordou, num aceno.

– Ouvi falar disso. Nossa empregada contou-me. Vovô ficou furioso com ela.

– Algumas pessoas daqui acham que os Parkinsons inventaram toda a história.

– Espero que isso seja verdade.

Fez uma pausa, curvando a cabeça. Depois, ergueu-se e olhou-me, francamente.

– Ambos nos sentimos muito felizes

por saber que vocês vivem aqui pacificamente – disse. – Estávamos verdadeiramente com medo de que vocês fossem “perturbados”. Sei que meu avô os avisou.

Nada me levaria a falar-lhe que nem tudo ia bem.

– Apreciamos-lhe a fineza – repliquei.

– Senti-me mais certa de que tudo iria bem porque a senhorita Fitzgerald não tem medo de fantasmas.

– Como você sabe?

– Foi o que ela disse, à hora da merenda, você não se lembra?

– E você acha que eles não vêm quando a gente não os teme?

Ela pensou um pouco e respondeu:

– O que penso, antes, é que eles vêm quando a gente os teme.

– Ah!...

– Quero dizer: espíritos malfazejos. Os bondosos não incomodam.

– Então, você se preocupava por nossa causa?

– Um pouquinho.

– Pois bem, não se incomode mais. Venha ver os outros quartos.

Mostrei-lhe o quarto de passar roupa, que tanto agradara a Pamela, o meu e o escritório. Estela deteve-se junto às estantes, sorrindo.

– Que lindo aposento para se trabalhar – disse ela. – Você trabalha muito? Faz muitas emendas naquilo que escreve? Se eu pensasse que aquilo que

escrevesse fosse lido por milhares de pessoas, nunca deixaria de emendar.

Tentei explicar-lhe o exercício de um sentido técnico da escrita, expondo como o julgamento, por fim, se transforma em instinto e a personalidade desenvolve seu estilo essencial. Ouvia com tão grande interesse que tive a certeza de que não esqueceria uma palavra do que eu dizia. Também, esperei lembrar-me mais tarde: era bom demais para se perder.

Perguntei-lhe se gostaria de levar um livro emprestado; escolheu os contos de Walter De La Mare.

Achei o livro por baixo de uma pilha de jornais, admirado de como podia ela saber que o possuía. Dificilmente se

poderia esperar encontrar o “Amanhã” em casa do Comandante.

– Foi esquisito o que você disse a respeito dele – murmurou ela, olhando as xilogravuras. – “Que ele nos conduz ao mundo do incógnito, não envolvendo nossos sentidos em véus de fantasia, ao contrário, levantando-os”.

Quando fora eu tão encantadoramente lisonjeado? Estela falava minhas próprias palavras, e que soaram musicalmente, pronunciadas assim, com doce satisfação.

– Como, por favor – perguntei – você identificou R. D. F.?

– Você falou no jornal a meu avô; então, adivinhei.

Eu poderia ter gozado mais aqueles

instantes, mas tinha deveres para com os outros hóspedes. Levei-a, pelo patamar, até o quarto de Pamela.

– Era este, provavelmente, o quarto de sua mãe.

Ela deteve-se, com a cabeça curvada, como se a aguardar alguma recordação fugitiva ou a ouvir o eco de alguma voz. Depois, olhou-me, com um leve suspiro. Havia uma graça gentil, que não era puerilidade, nos movimentos de sua cabeça.

– Que pena a gente esquecer! – disse ela.

– Não! – repliquei. – É esse um dos maiores favores da natureza. Devemos viver no futuro, e não no passado.

– Mas veja – explicou ela. – Todos

esses anos nesta casa, com minha mãe, foram belos. Eu o sei. “Ela criava um céu em volta de si”, disse a senhorita Holloway. Mas o futuro...

Cortou a frase. Teria receios do futuro? Não teria alguém além do velho?

– Toda a casa é mais encantadora do que em meus sonhos – continuou ela, ao descermos. Mas o quartinho em que deixamos as capas é o de que gosto mais. A senhorita Fitzgerald pensa que ele deve ter sido o quarto das crianças.

Um grupo se reunira no vestíbulo em volta de Wendy, que estava lendo sortes, com uma bola de cristal verde de Pamela nas mãos. Max a provocava, procurando distraí-la e tentando-a com todos os doces da mesa perto.

– Se você não comer, irá pelos ares como uma bolha de ar – ouvi-o dizer-lhe, admoestadoramente.

Ao que ela respondeu:

– Salomé iria.

Fitou-me e disse rindo:

– Venha soprar na bola, Roddy.

Obedeci e ela olhou a mancha do bafo que se dissolvia, com solene e tensa expressão.

– Oh! você terá um brilhante futuro! – gritou.

– Isso fez elevar-se um aplauso amigo. Ela continuou:

– Vejo elevar-se um grande edifício e papéis estão caindo como neve. Manuscritos! Você os está lançando de uma cornucópia; e vejo um cometa com

uma cauda flamejante... é uma estrela, naturalmente... uma atriz... Está “estrelando” todas as peças que você escreveu. A cauda é seu cabelo alaranjado...

Uma explosão de gargalhadas pôs fim a essa profecia e Max, nas escadas, com um copo na mão, propôs um brinde. Judite, olhando Peter, divertidamente, cochichou um aviso a Max; ele riu.

– A Wendy Flower! Que sua sombra não lhe cresça mais! Que sua “Salomé” leve os críticos a perder as cabeças!

Esse brinde foi seguido por outro a Peter Carey.

– Sucesso para todas as suas intenções, sua vida, sua esposa, e para o teatro.

Peter, chamado para perto dele, falou num timbre pensativo e musical sobre as trágicas dificuldades da vida teatral e o amargo contraste que havia entre ela e a equilibrada vida doméstica, como a de Pamela e a minha. Seu desenho, contrastante entre seus antigos tempos com Wendy e os nossos, foi extraordinariamente bem feito e engraçado ao extremo, fazendo-nos rir em demasia.

Quando desceu, como alguém acabrunhado pelo desespero, propus um brinde à nossa debutante. A resposta de Estela foi um tímido e cintilante “Obrigada”. Scott, que se havia animado vivamente, insistia em que ela discursasse. Estela meneou a cabeça,

dizendo alguma coisa em voz baixa a Judite, que concordou, e subindo à escada, para fazer um gracioso improviso, desejou boa sorte a Cliff End.

Já passava das onze e Estela devia despedir-se às doze, de modo que lhe perguntei se preferia ver os fogos de artifício ou os jogos de prendas. Sem hesitação, ela escolheu os fogos. Levei Peter à estufa, onde reuni os embrulhos e uma lanterna.

— Seriamente, Roderick — insistiu Peter, enquanto preparávamos os foguetes na beira mais afastada da clareira. — Seriamente, você deveria escrever uma peça. A companhia está faminta de repertório novo, e veja como

se saiu bem o nosso último grande achado. A Reboque! Ficou no “Duque de York” por mais de um ano. Você o bateria imensamente. Milroy engoliria qualquer coisa vinda de você e o Grande Homem vai nas águas dele.

– Avante, por Belzebu! – repliquei a tudo isso. – Quantos críticos honestos foram assim seduzidos? Quantos trilhavam o caminho ajardinado “que leva à fogueira eterna?”

A noite estava quente: os assistentes se amontoavam nos degraus do pórtico. Podia distinguir a silhueta de cada um deles, no fundo brilhante da porta aberta. “Gosto de festas como esta!” – pensei.

Nossas flores, fontes e árvores de

fogo elevaram-se na noite azul em saudação à Lua, estourando e caindo em chuva de flocos de chama no mar. A última abriu uma bandeira cintilante sobre nossas cabeças. Tremulou, como a Aurora Boreal, e desvaneceu-se. Durante um minuto o grupo à porta ficou silencioso, rompendo depois em ovações e palmas. Pamela chamou-me: Scott e Estela apressavam-se para a carruagem.

– Chegou a hora de Cinderela – disse Judite.

Estela disse adeus a todos, com um sorriso especial para Max e, para mim, um tímido “Obrigada”. Ouvi-a dizer a Pamela, ao reclinar-se no carro:

– Nunca me senti tão feliz em toda a

minha vida.

– Não se esqueça! – gritou Pamela. – Domingo, às quatro horas!

– Cinderela? Não! – refletiu Judite. – A Bela Adormecida, acabando de despertar, creio. Que irá acontecer depois disso?

Uma fogueira ardia na borda do precipício. Peter furtara minha pilha de lenha e com Wendy representava uma estranha cena acerca de salteadores de naufrágios, aparecendo sobre o penhasco, erguendo-se, agachando-se, saltando de rocha em rocha, descrevendo a aproximação do navio-vítima com tal vividez que quase o víamos; e o grito de Wendy tornou-se o grito de morte da tripulação condenada.

Seu frenesi, ao encolher-se atirando-lhes fantasmas rastejantes à cabeça e sua dança de triunfo e êxtase, levaram Judite a declarar que Wendy deveria ter sido provocadora de naufrágios em encarnação anterior.

— Sim, fui! — declarou ela, ajoelhando-se na relva, ereta e excitada. — E que vida, meu Deus! Enganando os tolos, seduzindo belos navios. Acendendo o farol e fazendo-os mudar o roteiro, vigiando-os a encaminharem-se para os rochedos... tão orgulhosos, tão perto do lar, tão satisfeitos com sua corajosa viagem! E depois o naufrágio, os gritos, e o saque!

— Cale-se, capetinha!

Peter parecia espantado; os demais

aplaudiam.

– Depois disso, quero ver sua Salomé
– disse-lhe eu.

Antes que eles partissem, havíamos feito a promessa: Pamela e eu iríamos uma noite a Brístol, para ver a peça.

Eles tinham de voltar para o ensaio, às três da tarde do dia seguinte. Despediram-se com relutância. Ofereci levá-los de carro à estalagem, mas eles queriam atravessar, passeando, a estrada da colina e a aldeia adormecida. Max acompanhou-os. Pamela, Judite e eu voltamos à casa silenciosa.

Lizzie desaparecera de cena. O caos era demasiado completo para ser-lhe introduzida ordem durante a noite. Judite subiu, enquanto Pamela e eu comíamos

sanduíches de banana assada e tragávamos uma limonada. Retiramos os cinzeiros de frente da porta, fechamo-la e aferrolhamos as janelas do rés do chão, deixando aberto o quarto das crianças, para que Max entrasse por ali, ao chegar.

– Por que você não dorme aqui, Roddy? perguntou-me Pamela, enquanto apagávamos as luzes do quarto de crianças. – A caminha não é má.

Respondi-lhe que odiava dormir no chão e que o sofá me serviria muito bem.

– Perfeitamente – disse ela, distraída, permanecendo no quarto.

E acrescentou:

– Que coisa curiosa!

– Curiosa? Que é?

– Notei que ela estava usando isso, mas era fraco, e agora está muito forte. Não?

– De que é que você está falando?

– Você não está sentindo? O perfume de mimosa de Estela...

– Não...

– Mas, Roddy, você deve estar sentindo...

– Bem, agora, naturalmente, você me fez imaginar que o sinto.

– Pois bem – citou ela, olhando incrédula para mim. – Só Deus conhece a falta de nariz dos homens!

Ao subirmos, Judite saiu de seu quarto.

– Meus caros – disse ela. – Vocês têm

uma casa lindíssima: dão festas admiráveis e possuem amigos encantadores! Eu gostaria de dizer-lhes: Muito agradecida!

Deu a Pamela um beijo rápido e caloroso, sorriu para mim e voltou ao quarto.

O sofá era confortável; porém gostaria mais de deitar-me no escritório, entre meus livros. O mar fazia um rumor embalante. Eu tinha sono. Havia um leve calor na noite, uma suavidade de flores; era um quarto pequeno, recolhido... Ouvei Max entrar e depois adormeci.

Pensei que fora um som o que me despertara. Pamela não chamara: só havia uma porta a separar-nos. Prestei ouvidos: nenhum ruído no quarto dela.

Estaria Judite perturbada outra vez?

Cheguei ao patamar em um instante, escutei à porta de Judite, mas nenhum rumor vinha daquele. quarto. Nenhum som provinha igualmente do “studio” ou de qualquer outra parte: um manto pesado de silêncio amortalhava a casa inteira.

Não apaguei a luz; esperei, inclinado por sobre o balaústre, olhando para baixo. Nem mesmo o luar penetrava pela claraboia; nem som, nem luz, havia lá em baixo. Ou, pelo menos, assim pensei durante um momento porque logo depois cientifiquei-me de que brilhava, muito fracamente, pela porta entreaberta do quarto das crianças, um clarão lívido e vacilante. Não era o luar: movia-se.

Um sentimento de profunda inquietação me enrijeceu. Eu me sentia perturbado, por estar escutando como um espião. Era uma intrusão, aquilo. Aquela casa era antiga e muito antes de havermos nascido tivera ela habitantes, que ali viveram e morreram. Éramos estranhos, intrometidos em seu lar hereditário. Agora eu sabia que eles possuíam de novo a casa, fechando-se a sua interminabilidade sobre a nossa intrusão, como a água sobre uma pedra. Lá em baixo, no quarto das crianças, tudo era como sempre fora. Alguém se movia e suspirava ali; alguém gemia.

Eu estivera à escuta, meio em transe. Ergui-me de súbito, e veio-me um choque de espanto. Eu vira uma luz e

ouvira uma voz, uma voz moça, a gemer. Agora, a luz e o som haviam desaparecido. Aquilo não fora natural; minha própria pulsação acelerada mo dizia. Alguém do mundo dos mortos se movia pela casa.

Minha mão tateou, trêmula, o comutador. Virei-o e corri a pés nus pela escada. Tudo estava como eu o deixara; uma toalha branca, lançada sobre a mesa redonda, fazia-a parecer um ataúde; o quarto das crianças estava vazio, com as cortinas fechadas; manchas de pó-de-arroz viam-se na penteadeira; o perfume de mimosa enchia o espaço, forte ainda.

Encostei-me à parede, esperando que meu coração recuperasse seu bater

normal, mas um tremor gélido me dominou e ansiei por meu quarto. Apaguei as luzes e tentei subir.

Não podia fazê-lo. Meus joelhos tremiam e chocavam-se convulsivamente, sofrendo com o frio que parecia arrancar-me a carne dos ossos e enrugar-me a pele. Meu peito se encarquilhava e meu coração ofegava. Se eu não me tivesse agarrado ao balaústre, teria ficado alucinado; teria gritado por Max ou saltado pela porta aberta à frente e fugido da casa. Pensei que alguma coisa vinha descendo as escadas.

Nada vi; nada veio; meus olhos perderam o poder de focalizar os objetos e tudo parecia um borrão.

Afinal, degrau a degrau, mudando de mãos no balaústre, arrastei-me escada acima. Ao chegar ao patamar, sentia a fraqueza mortal que sobrevém a quem perdeu muito sangue. Alcancei meu quarto e precipitei-me sob os lençóis, úmido de suor. Não tive tempo de pensar: mal cessou a precipitação de meu pulso e me voltou o calor, adormeci.

Posso forçar-me agora a recordar essa experiência; mas, na manhã seguinte, ao despertar, mal podia acreditar nela. Fiquei à janela, a contemplar a manhã radiante, contando a mim mesmo o que sucedera e incapaz de acreditar na história. O hoje ligava-se ao ontem, e a noite entre ambos não era

mais do que uma noite de sonhos. Meus pensamentos estavam repletos dos amigos e das alegrias que deveríamos experimentar ali e do trabalho que tinha de realizar. Começáramos bem em Cliff End. A festa fora boa. Que pena Estela não ter podido ficar até o fim! Ter-se-ia divertido imensamente com a representação de Wendy, em quem havia muito de feitiçaria. Eu estava no banho quando me veio uma ideia que me extasiou, enquanto a água quente esfriava. Havia uma peça naquela provocadora de naufrágios reencarnada de Wendy, uma peça que eu poderia escrever. Não uma história de reencarnações. Deus me livre! Mas uma tendência, uma disposição hereditária,

um anseio incansável e desenfreado de ver os navios encaminharem-se de encontro às rochas, uma paixão masculina numa mulher frágil e nervosa, e não uma questão de sereia, ou de Lorelei. De início, o sexo não seria o motivo, nem o engodo. Caça pelo amor da caça. Uma peça de crime psicológico, um melodrama baseado em caracteres; uma sensação, realmente viva... Brístol esperava por isso; Londres esperava por isso; Peter, ao menos uma vez, falara sensatamente. Era isso o que Max queria dizer ao falar-me que eu fazia alguma coisa de “criativo”. Toda a minha ávida leitura de peças, minhas críticas dramáticas, meu devotamento, desde a infância, ao teatro,

apontavam para isso. O livro poderia esperar.

Fui à cozinha e pedi um vasto e imediato almoço; Lizzie estava de bom humor e fritou-me logo batatas, presunto e salsichas.

– Isso é que se chama uma festa – disse ela, com satisfação. – O Sr. já viu o desarranjo em que está a sala de visitas? Tenho andado desde as sete horas arrumando a cozinha. Coma aqui, que está limpo, enquanto vou cuidar de lá. Antes que eles desçam, ficará tudo pronto. O Sr. poderia – acrescentou ela, persuasivamente – levar o almoço da senhorita Pamela, logo que tiver acabado o seu?

– Talvez possa, mas ela descera: há

visitas.

Ela teria de descer, pensei, a fim de esconder de Lizzie as mudanças que havíamos feito no andar de cima.

– Talvez desça – insistiu Lizzie. – Mas ela precisa descansar.

– Muito bem, minha senhora; irei levá-lo. Vá dar um jeito na sala de visitas.

Obedientemente, quando terminei, aqueci um ovo durante quatro minutos, fiz chá e torradas e levei para cima uma bandeja, acompanhado por “Whisky”, que exprimia eloquentemente, com a cauda, sua contrariedade. Tinha ele o hábito de ser chamado todas as manhãs para lambar a casca do ovo que Pamela comia, mas pensava que a pessoa

conveniente para levá-lo era Lizzie e não aprovava a ida para meu quarto.

Pamela estava chapinhando no banheiro. Deixei a bandeja na mesa perto da cama e fui colocar meu sofá em ordem. Quando ela saiu, exclamou em tom de desânimo:

– Lizzie esteve aqui em cima.

– Tudo vai bem: fui eu sozinho quem fez isso – informei-a, pela porta.

– Venha falar-me.

Estava sentada na cama, com “Whisky” rosnando perto dela e a bandeja em seus joelhos.

– Quer fumar? O ovo está perfeito; Deus o abençoe, filho. Dormi maravilhosamente. E você?

– Parte da noite.

Sentei-me no vão da janela, acendi o cachimbo e tirei umas tumaradas, meditativo. Não, eu não tinha o direito de guardar aquilo para mim só. Disse-lhe:

– Acho meu dever informá-la de que “experimentei perturbações”.

– Roddy!

– Sim. Ouvi gemidos e vi uma luz.

Pamela tornou-se um pouco pálida. A curiosidade, porém, iluminou-lhe os olhos.

– Uma luz? Onde?

– No quarto das crianças.

– Você se lembra – falou ela, devagar – do que Estela nos falou acerca do seu sonho?

– Sim; desci lá. Não havia nada.

- Como se sentiu?
- Um pouco... superexcitado.
- Você – disse ela, olhando-me com severidade. – Você está escondendo alguma coisa.
- Havia uma sensação enregelante lá – confessei.
- Enregelante? Foi só?
- Absolutamente só.
- Sinto-me imensamente aliviada por você ter ouvido.
- Não entendo por quê.
- É terrível pensar...
- Não pense! Acostumar-nos-emos a isso; é fácil. Lembra-se da casa da Sr^a Camerfords? A manhã está estupenda; esqueça isso. A maré baixa antes do meio-dia e Max e Judite não se irão

embora antes das duas. Que me diz de uma merenda mais cedo na praia?

Fitando um festim de restos – saladas, sequilhos, bolos e sanduíches espalhados na areia, perto de nós – Max suspirou e desejou, em voz alta, ter só nove anos. Estivera dando um passeio e trazia-nos boas novas: queria voltar no outono e pintar.

– Magnífico! – disse Pamela. – Espero – acrescentou – que então arranjemos para vocês um quarto pacífico.

Max, porém, queria instalar-se na “Corça Dourada”. “Não sou bom hóspede quando estou trabalhando” – declarou.

– Não ficarei satisfeita – disse Judite

– enquanto não tiver dormido de novo no *studio*.

Houve uma pausa. Estávamos ao abrigo, ali, no calor da angra, entre as rochas escarpadas e a areia. O mar cintilava; o ar tremia de mormaço. Max, vestido de flanela branca; Judite, envolta em vivo verde; Pamela, no seu traje de banho azul celeste, e os pratos e vidros espalhados sobre a toalha colorida, formavam um quadro entontecedor. Desejava dizer alguma coisa acerca do que acontecera nas horas da madrugada, mas tudo parecia incrível. Por simples casualidade falei-lhes do que ouvira e vira; nada, porém, do que sentira. Judite e Max pareciam tão preocupados e contrariados que

lastimei ter dito qualquer coisa. Houve um silêncio chocante, perturbado, e Max, depois, falou, perplexo:

– Que é que se poderá fazer?

– Fechar o *studio*... E afastar tudo isso do espírito – repliquei.

Pamela sacudiu a cabeça:

– Não o consigo.

– Você já se está acostumando; você já aprendeu a dormir com tudo isso – lembrei.

– Mas isso pode vir de novo, qualquer noite, Roddy, e é um gemido tão lancinante.

– Bem – perguntei – que é que você quer fazer?

– Gostaria de compreender qual é a causa disso. Quem está a lastimar-se, a

chorar. E por quê? Que conserva o espírito aqui?

Meu temperamento não se coadunava com aquilo; a mente estava a remoer em segredo minha peça e parte de mim se encolerizava porque Estela não se achava ali conosco. Repliquei, impensadamente:

– A vingança é o motivo clássico.

Max, parecendo duvidoso, disse:

– A atmosfera do *studio* não sugere vingança.

Pamela contraíra as sobrancelhas e, limpando a areia das espirais de uma concha rosada, murmurou:

– Se eu ao menos pudesse descobrir o que lhe dará repouso...

– Você tem alguma ideia quanto ao

que poderia ser? – perguntou Max.

Os olhos de Pamela encontraram os meus, mas não falamos. Provavelmente, tivemos todos o mesmo pensamento e sentimos a mesma relutância em proferir o nome.

Judite ficara silenciosa; depois, falou pensativamente.

– Será preciso supor, afinal, que há algum espírito sem repouso. Penso que tudo isso pertence ao passado. Não há uma teoria de que uma violenta emoção pode impregnar a matéria, saturar assoalhos e paredes e depois reproduzir-se numa pessoa sensitiva, de temperamento receptivo? Não poderia qualquer coisa dessa espécie explicar minha experiência e a de Roderick?

– Poderia – concordamos.

– Mas, como lutar com essas misérias vindas do passado? – perguntei.

Judite sorriu:

– Simplesmente vivendo na casa, como vocês o estão fazendo.

– Bem! – disse eu. E Max, ao mesmo tempo, falou:

– Concordo.

Pamela, porém, parecendo em dúvida, suspirou:

– Receio que não seja isso.

Depois, riu e apresentou uma de suas citações erradas:

“E disse a foca: O tempo já chegou de muita coisa para se falar; sapatos, praias, modas de maillot,

viagens de trem, a despedida, e ainda porque o fim de semana sempre finda e se Max tem asas para voar”.²

Ríamos todos, ao embrulhar os talheres da merenda e subir a estrada na rocha, onde fresca brisa nos surpreendeu, varrendo-nos as preocupações.

Judite, pensei, tinha razão. Vivia-se intensa, bela e livremente em Cliff End. Seria deveras estranho se o vigor e a alegria da vida não pudessem banir as tristezas penadas dos mortos.

2. The time has come, the walrus said,

To talk of many things,

Of shoes and sand and bathing-wraps,

And trains and leave-takings,

And why week-ends should ever end,

And whether Max has wings.

O PADRE ANSON

Minha peça ia a galope. Em três dias estavam planejados os três atos. As negras paixões de minha Bárbara perpassavam em toda a ação e eu, também, sentia-me empolgado. Nem mesmo a negra convicção de que a casa era assombrada, de que eu não poderia suportar isso muito tempo, conseguia distrair-me do trabalho.

Ouvi novamente o gemido. Fiquei à escuta e assegurei-me de que vinha do passado e não me falava de imediatas e presentes tristezas mais do que o faria um disco fonográfico. Não achava que

acreditasse no argumento, mas servia. Caí de novo em sono e, numa espécie de meio sonho, imergi minha peça nesse trágico ambiente. Para alívio meu, Pamela contou-me que nada ouvira nas noites de terça ou quarta-feira.

Na quinta-feira, forneci-lhe uma bela distração. Às sete da noite, cientifiquei-me de que o enredo ia bem, urdi o fim e decidi levar avante a peça. Desci e encontrei Pamela à mesa de jantar. Falei-lhe do que estava fazendo. Conte-lhe a história, depois de proibir que expandisse nela sua imaginação, pois, em dois minutos, furtaria uma história, desenvolvê-la-ia e a transformaria em sua.

Ficou satisfeita além de toda a

perspectiva.

– Eu estava mesmo pensando que você andava fazendo alguma coisa de diferente! – exclamou... – Você parecia tão animado. Aquele livro tornava-se um peso morto para você. Esta ideia é magnífica! E pense no sucesso que traz uma peça!...

Indaguei-lhe que acharia de passar uma noite em Brístol. Eu havia fixado o caráter central e as linhas principais da intriga, mas os outros caracteres estavam ainda mais ou menos fluidos. Visto como eu tinha Wendy em mente, para representar Bárbara, achei que seria bom ver a companhia trabalhando, antes de planejar o resto. Não há dúvida sobre isso: a personalidade de um ator

pode dar a um dramaturgo auxílio infundável para criar um caráter. Eles estavam apresentando “Death takes a holyday” naquela semana; peça que nós dois desejávamos ver.

– Gostaria imenso. Vamos amanhã – disse ela.

– Tenho de escrever dois artigos amanhã. Que diz do sábado?

– Tênis com o Dr. Scott. É a terceira vez que me convida, mas livrar-me-ei.

– Não é segunda-feira que Estela vem para o chá?

– Sim.

– Se partirmos bem cedo eu poderei ver o espetáculo duas vezes no sábado. Muito bem, é o que faremos. Mas, e Lizzie, afinal de contas? Importar-se-á

de dormir aqui sozinha?

Lizzie pareceu um pouco hesitante, quando lhe fizemos a pergunta. Enfileirou as xícaras de café na mesa, com precisão incomum, mordendo os lábios.

– Você vai cear na fazenda domingo. Não é? – perguntou-lhe Pamela. – Talvez você possa ir dormir lá na noite de sábado.

– E deixá-los ficar pensando que me amedrontaram com seus fantasmas?

Era visível a luta que se travava no cérebro de Lizzie. Seria uma sensação falar, à mesa dos Jessups, que dormira sozinha na casa e seria interessante ter alguma coisa para contar. Contudo, estava nervosa.

– Bem – concluiu. – Se houvesse fantasmas aqui, eles já teriam aparecido antes. Muito bem, ficarei! Vão e divirtam-se, embora estejam há pouco tempo numa casa nova, para começar e abandoná-la.

– Negócios, Lizzie. Negócios sérios, somente – protestei.

– Eu não duvidaria – respondeu ela secamente. – O seu negócio é uma maravilha.

Suspirei.

– Os trabalhadores, no mundo, nunca reconhecerão o trabalho dos escritores – queixei-me, quando Lizzie saiu. – Seremos postos um dia na picareta.

Pamela parecia incomodada.

– Estamos a enganá-la, Roddy. Penso

que realmente dormiria melhor na fazenda.

– Eu deixaria isto por conta dela; aposto em que ficará muito bem – repliquei com firmeza, tão completo era o olvido que apagava, em minha mente desperta e atarefada, o sentimento do que eu próprio experimentara naquela noite, nas escadas.

A longa viagem a Brístol foi um prazer; seguimos por Exmoor, rodeando para voltar pela estrada à beira-mar; certamente, estávamos em meio de magnífica região. Havia uma excitação agradável em achar-nos de novo numa grande e agitada cidade. Brístol aprazia-nos, com as ruas acidentadas, amplas vistas para o vale que se abria

subitamente, guindastes a erguerem-se por trás de velhas casas e barcos a vapor insinuando-se entre carros de carvão. Pamela tinha uma infinidade de compras a fazer para casa e eu necessitava de livros. Abri uma conta na loja George. Numa casa de flores, que tinha o nome agourento de Withers³, encomendamos rosas carmesins para serem enviadas a Wendy na primeira noite de “Salomé”⁴; depois merendamos às pressas e seguimos para o teatro, onde reservara lugares, recebendo ali um recado de Milroy, que insistia conosco para encontrá-lo depois do espetáculo.

Era uma experiência curiosa espiar os atores nessa peça singular, estranha, e

tentar moldá-los na imaginação, para minha peça forte. Afortunadamente, gostamos muito do trabalho de Wendy e os cenários de Peter nos agradaram imensamente, de modo que fomos capazes de dizer belas coisas a todos os que encontramos.

A acolhida que uma crítica amiga obtém nos bastidores de um teatro nunca deixa de me espantar. Não se deveria dar um desconto a grande parte disso? Esse exuberante prazer seria simplesmente por política? Creio que não; a gente do teatro conserva, muito mais que qualquer de nós, uma candura juvenil. Eu era menos comunicativo; não disse a qualquer pessoa uma palavra acerca de meu trabalho, embora Milroy

secundasse Peter, insistindo vivamente por uma peça. Ao tomarmos chá, num café, levei Wendy e Peter a falarem, ampla e conscienciosamente, sobre os diversos membros da companhia, suas partes melhores e seus pontos mais fracos.

Foi uma tarde proveitosa; ambos apreciamos a representação da noite, que tinha mais equilíbrio e homogeneidade que a da vespéral, e quando voltamos para casa, no domingo, levava uma boa quantidade de anotações úteis.

Não podíamos resistir à provocação da Porlock Hill. O carro subiu por ela, como um pássaro. O suspiro de prazer de Pamela, ao contemplar as charneças,

que se desenrolavam abaixo de nós, fiz-me virar a cabeça levemente e atirar o auto sobre uma rampa, sem haver danos contudo. Que região!

A imensa extensão esverdeada estava caiada de chuvas distantes, salpicada pelas sombras moventes e plúmbeas das nuvens; um outeiro baixo erguia-se como uma onda. Encheu-me uma sensação irracional, exultante, de posse: escolhera o Devon e fizera-o meu. A consciência dominante de novas riquezas ainda me empolgava quando, já tarde, chegamos à casa.

Ao andarmos para a porta, vimos a Sr^a Jessup e Charlie indo para casa, pelo atalho. Pamela falou:

– Lizzie não ficou muito sozinha.

Girou a chave na fechadura e foi diretamente à cozinha; um momento depois ouvia-a chamar-me e entrei. As duas estavam sentadas à mesa, ambas extremamente pálidas.

– Roddy – disse Pamela – Lizzie viu um fantasma.

Sentei-me. Isso já não era mexerique. Lizzie, alterada, sentava-se pesadamente, com os braços sobre a mesa, deprimida, com a face espantada e carregada de aflição e surpresa. Olhava para mim com profunda amargura.

– Oh! Sr. Roddy! E isso depois de comprar o Sr. esta casa e fazê-la tão confortável! Mas o Sr. e a Sr^a Pamela não podem ficar morando aqui, não podem, de fato!

– Lizzie, meu bem – insistiu Pamela. – Conte-nos, diga-nos, com toda a clareza, o que você viu.

– Eu devia ser capaz de dizer-lhe, senhorita Pamela, pois isso ficará gravado e embutido no meu coração, até o dia de minha morte. Eu estava no vestíbulo, fechando a porta. Aquele ferrolho de cima é um pouco alto para mim e tive de apanhar uma cadeira. Só a luz do vestíbulo estava acesa; lá em cima, tudo escuro. Observei primeiro “Whisky”; ouvira um grunhido feroz dele e, Deus nos proteja, lá estava ele agachado, todo encostado no chão, de terror, com os olhos brilhando como lâmpadas e os dentes arreganhados. Era uma mulher, Senhorita Pamela. Gritei

como louca, porque me deu tal medo ver alguém, quando pensava que estava sozinha na casa. Pois no princípio só pensei que ela fosse tão real como a senhorita. Ela estava ali, de pé, encostada no balaústre, mesmo como a senhorita faz, olhando para baixo, para o vestíbulo. Estava toda de branco, com um longo cabelo louro. Mas, ó meus bons santos, que olhar era o dela!

– Que espécie de olhar era? – perguntou Pamela.

Lizzie começou a chorar.

– Não me pergunte, senhorita. Gostaria de poder esquecê-lo. Seus olhos eram azuis e terríveis, como se estivessem olhando para dentro do inferno. Atravessaram-me como uma

lâmina de gelo. E depois, num piscar de olhos, ela se foi. Quase cal, quase desmaiei. Meu coração estava batendo tanto, que era capaz de arrebentar o corpo. Mal pude chegar ao quarto.

– Pobre Lizzie – balbuciei, mecanicamente. – Que choque, para você!

– Não pude dormir nem um pouquinho, pode crer, Sr. Roddy. Pensei que de manhã conseguisse, mas foi impossível descansar. Saí e fui ouvir missa cedo e depois tive uma boa conversa com o vigário. É um homem excelente, um sábio, o padre Anson; diz que não devo ficar aqui sozinha de novo.

– Não lhe pediremos mais que o faça, Lizzie – assegurou-lhe Pamela.

Então, ela havia contado ao vigário...

– E que disse a Sr^a Jessup? – inquiri.

– Ela disse que, de outra vez, dormirei na fazenda e que, sem dúvida, os Parkinsons viram a mesma coisa. Diz ela que, pelos olhos azuis, é a mulher que morreu no penhasco.

Deixamos a pobre Lizzie acalmar os nervos com o trabalho e passeamos em volta do outeiro. O calor era intenso e a luz do mar e do céu, cintilante. O desânimo com que ouvira a história de Lizzie passara.

– Não estou inclinado a acreditar nisso – afirmei a Pamela. – A aparição é convencional demais: a mulher branca, de cabelos louros, compridos. E Lizzie precisava de ver um fantasma: era-lhe

indispensável, morando aqui; perderia prestígio se deixasse de ver alguma coisa, ao dormir aqui sozinha.

Pamela sacudiu a cabeça.

– Mas o estado em que ela estava, Roddy! A imaginação não faria isso.

– A autossugestão faz qualquer coisa.

– Sua descrição se assemelha muito ao retrato.

– Exatamente! Ela ouviu uma descrição de Mary Meredith.

– Admira-me que você seja céptico, Roddy. Isso não ajuda em nada.

– Deixar a histeria à solta é que ajuda? Não sou inteiramente céptico. Acho que alguma coisa há, que não vai bem: alguma coisa psíquica na casa. Mas você não vê que, se assim é, isso

necessita de alguma mente receptiva para manifestar-se? Quanto mais esperarmos por essa coisa, tanto mais nos harmonizaremos com ela, que se tornará uma obsessão. Temos de afastá-la.

– Roddy, Roddy, isso não se pode fazer!

– Que outra coisa mais se pode?

Pamela passeou em silêncio, por uns instantes, e depois acendeu um cigarro, deixando o fósforo cair, abstraída. A relva estava tão seca como uma isca: tive de apagar um foguezinho incipiente. Apontei-lhe a lição do fato.

– Veja o que lhe sucede quando você fica a remoer essas coisas.

Depois disso voltamos, esperando

que Lizzie tivesse feito chá para nós.

– Escute, Roddy – disse Pamela gravemente. – Acredito que Lizzie viu Mary, e sinto-me satisfeita; porque agora conhecemos uma coisa, que é essencial: sabemos quem anda assombrando a casa. Agora, resta-nos descobrir o “porquê”. Tenho a mais firme crença de que, se o descobirmos, seremos capazes de arranjar tudo.

Eu estava impressionado.

– Suponho que é essa uma possibilidade.

– Apeguemo-nos a essa finalidade, Roddy. Você tem o cérebro justamente adequado para investigar um problema como este, porque tanto pode imaginar como analisar. Eu invento demais.

Façamos inquéritos, tratemos de descobrir tudo quanto pudermos sobre o modo de vida dos Merediths, para extrair daí alguma coisa.

– Mas por onde iremos começar?

– Eu sei: essa é a dificuldade. O Comandante é a pessoa indicada, naturalmente.

– Você acha que ele contaria alguma coisa?

– Não; ele se fecharia como uma ostra.

– A Sr^a Jessup contou-nos tudo quanto sabia e mais alguma coisa; estou inteiramente certo disso. Afinal de contas, não posso ficar a escavar mexeriquices.

– Bem sei, Roddy; não é fácil, mas

prometa tentar.

– Vou pensar nisso – foi tudo quanto respondi.

Durante todo o dia, porém, mal dediquei a isso outro pensamento. Bela manchete de caracteres vivos me ocupava o espírito. Tinha um trabalho fascinante à mão, o tempo era magnífico e amanhã Estela viria para o chá.

O prazer que tal ideia me causava era perturbador e eu queria ser perturbado. Deixara Londres e viera para aquela distante aldeia, à procura de paz. Encontrara meu trabalho e desejava prosseguir nele. “Aquela atraente criança”, como Judite a chamara, era uma amiga encantadora para Pamela... Encantadora, sim... mas eu devia manter

meu equilíbrio.

Assim eu me dizia, mas assim não procedi, quando na segunda-feira, à hora da merenda, chegou um telegrama: “Desolada não poder ir”.

– Por que um telegrama? – perguntei.
– Por que não um telefonema?

– Há alguma coisa – disse Pamela, devagar – que Estela não quer discutir.

Sentou-se à mesa, amarrotando na mão o telegrama. Sua voz estava angustiada.

– Você pensa que o Comandante vai impedi-la de encontrar-se conosco? Que nunca lhe permitirá voltar aqui?

Eu o via, num relâmpago.

– Acho que sim. O Comandante ouviu falar que o espírito de sua filha está

assombrando esta casa.

– Oh, Roddy!

Os olhos de Pamela estavam cheios de lágrimas.

Fui para a estufa e comecei a pregar, serrar e martelar, consertando as estantes. Necessitava de barulho, de ação, de qualquer coisa que pudesse manejar e dominar; não queria ser confundido pelos mortos.

Tivemos uma visita, porém, naquela tarde.

Por volta das três horas, Lizzie anunciou o Padre Anson. Tinha ela um ar misto de orgulho e inquietação, como se aquilo fosse obra sua. Não sabia, também, de que modo seria recebido o sacerdote.

O velho entrou, um pouco desconfiado, mas em breve ficou à vontade. Sentou-se, a olhar pelo aposento, e discorreu, com vivacidade de julgamento, sobre o prazer de estabelecer-se a gente numa casa assim. Também ele se havia mudado, fazia pouco, para uma casa nova, inteiramente nova.

— Ela me convém, mas prefiro o encanto das velhas casas, já habitadas — confessou.

Estava a medir-nos, a sondar o ambiente, aprovando o que encontrava. Dentro em pouco, nós dois gostamos dele. Era meio irlandês, como nós.

— Os Srs. são mais felizes — disse ele.
— Têm a vantagem do nome, um nome

muito nobre, em todos os sentidos.

– Sim. Não desejo mudá-lo – falou Pamela.

– E há de mudá-lo, certamente, minha filha – sorriu ele com bondade.

Não parecia estar longe dos setenta anos, embora fosse um homem conservado. Não era alto e seu ar de autoridade provinha dos gestos e da voz, forte e pensativa. Sua face, batida dos anos, estava assinalada pelas linhas da experiência e do humor. Tinha um sorriso lento e compreensivo e, dos olhos cavados, seu olhar vinha direto, franco, azul.

Declarou-nos que se sentia feliz quando pessoas jovens e ambiciosas tinham a coragem de deixar Londres,

pois coragem era preciso para isso, acreditava.

– Na cidade, vivemos tanto de nossa vida para os outros; temos de preencher, por nós, um espaço tão pequeno... Mas aqui, de fato, o espírito age num corpo, mais espaçoso e, o que é melhor, o espírito é rico e forte, – sorriu-me. – Sua crítica me interessa: o Sr. é exigente, embora liberal, e conhecedor das mais sutis correntes de nossa época. Mas ousou dizer que o Sr. achará que a crítica não basta para satisfazê-lo, entre estes horizontes.

Justamente o que Max dissera! Isso era curioso. Tentou-me falar-lhe acerca de minha peça, mas contive-me: o cozido sai melhor com a panela

tampada.

Quando Lizzie trouxe o chá, ele sorriu-lhe e perguntou-lhe se queria ir ensinar sua governante a fazer bolo de soda. E acrescentou:

– Mas, para que cresça, é preciso o ar da Irlanda; deste lado da costa, nunca esse bolo tem o mesmo sabor.

– Vejamos, então, o que o Sr. pensa disso, padre – replicou ela. – Se gostar, eu irei.

Louvou o bolo de soda e tomou bastante chá. Fiquei a pensar se iria despedir-se logo em seguida, pois era, provavelmente, homem muito atarefado.

– Vivo em Biddlecombe há vinte e cinco anos – disse-nos, nada mais acrescentando.

Não queria tratar inicialmente do assunto da experiência de Lizzie, contudo esperava que nós o fizéssemos.

– Lizzie falou-lhe acerca do fantasma, Padre Anson? – perguntou Pamela.

Ele inclinou a cabeça.

– Sinto muito, senhorita Fitzgerald. É desastroso para todos.

Perguntei-lhe se podia conceder-nos um pouco de seu tempo, pois gostaríamos de consultá-lo a esse respeito. Olhou para o alto, com um sorriso, e ajuntou:

– Agradeço-lhe muito a confiança.

Contamos-lhe tudo, mais do que teríamos dito a qualquer outro. Pamela ficou sabendo, pela primeira vez, da sensação mórbida de frio e medo que me

sobreviera nas escadas e eu, pela primeira vez, cientifiquei-me de que, quando ela e Lizzie haviam ficado ali sozinhas, o som do soluço a despertara várias vezes, à noite, e a fizera ficar vagueando pela casa. Narramos-lhe a advertência do Comandante e a estreita semelhança do retrato de Mary Meredith com a aparição descrita por Lizzie.

O ceticismo do padre, verifiquei com satisfação, era da mesma espécie do meu; tornou a interrogar-nos acuradamente acerca dos pormenores e pôs de parte muita coisa. Finalmente, porém, sacudiu a cabeça com gravidade, notando-se-lhe compaixão no timbre de voz.

— Permanece um resíduo;

indubitavelmente, permanece um resíduo do inexplicável. Receio que os Srs. venham a achar que não podem continuar morando aqui.

Senti-me muito atribulado para falar e a voz de Pamela tremeu, ao perguntar-lhe:

– Padre, nada se poderá fazer?

– Todos podemos orar, minha filha.

– Mas, não devemos – persistiu ela – tentar compreender, fazer alguma coisa?

– Conserve seu espírito calmo – fez uma pausa. – Como último recurso, há o exorcismo – acrescentou, em seguida.

Senti uma forte repulsa. A ideia me aborrecia, cheirando a superstição, demônio e fumaças sulfúricas.

– O Sr. não pensa, padre Anson –

insistiu Pamela – que seria possível fazer alguma coisa que desse repouso ao espírito perturbado?

– Se houver, de fato, um espírito perturbado – sorriu ele – e se a senhorita tiver coragem e fé...

– E conhecimento – interferi. – Muito pouco sabemos acerca dos Merediths. O Comandante parece desejar não ter relações conosco e nem mesmo permite que a neta nos visite, e as conversinhas da aldeia não servem de guia sério.

– Perguntem-me o que quiserem – respondeu o padre. – Talvez tenha de ser um tanto discreto nas respostas, mas os Srs. o compreenderão.

– Mary Meredith morreu num acidente? – foi a direta e primeira

pergunta de Pamela.

– Tanto quanto sei, sua morte foi acidental – replicou o padre Anson. – Tanto quanto sei.

– Houve alguma dúvida? – prosseguiu Pamela.

– Parece-me que no espírito da Sr^{te} Holloway ficou alguma dúvida.

– O Sr. acha possível que aquela moça, Carmel, a tenha matado?

– Não penso assim, mas, em tais momentos de terror, talvez não fosse impossível.

Perguntei-lhe se conheceria Carmel. Acenou afirmativamente com a cabeça.

– Ela era uma de minhas paroquianas: Católica, então! Aquilo me surpreendeu: eu pensava na moça como

uma cigana, uma pagã.

Quando lhe perguntei se Carmel fora muito atraente, o padre Anson hesitou e por fim disse:

– Acredito que muitos admiram esse tipo; tinha olhos brilhantes, cores saudáveis e um belo sorriso.

– É verdade que era modelo de Meredith?

– Sim. Era uma dançarina, creio eu, mas posou para ele muitas vezes na Espanha.

– Isso, naturalmente, foi antes de seu casamento? O Sr. nada sabe sobre outras... outras relações? – perguntei.

Respondeu à primeira parte de minha pergunta:

– Logo antes do casamento. Foi por

essa ocasião que ele e Mary Meredith se encontraram. Ela estava fazendo estação de inverno em Sevilha, por motivo de saúde, e estudava arte. Depois do casamento, ela insistiu para que voltassem à Inglaterra. Mary era muitíssimo apegada ao pai e não queria deixá-lo só. O Comandante deu-lhes esta casa.

– E trouxeram a moça consigo? Isso parece extraordinário! – exclamei.

– Sim, mas parece que Meredith insistiu em que não podia perder seu modelo e Mary... – continuou o padre, sacudindo a cabeça. – Bem, a grande magnanimidade raras vezes está acompanhada pelo conhecimento do mundo, e Mary gostava de fazer coisas

generosas.

– Fico a pensar se ela seria infeliz – disse Pamela.

– Meredith não era homem para fazer feliz sua esposa – replicou o padre.

– Veja isso.

Pamela sentou-se, pensativa. Sentia-me deprimido. Estaria a casa impregnada pela angústia de uma mulher que se sabia traída? Se fosse assim, que poderíamos fazer?

Pamela perguntou:

– Carmel ficou aqui muito tempo?

– Veio duas vezes. Sua primeira estada durou, talvez, seis meses; depois, no inverno, foram todos para o exterior. Mary tinha uma saúde delicada e nossos invernos são rudes. Na primavera,

voltaram, isto é, Meredith, Mary e a filhinha deles, que havia nascido na França.

– Estela?

– A pequenina Estela. Disseram-me que Meredith era dedicadíssimo a ela, sua tábua de salvação. Não tiveram outros filhos.

– E que foi feito de Carmel? – perguntei.

– Mary obteve-lhe um emprego em Paris, como manequim, acho eu. Creio que o ordenado era excelente e a firma respeitável. Mary seria escrupulosa sobre esse ponto. Os patrões protestantes – acrescentou, generosamente – têm muitas vezes um senso de responsabilidade que muitos de

nossa religião deveriam imitar. Carmel ficou lá dois anos, ou pouco menos; depois, abandonou o emprego.

– Acho que se sentia entediada – justificou Pamela.

– É provável – replicou o padre Anson. – Mas seguiram-se duros tempos; ela era pobre, creio mesmo que nada possuía de seu. A pobre criança, graças a Deus, ofereceu louvável resistência a severas tentações. Adoeceu. Quando voltou, fiquei penalizado: sofrera uma mudança lastimável.

– Voltou, então? – perguntei.

– Sim. Voltou para esta casa, quase, pode-se dizer, como mendiga. Mary recebeu-a. Tratou da moça, deu-lhe

roupas, fez o que pôde para restituir-lhe a saúde de corpo e de espírito.

– Ficara desequilibrada? – perguntou Pamela.

– Superemocional. Acontece, às vezes, às pessoas doentes.

Ficou silencioso, por alguns momentos, e depois acrescentou:

– Acho que é tudo quanto lhes posso dizer. Isso acabou como sabem.

– Mas, padre Anson, não sabemos como acabou – protestou Pamela – e qualquer esperança de solução não depende precisamente, de sabê-lo? Que deveremos acreditar? Mary foi assassinada? Será essa a velha história do espírito da vítima de um assassinio “ansiando por vingança”?

O padre parecia chocado.

– Minha filha, Mary Meredith não era uma heroína de melodrama. Mary era quase uma santa. Não se pode pensar em vingança com relação a ela.

– Há, então, possibilidade de um suicídio? – sugeri. – O Sr. ensina que os suicidas morrem em pecado, não é?

– Mary não era católica – respondeu, gravemente – mas estou certo de que partilhava dessa crença. Não foi suicídio.

Pamela parecia aturdida.

– Ou foi um acidente, e isso não sugere possibilidade de assombramento – disse ela – ou então Mary foi assassinada. E isso também não nos leva a uma razão, de vez que o Sr. está certo

de que o motivo não pode ser a vingança.

O padre Anson falou, muito grave:

– A Srt^a não deve pedir que eu creia não estar o espírito de Mary Meredith em repouso.

Pamela retribuiu, com firmeza, seu olhar de censura.

– Receio, padre Anson, estar quase certa do contrário. E só desejava saber por que está ela sem repouso. Por quê?

– Confio em que lhe falte, razão, minha filha; mas, se isso lhe der paz de espírito, tentarei pensar de acordo com essa sugestão.

– É muita bondade sua, padre Anson; sinto que, se... se pudéssemos saber o que havia no espírito dela... conhecer a

última cena com Carmel...

– Talvez – interrompi – o Sr. estivesse com Carmel quando ela morreu...

Uma expressão de intensa cólera endureceu a face do padre.

– Infelizmente – replicou, num tom baixo e vibrante – infelizmente não me achava ao lado de Carmel quando faleceu.

– Mas, como seu confessor – interrompeu Pamela vivamente, e deteve-se, corando, ante o olhar interrogativo do padre. – O Sr. não disse que o era, mas eu supus.

– Como seu confessor – concordou – deveria tê-la visto. Vi-a duas vezes, quando estava delirando e não mais a vi,

pois não me mandaram chamar.

Sua cólera, quanto a isto, era profunda. Eu não gostaria, pensei, de incorrer naquela permanente condenação. Perguntei-lhe se a culpa fora do médico.

– Ele também não se achava ao lado dela, quando morreu.

– Quem tratava dela, então? – perguntou Pamela. – Seria aquela Srt^e Holloway?

– Carmel morreu de pneumonia. Sim, era a Srt^a Holloway quem tomava conta, dela.

– A Srt^a Holloway! – exclamou Pamela. – Ela viveu com todos eles. O Sr. pensa que poderíamos encontrá-la e falar-lhe?

O padre Anson hesitou; os lábios se lhe comprimiram. Por fim, respondeu:

– Ela, agora, mora em Brístol. Não é mulher muito acessível, mas, se estão decididos a se lhe dirigirem, poderei arranjar o endereço.

Estava me lembrando da história, contada pela Sr^a Jessup, de Carmel, a morrer ao léu, sendo enviada para casa numa carroça de fazenda, quando ajuntei:

– Parece que havia bastante preconceito contra Carmel na aldeia.

– Suponho que a julgavam uma pecadora – disse Pamela.

O padre levantara-se.

– Todos nós somos pobres criaturas pecadoras e, quanto mais crescemos em

conhecimento, mais difícil se nos torna evitar a queda no pecado. Às vezes, invejo os muito simples – disse, sorrindo a Pamela, apertando-lhe a mão. – Tente não se incomodar com isso, minha filha! Pode ser que se acostume a essas coisas desagradáveis, ou pode ser que elas cessem. Rezarei em sua intenção. Se necessitar de meu auxílio, mande-me chamar: a qualquer hora do dia ou da noite eu virei; e lembre-se, a Igreja tem séculos de experiência, quanto ao acalmar essas perturbações. E agora, se dão licença, irei dar umas palavrinhas a Lizzie.

Agradecemos-lhe, inadequadamente, pareceu-me.

Subi ao escritório, para trabalhar.

Uma hora depois, vi-o atravessando os campos, com a cabeça curvada contra o vento, que começava a soprar.

3. Do verbo “wither”, secar, murchar.

4. Peça de Oscar Wilde. (Nota do Tradutor).

DIA DE FEIRA

Agora, o Sr. vai ver, a casa ficará quieta – disse, Lizzie, confiantemente, após a visita do padre Anson. E assim foi; noite após noite decorreu, sem incômodo de qualquer espécie.

– Estou começando a acreditar que a razão estava com você e que Lizzie teve uma alucinação – disse Pamela. – Ou talvez Judite estivesse certa. De qualquer modo, eu gostaria de hastear uma bandeira em sinal de festa.

– Sim, e eu gostaria de contá-lo a todo o mundo.

Desejaria contá-lo ao Comandante, pois o silêncio de Wilmcote era completo. Poucos dias depois da chegada do telegrama, Pamela escrevera um bilhete a Estela, mas não obtivera resposta. Ele devia ter proibido que Estela escrevesse; o velho tirânico e egoísta!

A situação me afligia com veemência; principalmente, expliquei-me, por causa de Pamela, pois eu estava trabalhando como um castor e ela passava os dias sozinha no jardim.

Não era possível, achava eu, deixar de cuidar do jardim. Aquele terreno, por pobre e arenoso que fosse, era nosso, e o mato ia apoderando-se dele, sob nossos próprios olhos. Certa manhã,

deparei com Lizzie, de pé, no meio do pequeno caminho atijolado, como uma figura melancólica de Epstein. “Um ano de semeadura, sete anos de capina” – murmurava ela, contemplando os cardos e dentes-de-leão que entregavam a alma ao vento, espalhando sua progênie alada por toda a parte.

Chovera durante a noite. Parei e arranquei duas touceiras de cardos; suavemente, as raízes se desprenderam. Ajoelhei-me e abri uma clareira no mato em torno de mim e assim recomeçou a volta à terra. Havia libertado uma paixão atávica; não se pode ver terra limpa, de que se seja dono, sem enchê-la de plantações visionárias. Agora Lizzie via, com os olhos do espírito, filas de

favas, canteiros de alfaces, fornecimentos hibernais de ervilhas, feixes de cebolas e baldes de amoras. Pamela colhia flores imaginárias, enquanto eu devorava dulcíssimas framboesas e ervilhas de cheiro mal brotadas.

– Nosso destino foi traçado durante nossas férias em Laragh Castle, declarou Pamela. – Lembro-me da tia Katheleen a dizer: “Cuide de jardim na infância e há de fazê-lo no resto da vida”.

Ela escreveu pedindo conselhos práticos à nossa prima Nesta, que dirigia um jardim experimental perto de Dublin, com grande sucesso.

Quanto a mim, a jardinagem era mandrionice, e só de vez em quando lhe

dedicava uma hora, enquanto que Pamela trabalhava nele todos os dias. Fez para si um macacão vermelho e raramente era vista sem ele.

– Serve de muito – dizia ela. – Espanta as “ventosas”.

Esse era o nome que ela dava às senhoras da localidade que, ávidas de conhecimento interior da casa mal-assombrada, andavam fazendo visitas matinais. Uma delas, com grande satisfação de Pamela, confundida por seu cabelo encaracolado trançado, pelos braços queimados de sol e pelo jeito de trabalhador com que manejava a pá, tomara-a por um empregadinho do jardim. Eu não a socorria, atendendo essas senhoras. Minha ordem, agora,

era: levar uma bandeja de chá para mim no escritório.

Estava imerso em “Bárbara” – título provisório de minha peça. O passo com que esta corria me alarmava. Escritos assim correntes, rápidos, não podem ser bons. Era perigoso, ademais, viver tão esquecido num mundo imaginário: muitas coisas poderiam estar ocorrendo no mundo real, em minha própria casa, até, sem que lhes tomasse conhecimento. Absorvido, como estava, durante todo o tempo, não impedia isso que parte de minha consciência estivesse intensamente sabedora de alguma ação à espera de realizar-se, de uma situação que deveria ser levada a termo.

Certa manhã de brisa, o feitiço

adormeceu. Achei-me sentado à minha escrivaninha e a peça não passava de uma folha de papel em minha mão. De novo meu espírito se movia no mundo das realidades e uma inquietação veemente apoderou-se de mim. Saí.

Tivera a ilusão de que tudo era imutável, esperando que eu surgisse e achasse as coisas como as deixara, uma ou duas semanas antes. Agora, porém, vi-me vagamente receoso. Dirigi-me a Pamela, que trabalhava no chamado jardim-da-cozinha, o qual em breve já não merecia esse nome.

– Olhe aqui – falei. – Toda esta paz, esta calma, está começando a ser boa demais para ser verdadeira. Você não estará escondendo alguma coisa?

– Juro que não – replicou ela. Não esconderia coisa alguma dessa espécie a você, Roddy, porque, se houvesse uma assombração, teria de ser expulsa. Nada ouvi desde que voltamos de Brístol: onze noites tranquilas.

– Ótimo! Vamos dar um passeio até a aldeia? – sugeri.

– Não quero deixar isto – disse ela, sacudindo a cabeça. – Oh! – acrescentou. – Hoje é quinta, é dia de feira. Você poderia trazer-me um pouco de requeijão de Corney.

Segui pelo atalho, onde o vento era forte; ali estava a encruzilhada em que Estela recusara deixar-me ir mais longe. Naquele dia, tratara-a como uma criança; e que suave dignidade fora a

sua! Era intolerável aquele silêncio dela. Deveria ser quebrado, de qualquer forma. Decidi-me a atravessar a aldeia, subindo pelo lado oposto. Andaria pela Avenida até o bosque de pinheiros e ao botequim, onde velhos cavalheiros tomavam seus aperitivos. Lá em cima, poderia encontrar o Comandante.

A feira de Biddlecombe era um negócio importantíssimo, a julgar pelas carroças, atulhadas de produtos, que enchiam as estradas secundárias, descendo das colinas. Armaram-se as tendas na praça calçada de pedras, junto ao molhe, e seus toldos introduziam borrões de sombra no cenário vivo e quente. O lugar era movimentado: mulheres tagarelavam, aves domésticas

cacarejavam, competindo com o clamor das gaivotas, crianças andavam de um lado para outro, chupando pirulitos, e pescadores vagueavam em volta, conduzindo feiras de cintilantes cavalinhas e conversando com os amigos do interior. O cheiro de peixe invadia o lugar. Descobri a tenda de Corney, comprei o requeijão e parei numa tenda de flores. A face do velho que cuidava dela me pareceu familiar. Ele também me reconheceu, tirou o cachimbo de barro da boca e olhou-me com olhos piscantes.

– Quem tem razão agora, hein, meu senhor? Quem estava mentindo, hein? Não eram os Parkinsons. Não é? Nem a cozinheira deles! Que estará sua

cozinheira pensando de tudo isso, hein?

Deixei-o com sua loquacidade desdentada e caminhei para o lado de trás da tenda imediata, esmaltada por uma profusão de margaridas e polemônios. Não gosto de carregar flores, mas a casa precisava delas e devia alguma consideração a Pamela, de fato. Aquelas, porém, estavam murchando.

Enquanto contemplava os polemônios, ouvi uma voz suave e excitada dizer:

– Sr. Fitzgerald.

Voltei-me e vi Estela olhando para mim, de faces enrubescidas e olhos perturbados.

– Diga-me – falei.

– Estas flores são novas? Quanto

tempo durarão?

Ela examinou o corte dos talos.

– Sim, reviverão com água. Talvez gostem de uma aspirina.

Riu-se diante de meu espanto.
Comprei as flores!

– E agora tenho de ir à farmácia comprar aspirina para as flores? Há mais alguma coisa que a senhorita ache necessária para elas?

– Tenho certeza de que a senhorita Pamela tem aspirina em casa.

– Ora, para quê? Não sofremos de dor de cabeça...

– Aposto que ela tem aspirina – repetiu Estela, sorrindo.

– É mesmo – tive de confessar. – Ela deu algumas a Judite. Bem, vocês,

mulheres, se entendem.

Fracamente travei conversa, pretendendo impedir que Estela se desvanecesse no espaço azul. Ela, via-se bem, não iria apresentar desculpas ou explicações em plena praça de feira.

Tive uma ideia.

– Faz muito calor e estou com sede. Você não está? Que pensaria de um sorvete no Lavender Café?

Ela hesitou, depois acenou que sim.

– Sim, obrigada; eu gostaria.

Entramos na escura lojinha, de esquisitos degraus e ostentosas vigas de carvalho. Estela colocou seus embrulhos com cuidado e sentou-se a uma mesa de canto. Sentei-me, tão silencioso quanto ela, que imaginava o que poderia e não

poderia dizer, revelando todas as suas dúvidas na face transparente.

– Você nos desapontou – falei, afinal.

Sim – concordou ela. – E fui rude. E isso logo depois que vocês me haviam convidado e apresentado a seus velhos e melhores amigos.

– Esta parte não tem importância. Mas... é desse sorvete que você gosta? Não quer também alguns biscoitinhos?

– Eu deveria ter escrito, explicado, mas nem podia pensar o que dizer... Mesmo depois de meu horrível telegrama... e a senhorita Fitzgerald escreveu-me um bilhete dos mais amigáveis... Para falar verdade, escrevi uma explicação, muito bem cuidada: às vezes, tenho resfriados; disse que estava

com um... mas... mas não poderia enviar essa carta... não à sua irmã.

– Não se incomode com explicações; isso não tem importância. Quando irá de novo?

Ela enrubesceu penosamente.

– É isso que me faz tão infeliz: meu avô não quer que eu volte.

– Quer dizer... nunca mais?

Fez um aceno afirmativo e curvou, acabrunhada, a cabeça, sobre o sorvete, tentando tomá-lo.

– Admira-me que você não me diga a razão. Você a conhece. Não é?

– Sim – sussurrou ela, olhando-me, depois, seriamente. – Dou-lhe minha palavra de honra de que não é falta de... amizade do vovô, ou que tenha qualquer

coisa contra vocês. Não é absolutamente nada disso.

– Não – repliquei. – Disso estou certo: é a casa.

Ela pareceu imensamente aliviada, mas nada falou.

– Você não queria dizer-nos com medo de que nos aborrecêssemos com isso?

– Sim.

Esperava, ansiosamente, que eu continuasse.

– Alguém falou ao Comandante que a casa é mal-assombrada e ele o acredita. Não é isso?

– Exatamente. Oh! fico-lhe tão grata por haver compreendido! Mas, veja só, pensei que isso poderia não ser verdade

e que vocês começassem a se aborrecer, inteirando-se do que se dizia. Espero – acrescentou, vivamente – que não seja verdade.

Disfarcei um pouco:

– Diga-me o que andam dizendo e lhe direi se há alguma coisa de verdade nisso.

– Não ouvi muita coisa – replicou ela – porque logo que a empregadinha, Susie, falou a esse respeito a meu avô, ele pagou-lhe o ordenado e despediu-a. Ela foi para a cozinha, furiosa, dizendo que ele devia ser-lhe grato pela informação. Disse que uma freira branca passeava pelas escadas, subindo e descendo, retorcendo as mãos, e que sua criada a vira, desmaiara e você a

encontrara sem sentidos no soalho.

Fiz uma careta. Isso não era tão mau como poderia ter sido.

– Posso assegurar-lhe que ninguém viu uma freira branca.

– Oh! Estou tão satisfeita!

– Seu avô falou-lhe disso?

– Sim, porque eu lhe disse alguma coisa. Respondeu-me que pensava que vocês não se importariam muito se a casa fosse assombrada, porque a senhorita Fitzgerald não tem medo de fantasmas. E disse que talvez o espírito de minha bisavó visitasse às vezes Cliff End. Isso porque, veja você, a casa foi construída para ela, que lhe tinha grande afeto.

– Sua bisavó também não apareceu. E

que mais disse ele?

– Ficou encolerizado; disse que todo esse assunto era mórbido e abominável, proibiu-me de falar-lhe nisso e de visitar outra vez Cliff End e – de face carrancuda – fez com que eu mandasse aquele horrível telegrama.

– Por favor, não se incomode mais por causa do telegrama, mas escute: isto, realmente, tem importância. Vou dizer-lhe uma coisa que não desejo que mais ninguém saiba em Biddlecombe: em Cliff End aconteceram certas coisas estranhas e acreditamos que seja alguma espécie de atmosfera psíquica ali existente, embora, provavelmente, não haja fantasmas.

Ela prestava profunda atenção ao que

eu dizia sobre emanções e fenômenos subjetivos, impregnação da matéria pela emoção, e muita coisa mais. Não era completamente ingênuo e contei-lhe que Lizzie tivera uma alucinação vaga, não lhe descrevendo, contudo, a figura que ela pensara ter visto; não mencionei a luz no quarto das crianças e falei principalmente sobre sons de soluços e a sensação depressiva no “studio”.

Estela, pensativa e abatida, por um instante, disse-me depois:

– Sinto imensamente. Isso inutiliza um quarto inteiro na casa; evidentemente, não se trata de um espírito feliz. Depois – acrescentou, corando um pouco – receio que um de meus tios-avôs bebesse demais. É provável que ele

tenha deixado atrás de si alguns pesadelos.

Ri. O “delirium tremens” póstumo era quase a assombração mais divertida que se poderia conceber.

– Prefiro, certamente, sua bisavó – brinquei. – Mas, de qualquer forma, tudo isso agora parece ter acabado e gostaria de contá-lo a seu avô.

Ela sacudiu a cabeça.

– Estou tão satisfeita de que tudo isso tenha acabado, como parece... Mas temo que não valeria a pena contar a vovô.

Sentou-se, acabrunhada, triste imagenzinha de juventude vencida. Refleti: a situação parecia absurda, cruel. Decidi insistir.

– Diga-me – perguntei-lhe – você

teria medo de ir lá?

– Oh! não!

Hesitei.

– Mas você se considera obrigada a respeitar os desejos dele. Não é?

Estela corou:

– Bem, receio que faça antes as coisas que sei não serem do agrado de vovô; mas, desde que ele proíbe uma coisa, não desobedeço.

– Sei. E você não acha que, desta vez, pode fazer uma exceção?

– Eu... eu tenho estado tentando tomar uma decisão.

– Espero que decidirá a nosso favor.

A testa aveludada enrugou-se-lhe de perturbadas cogitações.

– Seria muito egoísmo de minha parte.

Não é? E maldade. Porque ele é leal a esse respeito: não o proibiu segunda vez. Fez isso a princípio, mas, no outro dia, quando chegou a carta da senhorita Fitzgerald – imagine, depois do que eu havia feito – dizendo que me esperava de volta quando pudesse; quando essa carta chegou, disse-lhe que, de fato, desejava muito, muitíssimo, ir lá. Durante muito tempo, nada respondeu. Parecia mortalmente acabrunhado. Por fim, disse: “Se você for, será contra minha vontade e contra meus conselhos”. Depois, acrescentou que devia decidir por mim mesma. “Você está com dezoito anos”, disse ele, “e acho que nunca fui um tirano”. Assegurei-lhe que, de futuro, pensaria

sobre isso. E, desde então, tenho andado a pensar.

Ela ansiava, claramente, para que eu lhe desse um conselho. Mas, que poderia eu dizer? Parecia atroz que os temores mórbidos de um velho privassem Estela de amizades e diversões, isso sem contar com os meus próprios desejos. Ousaria, entretanto, aconselhar um procedimento que poderia destruir as relações entre os dois?

– Você vê – expliquei – que não devo aconselhá-la, pois sou parte interessada. Desejamos vê-la muitíssimo, tanto eu como minha irmã.

– De fato? É verdade? – interrogou ela, com a face brilhando.

– De fato! É verdade! Será isso coisa extraordinária?

– É, um pouco. Veja só, sua irmã é tão... ela tem tanto *savoir faire*... E eu não tenho nenhum, creio. Diziam, no colégio, que eu era *farouche* – disse, sorrindo. – Não me incomodava de que me chamassem assim: achava a palavra bem bonita! – acrescentou.

– Esse seu colégio parecia muito aborrecido. Você não gostava quando saía?

– Sim. Especialmente no princípio.

– Depois começou a sentir que Biddlecombe estava muito fora do mundo. Não?

– Exatamente. Não é tolo, isso? Porque, onde está o mundo? Na sua festa,

estávamos no mundo. Não é? Acho que onde quer que vocês estejam, o mundo está aí.

– Olhe aqui – perguntei-lhe. – É muita mesmo sua vontade de ir a Cliff End?

Ia dar uma resposta impulsiva, mas hesitou. Minha pergunta não fora delicada. Sua resposta veio com certo constrangimento.

– É muita.

– Você não acha que poderia ir sem contar coisa alguma?

Ela sacudiu a cabeça.

– Foi o que estive tentada a fazer, mas, em consequência, teria de inventar mentiras a vovô. É uma coisa terrível, mas, quando estou nervosa, as mentiras muitas vezes me escapam da boca: aliás,

mentiras bem arranjadas. Não posso compreender isso. Minha mãe era absolutamente da verdade: límpida como cristal. Nunca disse uma mentira em toda a sua vida.

– Eu também – afirmei – sempre prefiro lutar a mentir.

– Creio que você acha que lhe deveria contar, se fosse.

– Creio que sim.

Ela encarou a distância, com os olhos grandes e tristes, de cílios longos e escuros, mareando o perfil sensitivo. Notei que esta Estela seria uma bela mulher mesmo na velhice. Mas vi, também, como se poderia transformar facilmente na de resignação aquela expressão gentil. Porém, erguendo a

cabeça, disse-me:

– Sou, também, da mesma opinião.

– Muito bem!

– Decidirei amanhã.

– Ótimo! E, se a decisão for favorável, quer ir tomar chá amanhã conosco?

– Mas você e a senhorita Fitzgerald não saberiam, assim, se eu iria ou não.

– Isso não tem importância, caso você não se importe de ver Pamela de macacão, a trabalhar no jardim.

– Oh! Eu gostaria disso... – e sorriu. – Agora, vou para casa. Obrigada, pelo sorvete e por tudo o mais.

– Explicarei a Pamela – prometi.

Esperei no café até que se transcorressem alguns minutos depois de

sair Estela e tomei a escarpada estrada de regresso.

Quando narrei o encontro a Pamela, ela explodiu.

– Mas é uma vergonha! Torcendo a vida da menina daquele jeito! Isso é tirania, pura tirania, é o que é!

Arrancou uma planta bem enraizada e atirou-a à touceira de mato, como se se livrasse de um inimigo. Senti-me atraído a protestar. Talvez quisesse colocar-me como acusado, a fim de ouvi-la defender-me.

– Olhe aqui: supondo que ele acredita realmente que o espírito de sua filha anda assombrando esta casa, não é natural que fique preocupado por causa de Estela?

– Os pais devem suportar suas preocupações e deixar que os moços vivam.

Insisti em que, se Estela ouvisse dizer ter sua adorada mãe sido vista ali, isso lhe seria um choque.

Pamela atalhou:

– Então, por que a encorajou a vir?

– Vali-me da oportunidade – respondi – e isso foi um tanto inescrupuloso.

– Não – disse Pamela, com firmeza. – Não foi. Não podemos atravessar a vida deixando de fazer o que é natural só porque poderia aparecer um fantasma. E penso que devemos dar uma oportunidade a Estela. Se ela ceder ao Comandante nesse ponto, cederá em tudo o mais e acabará dominada.

– Nada sei disso.

A energia de Pamela fazia-me bem. Achava-me inteiramente disposto a ser encorajado no incitamento de Estela à revolta.

– Roddy, você não pode imaginá-la, daqui a uns dez anos, com um rosto suave e triste como o de sua mãe, andando ao lado da cadeira de rodas do velho, com toda a sua fé na felicidade morta?

Sim, bem podia imaginá-lo, e esse quadro me apertava o coração.

– De qualquer forma – falei – sinto pena do velho. Ele parece ter posto em Mary, e agora em Estela, toda a sua afeição.

– Sim; e tenta remodelar Estela à

imagem de Mary, retorcendo-a naquilo em que não pode transformar, a fim de ter consigo de novo Mary, na velhice! E ela, afinal de contas, é também a filha de seu pai, um artista. Isso me lembra aqueles reis medievais que transformavam filhos em anões.

– Você exagera, Pamela!

Ela ficou de pé, empunhando a forquilha como uma arma desafiadora, a cabeça ereta. Nada de conciliador se poderia esperar dela e comecei a ficar zangado.

– Se ao menos você não tivesse tantos preconceitos! – protestei. – Pense só quanto poderia fazer se andasse às boas com o Comandante! Olhe aqui, Pamela... se alguma vez tiver ocasião... se o

encontrar, tente ser-lhe agradável. Quando você o quer, faz isso magnificamente.

Durante um minuto ela manteve sua posição de Davi-contra-Golias. Depois, deixando cair os braços, o olhar seriamente cravado em meu rosto, respondeu:

– Está bem, Roddy; farei o que for possível.

O QUARTO DAS CRIANÇAS

Sexta-feira foi um dia de nervosa agitação, tal como não experimentara desde meus vinte anos. A peça caminhava velozmente para o epílogo. Merendei café e um sanduíche no escritório e, quando novamente comecei a sentir fome, toquei a campainha, num aviso a Lizzie de que desejava tomar chá.

Entusiasmou-me ser capaz de fazer isso. Estela viria: estava convencido de que viria e sentia-me até consciente

demais desse simples fato. O trabalhador que havia em mim desafiava-me. Havia chegado a tal ponto? Só por que Estela vinha, devia eu interromper o dia de mais decisivo trabalho a que já chegara, arrepiar caminho, rejeitar um impulso que talvez não pudesse ser retomado? O drama se desenvolvia num belo torvelinho de ação e paixão. Não iria abandoná-la.

A luta que me custou essa decisão, e o aferrar-me a ela, ajuntou, em consequência, enorme tensão à cena. Foi então escrito o trecho em que Bárbara, enganadora e selvagem, fala ao frio e divertido Frampton. Uma vez mais hesitei. Ouvira o som do riso de Estela vir do jardim e, num relance, vira uma

blusa amarela. Ela viera! Descansei a caneta e olhei pela janela. Elas estavam fazendo, com o mato arrancado, uma fogueira ao pé da colina. O carrinho de mão era muito pesado para Estela. Naturalmente, deveria descer e ajudá-la...

Sentei-me de novo à escrivaninha. Agora, entrava Jennifer. Isso era difícil: uma jovem enérgica, percuciente, ambiciosa, cuja vida fora deliberadamente desgraçada por Bárbara. Tinha de fazê-la perdoar e mesmo defender, sua atormentadora, sem parecer tímida ou tola. O primeiro rascunho ficou inteiramente imprestável. Poderia tentar outra vez, de modo convincente? Sim, sabia que poderia. Na

mocidade, há muitas vezes, uma fonte inexaurível de compaixão.

Afinal, consegui o que queria e terminara a peça. Escrevi “Cai o pano”. Espreguicei-me como um gato e saí. Puxa! Eram quase seis horas! Voltei à realidade com uma sensação de remorso.

Que belo comportamento! Por que me deveria estar mostrando a Estela como um rústico mal-educado? Persuadira-a a enfrentar uma dura prova, a fim de visitar-nos, e ausentara-me quando ela chegou. De que modo poderia fazê-la acreditar numa desculpa razoável?

– Então – inquiri, em tom brincalhão – travou-se e venceu-se a batalha?

– Não houve batalha – replicou

Estela.

Pamela empurrou o carrinho de mão, cheio de mato arrancado e virou-o ao lado do fogo, que enchia o ar de uma exalação penetrantemente outonal. Estela estava absorvida a arrancar o mato, ajoelhada num saco, sobre a relva e, quando a cumprimentara, olhara-me por cima do ombro, voltando ao trabalho. A fumaça ondulava; quase levada em linha horizontal pela brisa crescente. Pamela atirou mais mato à fogueira.

– E você, que diz de sua demora? – perguntou ela.

– Este fogo necessita de uma chaminé – falei, começando a esgaravatar a fogueira de um lado, com a bengala. –

Suponho – prossegui, na defensiva – que vocês duas são como Lizzie; não reconhecem um objetivo superior no fato de eu ter ficado frio e silencioso, entregue a meu belo trabalho, enquanto vocês se aqueciam e conversavam?

Estela olhou em derredor e fitou-me, respondendo sorrindo:

– Deveras: aquecíamos-nos e conversávamos. Mas você não parece muito fatigado.

– Eu o conheço bem – observou Pamela. – Sei se ele trabalhou de verdade pelo jeito de seu cabelo.

– Bem – careteei. – Isso não me desculpa?

Estela observou-me cuidadosamente e respondeu:

– Acho que sim.

– É muita bondade sua – repliquei. – Fiz uma coisa inominável e fui bem punido. Preferiria ter estado a arranjar essa fogueira a qualquer outra coisa. Estava plenamente certo de que vocês se regalavam com chá e creme, enquanto eu apenas comia um sanduíche. Sentia-me tão contrariado como um menino proibido de participar de uma partida, mas... bem, vocês sabem, tinha de acabar a peça.

Preparara o efeito e conseguira-o. Estela ergueu-se de um pulo e escancarou os olhos.

– Você está dizendo que acabou de escrever uma peça?

Pamela, também, deu uma reviravolta.

– Acabou mesmo? O rascunho inteiro, Roddy? Oh! magnífico!

– É uma peça histórica ou poética? – perguntou Estela, com interesse. – Como se chama?

– É moderna e em prosa. Por enquanto chama-se “Bárbara”. Para falar verdade, foi uma falta de sorte ter-me o desenlace ocorrido logo nesta tarde. Não tive coragem de abandonar o que escrevia.

– Mas é lógico!

Estela compreendera: estava desculpado.

– “Bárbara” é um título bem bom. E agora, que fará você? – indagou Pamela.

– Vou lê-la a Milroy e ver o que ele pensa. Quando poderemos ir a Brístol?

Quando representarão “Salomé”?

– Começarão terça-feira. Estão levando com ela duas peças de um ato, de Coward. Mistura esquisita... Poderíamos ir sexta-feira? Já providenciei, contratando Charlie para trabalhar uma semana. Não me arrisco a deixá-lo sozinho.

– Ótimo: isso me dá uma semana para melhorar a coisa.

– Quando você irá lê-la para mim?

– Quando quiser.

– De noite?

– Hum... Eu tinha de começar um artigo, mas não tenho ânimo... Está combinado!

Estela deu um suspiro; seu rosto fez-me sorrir. Demonstrava claramente a

luta entre o interesse acentuado pela peça e as exigências do protocolo social. Estas últimas venceram.

– Espero que tenha um sucesso espantoso com ela, Sr. Fitzgerald. E agora, é tempo de voltar para casa.

– Que pena! – resmunguei. – Logo quando fiquei livre...

Pamela apanhou as ferramentas, e levou-as, com Estela, para o telheiro, enquanto as seguia com o carrinho de mão.

– Você acha que somos tão velhos que não possamos ser chamados “Roderick” e “Pamela”? – perguntou ela.

– São belos nomes e eu gostaria de tratá-los por eles – replicou Estela.

– Mas, certamente, Estela – falei, enquanto seguíamos para casa. – Quando virá você nadar em nossa praia? É o mais lindo lugar para banhos que já conheci.

– Não é mesmo? – exclamou ela.

– Você já nadou ali muitas vezes, não?

– Sim – confessou ela, com um leve sorriso. Mas ninguém sabe disso, a não ser a Sr^a Jessup.

– E por que esse segredo? O lugar era seu...

– Receava que o vovô dissesse que era perigoso.

– Então, vinha sozinha?

– Sim.

– Bem, acho que isso era um tanto

perigoso. Você deve vir nadar aqui, mas não sem companhia.

– Pamela convidou-me para terça-feira que vem.

– Ótimo! Você sabe mergulhar?

– Não.

– Permita que lhe ensine.

Pensei que não ouvira, pois nada respondeu.

– Vamos acender um fogo – disse Pamela, no vestíbulo, interrogando-me, com as sobrancelhas, se devíamos convidar Estela para ficar.

Fiz sinal afirmativo.

– Estela – disse ela. – Seria difícil para você ficar para jantar conosco e ouvir a peça?

– Oh! Oh!

Estela parou de repente e pôs-se a olhar de Pamela para mim, como se balançássemos a seus olhos as chaves do Paraíso.

– Gostaria tanto! E é possível! Vovô, às sextas-feiras, nunca volta para casa antes das dez e meia!

Que havíamos feito? O mesmo pensamento ocorreu a mim e a Pamela; apreendi-lhe um olhar de preocupação. Era arriscado, de fato, ficar com Estela ali até tão tarde. Ela continuava a explicar:

– As sextas-feiras, ele vai jantar com o capitão Pascoe, que está inválido, e jogam xadrez. Pontualmente, nossa empregada volta sexta-feira à noite para fazer-me companhia e limpar a baixela.

Mas agora estamos sem empregada. A baixela ficará para amanhã; é tudo.

– Muito bem! – exclamei. – Sugiro que jantemos mais cedo. Imediatamente depois, lerei a peça e irei levá-la à casa, de carro, antes das dez.

– Já é muito tarde para jantar cedo – disse Pamela, saindo para o lavatório com Estela, enquanto eu acendia o fogo.

Premeditei a leitura anotando mentalmente saltar certos trechos, que não seriam aprovados pela escola de Bruxelas.

Estela voltou, toda arrumada, e sentou-se na cadeira de Pamela.

– Fiquei satisfeito de que não houvesse batalha – disse-lhe, encostando-me à prateleira da lareira.

Durante um instante ela não replicou: o rosto estava virado para outro lado, observando as nuvens que, iluminadas pela luz crepuscular e recortadas pelo vento, formavam uma frota dourada no céu azul. Respondeu, por fim, com um pouco de tristeza:

- Afinal, foi como se tivesse havido.
- Não, não. Ele se acostumará a isso.
- Ele olhou-me por muito tempo, como se pensasse que fosse outra pessoa, e dizendo-me afinal: “Você já não está mais sob meu controle”. Durante um minuto, quase desisti. Na merenda, quase não falou. Tentou fazê-lo e eu também. Não que ele quisesse castigar-me. Mas penso que agora tudo mudou.

– Espero que você não lastime a decisão, Estela.

– Não – redarguiu, sacudindo a cabeça. – Aliás, isso teria de suceder um dia; a gente tem de crescer...

– Sim, isso é importante – repliquei.

Lizzie entrou para arrumar um lugar a mais na mesa. Estela cumprimentou-a, dando-lhe uma “Boa-tarde”, a sorrir.

– Depois do trabalho desta tarde a senhorita Meredith deve estar com fome. Eu gostaria de ter sabido que a senhorita ia ficar – disse Lizzie. – Espero que não seja das que não gostam de batatas. Quer ir ver a cozinha? A senhorita Pamela disse que a senhorita gostaria de vê-la.

– Oh! Obrigada! É enorme, não é?

Saíram juntas e eu fui ao escritório

apanhar minha peça. Pamela enfiou a cabeça na porta, e comuniquei-lhe que Lizzie e Estela estavam ficando amigas.

– A propósito, Roddy – disse ela, enquanto descíamos. – Sinto muito, mas você não tem permissão de ir nadar conosco.

– Não ir nadar! Deus do céu! – exclamei, contrariado. – Aquela maldita escola puritana!

– Não! – replicou ela em voz baixa. – A senhorita Holloway! A senhorita Holloway contou-lhe que sua mãe não admitia banhos mistos.

– Mas isso é absurdo!

– Não é?

– Afinal de contas, o mundo mudou. Você precisa acabar com isso, Pamela.

Ela sacudiu a cabeça:

– Tentei um pouco, Roddy, mas é inútil. Os modos e opiniões de sua mãe são ainda sagrados.

Eram sete horas e meia quando o jantar começou e bateram as oito antes que Lizzie tirasse a mesa e as xícaras de café fervilhassem a nosso lado, na mesinha. Pamela estava em sua cadeira, Estela no escabelo a seu lado. A leitura começou.

Enquanto eu lia, a sala ficou às escuras. Acendi minha lâmpada. O vento gemia lá fora, em notas graves; as achas de lenha estralejavam e, apenas com o acompanhamento desses sons, continuei a ler, mais dramaticamente do que tencionara fazê-lo, até o fim do primeiro

ato.

– Está magistral, Roddy! – exclamou Pamela. – E você só trabalhou três semanas! Homem, você é um autor de dramas! Por que estava com isso escondido? Que caracteres! De onde foi que você tirou a ideia?

– De Wendy e suas figurações, naturalmente.

– E você acha que Wendy tem aptidões para representá-lo? Essa espécie de fogo maldito e consumidor?

– Ela é uma atriz e inteligente. Que tal o desenvolvimento?

– Hábil!

– E o final?

– Terrífico!

– Acha que devo mudar alguma

coisa?

Pamela tem agudo senso crítico e citou três ou quatro pontos. Discuti todos com ela, a fim de fixar os prós e contras, e cedi em dois.

– Há uma marca – disse ela. – Naquele momento em que Bárbara vê Jennifer e Frampton juntos; quando lhe ocorre pela primeira vez a ideia diabólica. Acho que ela deve ter, ali, uma palavra ou um gesto, senão, nada se compreenderá.

Esquecêramo-nos de Estela, sentada ali, extasiada.

– Oh! – murmurou ela, baixinho. – Eu a vi sentada como um rochedo, como feita realmente de pedra.

– Isso mesmo! – disse Pamela.

– Ótimo! Sim! Ela deve sugerir implacável frialdade.

– Implacável frialdade – repetiu Estela, com um suspiro. – Oh! continue, por favor.

Prosegui, desejando que a peça, no teatro, pudesse ter um auditório como este. O segundo ato satisfez menos a Pamela. Era o mais difícil. Bárbara, atirada em sua carreira de provocadora de naufrágios, devia, ao mesmo tempo, conservar a adoração de uma jovem e o devotamento de um homem inteligente.

– Ela se entrega à paixão completa e demasiadamente – protestou Pamela. – Ficamos achando que são loucos para assim se preocuparem com ela e lhes perdemos a simpatia.

– Que posso fazer?

– Você não pode fazê-la chegar quase a enganar-se a si mesma, fazê-la iludir-se pensando que seus motivos são puros?

– Mas esse não é o tema...

Seguiu-se uma discussão pesquisadora. Fui ficando irritado, pensando que Pamela deixava de ver as dificuldades das substituições que propunha. O ruído do vento, silvando pela estufa arruinada, enervava-me; parecia-se demais com aqueles gemidos aterradores.

– Devemos pôr uma cortina naquela porta – resmunguei.

– Adiante, Roddy, leia mais. Talvez o terceiro ato sugira o que o segundo

precisa – insistiu Pamela.

– Você está gostando? – perguntei a Estela. Esquecera-me completamente de saltar passagens por sua causa e imaginava que estaria ela a pensar de certas “amizades”.

– Está me emocionando tanto que não o posso quase suportar; mas há certos trechos que não compreendo; quero dizer: Bárbara faz certas coisas que parecem ser inteiramente naturais e devem ser, evidentemente, parte de sua maldade; mas faça o favor de continuar.

Para o início do terceiro ato, necessitava de uma canção que deveria ser cantada nos bastidores, em semiescuridão, pelo rapaz galês, que, apaixonado pela criada de Bárbara,

desistira de toda esperança de conquistar-lhe o coração. Expliquei o que desejava: algo de grave, terno, talvez com um matiz religioso. Indaguei de Estela se acaso conhecia uma canção assim. Por um momento, meditou profundamente, depois respondendo:

– Alb Through The Night...

Lembrei-me vagamente da canção e perguntei-lhe se podia cantá-la ou cantarolar-lhe o tom.

– Aprendi-a uma vez; não se importam que eu cante muito mal?

Cantou, olhando para o fogo, esquecida de tudo, exceto das palavras e de seu sentido. Recordei então a velha canção, com sua cadência movimentada, pensativa. A voz de Estela, autêntico e

suave contralto, convinha-lhe tão perfeitamente que se acreditava estar sendo cantada pela primeira vez.

Agradeci-lhe um tanto distraidamente, ao terminar, e aos murmurados comentários de Pamela seguiu-se o silêncio, silêncio que não quis quebrar, continuando a leitura da peça. Só desejava permanecer ali a olhar Estela, que, sentada tão calmamente, nem despregava os olhos do fogo, inundada, como eu, por uma apreensão esmagadora dos perigos e doçuras do amor. Via-lhe a pulsação forte na garganta.

Ergui-me e atravessei a sala, indo à janela. O céu estava inteiramente ensombrecido; o crepúsculo imergindo-

se na noite. Puxei as cortinas e, voltando a meu lugar, recomecei a ler a peça.

Na leitura do terceiro ato omiti certa passagem equívoca, da qual dei um resumo evasivo, e continuei a ler até o fim. Ergui os olhos e encontrei os de Estela fixos nos meus, assombrados.

– Mas ela era pior do que uma assassina! Ninguém pode ser condenado à morte e enforcado por crimes piores do que os que Bárbara cometeu!

Estava impressionada, como se a coisa tivesse acontecido na vida real. Ri-me.

– Estou satisfeito por você sentir assim.

Pamela estendeu a mão, pedindo os papéis:

– Mostre-me aquele pedaço que você cortou, Roddy. Que coisa louca!

Ficou de pé junto à lâmpada, lendo, absorta enquanto lhe observava o rosto. Estava ansioso acerca daquele trecho, que envolvia uma brusca mudança de chave e bordejava pelo sensacionalismo. Ela sacudiu a cabeça:

– Não gosto disso; é demasiado violento. O tipo da emoção fora de lugar.

– Justiça poética. Bárbara merece seu destino.

– Bárbara merece tudo, mas penso que doença é coisa perigosa numa peça; tem muitas associações exteriores ao teatro e, uma vez que você a sugere, toda a tragédia humana se precipita nisso.

– Vou arrumar minhas coisas – disse Estela, com certa ansiedade, deixando o aposento.

– Não se demore! – gritei-lhe, receoso, ao ver que já passava de dez horas. Por nada deste mundo quereria retardá-la. Pus de lado a peça, acendi uma vela e corri da estufa à garagem. Pamela veio ajudar-me nas velhas portas empenadas, que sempre resistiam quando se tentava abri-las num vento como aquele. Trouxe o carro até perto da estufa e subi a capota. O vento de leste prenunciava chuva.

– É melhor levar uma capa – disse Pamela, ao voltarmos.

Chamou Estela da porta mas voltou para dizer-me:

– Roddy, estou emocionada até a medula dos ossos. Não me recordo de ter lido ou assistido a peça semelhante. É esplêndida!

– Você acha que irá bem?

– Se acho! Tudo é ótimo: caracteres originais, delicadeza, humor seco e irônico, diálogo substancioso e enredo.

Fiquei realmente envaidecido. O mundo era uma ostra que eu ia abrir com essa peça. E depois...

Pamela subira correndo e um grito agudo fez-me correr atrás dela. Estela jazia no patamar, desmaiada.

Levei-a para baixo e deitei-a no sofá. Sua face estava pálida como cera e a respiração era-lhe tão fraca que, durante um minuto de agonia, julguei que nem

mais respirava. As mãos estavam frias: parecia uma criança morta. O coração se me enregelou de terror, enquanto nos esforçávamos por fazê-la voltar a si. Pamela ofegava. Não havia, contudo, sinal de terror no rosto de Estela. Indaguei de Pamela se sentira ou vira qualquer coisa de anormal no patamar, que gesticulou-me com a cabeça: não. Correu até seu quarto à busca de sais voláteis e um chale e, de volta, informou-me que tudo lá estava como dantes.

Foi um desmaio profundo. Durante longo tempo não houve indício de reanimação; depois, justamente quando eu estava aterrado, pensando que deveríamos acordar Lizzie e chamar o

Dr. Scott, Estela aprofundou a respiração e a cor começou a voltar-lhe aos lábios. Abriu os olhos. Senti-me como se meu espírito tivesse voado até às margens da morte e retornado à casa.

— Que houve? — sussurrou ela. — Aconteceu alguma coisa?

— Nada, meu bem — respondeu Pamela. — Você desmaiou nas escadas. Fique quieta um instante.

Lágrimas desciam pelo rosto de Pamela. Serviu conhaque, e Estela não pôde beber, sacudida por tremores. Experimentou com paciência, conseguindo, a custo, tomar um gole. Fechou os olhos por um instante, depois abriu-os, fitando-nos, com um sorriso a aprofundar-lhe as covinhas das faces.

– Não se incomodem – balbuciou, fracamente. – Não vi nada.

Meu alívio foi imenso. Pamela, respirando fundo, ocupou-se em colocar travesseiros sob a cabeça de Estela, atçou o fogo e acendeu a lâmpada junto ao bule.

– Por que você desmaiou? – perguntei. – Não, não se incomode com isso – acrescentei.

– Absolutamente não sei – replicou ela.

Depois, perguntou-me as horas.

Faltavam apenas vinte para as onze; parecia incrível. Pediu-me que telefonasse a seu avô:

– Por favor, diga-lhe que estou com uma de minhas tolas vertigens de

resfriado.

– Acha que ela deve ir para casa? –
interroguei a Pamela. – Que devo dizer?

– Não acho que deva sair – replicou
Pamela, preocupada. – Poderia
desmaiar de novo. Gostaria que você
fosse agora diretamente para a cama,
Estela.

– Sim – disse Estela. – Por favor,
deixem-me dormir aqui.

Estava ainda muito pálida e o tremor
continuava. Certamente lhe seria melhor
aquecer-se e dormir o mais cedo
possível; aquela casa, porém, servir-
lhe-ia? Estaria a salvo ali? Fiquei de pé,
a contemplá-la, atormentado pela
indecisão.

Seus olhos escuros, perturbados e

tímidos, encontraram os meus.

– Por favor, não se mostre tão preocupado – proferiu Estela.

– Você está certa de que prefere dormir aqui?

– Sim!

– Está inteiramente certa de que não viu coisa alguma que a amedrontasse?

– Inteiramente certa.

Sua voz era trêmula e fraca. Seria, mesmo, melhor que ficasse.

O Comandante Brooke atendeu ac telefone. Não havia qualquer ansiedade em sua voz. Supunha, provavelmente, que Estela estivesse em seu próprio quarto. Quando mencionei meu nome, ele o repetiu, com surpresa e desprazer indisfarçados. Não dei importância ao

tom de sua voz.

– A senhorita Meredith jantou conosco – comuniquei-lhe, tentando enunciar a frase como se se tratasse de coisa que ele naturalmente aprovaria. – E sinto dizer-lhe que ela não está sentindo-se bem. Creio que é uma vertigem. Já ficou melhor e está descansando. Minha irmã gostaria de que ela dormisse aqui, caso o senhor concorde.

Houve um silêncio. Depois, numa voz constrangida, perguntou:

– Estela pode vir ao telefone?

– Achamos melhor que ela ficasse aquecida, e agora está na sala.

Continuou vagarosamente:

– Estela é sujeita a vertigens; dizem

que é uma afecção nervosa. Ela... ela sofreu algum choque?

– Não.

– O Sr. está certo disso? – a voz dele revelava aguda ansiedade.

– Ela assegurou-nos que não fora nada dessa espécie e não temos razão alguma para pensar o contrário.

– Nenhuma razão?

Havia um cepticismo amargo, quase desdenhoso, no seu tom de voz. Respondi com firmeza:

– Não, Comandante Brooke! E sinto-me feliz por ter esta oportunidade para dizê-lo. Nossa criada espalhou um boato que, sem dúvida, o Sr. ouviu; não temos qualquer razão para acreditar que seja verdadeiro.

– O Sr. me dá certeza disso?

– Já lhe dei essa certeza.

– O Sr. nada experimentou de semelhante?

– Têm havido sons fracos, inexplicáveis: um cintilar de luz, certas sensações de depressão e nada mais.

Houve uma pausa. Ele se mantinha profundamente incrédulo quanto à minha boa fé. Bem, a esse respeito eu nada podia fazer.

– Estela deve vir para casa – disse ele.

Hesitei, recordando a face exausta e pálida de Estela.

– O Sr. quer que eu a acorde e leve para casa em vez de deixá-la dormir?

Senti que a cólera vibrava no seu

silêncio, mas sabia que não a demonstraria pelo telefone. Esperei, enquanto a batalha prosseguia. Perguntou, depois, em voz rígida de constrangimento:

– Como está ela?

– Fraca e trêmula, apenas isso.

– Eu gostaria de falar à senhorita Fitzgerald.

Chamei Pamela. Ela falou, suavemente:

– Comandante Brooke, Estela pede-me dizer que nada houve demais: apenas um de seus resfriados, com uma vertigem e se acha por demais cansada para vir ao telefone. Pede sua permissão para ficar conosco esta noite. Se o senhor consentir, tomaremos bastante

cuidado dela.

Houve ainda dificuldades: necessitavam-se mais garantias. Afinal, Pamela obteve seu consentimento.

Estela suspirou de alívio quando lhe demos a notícia, mas perguntou, ansiosa, se seu avô ficara descontente. Fomos forçados a confessar que sim.

– O pior – disse ela, preocupada – é que vovô irá pensar que vi alguma coisa e isso, também, é incômodo para vocês. Receio ter-lhes causado um terrível embaraço.

Tentamos reconfortá-la. Estávamos tão preocupados e abatidos que não fomos eloquentes. Pamela perguntou-lhe se podia caminhar até o andar de cima. Estela hesitou:

Por favor – sussurrou ela. – Não suba lá.

– Mas você nos disse que não era nada! – exclamei.

Ela olhou com tristeza:

– Eu sei; e é verdade. Eu não vi coisa alguma e absolutamente não fiquei com medo; mas houve alguma coisa que parecia ir-se apossando de mim. Não sei o que era. Mas, por favor, não vamos lá para cima!

– Estive lá – replicou-lhe Pamela. – Nada havia de anormal.

– Ela podia dormir aqui – sugeri.

Estela olhou implorantemente para Pamela.

– Se não lhes fosse causar incômodo, gostaria tanto de dormir no quartinho...

– O quarto das crianças? O seu quarto! Ora, decerto! É muito fácil arrumá-lo – respondeu Pamela, sorrindo.

Levantou-se para vê-lo. Eu não estava muito satisfeito. Fora no quarto das crianças que eu ouvira os suspiros e vira a luz. Os olhos de Estela se escancararam de alegria e um quente colorido lhe veio às faces.

– Vocês dois são tão bons, tão bons para mim.

– Estela – disse-lhe. – Preferiria que você ficasse nesta sala.

Ela ainda estava muito fraca; curvou a cabeça, dizendo:

– Está bem Roderick.

E de seus olhos brotaram lágrimas.

Eu não tinha razão. Esteia necessitava de descanso, paz de espírito, de uma noite longa de sono e eu lhe retirava tudo isso, devido a um medo desarrazoado. Não podia suportar vê-la chorar. A situação tornava-se intolerável.

– Não chore – interrompi. – Talvez você durma melhor ali. Faça como preferir.

Sorriu-me. Não lhe pude corresponder, pois estava repleto de pressentimentos. Fazia apenas uma hora que tudo ia bem; estivemos juntos à beira de imensurável felicidade. Todavia, agora, caíra entre nós dois algo de negro e enregelante: uma sombra saída do passado. Nunca deveria ter

trazido Estela àquela casa. Sentei-me numa cadeira, a seu lado, sem nada dizer.

– Por favor, não fique a preocupar-se tanto – implorou novamente, descansando a mão de leve em meu braço.

A agitação e o constrangimento fizeram-me responder com rudeza:

– Está bem; não se incomode. Permite que eu fume?

Senti-me satisfeito quando Pamela voltou, levando-a para o quarto das crianças. Saí na chuva e pus o carro na garagem e, ao voltar, andei na sala de visitas, de lá para cá, sem firmeza nem direção, tendo no cérebro um torvelinho rumoroso de esperanças, impulsos e

temores.

— Ela agora está muito bem — assegurou-me Pamela, às pressas, quando entrou na sala. — Acendi o fogo na lareira, de modo que não ficará no escuro.

A voz se lhe interrompeu e, sentando-se um instante no sofá, pôs-se a chorar. Depois, ergueu a vista:

— Vou dormir aqui. Seja bonzinho e traga meus lençóis.

Arrumei uma cama no sofá para Pamela e afirmei-lhe que, de vez em quando, faria uma ronda, durante a noite. Prometemos chamar-nos mutuamente, se fosse ouvido o menor ruído.

Nada houve, entretanto. Deixei a porta de meu quarto aberta, conseguindo

dormir apenas a pequenos intervalos, aproveitando para descer várias vezes. No vestíbulo e no patamar as luzes ficaram acesas a noite inteira. O vento gradualmente amainou. A casa estava silenciosa; da porta entreaberta do quarto das crianças vinha o brilho trêmulo do fogo e, de vez em quando, ouvia um fraco e descansado suspiro e o murmúrio de palavras sonolentas. Não era de admirar, pensei, que Estela tivesse o sono leve e sonhos inquietos. Meu coração se desanuviou. Se naquela casa havia alguma obscura ameaça, estava agora enterrada; talvez nem mesmo houvesse ameaça alguma. Era bem possível que a excitação da noite que passara conosco, da peça e, depois,

sua preocupação em ir para casa a tempo, tivessem-na feito desmaiar. Tudo podia estar bem, tudo podia estar mais do que bem. Compreendia, agora, o que Max quisera dizer quando asseverava que “A vida pode ser magnífica”.

Afinal, o adelgaçamento das sombras no oriente e o arrastar-se de um brilho sobre o mar aliviaram-me da vigília; cochilei e dormi pesadamente durante duas ou três horas. Quando Lizzie me chamou, declarei-lhe que a senhorita Meredith adoecera e passara a noite no quarto das crianças. Grandemente incomodada, com medo de que suas guloseimas fossem a causa, Lizzie prometeu não fazer barulho lá em baixo e, logo que a ouvisse chamar, levar-lhe-

ia uma xícara de chá.

Tomei banho, vesti-me e barbeeime na metade do tempo habitual e, quando saí do quarto, Pamela me informou ter dormido bem, acrescentando:

– Nunca vi ninguém dormir tão satisfeita como Estela – acrescentou.

Ficamos junto à balaustrada, escutando. Lizzie tagarelava no quarto das crianças, enquanto Estela tomava o chá. Havia na voz de Estela uma nota de alegria.

O telefone tocou: Lizzie atendeu-o, chamou-me e foi para a cozinha. Quando descí, a correr, a porta de Estela estava fechada. Fora o Comandante Brooke quem chamara. Disse-lhe que tudo ia bem, prometendo levar Estela de volta

dentro de uma hora.

– Ande depressa com a merenda, Lizzie! – gritei.

O sol cintilava sobre um mundo úmido e luminoso. Estela não apareceu quando Pamela desceu, não respondendo, também, quando lhe batemos à porta do quarto. Fomos procurá-la no jardim; lá estava ela, sentada, imóvel, ao lado da árvore morta. Ouviu-nos e voltou a cabeça, devagar. Não havia necessidade de perguntar-lhe se dormira e se se sentia bem: transpirava alegria; lágrimas de felicidade fulguravam-lhe nos olhos.

– Oh! Por que vocês não me contaram? – indagou-nos tremulamente. – Vocês não sabem? Ela veio ver-me à

noite; estive comigo no quarto das crianças. Tive medo de que só fosse um sonho, embora Lizzie já a houvesse visto. Era ela quem estava na escada: minha mãe. Vocês não tinham adivinhado?

A EXPERIÊNCIA DE PAMELA

Ninguém falou enquanto não nos sentamos à mesa. Pamela parecia sentir-se tão desesperada como eu, e nenhum de nós podia comer. Estela perdia-se num estado de exaltação sonhadora; Pamela e eu, em nosso acabrunhamento. Empurrei o prato para um lado, interrogando Estela.

– Diga-nos agora o que Lizzie lhe contou.

– Ela fez muito mal em lhe dizer alguma coisa – interrompeu Pamela.

– Não, não! – protestou Estela. – Apenas, contei-lhe que havia desmaiado e como; e então Lizzie respondeu-me que quase lhe tinha sucedido a mesma coisa, acrescentando que, se demorasse mais um momento, eu a teria visto, como se estivesse viva! Oh! por que fui desmaiar?

– Estou convencido – assegurei – de que Lizzie apenas imaginou aquela aparição.

Estela sacudiu a cabeça:

– Sei que é verdade.

– E você deseja que seja verdade? – perguntou-lhe Pamela.

– Mas, sem dúvida! Poderia haver coisa mais maravilhosa?

Calamo-nos; aquela era uma reação

surpreendente e criava complicações de previsões infundáveis.

– Você me falou – disse ela, implorativamente, a Pamela – que acreditava aparecerem os espíritos só nos lugares em que foram felizes. Por que haveríamos de ter medo de um fantasma feliz?

– Porque não é natural vê-lo! – interrompi. É opressivo! Faz-nos mal.

– Só se tivermos medo – protestou ela. – Só se não compreendermos.

– Você desmaiou – apressei-me a dizer – embora afirmasse que não sentiu medo.

Estela parecia envergonhada.

– Foi uma fraqueza minha – declarou, com abatimento. – Foi justamente a que

não esperava... Lizzie teve medo – prosseguiu, em tom diverso, áspero e colérico. – Ficou aterrorizada; vocês pensaram que ela havia visto algo de mau. Ela falou sobre... sobre...

E Estela soluçou; Lizzie a havia ultrajado e molestado.

– Sobre o padre!

– Lizzie é muita supersticiosa – disse Pamela, suavemente. – Eis porque Roddy e eu acreditamos que ela imaginou a aparição .

– E agora – discutiu Estela – vocês dizem que ela estava ali e me fez desmaiar.

– Oh! Estela, meu bem! – suspirou Pamela. – Nós não sabemos o que pensar. Não podemos saber coisa

alguma; só imaginar e conjecturar.

Sentei-me ao lado de Estela, tentando argumentar.

– Estela, você é uma pessoa muito ajuizada. Max Hilliard disse uma bela coisa a seu respeito: que você tem integridade de pensamento. Isso quer dizer que você tem a coragem de recusar enganar-se, não importa o que deseje pensar. Por favor, experimente ter agora essa espécie de coragem; não se iluda a respeito disso.

– Integridade de pensamento – repetiu Estela, meditativa. – Gostaria de merecer isso. Mas não estou a iludir-me: é verdade.

– Você não pode saber que é verdade – interveio Pamela.

– Ah! mas eu sei!

– Mas não pode – insisti. – Não há provas!

Estela fez uma pausa, pensando, o rosto muito sério. Fora-se a alegria luminosa; nós a tínhamos estragado. Havia sobre a mesa uma jarrinha de amores-perfeitos, a qual começou a rolar entre os dedos. Por fim, asseverou:

– Vou contar-lhes uma coisa.

Com vergonha de mim, fixou Pamela, enquanto falava.

– Não foi apenas lá nas escadas que senti a presença dela; durante toda a noite ficou a meu lado, no quarto das crianças. Não tenho dúvida disso, em absoluto.

– Mas Estela – disse Pamela – você

estava dormindo!

– Nem sempre; fiquei muito tempo acordada. Sentia-me feliz... feliz demais para dormir... mais feliz do que jamais fui em minha vida. Fiquei deitada, calma, confortavelmente, espiando a luz, sabendo que ela estava ali.

– Que luz?– indaguei, de chofre.

– Primeiramente, a luz da lareira; mais tarde, quando acordei e o fogo se apagara, a luz da lâmpada de mesa.

Voltei-me para Pamela e indaguei se ela deixara alguma lâmpada no quarto. Não, não deixara.

– Não foi você, Pamela? – exclamou Estela. – Não foi você? Uma lâmpada de criança com uma chama fraca? Não é estranho?

– E isso não é uma prova de que você estava sonhando?

Recordei-lhe que nos falara das muitas vezes que sonhara com o quarto das crianças e a luz sobre a mesa. Tentei fazê-la considerar como era possível isso se repetir: quando dormira no mesmo quarto, o sonho voltara. Ela sorriu.

– Mas havia as cortinas e o edredom. Não, eu não estava dormindo. E havia outra coisa curiosa: o quarto rescendia do perfume que mais prefiro, o de mimosa, e eu não o estava usando.

Pamela olhou-me, atônita. Ficamos quietos por um instante, depois, Estela prosseguiu:

– Uma vez, ouvi uma voz macia,

sussurrante, dizendo belas palavras, amáveis palavras; não pude compreendê-las, mas fizeram com que eu me sentisse... oh!... protegida, amada, acariciada e confortada.

– Pobre pequena! – exclamou Pamela.
Estela sorriu-lhe:

– Você teve sua mãe até completar dezesseis anos, não?

Era impiedoso tentar arrancar aquela ilusão, mas deixar que Estela vivesse com ela seria pior.

– Você é teimosa! – declarei.

Fitou-me inquisidoramente, desapontada e desanimada.

– Não o compreendo, Roderick. Por que tenta provar que não era minha mãe? Por que se incomodam com isso? Por

que você e Pamela não precisam mais perturbar-se por causa do fantasma, desde que para mim – vocês certamente o compreendem – é uma coisa inimaginavelmente feliz?

Eu não sabia que dizer, nem Pamela. Minha decisão hesitante firmara-se pelo que Estela dissera, em seguida:

– Talvez, de outra vez, eu a veja.

A ira, então, subiu-me à garganta. Aquela situação atroz não podia continuar. Já era bastante prejudicial aquele culto canonizador à mãe, aquela adesão à virtude morta, aos preceitos mortos; ao gosto defunto. Que mortal comum poderia esperar interessar Estela, enquanto adorasse aquele modelo de perfeições? E agora iria ela

centralizar suas afeições numa rediviva e viver, obcecada, em companhia de um fantasma? Eu conhecera o caso de uma mulher arruinada por uma ilusão, embora mais imprecisa que a de Estela. E fora eu mesmo, em meu crasso cepticismo e absorvente estupidez, quem arrastara Estela para tudo aquilo! Bem, teria que arrancá-la dali, antes que a razão se lhe alterasse, ainda que, ao fazê-lo, se lhe rompesse o coração!

— Você não vai voltar aqui, Estela! —
anunciei-lhe levantando-me.

Estela saltou e colocou-se ao lado de Pamela, agarrando-lhe o ombro, a fitar-me:

— Você não pode dizer isso!

Pamela, abraçando-a

compassivamente, apoiou-me:

– Acho que Roddy tem razão!

Parecia aniquilada, Estela contemplando-a incredulamente.

– Mas é minha mãe!

– Eis o que quero dizer – redargui. – Escute, Estela: ou não há fantasma aqui e sua imaginação está correndo para caminhos perigosos, ou há, e você esteve em sua presença na noite passada, no patamar, ficando doente. Seu desmaio foi tão horrível, Estela, que por um momento cheguei a considerá-la morta.

Interrompi-me. A recordação daquele instante transtornou-me. Estela desculpou-se suavemente:

– Sinto muito!

Olhei-a novamente e, em minha confusão e transtorno amargos, falei sem pensar.

– Você acredita que foi coisa boa o que encontrou na noite passada, seja o que for. Penso que foi terrível e você não irá correr novamente esse risco. Esta casa não é lugar para você. O Comandante tem razão e agi pior do que um louco. Mas não estamos vencidos – prossegui, lutando agora contra um inimigo invisível e não contra Estela. – Vamos limpar esta casa de espíritos, de sons e de assombrações! Como último recurso, há o exorcismo.

Estela gritou. Era um grito de horror.

– Roddy! – exclamou Pamela, erguendo-se, num protesto colérico. Eu

estava aterrorizado e dissera uma coisa brutal.

Estela ficou de pé, mordendo os punhos, com os olhos escancarados de espanto, fixos nos meus.

– Isso é o que fazem aos demônios – tartamudeou ela, trêmula – para mandá-los ao inferno.

– Não! Não foi isso que eu quis dizer! Implorei-lhe que me perdoasse, que se acalmasse. Porém, a rigidez não lhe queria abandonar o corpo, nem o horror sair de seu rosto.

– Estela, querida, não fique assim! – implorou Pamela.

– Vocês têm de jurar-me – disse ela – de jurar que não farão tal coisa!

Era impossível deixá-la sair com

aquela sensação de horror no cérebro.

– Prometo – disse eu – que nada faremos sem que você consinta.

– Se vocês o fizerem – continuou ela em voz baixa – creio que enlouquecerei.

– Você deve confiar na promessa de Roddy – retorqui Pamela.

Estela interrompeu:

– Oh! confio... confio nele... oh! Pamela...

Fui buscar o automóvel, deixando Estela a soluçar nos braços de Pamela.

Pamela não veio conosco e ficamos silenciosos até que surgiu a avenida, onde passamos a andar mais devagar.

– Você tem de me perdoar, Estela. Não estou sendo egoísta – justifiquei.

– Eu sei – respondeu ela com voz

fraca.

– Você pensa que sou cruel.

– Toda a minha vida vivi ansiando por minha mãe; ela veio e você está a separar-nos.

– Estela... isto é terrível.

– Mas isso não é o pior – prosseguiu ela, apaixonadamente. – Minha mãe não se sente feliz, não pode repousar. Há algo que deseja e talvez seja uma coisa que eu possa fazer. Eu o creio e devo descobrir o que é... devo! Enfrentaria tudo para dar-lhe descanso.

Meu coração se enregelou, ao ouvi-la: o brávio entusiasmo e devotamento de uma criança... e por um fantasma!

– Escute! – disse-lhe. – Isso significa tanto para mim como para você; você

não acredita nisso agora e, no seu atual estado de espírito, não posso fazê-la compreender. Não quero dizer mais; mas desejo tornar Cliff End um lugar de abrigo para você; pode você entendê-lo, Estela? Desejo ser capaz de fazer com que você possa voltar a visitar-nos. Se é o espírito de sua mãe que ali aparece, um espírito cheio de bondade, suavidade e amor, se realmente nada houver nele que cause temor, então você voltará. Mas temos de ficar certos disso. Procure ser paciente; dê-me tempo.

Havia obstinação em seu rosto, ao responder:

– Não creio que possa esperar. Não creio que possa.

Alcançamos Wilmcote. O carro subiu.

– Farei tudo o que for possível – prometi. – Entretanto, não nos abandone. Você irá nadar com Pamela. Não é?

– Esperarei até que possa voltar à casa – disse ela, sacudindo a cabeça.

Senti-me magoado.

– Sua amizade, Estela, é então pela casa e não por nós?

– Não me faça chorar – sussurrou ela, com os lábios a tremer, correndo para a porta.

O Comandante abriu-a. Olhou inquisidoramente Estela e lhe disse algo em voz baixa; depois, esperou que eu entrasse.

Ele envelhecera: mantinha-se de pé, em frente à lareira do escritório e vi a face de um homem fatigadíssimo. Falei-

lhe que Estela estava de novo perfeitamente bem e passara uma noite repousante, apresentando-lhe completo relato de como a encontráramos inconsciente no alto da escada. A voz lhe parecia de gelo, perguntando:

– Foi lá que sua criada acredita ter visto uma aparição?

– É uma velha supersticiosa.

Repliquei, explicando porque acreditava que Lizzie sentira, de fato, uma atmosfera psíquica, imaginando a visão. O Comandante ouviu atentamente; compreendi que gostaria de aceitar minha teoria, mas não conseguia fazê-lo.

– Que entende o senhor por “atmosfera psíquica?” – indagou.

– Quero dizer – respondi – que há

certas condições que refletem emoções ou acontecimentos do passado e podem criar alucinações, produzindo sentimentos de medo.

Enquanto ouvia, o rosto se lhe endureceu. Não me ofereceu cadeira.

— O Sr. se recordará — declarou, friamente — que lhe dei uma indicação disso.

— Apreciei-o muito.

— Lamento que tenham tido perturbações.

— Acreditamos que, se pudermos descobrir alguma coisa a respeito da causa de tais perturbações, poderemos encontrar algum meio de dar-lhes fim; é, pelo menos, o que minha irmã pensa.

Os olhos dele cintilaram:

– Sua irmã faria melhor em não se imiscuir – tartamudeou.

Depois, dominando-se, pediu-me desculpas:

– Creio – acrescentou – que os senhores conseguirão acostumar-se a essa atmosfera; confio em que ela se demonstre inofensiva para os Srs. e seus amigos.

Respondi com calor; seu “imiscuir-se” me encolerizara; afinal de contas, a casa era nossa.

– Penso que o Sr. nos poderia dar algum auxílio.

– Não posso dar auxílio algum.

Protestei com veemência:

– Um aposento é inabitável... um amigo nosso ficou doente ali, de

depressão; nossa criada teve um choque e mesmo eu experimentei nas escadas a sensação mais desanimadora.

Interrompi-me; sabia o que sucederia e merecera-o. A voz dele vibrou de ira.

– E, contudo, sabendo de tudo isso, o Sr. e sua irmã solaparam minha autoridade; saltaram sobre meu julgamento e induziram Estela a visitar Cliff End!

Não tendo defesa, respondi, fracamente:

– Supusemos que tudo tivesse acabado. Falamos a Estela que, enquanto tudo isso persistir, ela não deverá voltar lá.

– Não se tratará mais disso, agora ou no futuro – respondeu. – Minha neta vai

para o estrangeiro.

Sua voz era pétrea como seu rosto, pesado e morto. Eu estava despedido. Trocamos “bons dias” protocolares e saí. Estela não apareceu para dizer-me adeus.

Quando alcancei minha casa, deixei o carro no caminho e subi pela colina, a pé. A ampla vista, o panorama ininterrupto do mar, do céu e da charneca, deveriam ter o poder de pacificar os pensamentos tormentosos, mas agora não traziam alívio. Amava Estela e causara-lhe um mal que poderia ser irreparável. Amava-a com uma força e uma simplicidade que não pertenciam à nossa civilização tumultuária e confusa, mas àquela região imutável e a

tudo quanto é perene no espírito do homem. Haveria destruído a paz de Estela, e que poderia fazer? Ontem, sentira gigantesca confiança em minha capacidade de fazer-me amado por Estela; imaginara que iria desvendar-lhe um mundo de venturas, como dificilmente ela teria sonhado; hoje, pensava em mim como num inimigo, e em breve me estaria fora do alcance. “Minha neta vai para o estrangeiro”.

Encontrei Pamela na sala de visitas lendo uma volumosa carta escrita em papel delgado.

— A mensagem bienal de Nesta — comunicou-me, com um sorriso ondulante, pondo a carta de lado.

Ouvi Lizzie a varrer a escada, com

soluços e pigarros acompanhando as vassouradas. Percebia, então, que Pamela a levara às lágrimas! Bem, Lizzie causara bastantes incômodos.

Contei a Pamela que deixara Estela amargamente infeliz e disposta a não nos ver enquanto a proibição não fosse removida. Narrei-lhe, também, a conversa com o Comandante, o que a deixou aniquilada.

— Vai mandá-la de volta àquela escola! — declarou. — Queriam-na lá, certa vez, para ficar como professora... De volta para aquela prisão... Sem ter lá uma pessoa amiga!

Sentei-me no vão da janela, submerso na mais estéril de todas as emoções: o remorso. Quanto mais Estela se

afastasse de nós, melhor para ela; era, então, o que me parecia.

– Isso a destruirá – acrescentou Pamela.

– Fará pouco mais do que nós mesmo fizemos – enunciei, com amargor. – Ele tem razão para mandá-la embora; até agora, só ele tem tido razão.

Pamela sacudiu a cabeça.

– Com a lembrança, com a mente obcecada por tudo isso? Ela não esqueceria; consumir-se-ia desesperadamente, tornando-se enferma. Roddy, não podemos deixá-la ir.

Virei-me contra Pamela, mas era a mim mesmo que invectivava.

– Pelo amor de Deus! – explodi. – Deixe de pensar que é o anjo da guarda

de Estela! Você não o é! Você e eu nada mais fizemos do que arriscar-lhe a vida, para nosso próprio prazer; agora, deixemo-la em paz!

O silêncio se prolongou o bastante para que visse a disformidade de minhas próprias palavras. Que iria Pamela fazer agora? Era raro que deixasse passar uma autêntica rudeza, e era capaz de replicar com ações e não palavras.

– Há um outro caminho – disse ela, ponderadamente. – Podemos abandonar a casa.

– Para onde iríamos? Como, viveríamos? De que valeria?

– Você não precisa incomodar-se por minha causa. Leia isto... a última página.

Passou-me a carta de Nesta. Tendo

virado páginas referentes a terreno, mudas e adubos, deparei com isto:

“Quando puder deixar tudo isso por uns três meses, venha passá-los aqui comigo. Você podia ganhar dinheiro, e bastante. Sempre lastimei que nosso velho plano tivesse sido abandonado e gostarei muito, realmente, de tê-la aqui em qualquer oportunidade. Mamãe também. Além disso, com os dons de conversar que você tem e uma gota de veneno, você poderá encontrar em Dublin um lar espiritual”.

Devolvi-lhe a carta.

– Bem, será sempre um refúgio, se tudo isto for demasiado para você.

– E você?

– Oh! posso viver numa água-furtada e escrever peças.

Ficamos ambos silenciosos. Podia ouvir o tiquetaquear do relógio avoengo no vestíbulo. O aposento, rescendendo ao perfume de uma jarra de rosas, era cálido e agradável, a luz do sol filtrando-se nele. Dois botes à vela passavam na baía.

– Desculpe-me, Pamela.

– Isso é terrível para você, Roddy – respondeu-me. – É pior do que para mim. Mas eu não penso – acrescentou vagarosamente – que seja vantagem abandonar a casa agora; é tarde demais... quero dizer, para Estela, cuja vida foi mudada e jamais voltará ao que

era. Penso que devemos ficar, procurando descobrir a verdade.

Não repliquei. Havendo começado a pintar as prateleiras da estufa, vesti o sobretudo e fui continuar o serviço, deixando Pamela a escrever cartas na escrivaninha. Depois se aproximou, pondo-se a espiar o meu trabalho.

– Andei pensando – disse ela.

Voltei de súbito à infância, em Cambridge, às voltas com uma bicicleta quebrada; Pamela, de blusa de ginásio, com o cabelo revolto, ficava ao lado. Sempre, em tais ocasiões, aparecia-me para propor as especulações de sua inteligência precoce. E começava sempre: “Andei pensando”...

– Você acredita que Mary tivesse

estado com Estela no quarto das crianças? – perguntou-me.

– Não; foi sugestão provocada pelo desejo.

– Mas poderíamos compreendê-lo tão bem, Roddy. E, se for verdade? Você bem vê, o que Mary deseja, o que a conservou sem descanso, aparecendo nesta casa, foi a saudade da filha. Não é?

– Se assim for, agora descansará.

– Talvez descanse.

– Não tenho grande esperança disso. Não creio que você tenha razão, nem acredito que Estela estivesse perto de qualquer fantasma.

– Não? E por quê?

– Ela não sentiu aquele frio horrível.

– Sim, é verdade; sentiu-se aquecida, foi o que disse; protegida e aquecida.

– Eu senti o frio, e Lizzie também.

– Também eu, uma vez.

– Então!

– Não, Roddy. Não concordo porque não penso que Estela sonhava ou imaginava que Mary estava com ela; tenho plena certeza de que é verdade. Quando ela falou, convenci-me disso... Roddy – a voz se lhe alterou – poderia haver dois fantasmas?

Olhei-a. O rosto se lhe incendiara de excitação. Coloquei a brocha no balde e sentei-me num caixote, para pensar.

– É possível – repliquei. – Meredith era frio como uma pedra – acrescentei.

– Frio como uma cobra – disse

Pamela. – Mas Meredith não morreu aqui.

– Não.

– Mary e Carmel, então?

– Não se esqueça de que outras pessoas também morreram aqui.

– Sim... e o tempo pode misturar as coisas, suponho.

– Para eles, creio, o tempo não existe.

– Carmel morreu aqui, sem ter a assistência de um médico nem de um padre. Sem dúvida, o padre Anson deve ter rezado missas em sua intenção.

– O padre Anson não nos prometeu enviar o endereço daquela ama?

– Isso mesmo! – exclamou Pamela. – E mora em Brístol, onde tentaremos vê-la sexta-feira!

- Creio que podemos.
- Mandarei Lizzie à casa do padre Anson com um recado. Isso lhe fará bem. Afligi-a muito.
- Lizzie suporta tudo.
- Lizzie é uma troiana: sua lealdade é forte como a rocha. Se ao menos não desse com a língua nos dentes...
- Enquanto a erva crescer e a água correr, sempre fará isso.
- Sem dúvida.

Lizzie ficou satisfeitíssima com essa fuga, que implicava numa viagem pelo ônibus local. Regressou com um bilhete cordial do padre Anson, expressando sua profunda estima, e uma carta de apresentação à senhorita Holloway, que agora dirigia um “Centro de Cura pela

Harmonia”, em Clifton. O padre pedia-lhe que nos recebesse na tarde de sexta-feira, dizendo-lhe que estávamos “ansiosos acerca de certos assuntos relativos a Cliff End”, de informações que apenas ela seria capaz de dar. “Seria de grande auxílio – concluía ele – se tratasse meus amigos com toda a confiança e lhes fornecesse pormenores dos acontecimentos que precederam a morte de Mary Meredith”.

A carta era de tom bastante rígrado, coisa incomum no padre Anson. Observamos que não lhe pedia que nos falasse acerca da morte de Carmel. Pensaria que tal pedido a faria esquivar-se? Enviamos a carta, com um bilhete anexo, à senhorita Holloway, com sérias

dúvidas acerca da resposta.

O dia se arrastou, o maior e mais triste que já havíamos passado em Cliff End. Pamela andava com preocupações e meu trabalho prosseguia moroso. Fiquei bastante satisfeito por saber, à tarde, que tínhamos uma visita, embora fosse, como dizia Lizzie, “apenas o Dr. Scott”.

Pobre Scott! Tão polido e cuidadoso, tão transparentemente curioso e, contudo, não fizera qualquer pergunta que se referisse a assombrações ou fantasmas... Pamela só aceitara um de seus repetidos convites para o tênis, esquecendo-se depois de ir ao jogo. Agora, ia pô-lo de lado novamente: trouxera-lhe de presente um cãozinho

preto.

– É de raça “scottie” – explicou-me ele, sagazmente – para que ela se lembre de mim ao vê-lo.

– Não é uma retribuição magnífica? disse Pamela, sorrindo. – Venha cá, Bobby”, venha cá, belezinha!

Apanhou o animal trêmulo e fofo, acariciando-o. Diabos, iria Pamela entusiasmar-se por causa de um “scottie”? Eu não tolerava esses cãezitos de pernas curtas. Um cão deveria ser um animal nobre, imponente. Deem-me um policial, um alsaciano, ou um afgão. Pamela, porém, precisava de coisas vivas a seu redor e atualmente qualquer distração era melhor do que nenhuma.

Convidamos Scott para jantar. Lizzie sempre gostava de visitas e atendia satisfeita a recomendações de última hora, mas não lhe agradou ver um cão em cena; “Whisky”, que a acompanhou quando ela veio pôr a mesa e viu “Bobby” sentado na cadeira de Pamela, também não ficou satisfeito. Depois de rodeá-la com movimentos vagarosos e felinos, de olhos maldosos pregados no bicharoco, saltou para as costas da cadeira, dali rosnando diabólicas ameaças para o aterrorizado “Bobby”. Antes que alguém pudesse intervir, “Whisky” saltara, dera uma patada com as unhas abertas e fugira da sala. “Bobby” nada sofreu; contudo, os sentimentos de Lizzie ficaram

profundamente feridos.

– Ora essa! Pobre gatinho! – exclamou ela, com voz piedosa, indo consolar seu mal-educado bichano.

Scott sorriu, com ar de desculpa:

– Vim criar problemas, receio.

Asseguramos-lhe que tudo se poderia conciliar, desde que se não misturassem as esferas de influência de “Bobby” e “Whisky”. Rir era o melhor que se poderia fazer.

Scott era companheiro agradável quando a conversa recaía num de seus três assuntos: veleiros, fotografias e cães. Falou-nos que tinha, de sociedade, um pequeno veleiro; infelizmente, a quilha se romperá e estava sendo atualmente consertada, ficando, em

breve, pronto. Desejava levar-nos a Lundy, para tirarmos instantâneos dos mergulhões.

– Que dizem de domingo, na semana que vem, se o tempo estiver bom?

Ele gostava de planejar tais coisas. Nada lhe falamos de nossas preocupações, nem das determinações do Comandante, e lhe respondemos que gostaríamos de velejar.

Scott não era amigo de despedir-se; suponho que se sentia solitário e aborrecido em seus alojamentos. Quando saiu, passava das onze e colocamos “Bobby” num tapete no vestiário, subindo depois para o andar de cima. Cheguei primeiro e acendi a luz no patamar. O comutador estava

colocado desajeitadamente, afastado, para o lado da porta do “studio”. Resolvi pôr outro, sem mais demora, ligado a uma extensão, no vestíbulo. A janela do patamar não tinha cortinas, pois Lizzie não quisera subir mais, depois do escurecer. Só um fraco clarão permanecia no céu estival. Pamela estava pálida. O dia fora horrível.

– Espero – eu disse – que possamos dormir.

– Isso não importa. Sempre durmo de manhã – respondeu, distraída, e, olhando-me depois, rápida e nervosamente, seguiu para o quarto.

Raramente Pamela ficava nervosa, mas havia bastante razão para isso. Depois do escurecer, ninguém podia

mover-se naquela casa sem aguardar algum choque.

Estaria Estela sem poder dormir, com o coração dilacerado? Meus pensamentos nada tinham de tranquilos e a muito custo consegui dormir.

Despertou-me um uivo horrendo... era o cão! Agora, pensei, Pamela desceria correndo, o que, evidentemente, não queria. Alegrei-me quando, ao sair do quarto, vi que a porta do dela estava fechada. Era estranho que permanecesse fechada, embora... dormisse com sono tão leve. Estaria espantada demais para mover-se? Bati e, como não me desse resposta, julguei que já devia ter descido. O ruído que o cão fazia era impressionante: um ulular agonizante,

ondulante, que me enregelava literalmente o sangue. Talvez não fosse o cão que o fizesse. Fiquei junto ao balaústre, inclinado sobre ele, enfraquecido pelo frio e sob o peso da vergonha que me causava a completa perda de controle sobre os nervos.

O patamar estava às escuras; nem mesmo o luar nele penetrava. Todavia, perto da escada, do lado externo da porta do *studio*, comecei a enxergar alguma coisa: um fraco fio de luz azulada. Para descer teria de lhe passar perto, e isso não podia fazer. Estendi a mão esquerda, às apalpadelas, em busca do comutador da lâmpada, no batente interno da porta de meu quarto. Não consegui achá-lo e, recolhendo a mão, vi

a brancura luminosa espraiar-se. Todo o calor fugia de mim, enquanto ali ficava de pé e o novelo de névoa se condensava, intensificando-se-lhe a incandescência, com um ritmo palpitante, como o da respiração. Vi-o enroscar-se vagarosamente e crescer; espiralava para o alto e, ao mesmo tempo, deslizava para as escadas.

O uivo lá em baixo erguia-se num crescendo de terror. Acendi a luz e a coisa nebulosa tornou-se quase invisível; contudo, sabia que ela estava ali e não podia passar através dela. Saltei o balaústre e pulei em plena escada.

O cão, no meio do vestíbulo, agachado, olhava para a escada e

arrastava-se para trás, com um movimento medroso e covarde, a garganta escancarada naquele uivo frenético. Abri a porta da frente e ele precipitou-se por ela.

Onde estaria Pamela? Chamei-a, e ouvi sua resposta, em voz fraca, vinda do quarto das crianças. Lá se achava, estendida na cama, agarrando-se a ambos os lados do leito e tremendo da cabeça aos pés. Olhava-me, com os olhos vítreos e cinzentos.

Fi-la ficar de pé.

— Para a cozinha — ordenei e disparamos pelo corredor, sem olhar para a escada.

A cozinha estava aquecida; ali, havia conforto e segurança. Acendi as luzes e

ficamos a tremer, recostados na porta.

– Olhe o gato – sussurrou Pamela. Em cima da mesa, o animal se mantinha com as costas em arco, todos os pelos em pé e os olhos fuzilando.

– Lizzie! – ofegou ela. – Devo ir vê-la... Seu coração não é forte.

Isso eu não permitiria. Jamais soubera que Pamela tivesse desmaiado, mas, parecendo que agora ia desfalecer, fi-la sentar. Se eu fosse agora ao corredor talvez visse... visse que forma, de quem, que natureza de coisa era aquela. Mas eu não queria vê-la e menos ainda tocá-la. Poderia torná-la mais horrível, ao fazê-la invisível, acendendo as luzes. Nunca fiz qualquer coisa com tanta relutância como abrir a porta da cozinha.

Havia uma névoa no corredor e tudo foi como se um farrapo de bruma do mar se tivesse arrojado nele; deslizou para dentro do quarto das crianças e não reapareceu.

– Você está bem, Lizzie? – gritei, abrindo a porta de seu quarto.

Uma voz tremida respondeu da escuridão:

– Oh! Deus santo! Oh! Sr. Roddy! Estou quase morta de medo. O cão viu alguma coisa? Ela estava de novo no patamar?

– Bobagens, Lizzie! O cão, precisamente, é que ficou assustado por se achar num lugar desconhecido. Esses animais ficam histéricos; você deve saber disso. Vá dormir agora. Boa noite.

Voltei aonde estava Pamela.:

– Era uma espécie de nuvem – expliquei-lhe. – Desceu pelas escadas e flutuou para dentro do quarto das crianças sem tomar forma.

– Eu sabia que ela estava vindo por ali – respondeu Pamela, tremendo.

– Que estava você fazendo lá?

– Eu queria investigar.

– Você foi dormir ali de propósito?

Ela deu-me um sorriso forçado. Reavivou o fogo e colocou no fogão uma chaleira. Sentamo-nos, tentando aquecer-nos às chamas confortadoras.

Para falar verdade, Roddy, confessou ela, tive um acesso de medo, para o qual contribuiu o cão. Fiquei certa de que ele estava vendo alguma coisa. Um minuto

mais e, se você não tivesse entrado, teria atirado pela janela.

Muitas vezes a temeridade de Pamela me assombrara; desta vez, achei que fora ao extremo.

– Mas você fazendo dessas coisas! – protestei.

– Eu desejava saber se Estela estava sonhando na noite passada.

– E estava?

– Não.

– Você quer dizer... Que é que você quer dizer?

– Aconteceu justamente como Estela contou, Roddy. Tudo estava calmo e dormi, acordando depois. O quarto estava... não sei bem como descrevê-lo... cheio de uma espécie de inefável

tranquilidade, perfumado, aquecido. Cheguei a ver o leve cintilar da luz; ouvi mesmo palavras murmuradas.

– Que diziam elas?

– Não pude entendê-las.

– Você tem certeza de que não estava sonhando?

– Dei um nó no lenço; aqui está ele.

– Prossiga.

– Depois, a luz se apagou e começou um longo lamento. Era um som de fazer dó. Não me aterrorizava e comecei a animar-me a responder-lhe alguma coisa, quando de repente tudo mudou. Acho que foi antes de começar o cachorro a uivar e a mudança se operou em mim. Senti-me terrivelmente amedrontada. Tentei gritar, desejei

correr, fugir, ir para o jardim, sem, contudo, me poder mover. Foi aí, então, que o cachorro começou. Pude mover-me, mas estava em pânico. Tive apenas o juízo suficiente para saber que, se corresse, poderia perder a cabeça e despenhar-me pelos rochedos. Assim, agarrei-me à cama.

Eu nada disse. Era uma história bem má. Quando a chaleira ferveu, fiz chá e bebemos, num silêncio cansado.

— Você tem de mudar-se daqui — disse-lhe.

— Não, Roddy — replicou Pamela, obstinadamente, resolutamente. — Devemos prosseguir até o fim. Se pudermos penetrar nisso agora, toparemos a verdade.

– E perderemos a cabeça.

– Não dormirei de novo nesse quarto, nem deixarei que ninguém ali durma.

– Em breve, estaremos todos dormindo na porta da rua – repliquei, com amargor. – Você realmente quer ficar?

– Quero.

– E Lizzie?

– Penso que não sairá deixando-me e, se o fizer, podemos cozinhar para nós.

– Está, então, determinada a descobrir tudo?

– Estou, sim, Roddy. Você não está?

– Naturalmente.

– Tenho a certeza de que há dois espíritos.

– Muito bem – concordei. – Podemos

trabalhar com essa hipótese; dá-nos um problema definido a enfrentar, de qualquer modo. Quais são os dois espíritos e por que estão sem repouso? Que desejam eles?

– Há Mary – disse Pamela, com voz cansada. – Mary que suspira, e chora, sofre pesadelos de angústia no *studio*, olha da escada agoniadamente, acaricia sua filha e traz-lhe uma luz. E há a outra, terrível, implacável, fria.

– Creio que agora você pode ir dormir – sugeri, erguendo-me.

– Sinto-me bem, mas ainda estou cansada.

– Vamos. Só podemos esperar que a senhorita Holloway nos esclareça a questão. Ela deve ter ouvido contar que

a casa é assombrada e com certeza pensou sobre isso. Provavelmente, explicará muitas coisas.

– Creio que poderia fazê-lo – disse Pamela – porém não acredito que o queira.

Tudo estava calmo, agora, na escada e no patamar. Recolhemo-nos.

A SENHORITA HOLLOWAY

A senhorita Holloway escreveu simplesmente que nos receberia às seis horas da tarde de sexta-feira. Combinei com Milroy, pelo telefone, ir ao teatro por volta das três e ler-lhe minha peça. Sua ansiedade ter-me-ia agradado, se eu fosse capaz de alegrar-me com qualquer coisa que se referisse a meu trabalho; mas essa peça, que tão desastrosamente me embotara os sentidos a todo o mundo exterior, estava agora abandonada. Algumas criticas e artigos compunham

toda a minha atividade literária.

As noites eram detestáveis e a casa parecia profunda caverna ressoante de sons plangentes. Não era tanto um som; parecia-me, mais uma espécie de vibração surda, difícil ao alcance do ouvido; Lizzie, afortunadamente, nada parecia ouvir, em absoluto. Pamela informou-me de que percebia tratar-se de uma lastimosa voz humana. Sentia-se como que entorpecida de fadiga. Na noite de domingo e, novamente, na de terça-feira, ambos pulamos da cama, investigando, à escuta. Começáramos a desconfiar do testemunho dos próprios sentidos, sentíamos o coração perder-se nas trevas e tomávamos como ruídos sobrenaturais todos os rumores dos

ventos e das ondas.

O cão não voltara. Quando telefonei a Scott, declarou-me supor que o animal voltaria para casa. Mais tarde, telefonou para dizer que um seu amigo reconhecera “Bobby” numa loja, onde o cão fora recolhido, como se estivesse em miserável abandono. “Ele está em más condições” – disse Scott, desconfiadamente. “Histérico, com os nervos irritadíssimos”. Contei-lhe que o cão nos despertara à noite com seus uivos, mas nada mais expliquei. Isso era deslealdade para com o cão, mas onde havia lealdade em tudo o que se estava passando?

Quarta-feira, Pamela recebeu uma carta de Estela que a perturbou bastante.

Leu-me um trecho. Estela exprimia-se melhor escrevendo a seu respeito do que falando.

“Disse-lhe que não quero ir para o estrangeiro. Como poderia eu ir, quando ele, evidentemente, não passa bem? Mas seria desonesto de minha parte pretender persistir na minha vontade, quando, na verdade, como ele diz, minha teimosia o faz piorar. Contudo, Pamela, não posso ir. Toda a minha vida, ansiei tanto por minha mãe! Você não creria quão intensamente imaginei, por vezes, que ela viria ver-me à noite. Era apenas um desejo, até que, no quarto das crianças, ela veio, realmente. Desejaria ter dons poéticos para poder dizer-lhe como

aquilo foi celestial. Penso, aliás, que ela se sente solitária e me quer tanto como eu a quero. Assim, você deve permitir que eu vá aí. Pamela, querida Pamela, por favor, tente persuadir Roderick e escreva-me o que lhe peço. Você é minha amiga; não deseja magoar-me o coração.”

Pamela pôs a carta a um lado e balbuciou, entrecortadamente:

– Coitada! Está sendo despedaçada!...

Comovi-me, mas não me decidi a recuar. Li e reli as palavras de sua melancólica canção, que Estela copiara e que continha “O Fado Negador”...

– Tudo quanto podemos fazer por Estela – declarei – é afastá-la de perigos, venham de onde vierem. Diga-

lhe que estamos fazendo o melhor que podemos.

Pamela escreveu, repetindo as garantias que eu já dera a Estela, comunicando-lhe nosso aprazado encontro com a senhorita Holloway e prometendo nada deixar de fazer.

Acrescentava também que ambos julgávamos, embora lastimássemos vê-la afastar-se, devesse ceder aos rogos de seu avô e passar algum tempo no exterior.

— Eis uma carta fraca e covarde — afirmou Pamela, colando o selo. — Estamos abandonando Estela.

Lizzie, ao vir com a merenda, olhou a Pamela, macilenta, e fitou-me depois, sacudindo a cabeça.

– Deus tenha pena dos dois; parecem fantasmas – disse ela.

– Ficaria com medo se os encontrasse no escuro. Precisam animar-se e sair desta casa quanto antes, ou acabarão perdendo o juízo. O pior de tudo é que, enquanto não tiver uma geladeira, não lhes poderei fazer bons doces; e não podemos comprar uma, sem saber quanto tempo ficaremos aqui. O creme de café que estou fazendo não fica bom.

– Realmente, a situação está ficando séria – interveio Pamela.

Achei que podia perdoar a Lizzie muita coisa. Ela arriscava, por nossa causa, sua alma imortal, ficando naquela casa diabólica, e ainda nos fazia sorrir.

Estava contente porque iria, à noite,

para a fazenda dos Jessups; Charlie prometera vir buscar o cesto de Whisky e carregá-lo no caminho.

Todos passaríamos melhor ficando uma noite fora de Cliff End. Esperava, também, que a viagem a Brístol me oferecesse melhor começo para a peça. Se Milroy gostasse dela, poderia fazer úteis sugestões; eu poderia, então, enviá-la à revisão e mandá-la, para aprovação final, a Adrian Ballaster, dentro de uns dois meses. Se a peça fosse estreada em Brístol, poderia contar que um ou mais críticos de Londres viessem assisti-la. Isso era importante e devia tentar romper aquela inércia mortal: mas quem pode viver ao mesmo tempo em dois mundos? Talvez a

Salomé ajudasse a reavivar a vocação teatral. E talvez a senhorita Holloway nos desse uma chave para a obscura tragédia, que nos envolvia como um labirinto.

Pamela tornara-se irracionalmente otimista quanto à visita a Brístol. A despeito de sua fadiga, depois de uma semana de noites mal dormidas, estava com boa disposição na sexta-feira, quando saímos.

Claude Milroy recebeu-nos em seu escritório particular, no teatro, com todas as demonstrações de satisfação. Apertou a mão de Pamela, encarando-a através das grossas lentes de aumento, sem aro, que lhe davam o aspecto solene de um querubim. Arranjou a posição de

minha cadeira, graduou os quebra-luzes para dar-me melhor luz e colocou uma garrafa com água à minha direita.

– Então você nos vai oferecer as primícias de sua peça, meu caro, caríssimo R. D. F.! – murmurou, tornando-me perturbadoramente nervoso.

– Não é um truísmo – repliquei – que críticos não podem escrever peças?

– Houve *The green goddness* – disse urna voz animada da porta – e Shaw; nessa ocasião, era crítico.

Aquilo era de alarmar: Ballaster entrara. Eu lia cepticismo em cada polegada de seu vulto disciplinado, elegante, e em cada traço de seu rosto. Não desejava que Ballaster ouvisse

minha peça ainda em rascunho.

Nada, porém, se podia fazer, pois Milroy rejubilava-se com a presença do grande Adrian. Tive de fingir que me sentia desvanecido.

Li para essa audiência de três, tropegamente, detestando a humanidade e a minha peça. Quando enrouqueci, Milroy, de um salto, serviu-me água. Nenhum deles proferiu uma só palavra, mesmo entre os atos; Pamela ficou também sentada, silenciosa. Pensei que se sentisse aborrecida; ela, porém, firmara-se na decisão de ouvir a peça inteiramente de novo. Teve um pequeno triunfo: no trecho a que fizera objeções, o que se referia à lepra, Ballaster deu um muchocho — “Tchut, tchut, tchut” — e

Milroy pigarreou. Parei para dizer que pensava em alterar essa parte e prossegui.

No fim, houve uma pausa. Milroy abriu a boca e tornou a fechá-la, sem falar, com os óculos cintilantes voltados para o rosto de Ballaster. Pamela empalideceu. A pausa estirou-se para o futuro, onde me vi, num semienvazamento, em Edith Grove, tentando acender um fogo com gravetos úmidos e originais das peças rejeitadas. O fogo voltara a apagar-se antes que alguém falasse.

– Contemporânea, succulenta, bom teatro – disse Ballaster, por fim.

Milroy explodiu:

– Menino! – gritou ele, com a face

rosada a porejar de excitação. – Oh! Menino! Que peça!

Entraram, imediatamente, nas questões da distribuição de papéis. Houve uma discussão acerca de Wendy. Milroy não acreditava que ela pudesse representar isso.

– Deixe-a tentar – disse Ballaster.

Fiquei aliviado. Ser-me-ia odioso intervir, mas devia, nesse sentido, alguma coisa a Wendy. As opiniões deles quanto ao restante coincidiram com as minhas. Discussões acerca de datas, cenários, anúncios – coisas que pouco me interessavam – levaram outro quarto de hora e, quando tudo parecia assentado, Ballaster voltou-se para mim:

– Altere aquele clímax, e mostre-me a

peça de novo, sim? Dê mais relevo ao terceiro ato e agite o segundo. Saliente a moça... Jennifer. Nicolette faria bem esse papel. Dê um toque de humor àquelas últimas cenas. Você estava melancólico. Não estava? Embriague-se de champanha e volte a elas. Se tudo sair como penso que sairá, lançaremos a peça na segunda semana de novembro. Quando você a terá ultimada? Em dez dias?

Pedi um mês.

— Na primeira semana de outubro? Está bem! Apesar das hospitaleiras insistências, desculpamo-nos por sair, pois eu desejava preparar a mente para enfrentar a senhorita Holloway.

Aquilo fora animador. Tomando um

chá às pressas no terraço do hotel e contando ninhadas de pintos teatrais ainda no ovo, os problemas de Cliff End pareciam-nos inacreditáveis.

A senhorita Holloway vivia numa colina, em Clifton. Seu “Centro de Cura pela Harmonia” era uma considerável vila-balneário, na encosta do outeiro, acima dos vales arborizados. Camas brancas colocavam-se em fileiras abertas; mulheres de aparência tristonha subiam e desciam, de sandálias, a estrada encascalhada, com o cabelo ralo pendendo, solto. Esperamos, durante dez minutos, num casto parlatório ornamentado de reproduções de Botticelli e alto-relevos de gesso de “bambini” com calças do tipo fraldas.

Ao baterem as seis horas, a dona da casa apareceu. A senhorita Holloway era alta, a imponência salientando-se pela capa engomada que usava e pela saia comprida, ampla, do vestido verde escuro. Os olhos escuros, encovados num rosto simétrico, descorado, utilizava-os com eficiência, raramente piscando ou fitando-nos os nossos. Sua voz era forte, porém suave e gentilmente modulada.

– Como vai o caro padre Anson?

Sentou-se. As enormes mãos pousaram na mesa redonda e polida, quietas. Tive uma curiosa impressão de sua imobilidade: a da avareza, pareceu-me.

– Ele vai bem – respondi – obrigado!

Inclinou levemente a cabeça, assumindo a postura de uma pessoa ilustre concedendo audiência.

– Estou inteiramente livre por quarenta minutos. Sinto-me satisfeita por ter podido arranjar isso. Os Srs. estão numa situação incômoda. Poderia auxiliá-los de algum modo?

Absorvido na personalidade estudada da mulher, deixei que Pamela contasse nossa história. Ela o fez bem e quase completamente; só não tocou no que se referia a Estela. Um sorriso surgiu na face da Senhorita Holloway. Não gostei dele.

– Pobrezinha de minha Estela! – exclamou ela. – Privada tão cedo de tal mãe...

– A senhora viveu com ela alguns anos, não? – perguntou Pamela.

– Durante dez anos – replicou a voz musical. – Sacrifiquei dez anos de minha carreira para completar a obra que Mary iniciara. Era esse o meu tributo à minha martirizada amiga.

Silenciamos.

– Não o lastimei – disse ela.

Pamela reanimou-se primeiro.

– Pensamos que talvez a senhora pudesse dizer-nos se Mary Meredith... se ela sofreu alguma grande tristeza em Cliff End. Temos ouvido tantos gemidos.

– A tristeza era o quinhão de Mary Meredith – respondeu a senhorita Holloway. – Porém ela não chorava.

Pamela olhou-me, desconcertada.

Nossa hipótese fora desfeita.

– Os senhores podem estar seguros – disse com firmeza a senhorita Holloway – de que, se algum espírito aparece em Clff End, não é o de Mary. Mary passou a esferas superiores.

– É uma voz de mulher – esclareceu Pamela.

– Sim? – indagou suavemente a senhorita Holloway.

Era curiosamente difícil fazer perguntas. Nossa embaixada, afinal de contas, era uma intrusão. Ali houvera uma amizade íntima, um profundo pesar pessoal.

– Talvez – ajuntei, desconfiadamente – a senhora tivesse a bondade de dizer-nos alguma coisa sobre a família. Creio

que conheceu Mary Meredith muito bem.

Inclinou a cabeça, afirmativamente:

– Conheci Mary como ninguém mais a conheceu.

Que se seguiria? Ninguém quebrou a quietude. A senhorita Holloway sentou-se, silenciosa. As pontas dos dedos de uma das mãos pousavam de leve, tocando as da outra: pareciam estar à escuta. Ela não iria ajudar-nos; não acreditava de todo na história de Pamela e não sabia com que propósito fôramos ali. Estava escolhendo seu caminho com extremo cuidado.

Com a voz mais gentil possível, certa de que se referia a uma querida amiga perdida daquela mulher, Pamela reiniciou:

– Não temos o direito de perguntar... nem absolutamente nenhum direito de intrometer-nos; mas acreditamos que possivelmente seu pesar, suas emoções, possam ter deixado alguma influência na casa. Se o pudéssemos compreender, não seria tão terrível para nós: o mistério atormenta mais, a Sr^a sabe. E eu também esperava que pudéssemos fazer alguma coisa para auxiliar. Seria grande bondade da Sr^a se quisesse contar-nos algo acerca da vida dela em Cliff End.

– Compreendo – disse a senhorita Holloway – tentarei.

Sua voz tornou-se ainda mais calma, quando começou:

– Nosso primeiro encontro verificou-se aqui, nesta mesma sala. Naquele

tempo, era esta uma enfermaria comum e meus deveres eram os de uma simples enfermeira. Mary fora enviada para convalescer da “influenza”. Ficamos amigas imediatamente. O objetivo de minha vida – criar um centro de cura que usasse meios além dos físicos – encontrou profunda repercussão em seu espírito. “Façamos isso juntas”, dizia ela. Mary herdara algum dinheiro de sua mãe e ansiava por empregá-lo, praticando o bem. Depois, ai!, seguiu-se viagem à Espanha; aquele casamento desastroso e o início, na bela vida de Mary, de uma ruim influência.

– Carmel? – indagou Pamela.

– Carmel.

A narração bem concatenada e, pensei

eu, não improvisada, prosseguiu:

– Viviam eles em Cliff End quando chegou um pedido à minha diretora para que me fosse permitido juntar-me a Mary como enfermeira particular. Fui enviada. Diziam que sofria de icterícia, mas era-me evidente ser isso consequência do pesar e da angústia. Comecei a tentar curá-la por meios não materiais. Persuadi-a a fazer-me sua confidente, no que não se esquivou. Sua enfermidade foi vencida, mas o coração se lhe despedaçara. “Senti que ele se despedaçava”, confidenciou-me ela, “como um sino de vidro”. Nunca mais tangeu os sons da alegria.

A senhorita Holloway falava, sem, contudo, nada nos dizer;

propositadamente, fiquei certo. Esquivava-se pois havia algum antagonismo, ou contra o padre Anson, ou contra nós. Se a deixássemos prosseguir, sairíamos tão ignorantes e desajudados como entráramos. Decidira-me, ainda que me comportasse impolidamente, a obter fatos.

– Houve qualquer coisa entre Meredith e Carmel? – interrompi.

A senhorita Holloway assentiu, com um gesto.

– Mas, meu Deus! – exclamei. – Mary sabia-o... a senhora diz que ela o sabia e a moça continuou ali!

A voz da diretora era macia e sem entonação, ao repelir minha explosão:

– Mary era única; uma mulher de

infinita magnanimidade.

Pamela imergira em silêncio. Nunca antes eu a vira derrotada. Prosseguiu:

– Carmel permaneceu na casa!
Acompanhou Mary à França!

– Não se auxilia o fraco a dominar seu pecado com o afastamento das tentações – explicou pacientemente a senhorita Holloway. – Ele deve ser encorajado a manter-se firme e a resistir. Com qualquer pessoa menos depravada do que aqueles dois, a cintilante magnanimidade de Mary, sua confiança, sua orientação terna e vigilante teriam vencido.

– A Sr^a quer dizer – repliquei, espantado – que ela, deliberadamente...

A palavra me traiu: ousava criticar,

atrevia-me a desaprovar. A senhorita Holloway cerrou, de cólera, a face rígida e cravou as mãos na mesa, ao responder, com a garganta contraída:

– Mary evitou, Sr. Fitzgerald, que uma moça jovem, apaixonada, inconsciente, se lançasse no mundo pecador.

Agora, a mulher estava tentando derrotar-me; firmei-me.

– É-me incompreensível...

– Mary seria incompreensível para o Sr. – interrompeu ela, com a voz trêmula de desdém.

Eu talhara... criara ressentimentos logo de início; devíamos ter cuidado agora. Destramente, Pamela desviou de mim a torrente de cólera, dizendo:

– Mary chegou a confiar sua filha a Carmel. Não foi? Ela deve ter sido terrivelmente iludida.

– Iludida – ecoou a senhorita Holloway. – Mas não por muito tempo. Ela se sacrificaria por Carmel, mas não sacrificaria sua própria filha. Mandou buscar-me.

– Para salvar Estela de Carmel? – sugeriu Pamela. – Carmel estava prejudicando Estela?

– Quando cheguei a Paris, receei que fosse tarde demais. A criança tinha sido estragada. Parecia doente e nada mais fazia do que gritar. Bastava que chorasse e Carmel corria a animá-la, a embalá-la, a pôr-lhe um bico na boca, a cobri-la de beijos... Essas moças

camponesas nunca aprendem!

Desgostada, a senhorita Holloway fez uma pausa.

– Carmel contrariou-se pelo fato de a senhora a substituir? – perguntou Pamela, rapidamente.

Um sorriso entre dentes veio em resposta.

– Ficou furiosa; fez cenas hediondas.

– Temperamentalmente. Não? –
intervim.

– Uma grosseirona, isso sim!

A suave diretora de hospital se desvanecera. Mas, como colérica virago, ser-nos-ia mais útil. Observando-lhe um esforço para recuperar o controle, perguntei-lhe:

– E onde estava Meredith, todo esse

tempo?

Sua resposta foi desdenhosa:

– Onde esperava que estivesse? Divertindo-se em Paris, até que Mary ajeitasse tudo de novo.

– Então – acudi – Carmel foi deixada com aquela modista e a senhora veio para a Inglaterra...

– Não era uma modista: obtive uma posição que não merecia no salão de um *couturier* famoso.

Pamela encarou-me. A posição de suas sobrancelhas indicava que estava sentindo pela senhorita Holloway tão pouca simpatia quanto eu, mas mostrou-se capaz de uma finura que eu não teria previsto.

– Voltando à Inglaterra e ficando

livres de Carmel – disse ela – espero que tenham tido paz... a senhora, Mary e a criança?

– Sim.

Houve uma pausa. A expressão calma e serena regressou à face da diretora; as mãos se lhe relaxaram e a voz se lhe tornou baixa e recordativa.

– Sim, paz; paz durante dois anos perfeitos. Mary criara uma atmosfera de serenidade celestial. Estudávamos juntas, ela e eu; líamos psicologia infantil e novos métodos de cura. Seu pai vinha algumas vezes, mas só quando o Sr. Meredith estava fora.

– Ele ficava fora por muito tempo? – perguntei.

– Viajava para o estrangeiro.

- Para Paris?
- Provavelmente.
- Mary gostava muito da criança? –
interrogou Pamela.
- Era mãe dedicada.
- Onde dormia Estela?
- No quarto ao lado da sala de
visitas, no andar térreo. Tinha uma
passagem na parede, com vidraça. Sem
dúvida, a criança ficava no quintal, com
seus brinquedos, todos os dias de bom
tempo.
- E à noite... dormia sozinha?
- Naturalmente. Os Srs. sabem o que
os psicólogos pensam dos pais que
conservam as crianças no quarto com os
adultos.

Não estando interessado propriamente

em psicologia infantil, achei que Pamela estava a afastar-nos do caminho. Desejava saber quem chorava em Cliff End; quem experimentara tormentos de inferno no *studio*; quem ainda enchia a casa com um doce perfume e quem espalhava nela uma frialdade mortal.

– Então, Carmel voltou? – indaguei.

– Sim – a voz era áspera. – Apesar das mais solenes promessas de que ficaria no exterior, Carmel voltou.

– Como foi recebida? – perguntou Pamela. – Meredith estava lá, nessa ocasião?

– Estava; foi ele quem lhe abriu a porta, quando ela bateu. Nunca esquecerei o aspecto de seu rosto, aniquilado, cadavérico. Parecia uma

máscara de desgosto. Ele ficou a contemplá-la e depois subiu a seu *studio* para buscar Mary, fechando-se nele.

– E Mary? Desceu para ver Carmel?
– interrogou Pamela. – A senhora viu tudo? Onde estava?

– Eu estava lá. Vi tudo. Ouvei o choro de Carmel e saí de meu quarto. Vi Mary sair do *studio*, onde estava posando para o marido, inclinar-se sobre o balaústre e olhar para baixo. Se tivesse ordenado que a moça saísse imediatamente da casa, eu o criaria justificado. Mary, porém, não o fez. Olhou prolongadamente para o rosto de Carmel, voltando depois a cabeça. Seus olhos encontraram os meus; vi-a sorrir devagarinho. Desceu calmamente.

– E fez Carmel entrar?

– Fê-la entrar, acendeu a lareira para ela no quarto dos hóspedes, pois era o mês de outubro, preparou-lhe um banho, deu-lhe roupas suas. A moça tossia, soluçava e incriminava o Sr. Meredith. Afortunadamente, nunca se preocupara com o aprender o inglês e não pude entender o seu arranzel vulgar. Mary falava-lhe docemente, como a uma filha.

– Então, ela ficou lá? – inquiriu Pamela. – Em que quarto?

– No quartinho da frente, oposto ao de Mary; eu o dei a ela e mudei-me para o quarto de Mary, mas ela não permaneceu ali. Sua tosse perturbava a casa inteira. Na segunda noite tivemos de preparar-lhe urna cama na sala de jantar.

– Mas Meredith! – interrompi, indignado com a fantástica história – Que fez ele?

– Propôs-se a pintá-la! – replicou a senhorita Holloway.

– Deus do céu!

– Ouvi-o falar a Mary a esse respeito. “Se você puder suportá-la”, disse ele, “deixe-a ficar. Posso utilizá-la. Tenho uma ideia de primeira classe”. Parece que ele havia terminado o retrato de Mary... pelo menos, tão bem como era capaz de acabar alguma coisa... e tivera aquela ideia do que chamava “um retrato contando uma história no velho estilo”. Ria-se disso; consigo mesmo, muitas vezes, e dizia que necessitava de Carmel para isso.

– E ela sabia? Posou para ele? Bom Deus... naquele estado?

– Não. Ela de nada sabia a menos que adivinhasse ... Ele não a convidou para ir ao *studio*. Conservava a porta trancada. Afinal de contas, conhecia o rosto de Carmel de cor. Não; ele simplesmente a fitava durante as refeições; depois, sentava-se, a encará-la. A moça chorava... ainda estava loucamente apaixonada por ele. Depois, subia as escadas, correndo, dois degraus de cada vez. Podia ouvi-lo assoviar, enquanto trabalhava.

– Quanto tempo isso durou?

– Cerca de duas semanas. Se eu pudesse ter agido à vontade, o fim teria vindo mais cedo e – acrescentou, com

voz trágica e profunda – teria sido bem diferente. Depois de alguns dias sugeri a Mary que Carmel devia ir-se embora. Estava destruindo a criança.

– “*Estragando*”, quer a senhora dizer? – perguntou Pamela.

– No sentido mais pernicioso. Quebrava toda a disciplina, ignorava todas as regras. Naturalmente, eu a proibi de entrar no quarto de Estela, mas era impossível afastá-la dali. Esgueirava-se para o quarto da menina durante a noite.

Os olhos de Pamela se ampliaram.

– Seria ela?... Seria contra suas regras ter uma luz no quarto?

– Certamente.

– E a senhora Meredith concordava?

– Nossos pensamentos eram um só.

– Compreendo.

A senhorita Holloway olhou Pamela inquisidoramente, como se a imaginar que ela houvesse compreendido demais. Estávamos sendo astuciosamente dirigidos, pois a senhorita Holloway dizia-nos precisamente o que queria que acreditássemos, nem mais, nem menos. Sua noção de tempo, também, era perfeita; surpreendi-lhe um brilho de satisfação nos olhos, quando olhou para o relógio; não haveria tempo para perguntas a que preferisse esquivar-se. Tinha um cérebro e uma vontade de aço.

– Não obstante – observei, tentando forçar um pouco – ela não mandou Carmel embora.

– O Sr. Meredith fazia objeções. “Mais três dias e ficará pronto”, disse ele a Mary. “Deixe-a aqui mais três dias e prometo-lhe que não voltará mais”. Lembro-me do seu sorriso, ao dizer isso. Fazendo o que lhe aprouvesse, sua obstinação foi diretamente responsável pela morte de Mary.

A senhorita Holloway sabia odiar.

– Faça o favor de narrar-nos – solicitei, bruscamente – acerca do último dia.

– Eu ia fazê-lo.

– Sua voz calma, reprimida, era, por si mesma, uma reprimenda. Incomodava-me pensar na infância de Estela, passada sob esse frio controle.

– Ele foi diretamente responsável –

reiterou ela. – Foi quem levou a moça ao desvario e o fez propositadamente. Estava num dia de temperamento diabólico, dia em que se desencadeara uma tempestade, e o vento, em Cliff End, era-lhe insuportável. Sempre desejara viver na Espanha. Saiu do *studio*, naquela tarde, e disse a Mary que Carmel já podia ir-se embora, pois poderia acabar o quadro sem ela. “Venha ver”, disse, rindo. Mary entrou com ele no *studio* e eu permaneci no quarto, lendo. Era nossa hora de estudo e eu pusera Estela na cama. Recordo-me do terrível pressentimento que me sobreveio e de como tentei atribuí-lo às nuvens baixas que obscureciam o céu. Coloquei o livro de lado, incapaz de ler,

e tentei despertar pensamentos tranquilos. Dentro de alguns minutos, ouvi Mary chamar Carmel ao *studio*; depois, veio de lá um grito selvagem e Carmel, atirando-se do *studio*, voou pela escada, como se tivesse enlouquecido. Mary veio procurar-me, pálida; eu estava acostumada aos acessos histéricos de Carmel, mas Mary tinha um coração tão sensível...

A senhorita Holloway fez uma pausa. Lágrimas brilharam-lhe nos olhos, mas não caíram. Uma chamada musical, uma espécie de gongo soava agora pela casa. Ela olhou significativamente para a porta. Faltavam vinte para as sete; acabara-se nosso tempo. O campainhar era prolongado, repetido, e afinal

desvaneceu-se, melifluamente. A senhorita Holloway, em voz grave, lenta, prosseguiu:

– Supus que Carmel tivesse ido para a sala de jantar. Mary imaginou que ela estivesse no quarto das crianças. Foi Mary – acrescentou tragicamente – quem desceu. Ouvi a voz desvairada e segui-a. Carmel estava junto ao berço de Estela. Voltara-se para Mary como um tigre... para Mary, que fora seu anjo da guarda! Ambas falavam espanhol; eu só podia conjecturar os vis insultos que Carmel proferia. Mary parecia um anjo vingador, alta e cintilante, os olhos cheios de um fogo azul. Nunca elevava a voz, mas suas palavras cortavam como o fio da espada. Carmel então acovardou-

se e, gritando loucamente, escancarou a porta e correu para o penhasco... Mary foi atrás dela. A criança agarrara-se a mim, amedrontada, mas, fazendo-a soltar-me, corri também. Carmel, suponho, tentava simular. Vi-a agarrar-se à árvore e pular até a borda do penhasco. A árvore negra e aquela moça de vestes negras... posso vê-las agora, balouçando-se sobre o abismo. Vi Mary atirar-se para o lado de Carmel; gritou, tentou agarrar-se a um galho e, depois...

Interrompeu-se. Seus olhos, pousando com ar de dúvida, nos de Pamela, em seguida fitaram os meus e ela prosseguiu, com relutância.

– Já que o padre Anson o solicitou – disse, vagarosamente – dir-lhes-ei o que

nunca disse antes a ninguém; exceto a ele. Quando Mary oscilava lá, à beira da morte, vi um braço negro estender-se e dar-lhe uma pancada na cabeça. Ela precipitou-se, sem um grito.

A senhorita Holloway fechou os olhos e permaneceu silenciosa, por um instante, com intensa emoção. Depois, olhou-nos e ergueu-se. Levantamo-nos.

– E Carmel? – perguntei.

– Carmel morreu, poucos dias depois, em meus braços. Fui sua enfermeira, velando-a, noite e dia; ela, porém, já estava quase à morte, quando ma trouxeram. O fim foi súbito, mas nunca tive muita esperança... Agora, devo ir-me. Todas as tardes, temos um pouco de música para nossos pacientes. Para falar

a verdade, é essa a alma de nosso método curativo. Tentei atender ao pedido do padre Anson; façam o favor de dizer-lhe isso. Confio – continuou ela, imponentemente – que lhes deixei bem claro que, se algum espírito assombra sem descanso Cliff End, não é o de Mary. E agora, tenho de despedir-me dos senhores.

Agradecemos-lhe. Tocou a campainha e saiu do aposento. Uma criada apareceu e acompanhou-nos à porta.

– Cai o pano! – gritei, ao entrarmos no carro. – Tive a sensação de que deveríamos aplaudir. Que acha você de tudo isso?

– Justamente o que ela quis que nós achássemos – respondeu Pamela, com

voz fatigada. – É Carmel quem chora.

A ÁRVORE

— Estou tão cansada — disse Pamela, ao descermos novamente a colina — que seria agradável morrer.

Sentia-me também exausto. A representação da senhorita Holloway, seu pulso de aço, sua atuação histriônica e a emoção genuína e fanática, que demonstrava quando lhe convinha, me haviam deprimido mentalmente. Sentia-me como que sacudido no cérebro. Pouco falamos, Pamela e eu, antes de tomarmos um “*Martini*” e devorarmos uma refeição apressada no hotel.

Um ramalhete de cravos e um cartão

de Peter nos saudavam. Ele e Wendy estavam “*ansiosos até a morte*” ao pensamento de rever-nos e viriam encontrar-nos logo depois da representação de Salomé. Tomaríamos umas bebidas em seus camarins, após a sessão.

Seria divertido conversar com os dois acerca de minha peça.

– Está sentindo-se melhor? – perguntei a Pamela.

– Um pouco... Roddy, que quererá ela? Falo de Carmel. A menos – acrescentou, secamente – que deseje ver a Holloway enforcada.

– Eu a ajudaria – declarei.

– Um de seus preconceitos? – riu Pamela.

– Mulher horrível...

Também o bife frio estava horrível – cartilaginoso e gorduroso; nenhum molho, de qualquer das viscosas garrafinhas do galheteiro, o tornaria tragável. Nunca mais nos deixaríamos levar pelos adjetivos “*Grandes*” e “*Reais*”, para escolher um hotel obscuro. Nunca mais!

– Toda a história é desagradável, não? – Que família – concordei. – Meredith, um cínico; Carmel, um demônio; Holloway, uma mexeriqueira hipócrita e Mary uma...

– Presumida? – sugeriu Pamela.

– Bem, digamos: “uma criatura excessivamente brilhante e boa para a vida quotidiana”.

– Sim, Mary não me agrada. Pense em deixar a criança naquelas enormes mãos frias! Pobrezinha da garota aterrorizada!

– Sem dúvida, a Holloway é que é a presumida – refleti. – Você está vendo Mary pelos olhos dela. É um espelho bem deformador. Não?

– De fato – concordou Pamela. – E Estela sentiu um carinho e bondade tão celestes... É um círculo vicioso. Não é? Desejaria que não precisássemos ir ao teatro – suspirou ela.

– Está ainda cansada? A refeição não fez muito para reanimar-nos. Você quer ameixas com creme?

– Não. Só café.

– Quer ficar e deitar-se? Eu não posso desapontar os Careys, senão

também ficaria.

– Passar a noite aqui não me curaria – declarou ela, com uma careta. – Além disso, eu quero ver a peça... Puxa! Como aquela mulher odeia Carmel! Estrangulou-a, provavelmente.

– Ela não precisa disso: um descuidozinho vale de muito, em caso de pneumonia.

Pamela estremeceu:

– E nós a fazermos cortesias para uma assassina!...

– É mesmo! Também penso assim e não me incomodaria em tentar prová-lo, se pudesse intimar um fantasma e depor perante o tribunal!

Um líquido acinzentado foi posto à nossa frente, nas xícaras de café.

Misturando-lhe lentamente açúcar.

Pamela disse:

– Se for Carmel, não vejo o que se possa fazer.

– Nem eu; mas não penso que seja ela. Creio que tudo é um eco emocional e não há nada que alguém possa fazer, a não ser esperar que se desvaneça.

Sentamo-nos ambos, deprimidos, fumando, até que verificamos que era tempo de sair e tarde demais para mudar de roupa.

Depois de seguirmos de carro alguns minutos, lembrei-me de meu original, que trouxera para mostrar aos Careys e tive de voltar para apanhá-lo. Chegamos quando o pano subia.

Nossa conversa fora um pobre

prelúdio para Salomé. Não tivesse a representação sido de fato brilhante, não nos teria empolgado. O cenário de Peter era soberbo – formas civilizadas em cores bárbaras; poços de sombras e ofuscamentos de luzes extravagantes; superestimulantes, como a peça. O vestuário de Wendy foi um triunfo, provocando murmúrios na plateia. Gostei de sua representação. Ela parecia tão bela e perigosa como uma língua de fogo; os movimentos sinuosos, aveludados e, de repente, elásticos, maldosos, como os de um gato siamês. Fariam minha *Bárbara* admiravelmente, os dois. Esperei pela ceia, para dar-lhes as boas novas; minha preocupação mental começou a esvanecer-se.

Quando o pano caiu, disse a Pamela:

– Estou-me sentindo mais humano.

Você, não?

– Diminuiu o peso – respondeu. –

Mas quero café antes de sair. Gosto de Wendy. E você? Comecei a vê-la no papel de *Bárbara*. Eles serão emocionantes!

Eu estava no *foyer*, onde fortes luzes brilhavam nos esboços coloridos e frisas surrealistas de Carey, e onde me acotovelava com gente que ria, de coração despreocupado; e foi ali que me empolgou um impulso desesperado para voltar ao automóvel e seguir para casa.

Era Estela; o perigo se fechava sobre ela, a cem milhas de distância.

Por um momento, dominou-me a

apreensão; depois, abri caminho brutalmente por entre a multidão, dei um recado verbal para Carey a um vendedor de programas, apanhei Pamela e corri com ela para o auto.

– Desculpe, mas eu tenho que ir para casa – disse-lhe. – Tive um pressentimento dominador de que alguma coisa vai mal.

Pensei que ela protestaria; coisa semelhante nunca antes me acontecera. Ela encarou-me e fez simplesmente o que eu desejava. Guiei diretamente para fora da cidade.

– Você apanhou seu manuscrito? – foi tudo quanto ela disse.

– Sim... Deus do céu, esqueci-me do hotel!

– Não faz mal; podemos telefonar amanhã.

Raras vezes dirijo o carro sem cuidado, mas naquela noite arrisquei-me. Ao sairmos em Exmoor, uma rajada varreu o automóvel. A capota estava suspensa, afortunadamente, e meus faróis eram bons. Mal falávamos. Pamela declarou, a certa altura:

– Deve ser aquela horrível história.

E eu repliquei:

– Não é.

– Você fez alguma coisa com a porta do quarto das crianças? – perguntou ela.

– Mandeí Lizzie fechá-la por dentro.

– Você tem alguma sensação do que é que está mal? Poderia ser qualquer coisa. Não é?

– Isso mesmo; deve ser alguma coisa.

Sim, havia uma multidão de coisas em que se poderia pensar; ladrões, incêndio. Não era pela casa, porém, que eu receava.

A Lua, louca fugitiva, voava a buscar em vão refúgio entre as nuvens contorcidas. O terror parecia infestar a noite, mas o vento, pelo menos, soprava por trás de nós e o carro corria. Não passava muito de meia-noite quando fui capaz de ouvir pela primeira vez o rumorejar do mar.

Atirei-me pelos atalhos de Biddlecombe e virei para a vereda. Pamela, contagiada por meu pânico, gritava:

– Depressa! Depressa!

Admirei-me de não ter tocado para Wilmcote, pois era Estela quem necessitava de ajuda. Não podia saber por que não o fizera. Nada do que eu fazia tinha motivos; obedecia a um impulso cego ou talvez estivesse enlouquecendo.

Lá estava a casa, quadrada e sólida. Lá estava a árvore, retorcendo-se como um demônio flagelante. Passei além da garagem e saltei ao lado da estufa. Pamela saiu do carro e deu volta à esquina da casa, antes que fosse puxado o freio de mão. O trovejar das ondas a se quebrarem nos rochedos enchia a noite de rumores; quando saí, o vento assaltou-me como uma matilha de cães. Alguém gritou.

Girei nos calcanhares e vi uma fresta do quarto das crianças iluminada por uma luz azulada; depois, sua porta se escancarou e alguém se lançou para fora, correndo freneticamente, rumo à borda do penhasco.

Eu não chegaria a tempo, se não fosse a árvore. O vulto deu com ela, agarrou-se a ela, balançando-se, como uma criança a brincar, sobre o despenhadeiro. Era Estela. Enquanto se balançava, gritava. Bradei-lhe:

– Segure-se.

Não podia deter-me e ter-me-ia precipitado no abismo se, saltando de lado, não agarrasse um ramo. Um galho chicoteou-me a face, semicegando-me, e cambaleei. Afinal, agarrei-me ao tronco,

prendi-me a ele, com Estela ao alcance de minha mão direita.

Ouvi Pamela gritar:

– Roddy, Roddy, onde está você?

Respondi num grito e ela começou a correr. Bradei-lhe, acima do clamor do vento, que viesse devagar, pois podíamos sustentar-nos. Ela desceu, ao alcance dos galhos da árvore, num ponto onde saliências de rocha lhe davam apoio para os pés e, firmando-se ali, puxou Estela. Um pulo me levou, cambaleante, ao lado delas, e viemos tropeçando para casa...

Quando entramos, afinal, com as portas fechadas e o vestíbulo aceso, eu ainda me achava confuso e entontecido, com sangue a empapar-me os olhos,

nada sabendo senão que o perigo passara e Estela estava salva. Ouvi Pamela dizer:

– Oh! seus olhos! seus olhos!

Adiantei-lhe que meus olhos não estavam feridos. Ela cobriu Estela com sua capa e fê-la sentar-se, semivestida, trêmula, mortalmente pálida, no canapé. Depois subiu e acendeu as luzes do patamar.

– Traga-a para cima, Roddy – ordenou.

Estela não podia falar, lutava para reter uma tempestade de lágrimas. Levei-a para o pé da escada e senti-a tremer; fez, porém, um grande esforço e subiu. Não chorou enquanto não se sentou na cama, no quarto de Pamela;

depois, cobrindo o rosto com as mãos, deixou que viessem as lágrimas e violentos soluços. Pamela tentou consolá-la, mas a nada dava atenção, a não ser a seu supremo pesar. Pamela olhou-me e, depois, tirando fios de linho e ataduras de seu armário, veio banhar-me a testa com água quente.

Fiquei junto à prateleira da lareira, agarrado a ela, enquanto Estela chorava de fazer dó. Tirou as mãos do rosto e, fitando-me com olhos escuros e dilatados, ofegou:

– Você poderia ter morrido, oh! você poderia ter morrido!

Depois, sepultou a face nos travesseiros e vi-a estremecer com soluços abafados.

Necessitava de conforto; entretanto só lhe podia responder, rudemente:

– Eu poderia ter morrido e você também!

Eu estava rígido de desgosto, com cólera decepcionada. Em sua louca paixão, Estela quase se atirara á morte. Esquecida de mim, de sua própria vida, de todas as necessidades e impulsos humanos, entregara o coração àquele mito. E eu, a não ser como amigo e aliado involuntário de sua louca empresa, eu não existia par ela. Não era mais, aquela, a Estela que eu conhecia. A terrível correria na escuridão, aquelas horas de apreensão desesperada, o choque que me causara no penhasco, tudo se condensava numa sucessão de

amarguras que me emudeciam. Nada podia dizer que a consolasse. Não tentaria rivalizar com aquela obsessão insana; abafaria o meu amor por ela, até que se tornasse Estela de novo.

Pamela voltou e colocou-me uma atadura à cabeça. Pediu-me, depois, que trouxesse de meu escritório o aquecedor de óleo. Trouxe-o e acendi-o no quarto frio. Trouxe também bebidas. Sentei-me no vão da janela e acendi o cachimbo. Pamela deu a Estela, que parecia abatidíssima, com a face mudada e emagrecida, um pouco de “*brandy*” com água.

– Penso que vocês devem odiar-me – desabafou ela.

– Não – replicou Pamela – porque

compreendemos.

– Ninguém compreenderia, possivelmente – a voz de Estela tinha um tom desesperado.

– Sei exatamente o que aconteceu – retrucou-lhe Pamela e relatou sua própria experiência da noite de sábado.

Estela ouviu avidamente, mas afinal suspirou, dizendo:

– Você não a viu. Eu vi.

– Viu-a? – gritei atônito.

A face de Estela tremia, e disse, com desespero:

– Vi-a e fugi.

– Ninguém pode encará-la – exclamei, andando acabrunhado pelo quarto. – Era natural que corresse.

– Sim, você fez bem – adiantou

Pamela.

— Ela, porém, é minha mãe! Oh, Pamela, você não compreende? Ela é minha mãe e me adora! Vim, porque sabia que ela queria ter-me consigo, e, depois, quando a vi, não pude, não pude...

Sua voz vibrava de amargura; sentou-se na cama, contorcendo as mãos.

Insisti com ela, dizendo-lhe que os nervos humanos desfalecem diante do sobrenatural e que a fuga fora a única coisa prudente que fizera. Ela, porém, não ouvia; precisava desabafar o autodesprezo e a infelicidade que a dominavam.

— Quinze anos! — prosseguiu. — Pensem nisso! Errando sozinha, nesta

casa abandonada, esperando, ansiando por alguém que viesse vê-la e ouvi-la...

Seus pensamentos a apavoravam, tremia, sem poder deter-se.

– Tentando fazer com que os outros soubessem quem era ela, e ninguém para vê-la, para ouvi-la, para sentir ou pensar alguma coisa a seu respeito! E então, por fim...

Aquilo estava a torturá-la, mas minhas censuras, ou de Pamela, eram igualmente inúteis; abateu-se sobre ela uma tempestade de remorsos e compaixão, levando-a a prosseguir:

– Então, sua própria filha, que ela tanto amava... Porque – e sua voz se amaciou, de cansaço – minha mãe me amava; agora, eu o sei. Você vê – e

ergueu olhos implorantes para Pamela, como se mal pudesse esperar crédito — eu não era uma menina digna de ser amada. A senhorita Holloway diz que eu era teimosa, enjoada e nunca completamente boa. Assim, pensei que minha mãe me amasse um pouquinho só, porque era bondosa e cumpria seu dever. Mas não era isso: amava-me, realmente, como se... como se eu lhe causasse prazer e como se também quisesse meu amor. Foi como naquela última noite. E eu quis ter coragem. Pensei: agora, hei de vê-la e falaremos uma à outra. Então, de súbito, tudo parou. Era como se tudo fosse um relógio e o relógio parasse de repente. Penso que devo ter caído a dormir.

Acordei com o coração saltando, e fazia frio, o mais horrível frio que já senti; e então – a voz de Estela fraquejou – ela começou a surgir pela porta. Veio através da porta fechada, como um nevoeiro. E ficou ali, ao lado da cama, uma nuvem alta, cintilante, quase com formas de mulher. Movia-se. Tinha olhos... e eu fugi correndo.

Tombou para frente, quase desmaiando, e Pamela amparou-a.

– Pelo amor de Deus, Roddy – exclamou Pamela, ofegante – que podemos fazer? Ela vai ficar transtornada.

– Vou levá-la à casa – respondi.

Estela deitara-se agora no leito, pálida e encolhida, exausta demais, até

para chorar.

– É melhor trazer bebidas quentes, Roddy. Uma gemada ou coisa parecida. Ela não pode ficar assim – implorou Pamela. – Vou dar-lhe aspirina.

Satisfeito por escapulir-me, desci à cozinha. O fogo se apagara e pus uma caçarola com leite no fogareiro. Minhas mãos tremiam: vendo ovos no armário, quebrei um, perdi o equilíbrio e sujei todo o soalho. Reuni ruidosamente um punhado de coisas várias numa bandeja de metal. Meus nervos pareciam um carrilhão tocado pelos demônios; a casa, um inferno.

Que podíamos fazer por uma moça que se atrevera a ir a uma casa mal-assombrada para ser aterrorizada por

um fantasma, até ficar fora de si? Dar-lhe aspirina! Ouvi meu próprio riso amalucado. “Aposto com você que a senhorita Fitzgerald tem aspirina!” Estela dissera aquilo. Podia recordar-lhe agora o rosto, quando o dissera, na praça da feira, entre as flores, e escutava de novo sua voz, quente e alegre. Ela fora tão amável e séria no café, imaginando o que iria dizer, pedindo-me conselhos; e eu lhe falara que deveria vir. Resmunguei e pus a mão na cabeça. O corte ardia. Vi-a de novo, atirando-se no espaço, agarrando-se, entre a vida e a morte, no galho balouçante da árvore.

Abandonei os pensamentos e acabei de fazer a beberagem. Estela não estava

morta. Estava lá em cima, ali, em minha casa, o lugar adequado e natural para que estivesse. Era minha adorada, amava-a e tudo sairia bem.

Quando levei a bandeja, Pamela reclamou:

– Nem açúcar, nem colheres.

Desceu. Estela achava-se num canto da cama, encostada a travesseiros e envolta num edredom. Sua angústia se desvanecera. Olhou-me, enquanto eu ficava de pé junto à lareira, e vi que estava com medo de mim. Envergonhado de minha rudeza, perguntei-lhe, do modo mais gentil possível:

– Você está se sentindo melhor?

– Sim, obrigada – disse ela, maciamente. – Você me despreza. Não

é, Roddy? Eu me desprezo a mim mesma – acrescentou.

– Pelo contrário – repliquei. – Penso que você foi heroica. Mas não quero que seja heroica; quero é que não corra perigos.

Seus olhos pareciam imensos na face alva, com os longos cílios úmidos. O olhar desafiante, tenso, sumira-se; os lábios, semiabertos, tinham uma suavidade infantil. Suspirou, pensativa:

– Eu gostaria de fazer alguma coisa que consertasse isso.

– Você deve deixar de causar-nos sustos, Estela. Pamela e eu já tivemos muita coisa para enfrentar. Estamos tentando lidar com as assombrações, mas não sei que fazer com você. Será

que você irá repetir isso?

Ela sacudiu a cabeça:

– Não, prometo. Não tentarei de novo, a menos que vocês o consintam. Você poderia ter morrido.

E voltou a cabeça, chorando novamente.

– Pamela está demorando muito para encontrar aquelas colheres – declarei.

Estela olhou em volta, uma vez mais; pousou o olhar em mim, forcejando por sorrir.

– Você salvou minha vida – sussurrou.

– Seria uma pena arriscá-la – repliquei.

Aprofundou-se o sorriso, o calor subindo-lhe às faces de mansinho. A

fraqueza quebrara-lhe os contornos firmes do rosto e a Estela reticente como uma escolar se fora. Seus olhos encontraram os meus e ela enrubesceu. Dominou-a a timidez e não falou de novo, enquanto Pamela não voltou.

Sorvendo a gemada, sorriu para Pamela, a dizer:

– Entrei em sua casa como uma ladra e vocês ainda são meus amigos.

– E o Comandante? – indaguei, lembrando-me dele pela primeira vez.

– Pensa que estou em casa, dormindo – replicou ela, em voz baixa.

– Será melhor que eu a leve já para casa.

– Estela primeiro deve dormir um pouco – protestou Pamela. – Agora, uma

hora ou duas não fazem diferença. Você ficaria com medo se dormisse comigo em minha cama?

– Oh! não! – respondeu Estela. – Não tenho medo quando há companhia.

– Então, daqui a duas horas – concordei e desci.

Fora Pamela, supus, quem desferrolhara a porta de dentro do quarto das crianças e virara o comutador. A janela e a meia-porta estavam escancaradas; uma bandeira da janela balançava para lá e para cá e as cortinas ondulavam furiosamente. Examinei por fora a tela de arame; o cadeado pendia, fechado, da moldura, pendurando-se nele a argola enferrujada. Atirei-o, descuidadamente, sobre o

reboco solto da parede. Estela o arrancara à força.

Tentei concatenar os acontecimentos da noite. Como enganara Estela a seu avô? Era aquela a noite em que ele habitualmente saía? Sim; sexta-feira! E havíamos escolhido, logo, a mesma noite para deixar a casa vazia! Como o soubera Estela? Estivera presente quando fazíamos nossos planos? Fora acaso, ou coisa diabólica? E que me impelira a regressar?

O casaco e o vestido de Estela estavam sobre uma cadeira; lá estavam, também, seus sapatos e chapéu. Apanhei-os. Enchia-me de felicidade este leve estribilho: “Estela estava a salvo. Poderia ter estado lá em baixo,

nos rochedos, morta”. Levei os objetos para meu escritório. Sentei-me, fumando, à janela, de onde podia vigiar a porta do quarto de Pamela.

A noite era tormentosa, porém quente. Agora, o vento não ululava, vagabundeava pelos espaços abertos, forte e livre. A Lua velada circundava-se de um halo de ouro. O farol, na ponta do sul, mandava-nos sua luz firme por sobre a tempestade. Contei suas rotações e esbocei-lhe, por fim, o contorno. Às vezes, a espuma de um vagalhão refletia o brilho e um escumante animal prateado saltava no mar. Por momentos a Lua cintilou com todo o esplendor e a luta do vento e das águas se tornou visível, batalha

clamorosa e exultante. Mesmo que andassem soltas nela as potências do mal, era essa uma noite magnífica.

A porta do quarto de Pamela abriu-se. Ela tornou a fechá-la e veio rapidamente pelo patamar, olhando com nervosismo para a direita.

– Roddy – perguntou-me – a noite ficou fria?

– Não – respondi asperamente. – Que houve?

– Aquele frio horrível está se introduzindo em meu quarto.

Entreguei-lhe as roupas de Estela: – Tire-a de dentro de casa! Não espere que ela se vista!

Enquanto me achava no patamar, à espera, observei a porta do *studio*. Não

sabia se era a luz do patamar que nela se refletia de modo curioso ou se o que via era uma espiral de névoa luminosa. Aquilo, porém, movia-se, serpeava e estendia-se sobre a porta. Uma náusea gélida se apoderou de mim; gritei por Pamela. Ambas apareceram e, num instante, corremos para o vestíbulo. Estela vestira um casaco, mas Pamela só pusera uma blusa.

– Apanhe um paletó na cômoda – ordenei-lhe e ela correu para buscá-lo.

De súbito, Estela, ofegante, atirou-se a meu encontro. Virei-lhe a cabeça, para que não visse o que eu agora via e gritei a Pamela:

– Saia pela porta dos fundos.

Ela, porém, correu para a porta da

frente, escancarou-a e fechou-a por trás de nós. Ficamos a lutar, na clareira, contra o furor da tempestade. Mesmo ali, tive de combater o pânico. Mais um minuto e a forma, no alto das escadas, ter-se-ia mostrado como uma mulher — uma mulher alta, de olhos frios de gelo.

No carro, Estela, sentada entre nós dois, tremendo, disse angustiada:

— Eu estava de novo aterrorizada.

Não respondemos; guiei o carro, celeremente, pela clareira e chegamos às encruzilhadas para Biddlecombe, antes que me pudesse ter dominado para seguir mais devagar. Ali, à vista das casas, ao abrigo dos carvalhos, parei o carro. Pamela e eu acendemos cigarros.

— Que foi que vocês viram? —

perguntou Estela, trêmula.

– Uma estranha espiral de névoa – repliquei e perguntei que aconteceria quando ela entrasse em casa.

– Acho que não poderei correr a meu quarto sem acordar o vovô – respondeu.

Envergonhada, mas decidida, contou-nos o que fizera.

– Menti-lhe: disse-lhe que estava com dor de cabeça e iria deitar-me. Pedi-lhe que não me acordasse quando voltasse: Ele quase não saiu, pois estava muito incomodado com a minha dor de cabeça e também não se sentia bem. Mas o capitão Pascoe fica sempre tão deprimido e melancólico quando há uma tempestade... vocês sabem... ele perdeu o navio. Assim, vovô decidiu sair. Fiz

uma traição horrível; não mereço que ninguém seja bom comigo.

Ficou silenciosa, quando continuamos a corrida. Pamela sugeriu que eu faria bem parando algumas casas antes de Wilmcote.

– Ele pode estar de vigia – disse ela.

Parei e ela saiu do carro. Estela, muito baixinho, chorava de novo.

– Roderick – falou. – Você me perdoou, de verdade. Não é? Prometo solenemente que não darei mais incômodos a você e a Pamela; logo que vovô melhore, ir-me-ei embora!

– Não faça isso, Estela! Não faça isso! Só Deus sabe quando, então, poderia vê-la de novo!

– Mas pensei que você queria isso!

E havia em sua voz um timbre de surpresa... quase, imaginei, de alegria.

Que dissera eu? A última coisa que quisera dizer. Tentei retificar:

– Não, não quero dizer isso, Estela; você deve ficar afastada por algum tempo. Mas não adoeça, não se arrisque mais. Não poderia suportá-lo... Promete?

– Prometo, Roderick.

Pamela voltou, para dizer-nos que não havia ninguém nas cercanias.

Estela, na ponta dos pés, entrou no jardim e colocou a chave, com cuidado, na fechadura. Lembrei-me vivamente de como nos abrira aquela porta, cinco meses antes. Voltou-se para sorrir-nos, antes de entrar e, devagarinho, cerrou a

porta.

A VISITA DO COMANDANTE

A casa teria de ser abandonada. Teria, sim. Que importava isso? Destruía nossas vidas: a de Estela, a de Pamela e a minha. Eu deveria ter visto isso semanas antes: fora cego.

Subindo a colina, na manhã cinzenta e tempestuosa, voltei a dominar-me. A chuva cessara, mas os fetos estavam úmidos. Eu viera, com machado e serrote, procurar, entre as árvores e moitas, madeira para uma cerca. Para quem quer ordenar um caos emocional,

não há conselho melhor que o de Abraham Lincoln: “Sente-se e serre madeira”.

Ali cresciam, descuidadas e acumuladas, as bétulas e as faias. Escolhi um renovo alto e pus-me ao trabalho. Gostei das pancadas límpidas do machado, da derrubada da árvore, do corte dos ramos do tronco e do empuxão resistente, firme, dócil, da serra. Ela cortava também, meus problemas. Que era um avô? Que era a diferença de idade? Que valiam mil libras ou uma casa? Tinha minha profissão e só havia um problema que permanecia insolúvel: o da própria Estela, que me deixara perplexo. Onde se centralizava seu coração? Quais eram seus pensamentos?

Amava-a, necessitava de seu amor, de sua doçura, como do ar; e, contudo, havia nela alguma coisa... alguma coisa estranha, incerta, mutável... que eu não podia compreender.

Estela não era uma criança. Nenhuma criança teria tomado a decisão que ela tomara, quando se recusara a enganar ou a obedecer a seu avô, decidindo-se a visitar-nos; e não fora uma criança quem realizara aquela ação solitária da noite passada. Estela tinha sua própria maturidade, o mais delicado equilíbrio de temperamento, uma harmonia alcançada pela rígida disciplina imposta a uma natureza intrinsecamente bravia e livre. Havia uma aurora de selvagem liberdade no olhar de Estela à noite

passada. Que era aquela tímida luz, que surgira e fora tão rapidamente velada? Que vira Estela, quando me olhou? Um homem mundano, cansado de aventuras, saído da região da juventude? Um sensível irmão mais velho, que auxilia nas dificuldades, sempre pronto a dar bons conselhos? Se isso acontecera, a culpa era somente minha e iria remediá-lo.

Minhas necessidades e objetivos estavam, agora, tão claros e nus como a árvore cortada. Quando veria Estela novamente?

Pamela vinha subindo entre os fetos. Ouvira-me trazendo o renovo. Sim: havia o problema de Pamela e de sua parte na casa. Ela desejava lutar pela

casa, prender-se a ela. Também eu; não, porém, a qualquer preço.

Veio ficar perto de mim, queixosa:

– Seria preciso você escolher uma bétula?

– Estão crescendo muito juntas.

– Para que é isso?

– Para uma cerca do lado oposto ao quarto das crianças.

– Não tolero ver arames.

– Nem eu. Poderíamos plantar urzes nela.

– Disso eu gostaria: uma sebe de urzes.

Acendeu um cigarro e sentou-se num toco de pau. Disse-me que dormira profundamente desde as quatro horas. Eu também, mas de pura exaustão.

Uma sebe de urzes. Lá estava eu, enfrentando o fato de que Cliff End estivesse cheia de coisas diabólicas e devia ser abandonada e, ao mesmo tempo, cortava madeira para uma cerca! Era extraordinário o modo por que nosso ser, à luz do dia, recusa acreditar na evidência da noite.

Fiquei de pé; espichando-me para trás, acendi o cachimbo.

– Tenho uma proposta a fazer-lhe – declarei.

– Você parece tão bem disposto, Roddy! Invejo-o, por ser capaz de estar assim, tendo dormido tão pouco...

– O que vale é a qualidade e não a quantidade... Não sonho... Olhe aqui Pamela; não vá fugir diretamente do

assunto, logo que eu o mencionar. Pense só nisso: suponhamos que minha peça seja um sucesso, quero dizer, em Londres, e que faça dinheiro. Se eu estivesse em situação de oferecer-lhe metade do preço da casa, mais o que você deu para melhoramentos, você aceitaria?

– Tão depressa, Roddy?

Ela estava espantada e um pouco triste. Depois, acenou afirmativamente:

– Sim, se você quiser morar nela.

Continuei a serrar ramos de minha árvore.

– Minha ideia poderia ser fechá-la.

– E atirar seu dinheiro ao mar?

– Exatamente.

– Mas escrever peças é coisa tão

duvidosa...

– Eu sei.

– A coisa não está tão desesperadora assim. Não desistiremos.

Hesitei e depois disse:

– Você não pode suportar isso indefinidamente, nem eu. Isso arruína o meu trabalho.

– Durante umas poucas semanas mais, posso.

– Semanas, porém não meses. Não iremos passar o inverno em Cliff End, com fantasmas. Além disso... – e interrompi-me, achando que por enquanto já dera boas razões – você concordaria?

– Não penso assim. É generoso de sua parte, mas esta é uma empresa

associada, Roddy. Eu mesmo estava mais ansiosa do que você. Se um sair, sairemos os dois e repartiremos o prejuízo.

– Você me forçaria a demorar-me mais do que desejo, se toma as coisas por esse lado.

– Não acho assim... se falharmos. Mas ainda não começamos a trabalhar direito. Não podemos desistir sem luta.

– Concordo. Mas eu gostaria de saber que você não seria um obstáculo se a situação não melhorasse.

“Não se incomode: não serei obstáculo”. Ela pensou em silêncio, por um momento. Depois disse:

– Se sua teoria está certa, se a maioria das perturbações é alucinação

ou uma espécie de espuma do passado, então estamos vencidos e eu irei. Mas penso que se trata de um fantasma. Poderia ser um fantasma reeditando sua tragédia por todo o sempre, como muitos casos de que você deve ter ouvido falar; então, estaremos vencidos também. Mas se há ali um espírito, que vem com uma finalidade, descansará se a realizar...

– Perfeitamente: isso é o que de melhor podemos esperar, mas estou começando a temer que seja uma mistura de tudo isso, sem esperança.

– Temo que esteja começando a parecer assim. Estou fazendo uma espécie de crônica de tudo quanto aconteceu – acrescentou ela – e quero sua ajuda. Depois, examinaremos toda a

história e tentaremos diversas teorias. Uma ideia bastante espantosa me veio à cabeça, quando estava quase dormindo: a de que havia dois espíritos lutando, brigando por causa de Estela, na noite passada.

– Deus meu! – exclamei. – Espero que não seja isso! Mas – ajuntei, refletindo mais – afinal de contas, é concebível.

– Ainda não examinamos com cuidado a questão de Carmel.

De fato; de volta à casa, torturei o cérebro para descobrir que pista havia, ligada com Carmel, que eu não seguira, quando me lembrei da pintura de que Max falara e da fotografia que ele me prometera mostrar. Estava para escrever-lhe um cartão postal, quando

pensei em que seria extraordinariamente agradável ouvir sua voz forte e firme. Fiz uma chamada para seu *studio* em Hammersmith Mall e ele respondeu, cheio de satisfação, calorosamente.

– Não esqueci aquelas fotografias da Academia. Judite desenterrou-as e irei pô-las no correio imediatamente. Você deve estar tão interessado quanto nós! Como vão as coisas em Cliff End? Sua voz não parece muito boa.

– Um pouco de falta de sono – confessei.

– Ainda? Demônios, Roderick, você não quererá dizer que...

– Eh! – interrompi. – Não use esses termos ao telefone. Você vai escandalizar a senhora que fez a

chamada.

Max percebeu a sugestão.

– Você não querará dizer que aquela maldita insônia continua má como antes?

– Pior – repliquei.

– E como vai Pamela?

– Também não passa muito bem.

Houve uma pausa.

– Eu estava pensando em descer.

– O tempo mudou – disse, ansioso – se é por isso que você estava esperando... – Espere um minuto, sim?

Daí a pouco ele falou de novo:

– Olhe aqui; Judite manda saudade e as melhores lembranças. A irmã dela está para ir à cidade passar um par de dias e ela estará ocupada. Você poderia suportar-me de quinta-feira até sábado?

Hesitei, tentado, mas não ainda completamente vencido.

– É uma viagem longa para duas noites, e a casa... bem, agora está um bocado fria e úmida.

– Então está combinado. Quinta-feira à noite. Até lá!

Max desligou antes que eu pudesse agradecer-lhe, ou protestar. Puxa! Que alívio! Gritei por Pamela. Também ela se sentiu tão aliviada quanto eu.

Lizzie chegou ao meio-dia, espantada por achar-nos em casa, a procurar comida na cozinha, pois não nos aguardava antes da hora do chá.

– Mas, decerto, o tempo não os tentaria a andar batendo pernas. É um adeus ao verão, penso eu – disse ela. –

Eis um presente da senhora Jessup: dois lindos ovos de pata.

Enquanto Lizzie preparava a merenda, saí com Charlie, que a havia escoltado até à casa. Declarei-lhe que precisava de uma cerca curta, feita do lado de dentro da borda do precipício. Ele deu uma palmada na coxa, satisfeito.

— É disso que Cliff End necessita. Falei nisso aos tais Parkinsons muitas vezes. Um lugar não parece nada enquanto não estiver cercado, com mato e as plantações do jardim todas misturadas. Espere até ver. Espere só!

Apreciei Charlie. Um homem que gosta de seu trabalho e o demonstra é um tônico.

Pamela precisava de que eu

trabalhasse com ela no diário, mas eu dedicara a tarde à minha peça. Que loucura não parecia o gastar as melhores energias em inventar perplexidades e descobrir suas soluções, enquanto nossos próprios e atrozes problemas permaneciam insolúveis! Mas a lembrança das pinturas em caminho e, mais ainda, de ter o auxílio do cérebro sutil, forte e ordenado de Max, para a pesquisa, enchia-me de esperança. Afinal, íamos entrar em ação.

Marquei o papel azul em que meu segundo plano ia ser feito e sentei-me para emendar o primeiro ato. A revisão devia ser agradável, pois a obra não é mais uma montanha a oprimir-nos, está sob nosso domínio. O tema demonstrou

ser factível, tomou forma; as crises e o auge estão nos seus lugares; seus caracteres têm vida, sabemos quais seriam e quais não seriam suas reações. Trabalhamos confiantes, sem mais apreensões de que nosso enredo seja impraticável ou de que nossos caracteres se recusem a agir, ou que o tema vire pelo avesso e não saia peça alguma. Sim, desta vez a chave e a atmosfera estão estabelecidas.

Recordei, com melancólica alegria, minha única outra aventura teatral, quando *The Crucible* foi representado por um grupo de segunda categoria. Nos ensaios, fora a peça transformada, de solene tragédia, em farsa tragicômica. Sem dúvida, melhorara muito com a

troca, mas eu não pensava assim naquela época.

Bem, agora meu primeiro ato tinha de ser passado a limpo.

Não foi, porém, minha peça o que ficou escrito no papel azul: foi uma carta para Estela. Uma longa carta. Escrevi-a, assinei-a, datei-a e fechei-a na gaveta. Não era ainda tempo de mandá-la.

Voltei a meu trabalho com decisão, marcando as passagens a serem cortadas ou aumentadas. Ouvi Pamela entrar no seu quarto; ia mudar de roupa, pensei. Ouvi-a dizer alguma coisa, contrariada, acerca de sair de carro, quando tinha apenas de ir pagar visitas. Depois, ouvi um som igual aos dos tempos de infância: trote de cavalos e rodar de

carruagens lá fora. Parou em frente a porta. Certamente, devia ser o velho coche conduzido por Wally Moss, tio da dona da “Corça Dourada”. O Comandante Brooke desceu. Ficou de pé, examinando a casa, com uma dor antiga estampada na face, e seus olhos, erguendo-se para a janela, encontraram os meus.

Bati à porta de Pamela e contei-lhe o que vira.

– Eu sei. Eu o vi. Roddy, preparemos para isso! Pobre Estela! – acrescentou tristemente. – Pobre velho!

Isso era mau. Que não teria havido entre Estela e seu avô? E que teria a dizer-nos? Eu bem me lembrava do brilho acerado daqueles olhos azuis,

que, agora, estavam pesados de acabrunhamento, quando os defrontei. Ele estava de pé, no meio da sala, encarando cada objeto que não lhe era familiar como o causador de uma nova angústia. A princípio, eu também não passava de outra coisa fora do lugar. Depois, focalizou sobre mim um olhar amargo.

— Vim pedir-lhe uma explicação — disse-me.

Redargui-lhe que me sentia feliz por ter a oportunidade de oferecê-la e pedi-lhe que se sentasse. Escolheu uma cadeira comum. Um rubor leve e apagado ergueu-se em suas faces cavadas, como um enrubescimento de pejo. Esperei, sem saber o que Estela

lhe havia contado. O homem parecia doente demais para sair da cama. Falou gravemente:

– Minha neta deu-me sua versão do que sucedeu aqui na noite passada. O Sr. a levou para casa entre duas e três da madrugada, encorajando-a a escalá-la como uma ladra, como... como... – ele controlava sua agitação com imenso esforço. – Tenho o direito, creio eu, de perguntar qual a sua versão do caso.

– É certíssimo que tem – repliquei.

Pamela entrou. Fiquei um pouco admirado. Ela parecia nossa mãe, naquele vestido azul claro e com aquele severo aspecto da face. Disse, gentilmente:

– Espero que Estela esteja bem.

– Ela está muito longe de passar bem
– respondeu o velho.

Erguera-se com cortesia formal. Quando ambos nos sentamos, proferiu, energicamente:

– Como era de esperar, o arrependimento e a vergonha que ela sente são acabrunhantes.

– Ela lhe disse o que aconteceu? – perguntou Pamela.

– Creio – respondeu, amargamente – que dessa vez ela me falou a verdade.

– Estou inteiramente certa de que falou, pois ela se entristecera por havê-lo enganado.

– Que aconteceu? – virou-se ele para mim.

Respondi-lhe, contando que havíamos

deixado a casa vazia e de meu súbito regresso por causa do pressentimento de que alguma coisa ia mal. Não mencionei que meus temores tivessem Estela por alvo. Falei-lhe acerca da fuga de Estela de casa, de sua exaustão, do terrível frio que a envolvera enquanto repousava e da figura que eu vira no topo da escada. Ele me fitava, atônito.

– Isto é muito pior do que o havia suposto.

– Afortunadamente – disse Pamela – sua neta pensa que a aparição é gentil e amável. Isso lhe evitou um choque muito maior.

– Estou ciente de que essa é a opinião dela – disse ele.

– O Sr. conhece a interpretação que

se dá na aldeia a tudo isso? – perguntei-lhe.

– Sim. Conheço-a também – sua voz tremia de desprezo.

– E não pensa – prossegui – que chegou a ocasião de auxiliar-nos com qualquer informação que possa dar?

– Não posso dar-lhes auxílio algum! Recuso-me, completamente, a discutir minhas recordações particulares com intrusos inescrupulosos... – explodiu ele.

Fez uma pausa e acrescentou, secamente:

– Desculpem-me.

– O Sr. passou uma noite de preocupações – interveio Pamela, exatamente como mamãe teria dito, dando por ele a desculpa que deixara de

dar. – Veja – prosseguiu ela – meu irmão e eu pensamos que possam ser espíritos, dois espíritos, que andam aparecendo na casa: o da mãe de Estela e um outro. E pensamos...

Ele voltou-se para ela, com o rosto congestionado de cólera:

– E são os Srs. supersticiosos a ponto de acreditarem nessas histórias? Tão sem escrúpulos a ponto de acreditarem que uma alma como a de minha filha, um espírito sem mácula, santo, esteja condenado a destino tão horrível? Que ande à noite aterrorizando pessoas indefesas, inclusive sua própria filha? Que não esteja em repouso? Não, não, não!

Agora, a luz azul brilhava-lhe

fanaticamente nos olhos; sua voz se fortalecera e seu aspecto e gestos pareciam proféticos.

– Digo-lhes que esses fantasmas são ilusões, históricas ilusões de mentes ignorantes e crédulas, ou são obra do Maligno! Minha filha – e sua voz se quebrou, seu rosto estremeceu e inclinou a cabeça, terminando, fracamente – minha filha está em repouso.

Sentei-me, silencioso. Pamela exclamou, calmamente:

– Descanse sua alma em paz!

Ela estava com lágrimas nos olhos. Também eu sentia enorme pena do atormentado velho.

– Nunca ouvi louvar e recordar tanto uma mulher como sua filha –

acrescentou ela.

– E a filha dela – resmungou ele, sem erguer a cabeça – é cheia de segredos, astuciosa, desobediente, trapaceira...

Ergueu os olhos, quase esbranquiçados de dor, e proferiu, sem saber para quem:

– Mary era como um cristal, límpida como as águas da Primavera; nunca me mentiu, em toda a sua vida.

– Estela é inteiramente honesta – defendeu Pamela. – Se diz mentiras é como uma criança, sob grande tentação e sente-se infeliz depois disso.

Ele sacudiu a cabeça.

– Ela é a filha de seu pai. Faz lembrá-lo: essa é a dificuldade. Ela tem presentes que ele lhe deu, cópias de suas

pinturas; sente orgulho do renome que ele tem. Assemelha-se a ele fisicamente. A influência dessa força é sobre ela tão poderosa que o objetivo de minha vida tem sido quebrá-la. Deus sabe se deixei de fazer alguma coisa! Quando Mary morreu, aposentei-me na marinha e dediquei-me a essa finalidade: a de fazer da filha de Mary a mulher que Mary teria desejado que ela fosse. Paguei um salário exorbitante à ama de confiança de Mary; rodeei Estela de retratos de Mary, dei-lhe livros de Mary, enviei-a para a mesma escola que a mãe frequentara. Era um sacrifício: fiquei sem ela. Mas, quando voltou para casa, faz um ano, senti-me satisfeito. Ela nunca teria a graça, o encanto, a beleza

de sua mãe, mas era bondosa, séria, cumpria com seus deveres conscientemente. Continuando seus estudos sob a minha direção, planejei levá-la ao exterior.

Interrompeu-se, acabrunhado.

– Penso – disse Pamela – que o Sr. tem todos os motivos para se sentir satisfeito. Essas pequenas decepções...

– Pequenas decepções! É assim que a senhorita as considera! Estes são os seus modos de ver as coisas! Tal é a sua influência sobre Estela! A mudança que se operou nela foi súbita; agora, começo a compreendê-la.

– Não creio que o Sr. seja tão rude de propósito – intervim.

– Minha intenção não era travar

discussões com o Sr. ou com a senhorita Fitzgerald — replicou, bruscamente. — Saí fora de mim. Meu propósito era receber sua explicação e fazer-lhes uma proposta.

Passou a dirigir-se somente a mim.

— Os Srs. não se sentem bem nesta casa. Sem dúvida se arrependem de tê-la comprado. O Sr. não achou que a mudança, ao contrário do que esperava, trouxesse benefícios para a saúde de sua irmã. Ofereço readquirir a casa pelo preço que deram por ela. Tudo o mais que gastaram será prejuízo seu. Se eu pudesse, ofereceria compensações por isso, mas não me encontro em situação de fazê-lo.

Pamela lançou-me um olhar de

advertência. Hesitei; estava certo de que ainda viria mais coisa. Respondi, do modo menos comprometedor que pude arranjar:

– Eu pensaria que esta era a oferta de uma pessoa muito generosa, Comandante, se o Sr. não nos tivesse falado como o fez há pouco.

– Talvez me tenha expressado de modo um tanto áspero – replicou ele, inflexivelmente – mas meus sentimentos em questões de honra são muito fortes.

– Também o são os nossos – disse Pamela, calmamente. – E também o são os de Estela. O Sr. não procura compreender a pressão e a atração pouco natural que ela está experimentando; sobrenatural, mesmo.

E, como estou certa de que ela lhe falou, nada temos com o fato de ter ela vindo aqui ontem à noite.

– Estela frisou esse fato – respondeu ele, secamente. – Estava ansiosa por desculpá-los. Mas a influência implica em responsabilidade e, sejam suas intenções quais forem, não posso considerar que tenham agido de modo responsável.

Ele parecia ter pouca intenção de desculpar-se; Pamela sentia muita tolerância e mesmo simpatia para com ele e deixava-o transparecer. Eu nunca a vira tão paciente; estava lutando; muito ponderadamente, observei, por mim e por Estela. Entrementes, eu meditava sobre a oferta, tentadora. Ficaria livre

da casa, sem perda financeira, que levaria anos para recuperar. Pois o fato é que, como dramaturgo, nunca seria um sucesso extraordinário, não tinha ilusões a tal respeito. Em nossa família não havia vocações de capitalistas, mas havia muitas coisas que nunca venderíamos.

– Se minha irmã concordar e se sua oferta não tiver outras condições, gostaria de pensar nisso – disse-lhe.

– Preciso de algumas semanas para decidir, Roddy – esclareceu Pamela.

– Naturalmente – repliquei.

Houve uma pausa. O Comandante sacudiu a cabeça:

– Meu propósito, ao fazer esta oferta, era permitir que os Srs. pudessem sair

das redondezas, imediatamente.

– Então, há outras condições? – perguntei, com uma fúria vagarosa começando a consumir-me.

– Há.

– E que outra condição tem o Sr. em mente?

– Todas as relações entre os Srs. dois e minha neta devem cessar.

O silêncio que se seguiu embaraçou-o.

– Toda essa ligação com os Srs. foi calamitosa para ela! – irrompeu ele. – Nada que se relacione com isso deve permanecer!

– Comandante Brooke – advertiu Pamela, com calma. – Estela não é uma criança e eu não tenho vontade de tratá-

la como tal. Como lhe disse, insistimos em que ela não viesse à nossa casa, enquanto tais manifestações não se dissipassem. Mas, se ela desejar minha amizade, esta lhe pertence. Não está à venda.

Estávamos todos de pé. O Comandante parecia aniquilado. Depois de só Deus saber que torvelinho mental, ele se animara a enfrentar aquele lugar e a fazer aquela oferta, a comprar a ameaça espiritual que pesava sobre Estela, ao preço de mil libras, e sua oferta fora infeliz. Atirara seu dardo; nada mais podia fazer. Voltou-se para mim, quase num apelo.

– O Sr. endossa esta... esta atitude exagerada?

– Certamente, sim.

Olhou em torno da sala, como se dela esperasse auxílio. Seus olhos pousaram sobre a lareira, as cornijas, a porta, as janelas, como se incapaz de crer que o consolo que estivera acostumado a encontrar ali não mais o esperasse; depois, andou pesadamente para o vestíbulo e dali para o pórtico.

– Os Srs. me forcem – declarou ele – a mandar Estela embora... Os Srs. me forcem – repetiu, como se tentando acostumar-se a essa ideia – a mandá-la para fora de casa.

Entrou para a carruagem e partiu, sem qualquer outra palavra ou olhar para nós, absorvido em amargos pensamentos.

Minha cólera estava morta.

– Deus! – exclamei. – Que pena tenho dele! É um enfermo. Se a mandar embora, isso o matará. Nunca mais a verá de novo.

– Há muitas pessoas por quem devemos ter pena – retorquiu Pamela, num ímpeto. – Tenho pena de todos eles. Tenho pena de mim mesma.

Prendeu o lábio inferior entre os dentes e saiu correndo para dentro de casa.

OS TESOUROS DE CARMEL

Estivemos na pista errada.

Eu estava convencido disso, depois de examinar as crônicas de Pamela, mas meus pensamentos não me levavam mais longe. Nada podia dizer de mais claro do que aquilo.

Pamela fizera excelente trabalho, pormenorizado, exato e saliente. Fixara suas recordações na forma de um diário retrospectivo, relacionando cada acontecimento sob sua data, com suas próprias experiências, as de Judite, as

de Lizzie e as minhas. Havia também diversas narrativas do que ouvira sobre a história dos Meredith, com as diferenças de ênfase cuidadosamente frisadas; mesmo fragmentos de mexericos eram incluídos, cada um com o nome do narrador. Isso era importante, por sermos obrigados a encarar Meredith, Mary e Carmel, através de recordações dos outros. Nenhum cérebro humano é um espelho sem jaça. Imaginamos o que deveríamos levar à conta de caridade, de preconceito, de devotamento, de ciúme e de ódio.

Pamela trabalhara com esforço e havia um monte espesso de manuscritos colecionados numa pasta, quando ela os mostrou, no sábado à tarde. Olhei para o

livro de notas, para Pamela e para a pilha de romances que eu acumulara em minha mesa, à espera de uma crítica. E sabia que devia terminar meu artigo aquela noite e antes teria de acabar de ler um romance policial. As coisas já iam bem mal, sem que eu precisasse de estragar meu trabalho regular, mas como poderia prestar atenção a Peter Wimsey e a seus mistérios, enquanto o nosso próprio problema, diabólico, estava clamando por ser resolvido?

– Pelo amor de Deus, ponha isso de lado, até eu ter acabado com este negócio – declarei.

Pamela mostrou-se desapontada. Aquilo fora rude, pois ela tentava tudo o que podia para poupar-me tempo e

auxiliar-me, e não podia prejudicar-me o trabalho.

– Olhe aqui – acrescentei – vou ficar sentado examinando isso a noite inteira, se você quiser, mas antes tenho de acabar esta coisa. Não posso deixar o trabalho em segundo plano, do contrário naufragaremos.

Penso que Pamela seria capaz de brincar, ainda que estivesse no leito de morte. Respondeu-me, gravemente:

– Por favor, não naufrague. Compreendo. Sua lógica é irrefutável. Prossiga.

Eram 10 horas quando terminei. Ela queria que eu completasse o registro de minhas próprias experiências e a auxiliasse a contar a de Estela. Levamos

horas para terminar isso e, no fim, tudo que pude dizer foi:

– Nada concorda, não há sentido. Estivemos na pista errada.

– Estamos ambos imbecis, por falta de sono – respondeu ela. – Quando, amanhã, estivermos com a cabeça fresca, veremos um caminho. Peço aos céus que não nos percamos.

O domingo estava úmido e o amplo mundo era uma mancha de chuva. Ótimo! Ficamos livres de nossa promessa a Scott. Eu não estava com vontade de nadar ou andar de barco, nem de fazer qualquer coisa que não fosse decifrar aqueles assombramentos ou desistir deles de vez.

Era nosso dever convidar Scott para a

merenda. O tempo não o impediria, nem ele iria trazer a carruagem da professora. Sua parte naquele antigo monumento limitava-se ao uso para chamados profissionais. Andaria de bicicleta até a fazenda, atravessaria as charneças de capa e galocha, colocá-las-ia cuidadosamente na estufa e entraria, seguido por um cachorro, que vivamente sacudiria a chuva de si mesmo sobre o soalho. Pobre Scott! Era um erro ter pena dele, pois sua vida parecia convir-lhe muito bem, mas era tão permanentemente infeliz! Aquele passeio de barco iria dar-lhe uma satisfação infindável, mas o dia se tornara chuvoso. Aceitou meu convite com menos alegria do que de costume;

sua voz, no telefone, soava arrastada. Com certeza, não se estava sentindo ofendido por causa do cão...

Foi com a cabeça fresca que voltamos ao diário, pela manhã. Se fantasmas haviam passeado ou chorado na casa, nós dormíamos a noite inteira durante sua visita. Percorremos a narrativa do princípio ao fim, dissecamos todas as discordâncias, tentamos formar um todo com os fragmentos que pareciam harmonizar-se, e nada conseguimos. Afinal, declarei:

– O Comandante tinha razão e foi isso mesmo que andei pensando: não há fantasmas.

Pamela mostrava-se desanimada, relutante, como sempre, a acreditar nesta

teoria, da qual não havia saída porque, bem dissera ela:

– Não se pode combater ou dar repouso a um fantasma que não existe.

– Exatamente – respondi. – E é por isso que dizem que o melhor modo de livrar uma casa de assombrações é queimar a casa.

Ela teimava:

– Sinto que há espíritos neste lugar, Roddy. Não posso apresentar-lhe provas, mas é o que eu creio.

– Bem, o que creio é que este lugar está saturado de paixões, emoções, desespero e miséria inextinguíveis, de modo que nenhuma pessoa sensível pode ficar nele, sem ser dominada por alucinações, pela depressão, ou por

ambas.

– Se é assim, não há remédio.

– Receio que seja.

– Não vejo porque você tem tanta certeza.

– O elemento subjetivo em tudo isso é tão forte... Cada um de nós está reagindo de um modo que está, evidentemente, de acordo com o nosso próprio temperamento, modo ou expectativa. Olhe aqui: tome cada um de nós, de uma vez. Em primeiro lugar, Judite. Naturalmente, Judite se preocupa com sua aparência, ansiosa de conservar a juventude e a beleza. Como o “*studio*” a impressiona? Julga que sua beleza se foi. Eu estava preocupado com meu futuro de escritor. Max estivera falando

a esse respeito. E que me acontece? Vejo-me como um fracasso. Examinemos agora Lizzie: sua cabeça está transtornada com histórias e descrições de Mary Meredith e ela vê uma mulher alta, loura, de olhos azuis. E você, com o seu soluço de cortar o coração? Bem, não é por estar em sua presença, você também é muito sensível, é inclinada demais a imaginar que os outros sofreram muito. Lizzie nunca ouviu gemido algum e eu muito poucos.

– E não é por estar em sua presença – perguntou Pamela, zangada, mesmo em meio a todo o seu desânimo – que fez você sentir aquele pavor nas escadas?

– Eu estava imaginando minha peça. A ideia brotara umas horas antes. A

representação do naufrágio, feita por Wendy, já plantara a semente. Minha imaginação já estava cheia de pensamentos de perigo e maldade.

– Isso é muito engenhoso – replicou ela, séria. – Continue.

– Depois, Estela – continuei, excitado e convencido pela minha própria série de raciocínios – está obcecada pelos pensamentos de sua mãe, anseia pelo seu amor. Sempre imaginou que Mary vinha vê-la, à noite. Lembrava-se disso, sonhava com isso. Fora a impressão mais profunda que lhe ficara, desde a infância. Lá no patamar a atmosfera psíquica a dominara e, depois, foi dormir no quarto das crianças, pela primeira vez, desde aquele tempo. A

alucinação estava pronta para vir. Começou, creio eu, com a lembrança do perfume. Nada produz associações de ideias tão fortemente como um perfume. Mary o usara, suponho, ou sempre tinha mimosas no seu quarto. Estela recordou-o tão vivamente que, acho que por alguma espécie de telepatia, nos levou a senti-lo também. Aquele perfume é o símbolo de Mary. Bem depressa começou a ver Mary, uma figura alta, cintilante. Para mim, lembre-se, pareceu uma neblina viscosa.

Pamela suspirou:

– Oh, Roddy, como é plausível! Mas não posso convencer-me ainda. Será teimosia minha? Meu espírito nada mais faz que rodar em círculos, quando tento

ver em linha reta.

Estávamos ainda perdidos no labirinto, quando Scott chegou, com um cãozinho molhado e enlameado a segui-lo. O pobre animal entrou na casa duvidosamente, e andou pelo assoalho, com a cabeça grande e interrogadora, a explorar todos os cantos, antes de sentar-se. Quando Pamela perguntou, ansiosa, como ia ele de seu ataque de nervos, Scott replicou que o animal já estava completamente bom.

– Mas, suponho – acrescentou, melancolicamente – que não será bom deixá-lo com vocês de novo.

– Ainda não, receio – respondeu Pamela.

– Seguiu-se um silêncio constrangido.

Scott, naturalmente, tinha ideias próprias sobre o que aterrorizara o cão, mas não quis conversar a tal respeito; nem nós. Olhou inquisidoramente para Pamela. Ela perdera as cores do Verão e escuras olheiras lhe sombreavam a face, mas ele não se achava em situação de oferecer simpatia, nem conselhos. Sentou-se para merendar, parecendo desgostoso, e fizemos todos os esforços a fim de reanimá-lo. Dissipamos sua melancolia, afinal, levando-o a falar dos Midlands e do Devon. Scott nascera e fora criado na “*Black Country*” e ansiava por tais lugares e tal vida. Descreveu o terrível impulso de trabalho que lhe custara o estudo de medicina e a saída de Stafordshire, e a paixão com que

encarava a vida marítima.

– Pensei estar no céu quando cheguei a Biddlecombe – disse ele – e ainda não estou certo de ter-me enganado; de qualquer modo, há seis meses, recusei uma clínica em Birmingham, que logo valeria cinco vezes mais.

Fez um trejeito, ao dizer isso, parecendo de novo contrariado e suspirou, como se tivesse de súbito encontrado uma razão para lastimá-lo.

– Quando foi que veio aqui a primeira vez? – perguntou Pamela.

– Faz cinco anos; vim auxiliar o velho doutor Rudd. Quando ele deixou a clínica, substituí-o como seu assistente. O pobre camarada morreu e fiquei com o consultório. É bastante interessante e o

lugar, no hospital, é de primeira classe.

Parecia desculpar-se um pouco; eu sabia que ele tinha uma bela reputação no lugar e desejava poder mencioná-lo, mas não achava um meio.

– Nós nos admiramos bastante de que o senhor tenha ficado nesta aldeia, mas eu me sinto satisfeito com isso – declarou Pamela.

Ele olhou-a com gratidão, dizendo enfaticamente:

– Também eu.

De novo encontrei-me a pensar: “Pobre Scott!” Pamela riu:

– O Sr. sabe, creio eu, que tem fama de ser uma das grandes figuras da localidade? Andamos tendo visitas e me disseram: “Temos um novo médico,

magnífico, alinhado”.

Aquilo fez bem a Scott. Quando terminou a merenda, sentou-se na poltrona, fumando, com os braços e pernas compridos estendidos despreocupadamente, parecendo bastante mais feliz. Eu gostava de Scott muito mais do que esperara. Sua falta de subserviência, mental e física, assentava bem com os seus olhos sérios, honestos, preocupados, e seu desajeitamento de modos escondia grande porção de sensibilidade e tato. Scott devia ter ouvido falar sobre as nossas preocupações, tanto como qualquer outra pessoa de Biddlecombe, mas um silêncio perturbado, quando se mencionaram planos acerca de Cliff

End, e ansiosos olhares para Pamela, quando esta deixou escapar um suspiro de cansaço, foram as únicas indicações que nos deu de que era senhor do assunto; nem mesmo o comportamento do cãozinho o fizera abusar da discricção.

Se o Comandante estava doente, como parecia, Scott provavelmente era seu médico. Nesse caso, era o único elo que nos restava com Estela. Eu estava inclinado a falar-lhe alguma coisa acerca da situação e obter seu auxílio, pois sua admiração por Pamela era patente e naturalmente gostaria de ajudar. Hesitei, mas quando Pamela disse, saindo do aposento: “Vou falar a Lizzie que não estamos em casa para

visitas, pois não poderei suportar estranhos hoje”, ele voltou-se para mim, ávido por falar.

Vi que reprimia uma por uma as frases que lhe vinham à boca. Era apenas polido dar-lhe uma saída.

– Dê-nos a oportunidade de um passeio de barco em outro dia – declarei. – Isso faria um bem imenso a Pamela.

Sua face iluminou-se, para obscurecer-se depois.

– Ela parece fatigada – observou.

– Passamos noites tristes – admiti. – Aposto que já ouviu alguma coisa a respeito. – Ouvi.

– Que lhe disseram?

– Diz o povo que esta casa é mal-

assombrada. Dizem alguns que o espírito da mãe de Estela aparece. Suponho que é uma coisa terrível.

– Não podemos escondê-lo: há todas as espécies de perturbações desagradáveis. Não estamos certos de qual seja a causa.

Sobre os sentimentos de Estela eu não podia falar.

– Que coisa horrível!

– Sim, é de amargurar. E isso afeta Estela. O Comandante proibiu-a de vir aqui.

– É o que lhe digo: uma coisa horrível. Ela se animou enormemente desde que vocês vieram para cá... Antes, passava tão tristemente o tempo... Eu esperei... Palavra que é terrível.

– É, sim. Daríamos muito para compreender o que está por detrás dessas perturbações. Achamos que seríamos capazes de dar-lhes um fim, mas o Comandante não nos quer dizer uma palavra...

– Ele é assim mesmo.

Scott hesitou, depois falou excitadamente:

– Olhe aqui, Fitzgerald, eu me horrorizava com a ideia de dizer-lhe isso, mas vou fazê-lo. Talvez ajude...

Calou-se, porque Pamela voltara. Então, era por isso que parecera relutante em querer vir e chegara em tal estado de melancolia!

– Pelo amor de Deus, homem, diga-nos tudo quanto souber! Pamela está

ansiosa por isso.

– Tenho o pressentimento de que você sabe de alguma coisa – disse ela.

– Não é nada de novo – respondeu ele. – É uma coisa que o Dr. Rudd costumava contar. Aconteceu faz anos. Ele teve um cliente nesta casa.

– Mary Meredith? – perguntei.

– Não. A moça que vivia com eles, Carmem, ou coisa parecida.

– Carmel.

– Sim, ela morreu aqui. Sabia?

– Sabia: de pneumonia, depois de ter arrostado intempéries.

– Bem. Mas Rudd sempre jurou que ela não devia ter morrido disso.

– Já o havíamos suspeitado – declarou-lhe Pamela.

– Rudd costumava aprofundar-se bastante nesse caso – prosseguiu Scott. – Dizia que a mulher que cuidara dela devia ser expulsa da profissão de enfermeira. Disse que teria requerido um inquérito, se já não houvessem bastantes incômodos ligados a esta casa e não corresse o perigo de ser processado.

– Ela tratou de Carmel?

– Sim; as pessoas que a encontraram mandaram chamá-lo. Ela foi achada num fosso, não foi? Visitou-a umas duas vezes e declarou que o ambiente da casa estava horrível. Nem a Meredith nem às criadas parecia importar uma unha que ela vivesse ou morresse, e a enfermeira era um ferrão. Ele, contudo, pensava que

a moça tinha um apego à vida simplesmente louco e que resistiria. Ficou atônito quando ouviu dizer que ela morreria. Nunca o esqueceu. Pensei que devia contar-lhes, embora não seja um história agradável, para o caso de que pudesse lançar alguma luz.

Ninguém falou, por alguns instantes. Na verdade, era uma história desagradável. Vi Pamela empalidecer, completamente horrorizada. Depois de um minuto, ela disse:

– Foi muito gentil de sua parte não querer dizer-nos... Gostariam de jogar pingue-pongue?

Quando Scott saiu, vesti a capa e fui com ele até a casa da professora, onde, dessa vez, deixara a bicicleta. Estava

silencioso e, quando falou, foi sobre si mesmo, num tom angustiado.

– Um homem pode cometer enganos terríveis quando é jovem – considerou. – E, um par de anos depois, é tarde para consertá-los. Se eu tivesse aceitado aquela colocação em Birmingham, estaria em posição de... de estabelecer-me. Estaria em situação sólida, quero dizer. Mas então, suponho, se eu tivesse ido para Birmingham não estaria aqui.

Ruminei essa mistura de coisas incoerentes e evidentes no caminho de regresso e cheguei a uma conclusão bastante simples. Scott estava em vias de perder o coração por Pamela e sabia que isso era inútil. Sentia-me feliz pelo fato de ter ele senso para compreendê-

lo.

Às vezes, imagino se Pamela se casaria. Seria uma pena que não o fizesse, pois é uma pessoa sociável e gosta da convivência humana, mas é tão apegadamente platônica... Sua amabilidade, seus modos cândidos e calorosos são outras tantas muralhas e fortificações: não via eu como qualquer homem as rodearia e ela não permitiria a aproximação direta. Pamela teria oposto considerável resistência, no caso de que se sentisse atraída por qualquer mortal comum. Um homem poderia satisfazer-lhe o coração, mas teria também de satisfazer-lhe o cérebro exigente – e que Deus lhe tenha pena! Quando iam fazer compras para casa,

Lizzie costumava dizer-lhe: “Não é preciso escolher tanto”. Bem, Pamela estava no direito de “escolher”. Pobre Scott!

Como Lizzie estivesse fora no domingo, “jessupiando”, fizemos nosso próprio jantar, com “Whisky” a observar-nos, desconfiado, do fundo de seu cesto, ondulando a cauda com aquele movimento desdenhoso e arrogante de onde se dizia provir-lhe o nome. “Whisky” perdera a confiança em nós e em seu lar. Não mais gostava do quarto das crianças e já não fazia visitas matinais a nossos quartos de dormir, ainda que para lambar a casca dos ovos quentes de Pamela.

Parecia ridículo, mas as reações do

ção de Scott e de “Whisky” eram, para mim, mais impressionantes e mais evidentemente probatórias do que as minhas próprias ou as de Pamela. Os animais, supõe-se, não são influenciados pela autossugestão.

Não jantamos muito: ovos cozidos, torradas e café, na mesinha perto da lareira, foi tudo quanto quisemos. Acabamos rapidamente e pusemos a mesa para um lado.

A história de Scott causara-nos uma impressão deprimente: aquela infortunada moça, de temperamento veemente, com louco amor por Meredith, intenso apego à vida, morrer de descuido, morta deliberadamente de descuido, ali, naquela casa... Se o que

persistia era o seu terror, então, nunca mais o lugar seria habitável. Pamela interrompeu minha meditação, a voz a tremer.

– Roddy, se a assombração é de Carmel, acho que não desejo ficar, tenho medo.

– Eu não a censuraria – declarei.

– Porque – continuou ela – se o que ela desejasse fosse justa vingança daquela mulher, iria assombrá-la, à senhorita Holloway, quero dizer; mas receio; mas receio é que ela tenha morrido num estado selvagem de ódio e fúria, e deseja vingar-se neste lugar onde sofreu, vingar-se em todos. Tenho medo do que ela estava tentando fazer a Estela, do que pode fazer a nós.

– Se você está se sentindo assim, o melhor é ir-se embora.

– Esperemos até a visita de Max.

Foi um alívio quando Lizzie entrou e veio sentar-se junto à lareira. Aquela conversa do domingo à tarde era um ritual. Contava-nos tudo o que vira na fazenda, o que eles jantaram, o que ouviram no rádio, e o que a namorada do amigo de Charlie pensava dos visitantes de sua patroa e de seu procedimento. Pamela estava menos loquaz que de costume e Lizzie interrompeu sua história.

– Senhorita Pamela – proferiu ela, levantando-se – vá deitar-se, está cansada; vá agora e veja se melhora com um belo sono.

Era uma excelente ideia e apoiei-a. Pamela foi e eu apanhei um livro. Não demorou muito que Lizzie aparecesse, rondando pela porta.

– Posso falar-lhe, Sr. Roderick?

Falava sussurrando teatralmente e fechou a porta, ao passar, com precaução de conspiradora. Coloquei o livro de parte e ela sentou-se com um suspiro, rindo-se:

– Desrespeitando o domingo, como sempre; bem, se estou interrompendo, estou livrando-o de um pecado, embora, quando o trabalho é uma peça, o Sr. esteja livre e não necessite de dispensa.

A jocosidade de Lizzie parecia forçada; ela não viera por causa disso.

– Que é que há, Lizzie? – perguntei.

– É a senhorita Pamela; se o Sr. a estima, leve-a para fora daqui.

– Que é isso?

– Ouvi-a na noite passada, Sr. Roderick, chorando de cortar o coração. Ela deve ter ficado andando pela casa, porque no meu quarto não escuto um ruído lá em cima. Levantei-me, mas, quando acabei de me vestir, ela já havia ido para o quarto. O Sr. sabe que a senhorita Pamela não é nenhum bebê chorão; nunca a vi comportar-se desse jeito, a não ser quando sua mãe morreu. Deus a tenha no céu!

Surpreendi Lizzie respondendo “Amém”. Que pensamento insuportável não deveria ser o de crer que a própria mãe estivesse com seu espírito a

vaguear, sem repouso! Não era de admirar que isso tivesse levado Estela àquele ato frenético. Perdido nesta reflexão, interrompi, distraidamente:

– Não é a senhorita Pamela.

– Pelo amor de Deus, Sr. Roderick, não vá dizer-me que são fantasmas!

Ora, que fora eu fazer? Mas era impossível voltar atrás.

– Não são fantasmas, exatamente, Lizzie – esclareci – mas uma espécie de recordação plangente, que impregna a casa. Ainda não fez mal algum. Fez?

Esses argumentos sofisticados não tinham autoridade para Lizzie. Sacudiu a cabeça.

– Se não foi a senhorita Pamela foi um fantasma!

Tentei convencê-la de que os fantasmas podem ser inofensivos:

– Você tem ouvido dizer que a Sr^a Meredith era uma mulher boa e santa; por que teria medo de seu espírito, mesmo que aparecesse nesta casa?

– Nenhum espírito bom passa a eternidade desse jeito – disse ela com firmeza.

O que o padre Anson dizia era também isso. Opinião razoável, tive de admitir.

– Se essa casa está mal-assombrada – continuou ela – está assombrada por demônios saídos do inferno, e que podem estar desejando senão a perdição das almas imortais? Pelo amor de Deus, Sr. Roderick, tire a senhorita Pamela

daqui!

– Não vamos sair, Lizzie. Pelo menos, por enquanto. Não sairemos enquanto o Sr. Hilliard não chegar. Você quer abandonar-nos?

Lizzie começou a chorar.

– É contra a minha consciência ficar neste lugar, mas como é que posso sair deixando aqui a senhorita Pamela? Ela não arranjará ninguém para ajudá-la, ninguém quereria ficar.

– Estou certo de que isso é verdade – repliquei.

– Não posso fazer isso – gemeu ela. – Mas, Sr. Roderick, pela sua salvação eterna, por que não manda chamar o vigário? O exorcismo é uma coisa terrível, livre-nos Deus! Dizem que

qualquer padre que o fizer três vezes, morrerá na última. Mas o padre Anson o faria pelo Sr. se lhe pedisse, não tenho dúvida.

Prometi conversar novamente com o padre Anson; Lizzie, porém, não se retirou. Perguntei-lhe se ainda queria alguma coisa, Respondeu-me:

– Estou com medo de ouvir isso outra vez. Da primeira, meu coração gelou e as palpitações quase me mataram. Poderei dormir na cozinha? O Sr. quereria ajudar-me a arrumar uma cama?

Isso foi feito rapidamente. Vivíamos a mudar camas na casa. Desejei a Lizzie que dormisse bem, mas senti que pouca esperança disso havia para qualquer de

nós.

Carmel... Sim, era Carmel quem enchia de horror Cliff End, refleti, meditando, enquanto olhava para o fogo moribundo. Quer sentíssemos uma emanção de sua agonia passada, quer estivesse presente seu espírito real, era uma coisa terrível e insuportável. Talvez o instinto de Pamela estivesse com a razão e ela andasse a assombrar a casa, maligna, desejosa de vingança. Estava seu poder a crescer tanto que Lizzie pudesse agora ouvir suas lamentações? Iria ela então aparecer, completamente materializada? Como seria? Imaginei-a morena, desfigurada, as faces cavadas e órbitas cavernosas, a caveira que Judite vira no espelho. Ela,

porém, tinha olhos que nos incendiavam ou gelavam, olhos dos quais já havia sentido o poder. Ver aquela pavorosa forma plenamente manifestada poderia ser excessivo para a razão humana.

Sobrecarregado de ansiedade e mais do que nunca desejoso de que Max viesse, subi preparado para uma noite atribulada. Nada havia de anormal que se ouvisse ou visse quando entrei no quarto, e, depois de meia hora, ou quase, de inquietação, dormi.

Pamela despertou-me. Nunca o fizera antes e fiquei espantado quando a vi de pé, à minha porta, com seu quimono branco; não parecia agitada, porém. Disse, simplesmente:

– Faça o favor de vir aqui.

Fez-me ficar junto ao balaústre. Nada se ouvia, nem se via. Pamela nada explicou, mas, depois de um instante, percebi o que a excitara: era o cheiro, o perfume de mimosa, que impregnava a casa, penetrando-a onda após onda, como uma brisa cálida e suave.

– Vejamos se podemos segui-la – sussurrou ela.

Descemos. O perfume era muito mais forte no vestíbulo, mas fraco no quarto das crianças, com surpresa minha. Pamela riu baixinho; era como brincar de “chicote queimado”. Abri a porta da sala de visitas e parei, atônito. O aposento estava como o deixáramos, vazio, à exceção de um armário a um canto, embrulhos, pinturas voltadas para

a parede e tapetes enrolados. Não havia, comutadores de luz nesse aposento; na atmosfera banhada de fluido luar, parecia anormalmente quieto, morto, mas o ar rescendia com o perfume magnífico de mimosa. Havia feitiço no tempo e no espaço; por um momento, julguei andar sobre os jardins dos terraços, nas colinas de Portofino, calcando aos pés a poeira de flores.

– Isso me entontece – murmurou Pamela. Ela movia-se entre os embrulhos. Inclinando-se sobre um deles, respirou fundo e chamou-me com um gesto. Quando cheguei a seu lado, fiquei certo, como ela estava, de que o perfume ali era mais forte. Um sentimento de mistério fez com que

ambos falássemos com vozes assustadas e movemo-nos como se na presença de alguém que não devia ser perturbado. Pamela olhou o embrulho: um cofrezinho. Ergueu-lhe a tampa solta e depositou-a calmamente.

Ouvi-a ofegar e vi-a encostar-se no armário como se fosse desmaiar.

– Que é? – sussurrei, ao lado dela.

Nada via além de um monte de coisas velhas.

– Você não vê – replicou ela, quase com um riso – que isso não é nosso? São objetos velhos, coisas deles, que estavam nos armários do *studio*. Isso quer dizer alguma coisa, Roddy. Depressa!

– Nos armários do *studio*! –

Exclamei. Que quer você dizer?

Ela controlou sua excitação e respondeu, calma:

– São coisas que Charlie devia ter jogado fora. Lizzie não queria queimá-las sem examiná-las e pusemo-las de lado. Esqueci-as. Vamos vê-las agora.

Desamarrei um tapete e estendi-o no soalho entre as janelas, onde batia um fraco raio de luar. Levamos para ali uma caixa e fui colocando nela, um a um, toda espécie de objetos que Pamela, de joelhos, ia pondo no soalho. Estávamos ambos cansados, com o perfume dominador.

Era uma coleção de coisas que a gente conserva porque é difícil dispor delas, ou porque se podem tornar úteis

algum dia. Havia rolos de papel de parede, pedaços de material de decoração, um mapa de parede, retalhos de velha seda cor-de-estanho e brocado, provavelmente usados para trajar o modelo do artista, e uma lâmpada mourisca adornada de ouropéis; havia um ursinho de criança, sem formato e sujo, uma boneca sem cabeça e uma grande caixa de bombons, com o cromo descolado; enfim, uma coleção bastante comum.

Falei a Pamela:

– Você está certa de que não estamos imaginando o perfume de mimosa? Sente-o ainda?

– Sinto. Parece estar vindo em ondas, como se o ar estivesse sendo abanado.

Está atordoando-me.

Sentou-se, com a cabeça curvada. Eu estava atônito.

– Deixá-lo-emos? – perguntei. – Não há nada mais.

– Não – exclamou ela, numa fraca resposta. – Abra o cofrezinho.

Senti estranha relutância em tocá-lo. Teria preferido que Pamela saísse do aposento. Mary podia ser tudo quanto havia de gracioso e amável, mas eu não queria que ela nos aparecesse naquela sala iluminada de luar.

– Deixemos isso para amanhã – sugeri.

Pamela sacudiu de si a fraqueza e, apanhando a caixa, tirou-lhe a tampa. No alto, cuidadosamente enrolado, estava

um pano de seda vistosa, com listas, um pequeno chale quadrado, com uma franja emaranhada. Tirou ainda um leque, feito de gaze e coberto de desenhos de sequins, um pente alto, de tartaruga, um cravo vermelho artificial, um frasco vazio e um par de castanholas.

– Os tesouros de Carmel – disse ela, num sopro.

Atravessou-me um calafrio. Lutei contra a convicção de que fôramos forçados ou induzidos a fazer o que estávamos fazendo, a ir àquele aposento e descobrir essas coisas. Senti demasiado próxima uma presença fantasmal. Mal ouvi o que Pamela dizia; repetiu-o.

– Que está escrito na etiqueta? Você

tem um fósforo?

Havia fósforos no bolso de meu roupão; risquei um e aproximei-o das letras da etiqueta apagada do frasco, em forma de coração. Li “*Parfum Mimosa*”.

Pamela seguiu meu braço e ficou de pé, como tonta. Saímos da sala e, fechando a porta, pus a chave no bolso. Pamela sentou-se na arca enquanto eu abri a porta da frente e deixei que o ar da noite expulsasse o perfume. Quando de novo fechei, o odor desaparecera, mas o vestíbulo estava doentivamente frio.

– Você está vendo alguma coisa? – sussurrou Pamela.

– Não – repliquei. – Nem quero ver.

Depressa! Vá para o seu quarto.

Ela hesitou, muito pálida, mas nada se via na escada ou no patamar e subimos a correr. Acendemos o aquecedor de óleo, que ainda se achava na lareira. Pamela tremia, o frasco vazio ainda em sua mão.

– Ele agora já não tem perfume – disse ela.

Era verdade. Nem o menor vestígio de perfume permanecia.

– Estas coisas eram de Carmel, não eram? – perguntou, ansiosa e preocupada.

– Temo que não haja dúvida sobre isso – repliquei. – Olhe a insígnia de uma dançarina espanhola. Teria posado, como dançarina, para Meredith. Sim, são dela.

De súbito, Pamela exclamou:

– Olhe para minha mão!

Espichou a mão direita, que segurava fortemente o frasquinho. Três de seus dedos estavam cor de cera.

– Tire isso! – pediu ela, tremendo.

Os dedos estavam presos em volta do frasco, inteiramente dormentes. Tive de abri-los à força para tirá-lo. Foi preciso esfregar-lhe a mão por muito tempo, junto ao fogo, para que a circulação voltasse. Ela ficou a olhar para a porta.

– Não vá, agora, dar qualquer sentido psíquico a isso – adverti-a. – Você estava nervosa e agarrou o frasco com muita força.

– Não, Roddy, isso não era natural; meus dedos nunca ficam dormentes –

protestou ela. – Senti aquele frio vindo, você não sentiu?

– Não estou certo de que não seja natural.

Abri a porta do quarto.

– Não vá, logo agora.

O patamar estava nevoento de neblina plúmbea, mas não havia núcleo; não havia centro luminoso como o que eu vira antes e o frio que eu sentia não era muito diferente da frialdade úmida e crua de um vento norte. Havia um véu de nuvens em montão sobre a lua, quando olhei pela janela do patamar, e a terra e o mar pareciam uma superfície enodada de sombra e luz pálida.

Voltei para onde estava Pamela, fechando a porta.

– Há neblina e frio, mas isso pode ser natural – disse-lhe.

Ela sacudiu a cabeça.

– Este quarto dá a impressão que sentimos na sexta-feira à noite, quando corremos atrás de Estela.

– Você gostaria de descer para a sala?

– Não; esperemos e vejamos o que acontece.

Nada aconteceu. Fiquei com ela cerca de uma hora e, a esse tempo, a temperatura estava normal e a névoa se dissipara. Pamela pôs o frasco numa gaveta de sua penteadeira, declarando-me que já era capaz de dormir.

– Mas há muita coisa para pensarmos. Não é? Esta noite, aquilo foi

propositado. E meus dedos nunca ficam
dormentes. Tudo isso é muito
complicado.

Concordei.

O MODELO DO ARTISTA

Eu estava pensando... – começou Pamela. – Foi o que notei.

Desde que nos sentáramos para a merenda, perdia-se em carrancudas meditações. Como sucedia muitas vezes, era aquele o nosso primeiro encontro do dia, e, em tais ocasiões, ela era, de hábito, loquaz.

– Suponho – sugeri – que você está comendo de vício.

Seu pastel cornualhês era devorado sem atenção; olhava-me tendo na face

uma excitação um tanto temerosa.

– Você se lembra de ter dito ontem que o perfume de mimosa era o símbolo de Mary?

– Lembro-me.

– Acha possível que ela o tenha ouvido?

– Quem? Mary? Valha-me Deus!

– Sim. Poderia tê-lo ouvido dizer isso, ou, de qualquer forma, saber que você o pensava? Se assim foi, você não vê, Roddy, que na noite passada alguma coisa produziu o perfume para mostrarmos que ela estava aqui? Não acho que isso seja impossível. Você acha?

– Nunca mais direi que qualquer coisa seja impossível.

– Estou certa de que foi ela quem nos

fez achar aquela caixa.

Também eu estava; bem, certo de todo não; não podia haver certeza naquele negócio fantástico, mas levantara-me bastante convencido de que houvera um propósito por trás dos acontecimentos da noite passada. Minhas credulidades da meia-noite tantas vezes se desvaneciam, mudadas pelo frio raciocínio diurno, que eu esperara ver também aquela convicção fugir. Entretanto, tal não acontecia: sobrevivia.

– Sim – respondi. – Acredito que ela o tenha feito.

– Mas, Roddy, isto é uma coisa estupenda! – Pamela estava entusiasmada, os olhos cintilando, sem

uma sombra sequer do desânimo da véspera.

– Abre certas possibilidades – concordei.

Eu estava decidido a não me atirar a conclusões, mas sentia-me extraordinariamente esperançoso; se Pamela tivesse razão, não teríamos mais de lidar com emanações inanimadas, mas com uma inteligência ativa, que tencionava auxiliar-nos.

– Isso significa alguma coisa – prosseguiu Pamela, alegremente. – Significa que se trata de Mary, que ela deseja dizer-nos o que está errado e que pode comunicar-se conosco. Estamos em contato e nada disso foi aterrorizante! Roddy, é formidável!

– Não se esqueça da outra.

Seus olhos se ampliaram:

– Você pensa que a outra pode...
tentar intervir?

– Você não diz que as duas estão lutando por causa de Estela? Receio que seja um problema complicado.

Pamela refreou um calafrio.

– Estive imaginando – retorquiu ela, devagar – o que estaria Carmel fazendo no quarto das crianças, na última noite que ali passou, quando se precipitou no *studio* em estado tão frenético...

– Raptar a criança – sugeri. – Matá-la, talvez, por vingança.

– Que ideia horrenda, Roddy! Porque... porque, você vê, se ela estava pensando nisso, se morreu com a

vontade de fazê-lo...

– O impulso pode continuar...

– Exatamente.

– Temo que seja possível. Temo que, na sexta-feira, Estela andasse muito perto da morte.

Houve silêncio por um momento; Pamela empalidecera, e continuou depois, com esperança:

– Não se incomode! Se Mary estiver de nosso lado, venceremos. Ela está tentando proteger Estela, podemos ficar certos disso. Bastar-nos-á conservar-nos entregues à sua influência e seguir suas indicações.

– E interpretá-las; isso não é tão fácil – acrescentei.

– Sim. Por que desejou Mary que

abrissemos o cofre de Carmel?

– Nada mais havia nele. Não é? Nem uma carta, nem outra coisa?

– Nada. Examinei tudo repetidamente. Não posso imaginar, em absoluto, qualquer motivo.

– Acho que imaginar não nos levará muito longe.

– Deve haver alguma coisa que possamos fazer.

Sim. Havia alguma coisa que podíamos fazer e eu não queria que Pamela pensasse nisso. Mudei de assunto, relatando-lhe, pela primeira vez, minha conversa na noite anterior com Lizzie.

– Então, está assentado – decretou Pamela. – De hoje em diante, Lizzie

deverá dormir na fazenda. Ela não tem o coração muito forte e qualquer um nesta casa está sujeito a sofrer um choque inesquecível.

Concordei. De qualquer forma, durante as duas noites em que Max ficaria conosco, Lizzie deveria estar fora. Se um espírito tentava comunicar-se, só havia uma coisa que poderíamos fazer: realizar uma sessão.

A ideia me desagradava, pois tinha uma infeliz recordação, da infância, de coisa semelhante e achava que Pamela, com sua sensibilidade e sua imaginação excitada era a última pessoa a dever ser exposta a tal risco. Poderia eu sugerir-lo? O problema se debatia em meu espírito, destruindo a impressão otimista

da manhã e estragando meu trabalho. Finalmente, decidi nada dizer a Pamela, enquanto não consultasse Max.

Passei a tarde no meu escritório, inutilizando minha peça e, depois do jantar, fiquei meia hora rabiscando e jogando fora começos de artigo sobre o rádio-teatro.

Pamela desandou a falar. Raramente tagarelava enquanto eu trabalhava; aquilo significava que ela também estava obcecada pelo assunto. Tinha no regaço o cofre de Carmel e sentava-se, carrancuda e inquieta, remexendo-lhe o conteúdo, peça a peça.

– Suponho que Meredith comprou o perfume – disse ela. – O perfume de mimosa é muito raro. Acho que o

comprou para Mary em Paris. Será que Mary o deu a Carmel... ou Carmel o furtou? Ou tê-lo-ia dado quando estavam na Espanha? E como Estela conhece tal perfume? Enviou-lhe Meredith algum mais tarde? Preciso perguntar isso a Estela.

– Seria um presente muito esquisito – observei – para uma criança de seis anos. Era essa a idade dela quando ele morreu, não era?

– Não posso pensar em outra coisa.

– Então deixe de pensar, ou, pelo menos, deixe de falar – pedi, rudemente. Ela desculpou-se e recaiu num silêncio atribulado. Escrevi alguns comentários ácidos sobre a apresentação de uma peça em versos, dizendo que ela poderia

ter sido interessante se os artistas não tivessem ficado com medo do verso, o que os incapacitou de pronunciar mais do que duas vogais. Depois, rasguei tudo, vendo que nascera de minha própria irritação nervosa, e recomecei.

Estava aborrecido comigo mesmo por ter sido rude com Pamela. Toda aquela questão lhe distendia os nervos e não devia levá-la a sentir, um momento que fosse, que era a única a tratar do caso. Pus de lado minha estante de escrita e fiz-lhe uma careta.

– Não vou mandar este artigo – comecei. – Ficaríamos arruinados e “eu gosto de bastante manteiga no meu pão de cada dia”. Que é que há? Você estava entusiasmada e alegre como um canário

hoje de manhã. Que houve de mal?

— Oh! Roddy — replicou ela. — Tudo vai mal. Nossas teorias estão se traduzindo em hieróglifos. Não é de fazer raiva pensar que Mary tentou levar-nos a compreender alguma coisa e não pudemos? Por que desejou ela que encontrássemos o cofre de Carmel? Mas você tem de acabar este artigo, não é? Vou dormir. Tenho uma sugestão a fazer... alguma coisa que certamente dará resultado... mas vou pensar nisso até amanhã. Acredito que meus pensamentos estão redemoinhando, barulhentos, como uma roda de moinho. Vou deixá-lo em paz. Boa noite.

Deixou-me, porém não em paz. Sabia muito bem o que Pamela estava a ponto

de sugerir; queria que realizássemos uma sessão.

Na manhã seguinte, nadei, depois de quase uma semana de inatividade. A água estava fria e agitada, mas assim mesmo a apreciei. Dormira a noite inteira e sentia-me de novo o homem antigo, não mais um títere de fantasmas. Depois do pequeno almoço, fui até onde estava Charlie, que viera da fazenda com Lizzie e começara a trabalhar na cerca. Dali, podia vigiar a vinda do correio.

Era terça-feira e me convencera de que havia uma carta de Estela para Pamela. Havia muito para dizer-nos: o que sucedera e o que estava para acontecer. Não partiria sem escrever

dizendo-nos adeus.

Charlie estava num de seus dias de teimosia.

– Preciso ter uma tela de arame, para fincá-la aqui – insistia ele. – Se não for assim, os coelhos irão devorá-los.

Era inútil dizer-lhe que o objetivo da cerca era prevenir acidentes e não proteger plantações. Uma cerca era uma cerca, trabalho era trabalho; se esperasse que ele fizesse um serviço pelo meio, violaria o orgulho de Charlie.

– Nunca me pediram para fazer isso – protestou, ofendido.

O carteiro vinha subindo a encosta a passos vagarosas. Deveria possuir uma bicicleta, pensei, para dar uma volta tão

incômoda.

– Faça como lhe estou dizendo, com três fios de arame. Os coelhos não sobem do mar – ordenei bruscamente a Charlie e deixei-o.

Não havia carta de Estela. Apenas, um embrulho, de Max. Meu coração se contraiu. As apreensões que estivera restando na baía irromperam. Estela estava só com o velho. Que iria ele fazer-lhe? Seu aborrecimento pelo procedimento dela era veemente. Falara de um “arrependimento acabrunhante” por parte dela. A que estado a reduzira com suas censuras? Estaria a aniquilar nela tudo quanto poderia ter florescido em amor? Tê-la-ia dominado ao ponto de que ela nem mesmo quisesse pensar

em mim de novo? Era intolerável ser repudiado assim.

Pamela encontrou-me no pórtico, com o embrulho de Max na mão, fechado ainda.

– Você não dormiu bem? Eu dormi! – exclamou ela.

Respondi-lhe que dormira perfeitamente e cortei o barbante. Havia dois volumes, com uma marca em cada um. Ela apanhou um deles. Abri o outro e sentei-me, estupefato.

Aquela não podia ser Carmel! Mesmo na adolescência, Carmel não poderia ter sido assim; deveria ter tido um rosto sombrio, duro, audacioso. A assinatura do quadro era a de Llewellyn Meredith; ele, sem dúvida, tivera outros modelos.

Mas aquela moça usava um chalé de franjas, um pente alto na cabeça e um cravo vermelho ao pescoço. O título da pintura era: Aurora. A moça era jovem, de olhos suaves, alegres, faces com covinhas e lábios semiabertos num sorriso tímido e admirado. Era um retrato da aurora do amor.

O padre Anson conviera que Carmel era bonita, recordava-me; que ela possuía brilhantes olhos e um doce sorriso. Essa moça era bela: devia ser Carmel, supunha eu... o cravo vermelho... a mantilha... o pente... E Meredith a mudara numa bruxa maligna! Como o fizera?

Pamela sentara-se silenciosa a olhar o outro volume, tendo na face um aspecto

de repulsa. Passou-me o livro, dizendo:

– Meredith era um demônio!

A fotografia tomava toda a página. A pintura denominava-se “O modelo do artista”. Nela, o quadro Aurora era reproduzido como um retrato pendente da parede, emoldurado. Fora feito habilissimamente e a beleza e a felicidade da jovem face cintilavam. Desviando-se dele, com um gesto de angústia, estava uma mulher; a cabeça e os ombros tomavam a maior parte da tela. Ao primeiro olhar, chocava-se o espectador simplesmente com o contraste entre a juventude e a idade, pois a face da mulher angustiada e a da jovem, haviam sido tomadas do mesmo ângulo. Depois, verificava-se que eram

ambas a mesma face, que não envelhecera; era ainda jovem, porém emagrecida, deformada, faminta, com a pele lívida repuxada sobre os ossos, uma hedionda caricatura. A moça agoniada usava o mesmo chale que a outra, a mão pousada no peito, na mesma posição; era um implacável estudo de decadência.

— Ela ainda estava loucamente apaixonada por ele — disse Pamela, vagorosamente. — Voltou, porque não podia suportar a vida sem ele; e ele fez isso.

Lembrei-me de que ele dissera a Mary: “Deixe-a ficar. Posso aproveitá-la. Tive uma ideia”.

— Ele pintou isso quando ela estava

doente em sua casa – acrescentou Pamela, a voz amarga. – Contemplava-a à mesa e depois corria para o *studio* e pintava. A senhorita Holloway costumava ouvi-lo assobiar... No último dia, ele mostrou o quadro a Carmel. Mandou chamá-la ao *studio*. Observou-lhe a face, enquanto ela o contemplava. Acabou, provavelmente, com o auxílio do que então viu... Acabou-o enquanto ela estava morrendo.

– E exibiu-o – acrescentei – quando ela estava morta.

Pamela estremecia de horror. Eu próprio experimentava um sentimento de náusea.

– Não é de admirar – disse ela, com veemência – que ela tivesse corrido a

precipitar-se do penhasco! Não é de admirar que tenha matado a mulher dele! Não é de admirar que tenha morrido tão cheia de ódio e de desejo de vingança, e que seu espírito não possa repousar!

– Vejo agora o que ele queria dizer quando falou a Mary: “Prometo-lhe que ela não quererá voltar”.

– Ele estava enganado – declarou Pamela. – Que acha você? Judite viu isso no espelho. “Uma caveira de velhice”, foi a frase dela. Julgou que se estivesse vendo. Teria visto Carmel, ou isto?

– Não sei o que ela viu, mas penso que se sentiu como Carmel naquele momento, arruinada pela decadência. Acho que tal sentimento permanece

naquele quarto.

– É espantoso!

Olhando ainda para o quadro, Pamela murmurou: “Com os olhos fitando o inferno”; foi o que Lizzie disse da mulher no patamar. Eu creia que Lizzie viu Carmel; apenas, o cabelo e os olhos de Carmel eram escuros.

Refleti sobre esse ponto.

– Suspeito – esclareci – que a materialização não foi completa e Lizzie realmente não viu mais do que eu: uma forma nebulosa. Sua imaginação construiu o resto.

Pamela contemplou a face cadavérica do quadro e exclamou, lentamente:

– Se assim foi, Lizzie foi muito feliz; seria horrível ver isto!

– Além do mais, vitalizada pelo ódio, viva com a fome de vingança.

A face aterrorizada de Pamela fez-me arrependido de pensar em voz alta.

– Sinto-me satisfeito por Estela não a ter visto.

– Sim.

Veio-me uma ideia e, relutando, só depois de algum tempo é que a externei:

– O exorcismo expulsará Carmel.

– Eu tinha posto o exorcismo inteiramente de parte, mas é possível...

Pamela pensou um instante, profundamente, e prosseguiu:

– Se pudéssemos entrar em comunicação com Mary e ela concordasse, ousaria dizer que Estela não discordaria.

– Se Mary nos desse um sinal... –
ajuntei, desviando o assunto. –
Difícilmente, porém, poderemos esperar
por isso.

– Se ela nos comunicar...

– Receio que ela nunca...

– Roddy, devemos tentá-lo! Pergunte-
lhe!

– Forçar um fantasma?

– Sim, Roddy. Realizemos uma
sessão.

Levantei-me. Eu não iria ser impelido
a isso. Sem replicar, atravessei o
relvado até onde estava Charlie e
trabalhei com ele algum tempo. Era
aquele o único caminho positivo aberto
à nossa frente, pensei, enquanto
trabalhava; era a única coisa que

podíamos fazer por nossa própria vontade, dentro de nossas possibilidades. Rejeitá-lo significava esperar, talvez esperar infundavelmente, por manifestações ocasionais, fortuitas, que poderiam ou não dar-nos indicações. Jurara a Estela que tentaria tudo e Pamela desejava tentar aquilo. Se ela ainda o desejasse, quando se inteirasse dos perigos do empreendimento, fá-lo-íamos.

Chamei-a; passeamos pela encosta e voltamo-nos para a estrada entre os lariços, onde havia abrigo contra o vento. Ela estava cheia de ardor e pressa, mas eu não ia deixá-la mergulhar em tal experiência sem conhecer-lhe os riscos. Perguntei-lhe:

– Você se lembra da senhora Lush?

– Vagamente – respondeu ela, com surpresa. – Uma mulher vestida de preto, que ia sempre ver mamãe, com uma alegria doentia, e de repente rompia em lágrimas? Havia perdido os filhos. Não é? Às vezes julgava que eu poderia proceder melhor para com ela, mas ela me adulava demais, aborrecia-me.

– Você não se lembra dela antes, quando dava festas para os dois filhos? Você não pode lembrar-se, era muito criança. Eu me lembro. Era uma mulher vivaz, risonha. Gostava dela imensamente.

– Suponho que a morte dos filhos a acabrunhou.

– A princípio, não. Quando eles se

afogaram, demonstrou-se muito corajosa. Depois, alguém começou a realizar sessões, levando-a. Mamãe contou-me isso como uma advertência, mas proibiu-me de dizê-lo a você. A senhora Lush pensou que estava em contato com Tommy e Rita e ficou extasiada; depois, o médium foi apanhado em fraude. A infortunada mulher dirigiu-se a outro, e esse foi seu tormento: estava no sétimo céu num minuto e no outro caía na maior amargura, pensando que havia sido enganada de novo. Afinal endoideceu.

– Você diz isso para me espantar?

– Sim.

– Não estou espantada. Este não é um caso de comunicar-nos com alguém por

quem tenhamos afeição. Não nos acharemos envolvidos no assunto.

– É verdade; a empresa, porém, é perigosa.

– Devemos tentá-la. Tudo isso se tornou perigoso demais para Estela; pode ser que o perigo não se limite apenas a esta casa.

Pamela encontrara um argumento definitivo.

– Muito bem – concordei.

Nenhum de nós sabia o que fazer, em seguida. A não ser certas experiências frívolas com mesas moventes em Chelsea, com amigos, não tínhamos qualquer conhecimento da questão. Não gostávamos da ideia de empregar um médium profissional e essa espécie de

tentativa não estava nas capacidades de Scott. No fim, sem dúvida, recorreremos a Max. Decidimos enviar-lhe um longo telegrama, pedindo-lhe que tentasse encontrar alguém, não um médium profissional, que nos pudesse ajudar a realizar uma sessão. Viajei seis milhas, até um posto telegráfico; para enviar o despacho, não desejando ver toda Biddlecombe tagarelar sobre o aparecimento do diabo em Cliff End.

Que pensaria Max de tal pedido? Foi o que fiquei a imaginar. Ele devia ter concluído, por aquelas fotografias, que a visão de Judite no *studio* estava ligada, por qualquer modo estranho, com Carmel; dissera: “Vocês ficarão interessados”. E ficamos, de fato.

Provavelmente, ele detestava tanto quanto eu a ideia de sessões, mas adivinharia que era um último recurso, desesperado, e auxiliaria.

Fiz uma visita à casa de Scott. Desejava descobrir o que estava acontecendo em Wilmcote e acreditava que ele soubesse. Fazer-lhe perguntas diretas ao telefone seria inútil, pois ele era cheio de etiquetas e fechado como uma cerca. Contudo, se pudéssemos conversar, tornar-se-ia mais cooperativo. sua governante informou-me que tivera um chamado urgente; o número do telefone era 37 e eu não devia dizer que ela mo dera, pois estava fazendo o jantar e não podia telefonar. Quando eu lhe disse que telefonaria de

Cliff End, tornou-se agradabilíssima e teria gostado imensamente de uma longa palestra, mas escapuli.

37 era o número de Wilmcote. Pamela e eu asseguramo-nos mutuamente de que o Comandante é que adoecera, mas ficamos ambos inquietos e angustiados, à espera de um telefonema de Scott. Não telefonou; apareceu, às nove horas, desta vez de carro.

– Estamos ansiosos acerca de Estela – disse-lhe Pamela, com franqueza – e acreditamos que não faria questão de informar-nos se ela está passando bem.

– Está muito longe de passar bem – replicou ele.

Dei-lhe uma bebida; precisava disso, mas hesitou, revirando o cálice entre os

dedos, enquanto eu lutava contra a vontade de fazer-lhe perguntas.

– O Comandante mandou-me chamar – disse ele, franzindo o cenho – e não gostaria de que eu falasse disso, mas Estela pediu-me. Afinal de contas, neste caso ela é minha cliente e não é uma criança. Não estou, pois, deixando o velho de parte.

Diabos levassem a etiqueta de Scott e sua ética! – pensei, com impaciência. Pamela perguntou calmamente:

– Que é que Estela tem?

– Insônia.

– Isto é sério? – indaguei. – É grave?

– Hoje é terça-feira – respondeu ele.

– Desde a noite de sexta, só teve quatro horas de sono: um pouco na manhã de

sábado, duas horas na noite de domingo e na noite passada nenhuma.

– Como você está se arranjando?

– Estou vendo se ela dorme com drogas.

– Deus do céu!

– Que mais poderia eu fazer?

– Afastá-la do avô! – exclamou Pamela, impetuosamente. – Ele exerce um domínio impossível sobre ela, que vive a pensar nele, a incomodar-se com sua aprovação ou desaprovação, o tempo todo. Só Deus sabe o que ele tem andado a dizer-lhe!

– Isso já está arranjado; ela vai para fora.

– Quando? Para onde? – perguntamos nós dois, ao mesmo tempo.

– Sábado; a enfermeira, ou ama, ou seja lá o que for, não pode vir buscá-la mais cedo e sem dúvida o velho não pode viajar. Ela vai para Brístol, para uma espécie de lugar de cura, de repouso.

– Não é a senhorita Holloway? – interrogou Pamela, aterrorizada.

– Esse é o nome. Parece que ela foi governante ou coisa que o valha de Estela.

Houve um silêncio perturbado. Scott parecia intrigado com o nosso desânimo. Esclareci-o:

– A senhorita Holloway é a mulher que cuidava de Carmel quando ela morreu.

Scott espantou-se:

– Quer dizer que o Comandante sabe disso e...

– E confia nela, porque era amiga de sua filha – atalhei.

– Gostará Estela dessa mulher?

– Não.

Pamela interrompeu, encolerizada:

– Ali o predomínio será pior. Pode não ser verdade que a senhorita Holloway tenha descuidado de Carmel, mas ela é uma mulher terrível. Fria como pedra. Ela... ela torcerá Estela.

– Então, vocês a conhecem?

– Conhecemos – respondi, imediatamente.

– Dr. Scott – pediu Pamela – você não pode impedir isso?

Sacudiu a cabeça, angustiado; nada

lhe agradaria mais do que lutar, a um pedido de Pamela.

– Impossível! O Comandante está inteiramente satisfeito com esse plano e ninguém mais o induzirá...

Interrompeu-se; no que se referia ao Comandante, o segredo profissional devia ser mantido. Acrescentou, apenas:

– Não posso incomodá-lo agora.

– Qual foi o recado de Estela? – perguntei.

– É um recado extraordinário e não vejo sentido em dá-lo, mas ela me arrancou a promessa. Deseja vir passar uma noite aqui, onde, declara, poderia dormir.

– Não! – Para aborrecimento meu e espanto de Scott eu dera um salto e

gritara.

– Ela já não aprendeu bastante? Estará louca? Esqueceu a noite de sexta-feira passada?

– Não se pode pensar nisso – ajuntou Pamela.

Scott, assombrado, olhava dela para mim. Seus olhos pesquisavam o rosto de Pamela.

– Vocês também não estão dormindo bem?

– Ninguém dorme nesta casa – respondi-lhe, colérico. – Você sabe o que se passa aqui! Por que Estela não tirou isso imediatamente da cabeça? Por que você não lhe disse isso?

– Eu disse – replicou ele. – E o resultado foi uma raiva terrível.

Espantou-me. Teria apostado até o último vintém em que nada faria Estela comportar-se de tal modo.

– Que quer dizer você?

Inteiramente sem razão, revoltava-me contra Scott.

– A mudança nela foi incrível – esclareceu ele. – Vocês conhecem os modos dela, tão controlados, tão corretos e polidos. Bem, quando lhe falei nesta manhã, a princípio, ela estava assim calma e tratável, e isso, veja só, depois de três noites sem dormir. A maioria das mulheres teria ficado histérica. Recebeu-me no seu belo quartinho, com a aparência de quem estava doente havia um mês, toda obediência, toda cheia de bons modos,

pronta a fazer tudo quanto lhe fosse aconselhado, muito mais preocupada com o avô que consigo mesma.

– Ele está doente? – inquiri.

– Está preocupadíssimo com ela – replicou Scott. – Não quer dizer-me o motivo e sim apenas que “Ela ficou sob infelizes influências”. Não diz mais do que isso. Penso que tiveram alguma discussão e que ela se arrepende e deseja consolá-lo. É de fazer dó, aqueles dois lá, e só aquela espécie de empregada para cuidar deles.

– Ela contou-lhe o que a estava impedindo de dormir? – perguntou Pamela.

– Não. Não consegui que me contasse. “Todos têm os seus aborrecimentos” –

diz ela. É ridículo! Fugia às minhas perguntas e eu nada podia fazer, pois não se pode curar um paciente que nos recusa confiança, principalmente numa espécie de incômodo psicológico como este. Só lhe posso dar drogas.

– Mas – interrompi, com impaciência – acho que você nos disse que ela fez uma cena.

– Isso foi à tarde, quando acordou. Eu subira de novo e esperara que ela despertasse da ação da droga. Acordou por volta das quatro e meia, num estado curioso. Suponho que tivera pesadelos, pois recriminava-se e penso não soubesse que eu me achava no quarto. Ficou falando, de um jeito desesperado: “Ele poderia ter morrido! Ele poderia

ter morrido!”

– E então? – intervim.

Minha voz estava mais firme que meu coração.

– Oh! Então, viu que eu estava ali e começou a chorar amargamente e a dizer que estava sozinha, que era infeliz, que não podia suportar aquilo e que eu devia mandá-la embora. “Não posso mais suportar isso”, suspirou ela. Foi então que surgiu com a ideia de vir dormir aqui. Quando lhe disse que o Comandante nem queria pensar em consentir nisso, soluçou, suplicou, insistiu. Absolutamente, esses não são os modos de Estela. Por fim, para acalmá-la, tive de jurar que viria aqui e daria o recado. E tive de dar-lhe uma

dose muito maior do que eu gostaria, para fazê-la adormecer de novo.

– É uma coisa terrível! – exclamei. – Empanturrando Estela de drogas...

– Que mais posso fazer? Se você me disser o que ela tem na cabeça, talvez isso possa ajudar. Ela não ficou nesse estado sem motivo. Uma moça da idade dela...

– Acho melhor dizer tudo ao Dr. Scott. Não é? – propôs Pamela, olhando-me.

– Evidentemente – repliquei – visto como somos nós as “infelizes influências”.

Entontecido pelo caos de pensamentos e emoções que me empolgavam, deixei Pamela a lhe contar

a história e fiquei à janela, olhando para fora.

“Ele poderia ter morrido”. No meio do sofrimento, fora nisso que Estela mais pensara. “Você poderia ter morrido” mo dissera e prometera não fugir para lá novamente. Eu não imaginara, então, que sacrifício ela estava fazendo, pois o temor não lhe abrandara a saudade da mãe, a qual persistia e que por minha causa tentara abafar. E, agora, sofria os tormentos da insônia, pedindo nosso auxílio, e eu era forçado a recusar a única coisa que ela julgava poder restituir-lhe o sono. Necessitava de mim e eu não podia ir onde ela se achava, nem deixar que ela viesse. Sentia-me quase desesperado, e,

contudo, a dor que me atravessava misturava-se à mais intensa felicidade que já conhecera.

Bem, estávamos lutando e tudo isso passaria. Scott ouvia Pamela, assombrado.

– Pudera! – exclamou ele. – Não admira que tenha perdido o sono. Como, por Deus, pode ela guardar tudo isso somente para si?

Pamela discorreu sobre os seus temores de que o espírito de Carmel estivesse assombrando Cliff End, ansioso de vingança, inclinado mesmo, talvez, numa espécie de infundável delírio, a causar mal a Estela. Scott era incoerente em seus cuidados.

– Que coisa infeliz para vocês! Não

me causa surpresa que sua aparência não seja boa! Não é de admirar — acrescentou — que o cão não quisesse ficar.

O contraste fez com que Pamela risse.

— Sinto-me feliz — interveio ele — por você poder ir.

— Não desesperamos de vencer isso — declarou ela. — Você poderia levar uma carta minha a Estela?

Scott parecia preocupado.

— Isso propriamente, não posso fazer. Mas lhe direi tudo quanto você quiser.

— Diga-lhe, então, que afinal estamos realmente esperançosos — prosseguiu Pamela. — E que eu lhe escreverei para Brístol. Diga-lhe que confie em nós, seja paciente e tente compreender o motivo

pelo qual não podemos deixá-la vir aqui. Dê-lhe muitas lembranças nossas.

Ela parecia abatida. Era de partir o coração ter de mandar uma resposta daquelas.

Scott, agora, ia para Wilmcote. Depois de vê-lo tomar o carro, caminhei pelo jardim e subi ao outeiro. O crepúsculo de setembro era frio, com uma brisa úmida e flagrante; os declives de Biddlecombe enchiam-se de um nevoeiro azulado e, dentre ele, piscavam as luzes douradas das casas; aqui e ali, nas charnecas, cintilavam as janelas de fazendas solitárias e agrupamentos minúsculos de luzes marcavam aldeias, ao longo da costa. As colinas, no lado mais distante da aldeia, recortavam-se

negras, no fundo claro. Era estreito aquele vale: não parecia crível que eu estivesse separado de Estela por um abismo intransponível.

Estaria ela acordada? Estaria a pensar em mim? Trechos de sua ingênua canção me vieram à mente:

Valem teu sono os doces anjos enquanto a noite passa, livrando-te de males e perigos enquanto a noite passa, até que venha o Fado negador dar recompensa ao imortal amor.⁵

Quando desci para Cliff End, era aquecedor o brilho que irrompia das janelas em baixo. Estela gostava daquela casa, como eu. Jamais poderia admitir que qualquer coisa estivesse destinada a ser nosso lar.

5. May sweet angels watch the sleeping,
All through the night,
Safe from harm and danger keeping,
All through the night,
Till no longer fate denying,
Gives the meed to love undying...

UMA ADVERTÊNCIA

“Embebede-se com champanha” – aconselhara Ballaster – “e recomece”. Tinha ele razão, considere, ao passar a vista pelo segundo ato, na manhã de quarta-feira. Este ato, em que Bárbara se empolga com a sensação de sua diabólica empresa e, contudo, é ainda adorada como mulher alegre e generosa, necessitava de leveza, humor, sagacidade. Eu sabia – e verifiquei depois que tivera toda a razão – que podia confiar nos intérpretes para dar-lhe leveza. Naquela manhã, porém, estava tão pesado como argila numa pá.

Depois de uma hora de suor e lutas, consegui duas réplicas divertidas e um trocadilho, e meu original se tornara uma floresta de rabiscos, insertos e emendas puxadas à margem, como foguetes de longas caudas. O champanha e o reinício teriam de esperar, decidi, e voltei-me para o último ato. Havia ali um problema mais concorde com meu estado de espírito: descobrir um destino para Bárbara, um fim sombrio, porém não horripilante, inesperado e, contudo, inevitável, que se derivasse de seu caráter e fosse adequado a seus malefícios. Estava a meditar nisso quando a campainha do telefone soou. “Scott!” – pensei, e desci as escadas em dois saltos.

– Posso falar à senhorita Fitzgerald?

A voz, contida e abrupta, espantou-me: era a do Comandante Brooke. Gritei, chamando Pamela da janela do quarto das crianças. Ela largou o arame que estava segurando para Charlie e veio correndo, fazendo-me sinal para ficar perto. Sua face enrubescia, enquanto escutava e respondeu, calmamente:

– Ficarei muito satisfeita. Sim, imediatamente.

Pendurou o fone e encarou-me com olhos atônitos.

– Ele quer que eu vá ver Estela.

– Quer dizer que ela está pior?

– Temo que sim; parecia angustiado, receando que eu recusasse.

– Mas não disse que ela estava pior?

– Disse que “ela pediu isso com insistência, tão veementemente”, acrescentando que “naturalmente, se não parecesse ser a única coisa que a poderia acalmar, não faria tal pedido”.

– Posso levá-la de auto?

– Sim, pois não.

Aquele convite só podia significar que Estela estava doente ou histérica. Contudo, minha ansiedade era menor que meu alívio, pois não estávamos mais postos de parte. Enquanto dirigia o carro, rumo a Wilmcote, insisti:

– Trace algum plano para manter contacto com ela. Diga-lhe que estarei em Brístol e que ficarei lá se ela necessitar de auxílio. Em qualquer caso,

estarei sempre lá para as repetições da peça. Assegure algum meio de revê-la; o importante é não perder contacto.

– Tentarei – concordou Pamela – mas talvez fosse inútil, se ela está “envergonhada e penitente”, como diz o Comandante.

– Ela já dominou isso; pelo menos, ontem, de acordo com Scott, estava reagindo.

– Acho que não deverei contradizê-la em nada – sugeriu Pamela. – Seja qual for seu estado de espírito, devo concordar com ele. Ela precisa dormir.

– Estou inteiramente de acordo.

Disse-lhe que deixaria o carro à porta de Wilmcote, passaria pela alameda e esperaria por ela perto do campo de

esportes. Insisti:

– Não diga coisa alguma que a excite e, de maneira alguma, não mencione a palavra “exorcismo”.

– Decerto que não, meu Deus!

Pamela parecia nervosa enquanto esperava para entrar.

Caminhei até a clareira, do outro lado da alameda. Havia ali um caminho arenoso e uma aleia para jogo de bola, com bancos defrontando o mar. Aquele crescente matizado, com seu belo panorama, fundo de pinheiros e ar resinoso e salgado, era o tipo do lugar que extasiava contemplar, em estado natural; dominado, porém, arranjado e povoado, tornar-se-ia insípido. Quatro velhos senhores disputavam

confortavelmente uma partida de pela, observados, de um banco, por amassecas uniformizadas, que pareciam tão enfastiadas como suas cargas, e, de outro, por uma meninada desgrenhada e sua rosada mãezinha, que apreciavam alguma brincadeira rumorosa. Era esse o lado social de Biddlecombe; pares mais idosos, com cãezinhos, iam encontrar-se ali; passou uma moça alta empurrando um velho numa cadeira de rodas; duas mulheres corpulentas, rubicundas, de luto, marchavam carrancudamente: haviam discutido e conservavam cada uma, o olhar sobre o lado oposto ao que a outra fitava. Foi agradável mudança encontrar um rapaz e uma moça, em trajes esportivos, correndo com

mochilas às costas. Poderia ter-me divertido ali, mas meus nervos estavam em lastimável estado e, enquanto ia e vinha, mais crescia minha ansiedade. Quanto mais recordava nossa conversação com o Comandante, mais certo me sentia de que só uma crise de importância o levaria a fazer aquele pedido.

Afinal, Pamela apareceu. Deixou o carro no parque e juntou-se a mim. Passeamos pelas umbrosas profundezas do arvoredo. Pelo que Pamela disse, pude ver que as coisas não tinham ido bem:

– Estela mandou chamar-me para dizer-me adeus.

– E como vai ela?

– Inteiramente calma, mas exausta; muito frágil e pálida. Dormiu bastante, sob o efeito de drogas. Pede-nos desculpas por ter enviado aquele recado histórico de ontem. Pediu-me que lhe dissesse – e havia ironia na voz de Pamela – que sempre se lembrará de nós dois com gratidão.

– Despedida para sempre, não é?

– Foi o que eu achei.

Pamela estava com os olhos cheios de lágrimas.

– Pelo amor de Deus, menina! – exclamei. – Você não vai levar isso a sério... Ela foi atormentada e está fraca demais para resistir; eis o que houve. Será completamente diferente quando ficar boa.

– Não tenho certeza, Roddy; ela está derrotada, quase aniquilada. Não é... não é absolutamente a mesma Estela.

– Mas, Pamela, tenha senso! Pense na insônia, noites e dias sem dormir... E, depois, drogas. É natural que não seja a mesma.

– Sei disso. Mas há mais alguma coisa: o avô venceu e está doente; sabe que ele sofre dores terríveis, que devia ser operado e não quis, só por causa dela. Isso a faz chorar. Receio que ele lhe tenha dito coisas terríveis, acabrunhantes. Ela fica a repetir: “Ele me perdoou e não sei como o pôde fazer”.

– Sim, sim – repliquei. – Tudo Isso é muito natural, por enquanto. Mas você

não vê que isso passará?

– Tenho medo de que a influência se haja aprofundado muito, pois desde que nasceu está submetida a ela. Oh! Roddy! É uma pressão propositada, para retorcê-la e modelá-la. O quarto dela... basta dizer que é um “memorial” de Mary.

– Você não está exagerando?

– Não, é um relicário da mãe dela. Estela falou-me sobre isso, com voz um tanto amedrontada. Paredes de azul claro, a cor favorita de sua mãe; margaridas nas jarras, a flor predileta de Mary; quadros de Mary, madonas florentinas; um desenho de Mary quando mocinha e diante dele, num vaso de vidro, apenas uma rosa branca; até

mesmo uma estatueta de Mary, de gesso branco. É um culto! Oh! Piedade, austeridade, pureza, encanto virginal! Toda moça de sensibilidade se impressionaria com esse feitiço... e duvido que haja nascido um homem capaz de quebrá-lo.

– Parece que é perfeito.

– E agora ela vai para a casa da senhorita Holloway!

– Estela está de acordo?

– Está de acordo com tudo; consente, porque o receia. A autodisciplina de Estela é anormal. – Sem dúvida.

– Isso é rendição, abnegação – prosseguiu Pamela, em tom de desespero. – Confessou-me ela: “Pequei e devo fazer penitência”. E ao dizê-lo

sorriu. Eu poderia ver Mary dizendo o mesmo; poderia ver ali o sorriso de Mary.

– Uma candidata ao martírio?

– Isso.

Afundamo-nos mais na alameda. As árvores eram, ali, altas e umbrosas, o ar parado, o odor, confinado, forte demais. Amaldiçoei a história que Pamela me contava; tudo em meu íntimo estava revoltado. Pamela encontrou um tronco cardo e sentamo-nos nele.

– Olhe, Roddy, Estela deu-me isto. É para você e ela me recomendou: “Diga-lhe que é para se lembrar de mim” – anunciou Pamela, abrindo a bolsa.

Era um caderno de esboços de seu pai, com rascunhos a lápis, feitos na

Espanha; detalhes de uma porta de catedral, oliveiras retorcidas, um vagabundo sentado num degrau. Havia desenhos de Carmel, da Carmel jovem e alegre. A Pamela, Estela dera, como oferta de despedida, um frasco em forma de coração, cheio, até um quarto, de perfume de mimosa, quase já sem fragrância.

– Eu tinha razão – esclareceu Pamela.
– O pai dela mandou-lhe isto de Sevilha. Foi o último presente que lhe deu, antes de morrer.

Aquilo me deprimia. Era como se uma moça fosse para o convento e distribuísse seus derradeiros tesouros terrenos.

– Saíamos deste mortuário – sugeri, e

voltemos para o carro.

Perguntei a Pamela se conversara com o Comandante.

– Sim – respondeu-me ela. – Veio ao quarto de Estela e declarou que era hora do descanso. Lágrimas começaram a correr nas faces dela. Agarrou-se nervosamente a mim, enquanto nos dizíamos adeus, e depois retirou os braços e ficou completamente silenciosa, sorrindo. Não pude suportar aquilo.

A voz de Pamela tremia. Depois de um minuto, prosseguiu: Ele levou-me à porta. Contou-me o que sucedera. Estela fizera um trato com ele: estivera num estado histérico, mas prometera que se acalmaria se ele ao menos permitisse

que eu fosse dizer-lhe adeus. “É adeus” – disse ele. – “Compreende, senhorita Fitzgerald? Para onde ela vai não se permitem cartas, nem há visitas. Terá um repouso completo e prolongado e depois irá para o exterior”. Ele, realmente, parecia enormemente enfermo. Foi polido, ao acrescentar: “Estimo que tenha vindo, foi muita bondade sua”. Depois, abriu a porta. Há nele qualquer coisa de indomável, Roddy. Não o posso imaginar cedendo; faz-me desesperar.

– Você deixou-se impressionar demais por isso – respondi.

Não era eu quem iria desesperar em tal conjuntura. Por enquanto, venciam meus adversários. Mas isso não

acabaria assim; nem mesmo as “fronteiras de pedra” da senhorita Holloway eram de todo inexpugnáveis.

Que poderia eu fazer para distrair Pamela de preocupar-se com essa infeliz visita? Sugeri:

– Vamos ver o padre Anson? Devemos falar-lhe acerca de nossa palestra com a Holloway.

Ela concordou. Era cerca de uma hora e podíamos então encontrá-lo em casa.

A torre vermelha da igreja católica era um marco local, erguendo-se dentre as árvores negras da colina à nossa esquerda. Ao nos aproximarmos, vimos uma casa quadrada, sem adornos, de aparência nova, com fachada cimentada, construída numa faixa de terreno e com

o jardim ainda por fazer.

— É a casa do padre — conjecturou Pamela.

Era, e o padre Anson achava-se lá. Sua criada recebeu-nos de mau modo; estava a ponto de servir-lhe a refeição, sem dúvida. A mulher satisfazia os cânones, não sendo garbosa, a idade canônica. Pamela falou-lhe que, se não fosse conveniente para o padre Anson receber-nos, gostaríamos de saber quando poderíamos visitá-lo ou quando ele poderia ir tomar chá em Cliff End. A face da mulher se iluminou.

— Em Cliff End? Então é a senhorita Fitzgerald? A senhora Flynn esteve comigo no outro dia e conversamos bastante. Será que ela pode voltar aqui

alguma vez? Somos ambas do Condado de Clare.

Assecuramos-lhe que Lizzie ficaria satisfeiti ssima por voltar e ela levou nosso recado ao padre. Ele saiu imediatamente da sala de visitas, acolheu-nos com satisfa o e indicou-nos cadeiras de vime, perto da janela. Parecia alegre por ver-nos e percorreu delectado sobre sua nova casa. Seus paroquianos a haviam construido para ele, de pouco. Não era uma casa tão bela como Cliff End, mas sentia-se muitíssimo bem ali. Em breve, começariam a fazer o jardim. Tagarelou acerca das cortinas de cassa irlandesa, dos tapetes feitos a mão e de outros confortos, fitando Pamela, bondosa mas

agudamente, o tempo todo. Ali estava um homem de quem pessoas cuja casa estivesse ameaçada, podiam esperar compreensão. Sentia-me satisfeito por termos ido vê-lo. Então, ele fez uma pausa:

– Mas estou falando só sobre o que me diz respeito e não perguntei pelo que lhes interessa. Espero que me tragam boas novas. Tenho andado pensando muito a esse respeito. Diminuíram as preocupações?

Pamela estava tristonha e cansada, com o domínio de si mesma solapado pela bondade do padre Anson.

– É terrível padre! – exclamou ela.

Ele levantou-se e, depois de escolher com cuidado a chave conveniente, abriu

um armário a seu lado. Tirou de lá dois copos, uma garrafa e uma toalha. Limpou os copos, tirou o pó da garrafa, apanhou um sacarrochas e desarrolhou-a vagarosamente.

– Espero que sejam conhecedores do “Madeira” – declarou. – Disseram-me que este é de uma excelente vindima; infelizmente, isso é luxo para mim e ele ficou meses esperando hóspedes dignos de seu sabor. Vejamos agora se meu amigo, o abade, não me iludiu. Não?

Provei o vinho. Era delicioso.

– O abade é um homem honesto, padre; Deus lhe dê longos anos de vida! – ajuntei.

– Também ao senhor, Padre Anson – sorriu Pamela.

– Farei também um brinde, embora não possa beber – disse o padre, sentando-se confortavelmente numa velha poltrona de couro:

“Longa vida com saúde!

Uma casa com terrenos!

E a mulher do coração!”

– Isso acaba assim – acrescentou ele.

– “E morte na Irlanda”. Mas deixemos isto a Deus.

Seus olhos piscavam. Pamela riu-se. Ele conseguira o que desejara e uma vez mais seu rosto se tornou grave.

– Não devemos desesperar, por mais terríveis que possam ser essas provações – prosseguiu ele, calmamente. – A Igreja tem meios de combatê-las.

Contei-lhe a repulsa de Estela com relação à ideia de exorcismo e o estado de nervosismo em que ela se encontrava. Ficou comovido.

– Pobre criança! Pobre criança atormentada! E sem consolo, sem a Fé! É difícil saber o que se pode fazer.

Estava profundamente perturbado, falando como se o problema fosse seu. Pamela fê-lo sorrir com seu relato um tanto irônico acerca da senhorita Holloway.

– Não tenho dúvida de que, de acordo com suas luzes, ela é uma mulher reta – disse ele. – Mas – acrescentou, com as rugas em torno dos olhos acentuadas – a gente às vezes acha fácil compreender por que o Senhor mais ama os pecadores

que se arrependem.

Perguntou, a seguir, se sua narrativa nos auxiliara, Pamela relatou-lhe que o que soubéramos acerca do estado de espírito de Carmel levava-nos a pensar na possibilidade de ser o espírito dela o causador da sensação de frialdade e terror que sentíamos na casa.

– Acho muito difícil crê-lo – retorquiu, abanando a cabeça.

Ela tornou a contar como, aparentemente, tínhamos sido guiados à descoberta dos objetos de Carmel e perguntou se não julgava possível que Mary permanecesse em Cliff End para proteger Estela e estivesse tentando ajudá-la por nosso intermédio.

Eu podia ver que isso lhe

desagradava; pensou prolongado tempo, antes de responder e disse, por fim:

– Posso conceber que à mãe de Estela tenha sido concedido protegê-la, mas não devemos levantar hipóteses em assuntos desses: estão além de nossa compreensão. A senhorita Fitzgerald tem uma imaginação ativa; tome cuidado em não deixar que ela a arraste para muito longe, para águas profundas.

Mencionei a questão de missas por alma de Carmel.

– Recomendo sua pobre alma todos os anos, na festa de Nossa Senhora do Monte Carmel, mas direi uma missa especialmente em sua intenção – replicou ele.

Depois, sorriu.

– Agrada-me que o senhor tenha sugerido isto, Sr. Fitzgerald – acrescentou. – O Sr. é apenas meio herético; e sua irmã, nem um quarto.

– Estaríamos a enganá-lo se o deixássemos pensar assim – respondeu Pamela. – Mas o que me parece importar, neste caso, é a crença de Carmel.

O padre encarou-a com acentuado interesse, mas nada mais disse sobre o assunto, embora eu estivesse certo de que gostaria de prosseguir e mal se podia conter.

– Digam-me – falou. – Essas “perturbações” são muito aflitivas?

Sucintamente como foi possível, descrevemos os acontecimentos da noite

de sexta-feira: o terror que se apoderara de Estela, a aparição que ela julgara ter visto, sua fuga em pânico. Ele ficou profundamente impressionado. Voltou-se para Pamela e exclamou:

– Minha filha, saia daquela casa!

Afirmei-lhe que estávamos decididos a fazer isso, se falhasse tudo o mais, mas assinalei que nos achávamos agora prevenidos contra tais pânicos e que ninguém passaria as noites sozinho em Cliff End; ademais, estávamos colocando uma cerca de proteção no abismo fatal.

– Uma cerca! – exclamou ele, severamente. – Pensa então que uma cerca, ou uma companhia humana, ou qualquer precaução que o Sr. possa

tomar, ou sua própria força, poderão protegê-lo contra forças como essas? Meu filho, o Sr. nem sabe contra que está lutando! O perigo não é um perigo de morte!

– Acha que seja de loucura? – indaguei.

– De possessão, quero dizer – replicou ele.

– Eu sei, padre Anson – interveio Pamela, gravemente. – Tenho pensado nisso; senti-o em certa noite, quando tentei dormir no quarto das crianças. Uma sensação de malignidade cai sobre a gente, domina o cérebro...

– Isso acontece muito mais frequentemente do que a maioria sabe, ou quer acreditar – afirmou o padre,

gravemente. – Os hospícios de alienados estão cheios de casos semelhantes, embora os cientistas lhes deem outros nomes.

– o Sr. conhece pessoalmente casos desses? – Interroguei.

– Graças a Deus, não. Mas uma pessoa de minhas relações escapou por pouco. Era uma senhora de Galvay. Fez uma coisa louca, ou melhor, pecaminosa: realizou sessões espíritas em sua casa. Penetrou nas regiões que a Igreja proíbe a seus filhos palmilhar. Uma noite, dois estranhos juntaram-se a seu grupo e pediram que lhes fosse permitido tentar uma comunicação com uma recente falecida. Verificou-se uma troca de mensagens, que ninguém

compreendeu, além dos dois. Declararam-se satisfeitos e retiraram-se. No dia seguinte, minha conhecida estava sozinha em casa. É uma casa alta, de quatro andares. Durante cerca de uma hora ficou numa das janelas de um pavimento superior, lutando terrivelmente contra um impulso de atirar-se dali. Soube depois que a parenta morta dos dois estranhos se havia suicidado daquela maneira.

Suponho que nosso silêncio nos traiu. Não podíamos prometer-lhe que não realizaríamos uma sessão. Ele encarou-nos, comprimindo os lábios.

– Vou deixá-los partir agora – disse, marcando bem as palavras – com esta advertência em sua mente. A objeção de

Estela Meredith deve ser vencida. Necessitamos realizar um serviço de exorcismo em Cliff End. Vou tentar, desde já, obter a permissão do Bispo. Tenham paciência. E Deus os ajude, meus filhos.

Rumamos para casa, quase sem falar. A face de Pamela se esculpia em linhas de obstinação. Eu já estava ficando arrependido de haver consentido na realização da sessão espírita.

Chegara um telegrama de Max: “Levando Ingram Dublin Anuário Escritores último trem amanhã”. Procuramos no “Anuário dos Escritores”. Devia ser este: “Garrett Ingram, do Foro Irlandês”. Homem de trinta anos, com curiosa variedade de

realizações já a seu crédito.

– Parece – observei – ser outro desses juristas de Dublin que fazem brilhantemente tantas coisas, a ponto de nunca nos lembrarmos de qual seja realmente sua profissão.

Ele escrevera peças para o Teatro Abbey e publicara versos; era autor de uma monografia sobre cristais de Waterford, que colecionava, e de outra (com a Sr^a Ingram) sobre “A pigmentação das dalias”, bem como de um livro denominado “Fenômenos Parapsíquicos: uma análise”.

– Espero que não seja um desses rábulas – redarguiu Pamela. – Eu não suporto mais que me digam: “Tudo isso é imaginação sua”...

– Max não nos faria isso – repliquei.
– De qualquer forma, o homem deve saber como dirigir uma sessão; embora eu confesse que estou agora em dúvida se devemos fazer isso.

– Eu não estou, Roddy.

– Faço ideia.

– De qualquer modo, fico satisfeita por ter sido avisada dos perigos.

– Desejaria que você se colocasse de parte, Pamela, deixando a coisa por conta de nós três.

Ela meneou a cabeça:

– Nada disso, Roddy, por favor.

– Não gosto disso, Pamela; não é próprio para você.

Ela caminhou para minha frente, encarando-me em cheio:

– Olhe aqui, Roddy, neste assunto você não tem qualquer responsabilidade, quanto a mim. Se eu quisesse, poderia fazer mil coisas: ficar sentada a noite inteira nas escadas, por exemplo; talvez desse resultado. Mas seria pior para nós dois se cada um passasse a agir sozinho. Prometerei não agir assim, enquanto trabalharmos juntos; mas não pense em pôr-me de parte.

Eu só podia fazer uma careta e render-me. – Está bem, camarada!

A intrepidez de Pamela era encorajadora. Não era das que sofrem com tais experiências – disse a mim mesmo – visto como a abordava com semelhante disposição de espírito.

Animei-me. Era emocionante estar a preparar um ataque frontal, com o auxílio de dois homens de cérebro e pulso. Nossa sessão, ainda que nada mais fizesse, varreria provavelmente quaisquer influências psíquicas que por ali existissem. Observando a noite inteira, juntos ou dois a dois, certamente veríamos alguma coisa que nos serviria, e “agora, quanto pior, melhor”, como dizia Pamela.

Passei a tarde com ela, cavando no jardim e imaginando quanta gente vive, nestes tempos, sem um pedacinho de terreno e uma pá. Depois de algumas horas de trabalho, Pamela sentiu-se melhor.

– Acredito que você tenha razão a

respeito de Estela – declarou-me, depois do jantar. – Esta manhã eu estava terrivelmente deprimida, mas creio que era a atmosfera de Wilmcote. Logo que se liberte de tudo isso, Estela voltará a ser o que era. Se ao menos fosse para outro lugar que não a casa da senhorita Holloway...

– Ela não pode ficar lá muito tempo – murmurei, vagamente.

Em meu cérebro representavam-se cenas de fuga e rapto, mas guardei-as para mim.

Nosso otimismo foi derrubado por Scott. Veio a pé, desordenado e atirou-se numa cadeira, dizendo a Pamela, acusadoramente:

– Por que diabo você não pode deixar

Estela em paz?

Aquilo foi-nos um choque.

– Vocês desfizeram tudo quanto eu tinha feito – prosseguiu Scott. – Ela está pior do que nunca, e o velho também. Não há médico que possa com eles. Ele não faz caso de meus conselhos, recusa uma junta...

– Você quer uma junta médica para Estela? – interrompi.

– Ainda não; para ele... Tenho de mandar lá uma enfermeira. Informei-lhe que não iria...

– E que há com Estela? – inquiri.

– Isso é o que eu queria saber! Ela está de novo alucinada, pior do que nunca.

– Mas ela estava inteiramente calma

quando eu saí – exclamou Pamela. –
Inteiramente serena e resignada.

– Você não devia ter ido.

– O Comandante me pediu.

– Ele devia ter-me telefonado
primeiro.

– Você não faria objeção.

– Mas teria avisado a você para não
perturbá-la.

– Eu não a perturbei.

– Bem – insistiu Scott. – Tudo quanto
sei é que, quando fui vê-la esta manhã,
por volta das dez horas, ela estava
dormindo profundamente. Depois, de
acordo com o que o velho disse,
acordou e começou a chorar, a
espernear, suplicando-lhe que mandasse
chamar você. Você voltou, eu fui

chamado e achei-a daquele jeito.

– De que jeito? – perguntei. – Você não nos contou nada. Seja explícito. Quer um trago?

– Não, obrigado. “De que jeito?” Como uma criança alucinada! Estava vagueando pelo quarto, de quimono. Parecia ter perdido todo o controle. Disse que não podia engolir o remédio, não podia ficar em casa, não podia ir com a senhorita Holloway. Parecia estar com medo de mim, do quarto, do avô. Quando ele entrou, voltou-se contra ele. O pobre homem ficou aniquilado; estou certo de que nunca antes ela se demonstrara tão rude. Queixou-se dele e depois chorou. Era insuportável, meu Deus!

– Vocês lhe deram drogas até virar-lhe a cabeça! – exclamei.

Ele recuou na cadeira: – Quereria que ela ficasse maluca sem remédios?

– Ela dormiu depois da visita de Pamela?

– Sim, durante três horas.

– E dormiu naturalmente, depois que Pamela saiu?

– Foi o que o Comandante me disse.

– E acordou desse modo? É extraordinário!

– É diabólico.

Eu preferiria que Scott não usasse palavras tão violentas.

– E logo depois desta manhã! – exclamou Pamela, incrédula. – Ela era toda suavidade, toda submissão.

– Eu sei – concordou Scott. – Nunca vi coisa semelhante. Não preciso dizer-lhes que estou transtornado.

– Ela não disse o que foi que a pôs assim? – indaguei.

– Tudo a pôs assim! Acha-se num estado de revolta contra tudo e todos! Está simplesmente fora de si. Você pode imaginar Estela violenta? Pode imaginar Estela tirando e jogando fora os ferrolhos de uma janela? Arrancando um objeto de enfeite e despedaçando-o de propósito no chão?

Aquilo era de assustar. Ouvi Pamela perguntar, como se fosse coisa importante: “Que objeto?” Então, compreendi.

– Uma estatueta branca, de gesso, de

sua mãe.

Pamela fitou-me, lívida.

– Receio que isso seja sério, Scott – adverti.

– Pois eu não estou tentando mostrar-lhe que isto é sério – respondeu ele, raivoso – e você não pode ver a causa? Essa visita! Há uma batalha dentro daquela menina. De um lado, o Comandante e todas as suas restrições; de outro lado, vocês dois e seja lá o que for que vocês e esta casa representam para a vida dela! E ainda por cima essas infernais experiências psíquicas! Deus do céu, só há um fim lógico para isso!

Ele passeava, nervosamente, de um lado para outro.

– Que fim? – interroguei. – Em que é

que você está pensando, Scott?

Esquizofrenia – respondeu ele.

Eu não sabia se havia entendido bem e fiz um esforço para perguntar:

– Personalidade dissociada?

– Sim.

Eu via, agora, claramente. Era aquela a conclusão lógica de tudo. O Padre Anson tê-la-ia denominado “possessão”.

– Isso não aconteceu – repliquei, com veemência. – Você está fazendo uma tempestade de um acesso de cólera. Homem, você está transtornado! Ela não se acha nesse estado!

– Não. Mas pode ficar.

Scott sabia do que falava. Desculpe-me.

– Qual é o tratamento para

esquizofrenia?

Scott hesitou e depois disse:

– Não posso afirmar tal diagnóstico. Não sou psicopatologista. De certo modo, os sintomas são mais de personalidade dupla que de repartida. Ou poderia ser “*folie circulaire*”...

Fora de mim, interrompi violentamente:

– O tratamento, homem! Que se pode fazer?

Sua resposta foi evasiva:

– A clínica geral não pode tratar disso.

Era-me o suficiente.

– Ela ficará boa – murmurou Pamela, trêmula. – Ela vencerá tudo isso.

– É o melhor que podemos esperar –

replicou Scott. – Apelei para ela, por causa de seu avô. Declarei-lhe que ele estava seriamente doente e isso produziu efeito: ela esforçou-se por acalmar-se. Chorou apaixonadamente por causa da estatueta e pediu-me para dizer ao avô que fora um acidente. Recoloquei o ferrolho na janela, com cuidado.

– Contou-lhe isso? – indaguei.

– Sim. Bom Deus, eu não podia dizer-lhe a verdade!

– Estela não tem quem olhe por ela? – perguntou Pamela, com desânimo.

– Agora, haverá a enfermeira.

– Acho que ele não deixaria que eu fosse...

– Você! – exclamou Scott. – Seria a última pessoa... Oh! meu Deus!

Desculpe. Mas estou transtornado. Não posso discutir.

Ele não havia almoçado e Lizzie saíra para a fazenda. Contudo, Pamela trouxe uma bandeja com frios. Ele os devorou, faminto. Quando terminou a refeição, aceitou uma bebida e recostou-se. Contraiu depois as sobrancelhas, preocupado, e reiniciou:

— Fiz uma coisa terrivelmente irregular ao contar-lhes tudo isso. Só queria que vocês compreendessem que essa batalha interna não pode continuar. Está matando-a. Um dos lados tem de ceder. Deixei-a calma, dócil e assim ela deve ficar. Vocês dois a excitam; têm de deixá-la, imediata e completamente. É tudo.

– Sim – concordei. – A coisa está claríssima.

Pamela fitou-me; era aquele o jeito com que mamãe costumava olhar-me, quando eu estava com dor de cabeça, como se fazê-la desaparecer fosse a coisa mais importante deste mundo.

– Estela – ajuntou ela – tem uma força de vontade inesgotável. Creio que vencerá tudo isso; provavelmente, voltará a ser a antiga Estela amanhã, pela manhã.

– E quem será ela – interrogou Scott, com amargura – amanhã pela tarde? O diabo de tudo isso é que a coisa se alterna. Essas mudanças é que me assombram. Porque, durante os últimos dois dias, tem sido, alternadamente, uma

perfeita imagem de santa e uma cigarinha amalucada.

– Uma santa e uma cigarinha! – repetiu Pamela, com voz fraca.

Depois, curvou-se sobre a mesa. Julguei que estivesse a ponto de desmaiar. Em minha cabeça havia um estrondo de tambores.

– Telefonarei a vocês amanhã cedo – disse Scott, levantando-se para sair.

Ele estava exausto. Levei-o de automóvel até seu apartamento. Pamela foi conosco, pois não queria deixá-la sozinha em casa. Ao regressarmos, começou ela a chorar baixinho. Nada pude dizer que a consolasse. Também eu me achava entre as garras de mortal apreensão.

O COPO QUE ESCREVE

Pensei que fosse Pamela quem chorava e saltei da cama. Ela tinha bastantes motivos para chorar; não, porém, com aquele desespero e desolação.

Parei, silencioso, à porta de seu quarto de dormir. Não era Pamela, graças a Deus! O som vinha de mais longe. Olhei para dentro do *studio*; o aposento estava vazio e hostil, como sempre. Voltei de novo à porta do quarto de Pamela, mas o som cessara, e científicava-me de que a voz era como

que lembrada, e não viva. Pamela chamou-me, calmamente, e eu entrei. Ela estava bem. Sua lâmpada achava-se acesa; pusera sobre os ombros uma capa e sentara-se na cama, à escuta.

– Você ouviu Isso? – perguntou-me.

– Naturalmente. Estava com medo de que fosse você.

– Espere-me. Vou descer.

Enquanto eu esperava, no patamar, ouvi o ruído vir do andar de baixo. Era um som angustiante de ouvir-se, embora mesmo sentindo sua longinquidade do presente: um soluço amargurado, que trazia em si um protesto violento e a incredulidade atônita que pertence aos pesares da juventude.

Pamela saiu do quarto e ficou a meu

lado, ouvindo.

— Está no quarto das crianças — sussurrou ela, hesitando em descer.

Pensei que a voz, agora, se alterara, ou qualquer mudança se operara na natureza do gemido; tornara-se fraco, como se exaurido por uma antiga dor sem esperança. Afinal, dele só restou um suspiro.

Descemos, silenciosamente, acendendo as luzes. O quarto das crianças estava vazio; vazia estava a sala de jantar. Durante um instante, senti, ou imaginei, um tremor no ar. Mas isso cessou bruscamente e tudo se tornou silencioso.

Eu não gostava dessa espécie de quietação; era como se houvesse um

vácuo no centro de um vórtice. O coração e o pulso baixavam; não havia vento; para mover-se, era mister grande esforço. Salmos dali, correndo escadas acima e entramos em meu quarto.

– Agora, virá o frio – observou Pamela.

Dei-lhe um cigarro. Ela estava excitada e pálida, mas não realmente amedrontada. Disse, conservando o medo à distância:

– Afinal, estou satisfeita por você haver ouvido tão distintamente. Pode ser egoísmo meu, mas a coisa pior de todas é não se confiar nos próprios sentidos... Penso que tive uma alucinação esta noite. Estou inteiramente certa de que você diria que é isso.

Uma onda de frio se insinuava no quarto, embora isso não expresse o que aconteceu: nada vinha; era, antes, como se o calor natural do ar e do corpo fossem fugindo.

– A coisa estava flutuando na escuridão – prosseguiu Pamela – no canto oposto de meu quarto. Foi justamente quando eu ia dormindo. Era uma coisa vaga como uma imagem na água. Eu estava a ponto de falar quando aquilo se rompeu, como quando se joga uma pedra numa poça.

Ela tiritava. Eu bem podia imaginar o que estava acontecendo lá fora: estava a espiralar-se aquela fita de vapor luminoso.

– Mas, quem era?

– Era o rosto da pintura.

– Não o de Carmel? Aquela face cadavérica?

– Oh! não... A outra, a “Aurora”.

Pamela encolhera-se na cama, cobrindo-se com meu edredom. Estava lívida, agora, até nos lábios. Achei dificuldade em falar. Disse:

– Isso nem mesmo era alucinação. É coisa muito comum; a retina, ou o cérebro, conservam a imagem.

– Mas não era exatamente a mesma coisa.

– Que quer você dizer?

– O rosto parecia triste. Era jovem, suave, mas os olhos tinham um aspecto de trágico apelo. Eu desejava que tivesse continuado.

– Você disse que estava quase dormindo?

– Sim.

– É muito natural...

– Este frio não é natural, Roddy.

– Sei disso.

Ignorava como suportar aquilo; era, de novo, o sentimento de fraqueza exangue, o langor que nos faz relutantes aos movimentos.

– Vou lá fora ver o que está acontecendo – declarei.

– Também vou – ajuntou Pamela.

E nenhum de nós saiu do lugar.

– Em breve chegará a manhã – murmurou Pamela. Ela tremia da cabeça aos pés e meus joelhos não se conservavam quietos. Agora, pensei, a

coisa está descendo as escadas. Desejei ver-lhe a face. Nada mais dissemos, até que gradualmente a pressão desapareceu e o frio passou. Senti-me, então, envergonhado.

Olhei para fora e disse a Pamela que tudo estava em paz.

– Primeiro, o cheiro, depois, o frio; primeiro o soluço e depois o frio; não sei que significa isso – disse ela, cansada, ao voltar para seu quarto.

Deitei-me na escuridão cálida e pensei em Estela. Os gemidos haviam despertado minha imaginação para a solidão e o pesar que ela sentia. Pensei que estivesse acordada, com o coração quase despedaçado, com todo o seu ser quase partido. Mas não fiquei acordado;

estava exausto e logo adormeci.

Houve trabalho na casa a manhã inteira. Isso havia sido negligenciado, com Pamela preocupada e Lizzie sem ânimo, como se expressava, para “embelezamentos”, quando preferiria sair cedo. Mas hóspedes eram hóspedes.

Dessa vez, não houve muitas pretensões na arrumação. Não se devia dormir no *studio*, nem no quarto das crianças. Não obstante, foram acesos fogos em ambos os aposentos. Foi posta uma cama no escritório para o Sr. Ingram e Max dormiria na minha; eu iria dormir no canapé da sala de visitas.

Quando Lizzie “aprontou” os quartos, Pamela preparou pastéis e sopa para uma ceia tardia. Ela estava calada, cheia

de ansiedade acerca de Estela. Telefonei a Scott, mas este não se encontrava em casa. Fui de carro a seu apartamento, mas ainda não havia voltado.

Era dia de feira e eu prometera levar frutas e flores para casa. Dálías esplêndidas fizeram-me doer o coração. Nem mesmo flores eu podia enviar a Estela; teria de “desaparecer”. As recordações são doce-amargas companheiras. A suave, ansiosa maneira como dizia: “Sr. Fitzgerald!” sua face tímida e enrubescida...

Pouco depois do meio-dia Scott telefonou. Suas palavras apressadas trouxeram supremo alívio: “Pamela tinha razão: Estela estava dominando

aquilo; ela é forte. Não se incomode se não ouvir novas minhas até domingo; tenho um caso difícil; desculpe-me se descarreguei sobre você, ontem, minhas preocupações”.

Estela estava dominando. O horror, que pesara como um teto, a encerrar-nos numa cela escura e medonha, já se fora, e os amplos espaços da vida estavam à nossa volta, com claros céus por cima. O resto não importava. Estela voltara a ser o que era; qual das Estelas? A filha de Mary, que “sempre nos recordaria com gratidão”, ou a minha Estela, a que chorou por que eu poderia ter morrido? Isso não importava. Ela não estava sofrendo; a espantosa ameaça que ontem sobre ela pendia fora afastada; quanto

ao mais, o tempo, sua própria paciência e nossos esforços dariam um jeito.

Pamela andava pela casa, como se não existissem aborrecimentos. O tempo estava tormentoso demais para natação, mas entramos no auto e rodamos para o sul, para os elevados penhascos da Ponta Hartland, onde ela desejara ver o Atlântico precipitando-se e quebrando-se ali; o dia era próprio para isso: vento forte, nuvens móveis e claras rajadas de sol.

As longas vagas oceânicas rolavam e atiravam-se contra as rochas, num clamor tremendo e rouco, lançando para o alto cataratas de cintilante espuma; o rumor e a força que manifestavam eram magníficos: varriam-nos o espírito,

libertando-o dos pesadelos noturnos. A cor voltou às faces de Pamela. Ela agora estava capaz e forte para realizar o trabalho da tarde.

Voltamos para o chá, ociosamente, ouvindo, nos ares, a música de alguma leve orquestra. Depois, silenciámos junto ao fogo. Cochilei e despertei, para achar o aposento cheio da luz cor-de-champanha de um poente batido de ventos. Parecia-me a cor da paz. Durante muitos anos, pensei, eu acordaria naquela cadeira, para ver o quarto assim e observar a luz a encaminhar-se, de mansinho, pela mesa, até tocar nas flores do jarrão.

Mas a tensão cresceu, à medida que se adensava o crepúsculo, que eram

corridas as cortinas e se aproximava a hora da chegada de nossos hóspedes. Pamela ficou inquieta. Eu bem sabia que a advertência do Padre Anson e a palavra de Scott “esquizofrenia” estavam realizando um ataque combinado.

– Não me sinto bastante concentrada – disse ela – para que a sessão corra bem. Você se sente?

A casa não podia ficar vazia, com todos aqueles fogos a arder e eu não deixaria Pamela sozinha. Ela foi, então, de carro, só, à estação. Saiu às nove e meia. Lizzie já seguira para a fazenda.

Limpei a mesa de livros; era uma mesa baixa, redonda, e provavelmente serviria para a sessão. Puxei o sofá de

Pamela para o patamar, pus cadeiras de vime no vestíbulo, aticei os fogos e enchi os cestos de achas de lenha. Depois, sentei-me, com o diário. Desejava atualizá-lo e acrescentar um sumário das conclusões que alcançáramos e dos problemas que ainda nos aturdiavam.

Pamela já havia escrito nele sua experiência da véspera e descrevera a alucinação em seu quarto, mas aduzira: “Pensei, a princípio, que fosse alucinação; agora, não tenho a mesma certeza; aquela face e o soluço contêm em si a mesma espécie de tristeza”. Fiquei a imaginar que quererá ela dizer com isso. Acrescentei uma nota: “Ouvi duas espécies de gemidos: um, atônito e

violento; o outro, desesperado e exausto, embora se prolongasse por muito tempo. De ambos os sons, o último parece o mais real”. O primeiro, observava eu agora, era pesadelo; coisa que a gente escuta quando está semi-adormecido.

Uma ideia curiosa veio-me ao espírito. Haveria duas Carmels, dois espetros, ou memórias, de Carmel, assombrando a casa? Seria tudo devido a certa colisão verificada no tempo? Eu ainda não conhecia bem a teoria de Dunne⁶ sobre o Serialismo, mas sabia que ele conclui que se pode passar a outras dimensões de tempo. Aliás, havia a antiga crença nos corpos astrais.

É possível, imaginei, que Carmel, em seus extremos de emoção, tenha lançado

um espectro de si mesma, primeiro, e outro, mais tarde; um, inocente, o outro, dinâmico de ódio. Estaria Cliff End sendo assombrada por ambos?

Isso era demasiado conjectural. Não o grafei. Em vez disso, escrevi um metódico sumário:

“Nota: a sensação de frio traz consigo medo e uma espécie de paralisia, desfalecimento, ou pânico. Invariavelmente acompanha a forma semimaterializada que aparece no patamar e que às vezes desce a escada e entra no quarto das crianças”.

“Pergunta: Será Carmel, tentando vingança? Estaria Lizzie enganada? Não seria Carmel, em vez de Mary, quem ela viu a olhar para a escada?”

“Nota: A luz e o perfume não produzem frio, nem temor; seu efeito sugere a Estela a presença de Mary”.

“Pergunta: Será propósito de Mary proteger Estela de Carmel? Por que Mary usou o perfume para guiar-nos ao cofre de Carmel? Qual é a significação do frasco vazio que a caixa continha?”

“Nota: A depressão sentida no *studio* parece ligada à ideia de decadência física”.

“Pergunta: Será isso um reflexo do choque que Carmel sofreu naquele aposento?”

“Nota: A face que Pamela viu na escuridão não era a de Carmel no tempo de sua morte”.

“Pergunta: Foi isso uma ilusão

produzida pela contemplação do quadro “Aurora?”

“Nota: O gemido não produz sensação de frio ou temor” .

“Pergunta: São ambas as espécies de gemidos ecos do passado, ou um (o violento) vem do passado e o outro (o exausto) é uma expressão de pesar que permanece? Quem está chorando? Mary não chorava”.

A última pergunta era a mais atordoante. Isso e o problema do cofre de Carmel me traziam perplexo; a não ser por isso, teria respondido a todas as demais perguntas com um simples “sim”. Talvez o cérebro de Ingram, experimentado na dedução, descobrisse as respostas, ou talvez os espíritos nos

dessem uma... Estaríamos a ponto de entregar-nos, tão completamente como o pudessem ficar os nervos e o cérebro humanos, à influência desses espíritos, um dos quais era maligno? Como acabaria a experiência dessa noite?

Afinal, ouvi o ruído do automóvel.

Nunca foram pessoas tão bem-vindas. Vieram como dois rapazes em férias. Max estava contentíssimo por haver capturado Ingram e Ingram ardia de interesse, que não fazia esforço para esconder. Ao sentarmo-nos para a ceia, de novo a terra pareceu sólida sobre seus alicerces e os seres humanos se tornaram uma vez mais supremos. A vivacidade de Pamela, eclipsada durante semanas, retomara. Sua blusa

vermelho-escura dava-lhe cores. Preso de fina corrente de prata, trazia ela um peixe de jade branco, presente de Judite. “É chinês e afugenta os maus espíritos” – explicou Max, sorridente.

Os homens haviam jantado no trem, mas fizeram uma devastação nos pastéis e nos bolos.

Max nada sabia da doença de Estela e não havia necessidade de mencionar isso. Sabia que nos havíamos enovelado numa atmosfera sobrenatural de tragédia e ali estava para ajudar-nos a expulsá-la. Sua simples presença, sua compleição forte, sua forte voz e alegres gargalhadas asseguraram-nos do domínio dos vivos sobre os mortos.

Para Ingram, nossa preocupação era

simplesmente a daquelas pessoas cuja propriedade se desvaloriza, em vistas de manifestações extraterrenas; mas fingia admitir que nos absorvia um interesse intelectual por toda a questão e invejar-nos a posse de uma casa assombrada.

Era um homem de minha idade, ou mais moço, delgado e rijo, de bela disposição, depois de um mês em Zermatt. Seus agudos olhos castanhos, sobrancelhas móveis, bem como a boca, os cabelos ondulados e movimentos vigorosos, davam-lhe um aspecto de bem-estar e confiança, em cuja presença o desânimo não podia sobreviver.

– Você me mandou caçar um belo ganso selvagem! – riu-se Max, enquanto

bebíamos café forte ao pé do fogo. — Não posso imaginar a espécie de reputação que terei ao voltar, depois de acordar onze pessoas para perguntar-lhes se conheciam um caçador de fantasmas! A maioria deles conhecia um médium, ou dois, mas você havia exigido “que não fosse médium”; todos eles me indicaram a S. P. R.⁷, mas eu preferia uma relação pessoal. Foi por tanta casualidade, no fim, que apanhei o Sr. Ingram, que acho deverem estar as estrelas a nosso favor. Dentre todos, lady Townside tinha acabado de ler o livro dele. Escrevera-lhe narrando algum caso que pensava poder interessá-lo e recebera, fazia pouco, uma delicada resposta, mandada do Hotel Thackeray.

– Assim, o ganso selvagem desceu à terra – disse Ingram – na sala de leitura do Museu Britânico.

– Como lhe foi possível ficar livre? – perguntei.

– Eu não estava livre – careteou ele. – Devia estar em Helvellyn no sábado e tinha cinco belos compromissos para estes dois dias. Mas, quem poderia resistir a uma aventura como esta? E minhas tias não podem ficar zangadas quando lhes comunicar que as troquei por um fantasma. Não é?

Começou a conversar, falando-nos muito sobre si mesmo, o que, quando é feito com humor e descrição, não é mau meio de um recém-chegado entreter seu hospedeiro. Como usualmente acontece

quando irlandeses encontram irlandês, descobrimos que tínhamos amigos comuns. A mãe dele, a Sr^a das dalias, com quem ele morava quando não se achava em seu apartamento de Dublin, e nossa tia Catarina, eram velhas amigas e horticultoras rivais. Ingram, às vezes, encontrava Nesta, nas exposições da Cavalaria e da Primavera.

– Ela tem ideias – esclareceu Pamela – acerca de criar plantas sem terreno. Espero que isso tenha êxito, pois é o que teremos de fazer aqui.

Ela ia principiar uma animada dissertação sobre irrigação, mas Max aproveitou a primeira oportunidade para fazer o balão ancorar.

– Como é que, em meio de tudo isso,

você acha tempo para estudar ocultismo? – perguntou. – Como é que principiou a trilhar esse caminho?

– Eu desejava processar algumas almas penadas e descobri que elas eram privilegiadas – respondeu Ingram, seriamente. – Precisava modificar isso.

– Onde foi? – inquiriu Max, divertindo-se.

– Em Donegal. Um cliente meu comprou uma casa lá. Foi apressado, admito. Achou-a infestada de almas e assombrações: campainhas berravam, batidas incessantes se ouviam, coisas eram atiradas pelas escadas abaixo, camas arrastadas. O homem que vendera a casa era completamente cínico – riu. – Meu cliente procurou-me em péssimo

estado, num misto de nervosismo, cólera e pânico financeiro, e tive de dizer-lhe que não havia remédio para isso na lei. Passei uma noite na casa. Era amaldiçoada. Não havia dúvida, porém, de que ele fora ludibriado. Levei a questão até onde foi possível, a título de protesto geral, e a história obteve toda a publicidade que se poderia desejar.

– Mas não muito resultado – observei.

– Não – concluiu ele gravemente. –

Mas, veja só, tendo-me obrigado a acreditar em almas do outro mundo por causa de meu cliente; sou forçado, por exigência de meu próprio crédito, a provar que elas existem.

– Imparcialidade jurídica! – exclamou Pamela, rindo.

– Felizmente para mim – declarou ele
– elas existem.

– Assim – observei – está querendo
mudar a lei?

– Hei de alterá-la na Irlanda ou
perecerei na tentativa! Mas, sem dúvida,
a pesquisa é interminável e envolve
todas as espécies de assombramento.

– A Irlanda é, creio eu, um campo
feliz para as assombrações – ajuntou
Max.

– Muito bom. Mas essa coisa é
universal e tão antiga como o homem.
Tanto a medicina como a psicologia dão
cabeçadas nela quase sempre; atiram-se
e enterram as cabeças inchadas no chão.
É de fazer raiva. Esta deveria ser a
ciência dos nossos tempos e, a não ser

umas poucas sociedades de amadores, ficou abandonada aos crédulos ignorantes, para expô-la, e aos charlatães, para explorá-la; e sua pesquisa requer método científico exato, a observação mais estrita das leis da prova e os pesquisadores mais obstinados e pacientes.

– Mais obstinados e ardorosos – retorquiu Max, sorrindo – como você. Vocês deveriam ouvir as opiniões de Ingram acerca dos políticos irlandeses. Não, porém, esta noite.

Aquilo fora o que eles haviam comentado durante toda a viagem.

Confessei a Ingram que lastimava não ter conhecido seu livro.

– Meu livro não o teria ajudado –

redarguiu ele. – Espero sinceramente ser capaz de fazê-lo.

Falou isso num tom de voz mais sério, com uma olhadela para Pamela.

– Não tenho dons psíquicos no menor grau. A Srt^a tem?

– Sinto-me feliz por dizer que não – respondeu ela, sacudindo a cabeça.

– E por que não mandaram buscar um médium?

– Não conheço bastante a respeito deles; tive medo de burla – expliquei.

– Esta é, de fato, uma dificuldade. Mas receio, é bom dizer, que só possa esperar ser útil como o poderia ser qualquer estranho, colocando meu raciocínio, sem preconceitos, à disposição da interpretação de

quaisquer comunicações que se possam obter.

– Poderíamos contar-lhe alguma coisa – perguntou Pamela – acerca da tragédia relacionada com a casa e nossas experiências e teorias, ou devemos deixar isso para depois?

– Para depois, por obséquio; assim, ser-me-á muito mais fácil evitar sugestões. Em sessões como esta, isso é o diabo: o que se espera é o que se obtém. Já pensaram no processo que vão usar?

Respondi-lhe que o deixaria a seu cuidado.

– Então, como somos quatro, sugiro o copo que escreve. Trouxe um pacote de cartões alfabéticos. Com licença, estão

no meu quarto.

– Sujeito interessante – observei a Max, quando Ingram saiu – Examina toda a coisa de um modo são, analítico, céptico, embora não muito. Você fez uma coisa magnífica em caçá-lo para nós.

– Achei mesmo que vocês iam gostar dele – replicou Max, satisfeito. – É muito jovem, mas brilhante. Pode você imaginá-lo dirigindo-se ao júri, de cabeleira postiça e toga? Até o último minuto possível, ele exigiu que não lhe desse a menor sugestão sobre a história. Acho que isso é prudente.

Ingram voltou com seus cartões e colocou-os em círculo sobre a mesa, em ordem; o alfabeto era interrompido, em

pontos opostos, por cartões marcados “sim” e “não”. Virou um copo na mesa e disse que nossos preparativos estavam completos. Não houve cantos de hinos, nem a sala foi mergulhada em trevas. Fiquei aliviado.

Olhei para o relógio. Passava de meia-noite. Toda a casa estava quieta. Vinha de fora o murmúrio pesado e rítmico do mar e a nota ainda mais alta e persistente do vento. Eu fechara as portas e janelas; as pesadas cortinas e o reposteiro que cobria a porta da estufa escondiam, agora, quase todas.

Sentamo-nos em volta da mesa, com os dedos tocando de leve na borda da base virada do copo. Nada aconteceu. Ficamos a fumar por um instante, sem

falar, e depois tentamos novamente. Primeiro, Max tirou seus dedos, achando que pudesse ter uma influência contrária; depois, tentaram sem mim.

– Raramente demora tanto – disse Ingram acabrunhado.

– Vamos tentar no *studio*? – sugeriu Pamela.

– Penso que é a melhor ideia – concordou Max. E levamos os cartões e a mesa para lá.

O quarto estava frio, mas não era aquela gelidez sobrenatural. Pamela foi a seu quarto buscar um agasalho. Começamos sem ela. De novo o copo ficou imóvel. Pamela juntou-se a nós e pousou seus dedos no copo. Ele se inclinou um pouco para o outro lado. De

novo, aquietou-se por algum tempo. Ingram falou, calmamente:

– Estamos esperando.

Começou o copo a deslizar vagarosamente. Andou de modo incerto em volta do círculo de letras, parando de vez em quando. Completou o círculo, repetiu todo o movimento e parou. Era estranhíssima a sensação de observar uma inteligência que, às apalpadelas, tentava fazer-se compreender. De novo o copo se moveu e Ingram falou empregando o mais baixo tom de sua expressiva voz.

– Está aí alguém que deseja comunicar-se conosco?

O copo agitou-se, depois firmou-se e começou a deslizar com um movimento

suave, mas constante, em direção contrária ao A, onde havia parado, para o Y. Deteve-se ali, mas depois correu em linha reta, atravessando a mesa, e bateu no cartão marcando “Sim”. Ali, parou. Pamela deu um suspiro.

6. *The Serial Universe*, de J. W. Dunne. – Nota do tradutor.

7. *S. P. R. Society for Psychical Research*, fundada em 6 de Junho de 1882, por Sir William Barrett, sendo eleito Presidente o Prof. Henry Sidgwick, de Cambridge. – Nota do tradutor.

MARY

A face de Ingram mudara: estava grave e concentrada, sem grande animação, exceto os olhos; a face, julguei, de um juiz. Sentara-se de costas para a porta, à minha esquerda, com um caderno de notas no tamborete a seu lado e um lápis na mão direita. Três dedos de sua mão esquerda estavam no copo, tocando os dedos de Pamela e os meus. Eu me assentava na cadeira oposta à de Pamela, a fim de observá-la. Ela parecia emocionada. Max encarava a coisa com calma e lançou-me um olhar divertido,

quando o copo se moveu.

Ingram falou suavemente:

– Qual é seu nome?

O copo caminhou firmemente até o M e depois, após pequena e vacilante hesitação, atravessou a mesa e parou no A; deslizou rapidamente para o R, depois para o Y e parou.

Pamela, Max e eu trocamos olhares excitados. Ingram continuou.

– Sua morte se deu em Cliff End?

O copo partiu do meu lado tão rapidamente que meus dedos se soltaram dele. Parou no “Sim”.

– Foi uma morte natural?

De novo o movimento foi rápido: “Não”.

– Morte violenta?

“Sim”.

– Foi um acidente?

Depois de breve pausa o copo correu para o “Não”.

– Acusa alguém de sua morte?

Pensei que o copo fosse deter-se no “Sim”, mas ele prosseguiu e continuou até o C. Foi soletrado firmemente “Carmel”. Pamela soltou um fundo suspiro e Ingram tirou seus dedos do copo. Todos descansamos.

– Esses nomes significam alguma coisa para você? – perguntou-me Ingram. Respondi-lhe que sim. Ele não pareceu tão satisfeito como eu teria esperado.

– Quer encarregar-se das perguntas? – disse-me.

Concordei, mas estava incapaz de pensar que coisas desejava perguntar; havia tantas e a ideia de que nos achávamos na presença de Mary Meredith, consciente, inteligente, era de causar estupefação. Acenei para Pamela:

– Continue você.

– Carmel a matou? – interrogou ela.

“Sim”.

– Sabe que Carmel está morta?

“Sim”.

– Quer que ela seja punida?

O copo caminhou levemente para o “Não”, parou, começou depois a fazer o círculo e deteve-se no P. Adivinhei o que viria. A palavra soletrada foi “Perdão”.

– Característico – proferi e Ingram olhou-me duvidosamente.

– Não tente antecipar as respostas – advertiu-me ele. – A força de seus dedos responde a um pensamento.

– Ora, o copo foge de meus dedos; eu certamente não estou a empurrá-lo! – repliquei. Pamela ajuntou: – Também sinto que me foge.

Fiz então uma pergunta: – Tem algum objetivo ficando nesta casa?

“Sim”.

– Pode dizer-nos o que é?

Estava-me tornando extraordinariamente cansado; aquilo era extenuante. Mal podia crer que minha pergunta fosse respondida, mas o copo se moveu. Deslizou para a letra V.

Houve, então, uma pequena confusão. Ele moveu-se pela mesa e parou justamente entre duas letras, H e I, e depois entre o G e o H; depois dirigiu-se vagarosamente para o I e o O.

– “Vigio” – disse Pamela.

Eu estava espantado, não pelas respostas, mas pela facilidade com que elas eram dadas. Os lábios de Ingram, porém, estavam comprimidos; ele passou a fazer as perguntas:

– Quer dizer que vigia esta casa, temendo algum perigo?

“Sim”.

– De quem vem o perigo? – continuou ele.

“Carmel”.

– Está ela tentando prejudicar... –

perguntou Pamela avidamente.

Ingram lançou-lhe um olhar de advertência e encarregou-se da pergunta:

– Quem está ela tentando prejudicar?

Tivemos então nossa primeira surpresa. O copo quase foi arrancado dos nossos dedos. Correu para as letras L e I e depois, de novo, para o L. Parou aí agitando-se violentamente.

– Lil! – exclamou Ingram. – Ela ameaça alguém que se chama Lil!

As pontas dos dois dedos de Pamela, que tocavam o copo, estavam brancas e a pele de seu rosto enrugada. Perguntei-lhe se sentia frio. Respondeu, impacientemente:

– Não se incomode.

Rapidamente o copo se moveu de novo, dirigindo-se em linha reta para o E. Soletrou “Estela”.

– Quer dizer que Carmel ameaça Estela? – perguntei.

Nesse ponto aconteceu algo de estranho. O copo vacilou e depois, com movimentos agitados, ziguezagueantes, correu em volta da mesa. Virou-se, mas logo se levantou, encaminhando-se diretamente para o “Sim”, com tal força que atirou o cartão fora da mesa. O sentimento de vida daquele objeto e essa convicção impressionante de um perigo que ameaçava Estela, além do frio enregelante, me desnorteavam. Pamela cerrou os dentes, para impedi-los de bater. Ingram fazia garatujas. Foi Max

quem tornou a arrumar os cartões e fez a pergunta seguinte: “Lil, então, foi um engano?”

Imediatamente o copo moveu-se para o sim.

– Estela está ainda em perigo?

Houve de novo agitação, o copo vacilou e depois precipitou-se para o “Sim”.

Reanimei-me. Aquilo era importante. Agora eu ia descobrir o que desejava saber. Perguntei:

– Que devemos fazer?

A resposta foi soletrada com firmeza: -”Mandá-la embora”.

A respiração de Pamela estava se tornando ofegante, mas ela perguntou:

– Quer dizer, mandar Estela embora

de sua casa?

“Mandar Carmel embora”.

Pamela retirou os dedos dormentes do copo e passou a empregar a mão esquerda. Estava muito pálida e Ingran a olhava ansiosamente. Também a face bronzeada dele empalidecera. Eu estava tentando fazer uma pergunta a respeito de exorcismo, quando ele tirou a mão do copo.

– Vamos aquecer-nos um pouco? – disse.

– Primeiro, uma pergunta mais – repliquei. E colocamos de novo os dedos no copo, mas Pamela, imediatamente, retirou os seus, falando com voz fraca:

– Acho que estou cansada demais.

Reunimo-nos então em torno da lareira.

O fogo estava quase apagado, com as achas queimadas e os carvões ainda sem cinza. Trabalhei com os foles, mas nada pôde fazê-lo aumentar; chamas azuis, sem calor, foi tudo o que obtive. Desisti.

– É melhor descer um pouco. Não é?
– sugeri Max.

Mas Pamela sacudiu a cabeça.

– Agora, estou bem, e a pergunta mais importante ainda não foi feita.

Ela voltou para a mesa e colocou seus dedos no copo. Imediatamente, antes que outra pessoa o tivesse tocado, o copo correu para diante e para trás entre duas leras: L, I, L, I.

– Lili, novamente Lili – disse Ingram.

Ainda com apenas os dedos de

Pamela a tocá-lo, o copo correu em circulo pela mesa, lançando fora os cartões; depois, rolou pela borda e caiu no chão.

Pamela tremia violentamente. Saímos todos do *studio* e Max levou-a para a sala de visitas.

– O frio é horrível – disse ele.

Ingram sorriu:

– O frio é extremamente interessante.

Foi para o quarto e voltou com uma caixinha que continha um termômetro. Colocou-o num tamborete, no meio do *studio* e depois nos juntamos prazerosamente a Max e Pamela, que estavam aquecendo chocolate numa caçarola, na lareira da sala de visitas.

Max foi o mais rápido em reanimar-

se; dirigiu-se à cozinha, trouxe um bandeja com xícaras, serviu o chocolate e creme de ovos. Ingram tomou o chocolate abstraído, mergulhado em pensamentos. Pamela, que se afundara desanimada na poltrona, pouco a pouco voltou à normalidade. Dizia-se muito feliz.

– Os resultados não poderiam ter sido melhores. Não é? – disse ela.

– São infinitamente melhores do que eu poderia esperar – dirigi-me a Ingram, agradecido.

– Não tenho tanta certeza – replicou ele, sacudindo a cabeça devagar.

Max parecia desapontado.

– Isto concorda com a história. Não é? – perguntou.

– Sim – replicou Ingram. – Pude vê-lo.

Voltou-se para Pamela:

– Quase todas as sílabas eram as esperadas. Não é mesmo?

Seu tom de voz era seco, quase sarcástico.

– Foi tudo bem. Não foi? – perguntou Pamela, olhando-o espantada.

– Bem demais.

Nossa ansiedade crescia; esperávamos que Ingram explicasse.

– Digam-me – falou ele. – Vocês pensaram e conversaram muito a respeito dessas duas mulheres, Mary e Carmel?

Disse-lhe que vivíamos obcecados com elas.

– E têm um forte preconceito contra Carmel?

– Bem, sim, suponho – admiti.

Mas com espanto meu Pamela disse:

– Não... eu tive tal preconceito por algum tempo, mas estou mudando de ideia.

– Desde quando? Por que razão? – perguntei com severidade.

– Sem razão nenhuma – suspirou ela.

– Aí é que está o enigma. Estou repleta de pensamentos que não consigo explicar e eles me perturbam.

Ingram passou a suas anotações.

– Faça o favor de olhar as respostas.

Diga-me: Existe aí uma palavra, uma sílaba, ou mesmo uma letra que não seja precisamente o que você esperava que

fosse?

Seu cepticismo me irritava, embora, em princípio, eu o aprovasse.

– Certamente que há – repliquei. – Essa Lili não significa coisa alguma para mim.

– Sim. Isso parece ser um desvio. Mas Estela, aposto, significa alguma coisa para você.

Estela significaria alguma coisa para mim? A pergunta apanhou-me de surpresa. Atormentou-me, quase me aturdiu; dominei-me a tempo e respondi, friamente:

– Ora, sim. Parece que ela é o centro da questão.

– Perfeitamente. Havia mais alguma coisa que você não esperasse?

Senti-me como se estivesse na barra do tribunal, sendo acusado de fraude. Respondi:

– Há a palavra “vigio”. Eu esperava “protejo”.

– Mas o copo parou perto do V e depois perto do I. Ora, aparecendo V I, que palavra de fato vocês esperariam?

Max interveio:

– Saltou-me à mente “vingança”.

– “Vigio”, foi o que pensei – confessei.

– Também eu – admitiu Pamela.

– Está vendo? – disse-me Ingram com o encolher de ombros de um promotor público satisfeito do libelo.

– Quer dizer que tudo ficou sem valor?

– Oh, meu Deus! – exclamou Pamela, com um fundo suspiro.

– Não, não! – replicou Ingram, subitamente humanizado e cheio de simpatia. – Só quero dizer que não devemos aceitar isso, cegamente, como prova.

– O frio não o convence?

– Convince-me de que seu *studio* é assombrado.

– Bem sei. Mas não o convence de que estivemos em contacto com o fantasma?

– Perfeitamente. As partes mais interessantes da sessão, a meu ver, foram a repetição de “Lili” e o movimento agitado que atirou fora os cartões. Isso, penso eu, foi o espírito

quem fez.

– E todo o resto foi simples autossugestão? – perguntei, com voz que não escondia o desaponto.

Ele parecia conturbado.

– Não insisto sobre isso; somente peço que considerem as possibilidades.

Lembrei que, quando tentáramos duas vezes, na ausência de Pamela, o copo permanecera imóvel, ao passo que havia bastado o toque dos dedos dela para que ele corresse.

– Você é a criminosa, Pamela – declarei. – Você é acusada de ter um subconsciente desonesto.

– Ou sensível – emendou Ingram.

Pamela ficou séria.

– Receio que isso seja verdade. Eu

gosto de “Inventar coisas”, como Lizzie costuma dizer. Talvez fosse melhor que vocês tentassem sem mim. Mas eu quero espiar.

Ingram hesitou, depois disse, desconfiado:

– A telepatia é tão poderosa...

– Eu sei – disse ela, sorrindo. – Muito bem, ficarei aqui, acabando o chocolate. Mas não demorem.

– Que triunfo da boa-vontade sobre a curiosidade! – notei.

Ingram sorriu. Tinha um sorriso bem agradável, simpático e divertido.

– Ao contrário do verdadeiro desinteresse científico – declarou.

O frio no *studio* se intensificara e o termômetro descia terrivelmente. O fogo

se apagara. Com esforço, sentamo-nos à mesa durante 5 minutos, que pareceram 20, mas o copo não se moveu.

Desistimos. Max disse:

– Parece que Pamela é necessária.

– Sim – concordou Ingram, parecendo aborrecido. – E receio muito – acrescentou, vagorosamente, enquanto descíamos as escadas – que não seja bom para ela participar de outra sessão esta noite.

– Você diz isso porque pensa que o subconsciente dela é que move o copo? – perguntei.

– Não – replicou ele. – Digo-o porque, se isso não é certo, ela pode ser perturbada.

Quando relatamos nosso fracasso,

Pamela urgentemente desejou fazer nova tentativa, declarando:

– Não fizemos a mais importante de todas as perguntas.

Sim, agora que estávamos em contacto com Mary, poderíamos perguntar-lhe se aprovava o projeto de exorcismo. Ela poderia dar-nos um sinal. Estela, assim, concordaria. Ingram, porém, relutava em continuar a sessão com Pamela, dizendo:

– Trabalharemos melhor depois de um descanso.

Eu, pessoalmente, acreditava que, antes de finda a noite, haveria uma manifestação no patamar. Esperei-a. Saí do aposento várias vezes para ver se alguma coisa estava acontecendo e não

acendi luzes ali. O frio espalhava-se pela casa.

Ingram colocou suas notas da sessão entre folhas em branco do diário de Pamela. Ainda não queria lê-lo.

– Levá-lo-ei para o meu quarto, se o permitem, e irei examiná-lo pela manhã – declarou.

Max refletia sobre a palavra “Lili”, dizendo:

– Sinto que esta é a chave.

Assinalei que numerosas pessoas haviam morrido naquela casa e perguntei a Ingram se achava possível que alguma entidade de período mais antigo estivesse tentando interferir. Ele acenou afirmativamente:

– É muito provável.

Pamela, sonolenta, fechava os olhos; abriu-os para murmurar:

– Por que vocês pensam que seja um nome? Talvez algum outro espírito estivesse tentando interromper com uma palavra.

Eu estava a ponto de dizer que não me recordava de qualquer palavra começada por “Lili”, quando o som de um suspiro fez-nos, a todos, deter a respiração para escutar. Era um soluço longo, triste, desesperado. Repetiu-se, como se alguém estivesse em angústias. Max olhou de mim para Pamela. Nada dissemos. Observamos Ingram, para ver o que ele faria. Ouvia com atenção e depois declarou, bastante excitado:

– Não penso que fosse o vento...

– Não – esclareci. – Esse é um som que ouvimos, noite após noite.

Levantou-se. Levei-o em volta de toda a casa, olhando aposento por aposento. O soluço cessara. O frio mantinha o *studio* em gélida quietação e forçou-nos a descer. Voltando, agachamo-nos junto ao fogo. Quando comparamos o que ouvíramos, não encontramos diferenças: a cada um de nós a voz parecera humana e próxima. Ingram perguntou-nos acerca de seu aparecimento, avisando-nos para não expormos teorias sobre suas causas. Estava intensamente interessado.

– O som de soluços, muitas vezes, permanece onde não há outras demonstrações de assombramento –

disse ele. – Eu mesmo o ouvi, numa casa, em Edimburgh, mas era um som de pesadelo e não como este.

– Também já ouvi soluços em pesadelo, mas é diferente – observei.

Isso o agradou, achando que seria extraordinariamente interessante ouvir as duas espécies de som no mesmo lugar.

Já passava de duas horas. Pamela insistiu:

– Devemos tentar de novo.

Ingram concordou, sugerindo:

– Se o *studio* estiver ainda frio, poderemos tentar em outra parte. Primeiro, vou subir e olhar o termômetro.

Ao deixar a sala, tirou do bolso uma

pequena lanterna elétrica, dizendo:

– Não quero acender luzes, desde que desejamos encorajar manifestações. Estamos praticamente a evocá-las.

Max sorriu, declarando:

– Ele tem um agudo senso de sua responsabilidade, mas está ardendo de excitação.

– Ele pensa que não estou cuidando direito de Pamela – declarei.

– Que pena para mim – careteou Pamela.

Ingram desceu de novo, em um minuto.

– O *studio* – disse ele – está tão frio como o inferno dos celtas; prefiro um lugar mais quente. Não podemos ficar sentados lá.

Pamela levantou-se:

– Depressa, Roddy, faremos melhor em subir.

Passamos correndo pela porta do *studio*, tiritando, e juntamo-nos na janela do patamar. Ingram disse:

– Penso que tentarei entrar.

– Não vá – falou Pamela. – É inútil. Espere aqui e observe.

Pamela trouxera seu agasalho da sala de visitas e vestiu-o, murmurando:

– Isso de nada adianta.

De fato: nenhuma roupa ou cobertura parecia servir de proteção contra aquele insidioso sugar do calor orgânico. Já o sentira, enquanto me sentava no vão da janela do patamar. Pamela e Max estavam no sofá; Ingram andava para lá

e para cá, espiando as escadas. Estaria calejado contra essas emoções? Ou, por enfrentar tais coisas, parecia meio imune? Eu já tiritava sob a quietação opressiva; podia ouvir o baixo e arrastado bater do meu coração.

– Escutem – sussurrou Ingram.

Estava inclinado sobre o balaústre, olhando para baixo. Era um desafio e me esforcei por juntar-me a ele. Esperei ouvir de novo o gemido, mas o que ouvi foi um murmúrio de palavras macias e sibilantes. Vinha do quarto das crianças e lá cintilava, através da porta, uma luz fraca e vacilante. Na noite em que Estela dormira ali, eu vira essa luz, ouvira o mesmo som e pensara que fosse Estela falando em sonhos.

– Deus do céu! – sussurrou Max a meu lado – Quem está lá em baixo?

Pamela não se moveu. Advertiu, com ansiedade:

– Não desçam.

Ingram descera, correndo. Após um momento a luz se desvaneceu e o murmúrio cessou. Ele voltou, subindo vagorosamente a escada; quando chegou perto de nós, sua face estava pálida e úmida.

– É esquisito – disse ele – o que há nas escadas.

– Eu sei – repliquei.

Nada vi – acrescentou ele em voz baixa. – Deveríamos fazer uma sessão lá.

– Vejam – exclamou Max, ofegante. –

Olhem para a porta do *studio*.

Pus a mão no ombro de Pamela, mas a mão estava tremendo e retirei-a. Também meus joelhos tremiam. De todo o coração eu esperava não ver a face da malvada e aterrorizante Carmel. Não poderia suportá-la. Não havia razão porque o suportasse. Sim, havia uma razão: certa parte profunda e secreta de mim me recordava e me dizia que isso era importante para Estela. Eu não podia saber por quê.

A coisa desta vez não se desprendia do solo, mas emergia através da porta fechada do *studio*. Uma figura fosforescente, como uma múmia, desenhava-se na porta, em baixo relevo. Soltou-se dela, cresceu vagarosamente,

a rodar e, afinal, libertou-se. Pairou no patamar, cada vez mais alta.

Pamela tremia convulsivamente. Max parecia feito de pedra com os olhos dilatados, a mão segurando o punho de Pamela. Ingram, de pé, junto às cortinas da janela, respirava com força. Lá de baixo um gemido desesperado subiu. Ingram voltou a cabeça muito vagorosamente para mim; ele também ouvira. Depois, seus olhos se fixaram de novo naquela forma luminosa. Eu gostaria de ser cego naqueles 10 minutos, mas não podia desviar os olhos.

A coisa vinha-se movendo vagorosamente para diante. A mortalha branca e flutuante transformava-se,

agora, numa blusa e eu via mãos. Pousavam elas sobre o balaústre. Vi uma longa garganta e uma cabeça, uma cabeça de cabelos soltos. E, à medida que a névoa se ia cristalizando, os contornos se definiam gradualmente e as feições se tornaram, por fim, tão claras como alabastro, cintilando em sua própria luz pálida.

Vi a fronte de linhas clássicas, os lábios, finos e enérgicos, macias pálpebras velando os olhos. Ela estava olhando para baixo, como um mármore vitoriano, como uma ave de rapina pronta a atirar-se sobre a presa. Sua cabeça estava inclinada, ouvindo aqueles lastimáveis gemidos. Meu coração se contraía de terror. A outra

face deveria ser bem menos horrificante do que esta. Eu não podia ouvir a respiração de ninguém.

Ela ouviu e, depois, ergueu a cabeça vagorosamente, com as pálpebras ainda descidas, num gesto estranho de orgulho triunfante, e seus lábios se entreabriram num sorriso. Abriu os olhos: olhos grandes, de um azul de gelo, iluminados por uma chama tão altiva de poder e decisão que fechei os meus.

Quando os abri, ela ia descendo, majestosamente, as escadas. Um gemido, tão baixo que até duvidei de tê-la ouvido, tremulou pela casa e depois morreu, caindo a quietude sem tempo, e o silêncio.

Ingram fez alguma coisa que não

poderia ter feito: moveu-se, caminhou para adiante, firmemente, como um autômato, e desceu. Contorci-me para mover-me, ofegando.

– Max, a janela!

E, com forte esforço, cheguei a meu quarto. Olhei para fora, sem saber o que esperava ver. A árvore era um demônio negro e selvagem, açoitada pelo vento. Nada mais vi. Max ficou comigo, à espera, mas nada aconteceu lá fora. Quando voltamos para ver Pamela, encontramos-la saindo do banheiro. Disse, com um sorriso ondulante:

– Acho que é meu dever informá-los de que fiquei um pouco doente.

Ingram subiu. Seu rosto estava agora pálido, mas seus olhos cintilavam.

– Não há mais nada – disse ele, com os dentes entrechocando-se de leve. – Mas palavra que aquilo foi a materialização mais perfeita que já vi! Magnífica! Diabos, eu não queria ter perdido isso!

Olhou para Pamela. Estávamos, todos, à porta de meu quarto.

– É bom a gente ir aconselhar-se com o travesseiro – declarou gravemente.

Ela concordou:

– Sim, eu vou dormir.

Levei os homens para baixo, dei-lhes bebida e tomei também um cálice. Depois levei um para Pamela, que, acorada na cama, parecia bem doente.

– Enigmas de novo – murmurou, com voz fraca – mas, pelo menos, o Sr.

Ingram ficou entretido. Não vá sentar-se agora, Roddy. Vá ver se dorme bem.

Decidimos todos deitar-nos. A cama do quarto das crianças tinha sido posta no meu escritório para Max.

– Receio que haja pouco espaço – observei.

Ele não replicou. Ficou ali, de pé, parecendo profundamente meditativo, dando corda ao relógio.

– Isso é horrível para você e Pamela, Roderick – disse ele. – Não sei como vocês o têm suportado. Gostaria de sabê-lo.

– Tenho o pressentimento de que estamos muito perto do fim disso – redargui-lhe.

Fui à porta seguinte ver se faltava

alguma coisa a Ingram. Ele colocara o diário na mesinha ao lado de sua cama. Mostrei-lhe a árvore, informando-lhe que ela desempenhava um papel na história que ia ler.

Sentou-se à beira da cama, ainda com um leve tremor, mas seus olhos encontraram os meus, brilhando de excitação e prazer.

– É a primeira vez – confessou – que vi uma aparição autêntica, completa.

– Que é que você viu, exatamente? – perguntei.

– Ora, a mulher! Bela e terrível como um anjo! Irei ler alguma coisa a respeito dela, nesse diário? Quem é?

– Você lerá. É Mary.

BECO SEM SAÍDA

A manhã era brilhante, mas um vento áspero soprava do oeste, amontoando nuvens entumecidas; a luz do Sol não duraria muito. Quando descí, encontrei Ingram lá fora, passeando na clareira junto à borda do penhasco, de rosto ao vento, gozando avidamente do ar e do panorama. Ele, nessa manhã, era um novo Ingram, sorridente e jovial; fora-se o conselheiro experimentado e o caçador de fantasmas.

— Você certamente mora na cumieira do mundo! — saudou-me. — Que litoral! Dir-se-ia que estamos em Kerry. Olhe

aquela água!

Grandes vagas se introduziram na angra, desenrolando as cristas em suas concavidades, para saltar e derramar-se de novo, como cataratas de cetim.

– Sua irmã não gosta disso?

– Gosta.

– Precisamos, então, afugentar esses fantasmas.

– Você pensa que temos alguma esperança?

– Por que não? Quero dizer, esse diário, essa história – ele estava com o livro no bolso – é a coisa mais impressionante de tal espécie que até hoje encontrei. Você sabe que tem aqui um paraíso para pesquisas psíquicas?

– Não é precisamente o que

desejávamos – respondi-lhe secamente.

Sua satisfação aberta diante de nossa terrível situação estava começando a fazer raiva. Fez uma careta de desculpa.

– Perdoe-me – disse, conciliador. – Mas você não pode conceber que sorte isso é para mim. Eu sou o intruso que se beneficia de sua má situação. Você pensava, quando era moço, que “intruso” fosse um espantalho? Eu pensava, porque o espantalho lá de casa parecia tão engraçado numa tempestade.

Ele havia acordado cedo e lera todo o diário, suprido de café e biscoitos por Lizzie, que lhe dissera não poder deixar um irlandês morrer de fome.

Havíamos fixado o almoço para as 10. Max apareceu pontualmente, com o

aspecto de quem não tinha dormido muito. Podia ver que ele se estava preocupando. Olhou inquisidoramente para Pamela, quando esta entrou, parecendo inteiramente refeita e livre da depressão que estava pesando sobre mim, desde que a descoberta de ser Mary o fantasma das escadas destruía minha teoria. Disse-nos que dormira como um cepo, a despeito de ter visto de novo a face de Carmel.

– A visão no escuro? – perguntou Ingram curiosamente. – O rosto de moça?

– Sim, e muito mais nítido.

– E houve alguma sensação de temor, algum frio?

– Não. Passei logo a dormir.

– Interessante...

Os movimentos de Lizzie, entrando com bandejas de biscoitos, suspenderam a discussão, mas logo que ela tirou a mesa pusemo-nos a trabalhar. Ingram assumiu energicamente a direção. Sem se referir uma só vez ao diário, percorreu toda a história dos Meredith, ponto por ponto, coordenando as várias narrativas e extraíndo uma sequência lógica. Max nada ouvira disso e estava espantado.

– Que frio incrível! – exclamou ele. – Mary Meredith trazendo aquela moça de volta... É incompreensível.

Ofendia-o profundamente o fato de que um pintor usasse de sua habilidade para fazer o que Meredith fizera a

Carmel.

– O afogamento – declarou – foi coisa muito suave para um bruto desses.

E, Estudando os quadros profundamente concentrado, acrescentou:

– Foi, certamente.

Colocou os livros de parte:

– E agora irei fazer novo inquérito, se concordam.

Concordei em que prosseguisse. Olhou em volta da mesa e sorriu.

– Eu gostaria, por obséquio, de dispensar inteiramente a *politesse*. Vocês são testemunhas hostis; a verdade não está em vocês, e eu tentarei não acreditar em nada do que me dizem.

– Ótimo!

Ele tinha à sua frente algumas anotações, que ia riscando ou aumentando, à medida que falávamos. Para começar, exigiu de cada um de nós uma descrição precisa do que víamos no patamar. Max falou primeiro. Descreveu como a aparição se formara gradualmente, sua atitude e movimentos, exatamente como eu vira; ele também sentira o poder penetrante dos olhos azuis, mas disse que as feições estavam embaçadas. Pamela e eu declaramos que havíamos visto as feições com perfeita clareza e reconhecemos ser a mesma do retrato do Wilmcote.

– Pois eu – disse Ingram – embora recebesse uma forte impressão de beleza austera, imperiosa e, de certo modo,

dominadora, não pude esta manhã recordar um só traço do rosto; e, para mim, era tão incolor como o mármore, mesmo os olhos.

– Os olhos – insistiu Pamela – eram azuis.

Ele olhou-nos com um sorriso zombeteiro:

– Aqui, logo de início, temos um belo exemplo da força de sugestão. Dois de vocês viram o retrato de Mary Meredith e para esses dois as feições eram dela e nítidas; ao passo que, para Hilliard e para mim, as feições eram vagas; é preciso ter cuidado.

Max sacudiu a cabeça:

– Eu não vi as feições distintamente, mas juraria que os olhos eram azuis.

Tinham a cor das chamas, quando se atira limalha de cobre ao fogo.

– E você não tinha visto o retrato? Nem pensado muito acerca de qualquer descrição de Mary que houvesse ouvido? Isso, então, é prova. Não obstante, poderíamos por enquanto chamar essa aparição A?

– Então Carmel é B? – perguntou Pamela, sorrindo.

Max riu-se, brincalhão.

– Sim. Chamemos B à aparição no seu quarto – concordou Ingram. – Você disse que o rosto não estava completamente materializado?

– Eu pude vê-lo claramente por um momento – replicou Pamela – mas depois ele se tornou vago, como se fora

de foco. Chamei-a: “Carmel!”, e ele começou a vir de novo, mas desfez-se.

– Você havia examinado o quadro “Aurora”?

– Oh, sim.

– E ele a impressionara fortemente?

– Muito fortemente,

– Veja só – sorriu Ingram, explicativo. – Da aparição B não podemos realmente fazer mais do que menção. Seus pensamentos podem ter modelado aquela face.

– Muito bem – disse Pamela com submissão rara. – Mas – insistiu ela – penso que é B quem chora.

– Há provas disso?

– Ouvimos o choro no quarto das crianças – declarei – quando Mary

estava na escada.

– Isso só prova que não é A.

– Pode ser Lili – sugeriu Max.

– Pode ser qualquer pessoa que tenha morrido nesta casa, em qualquer tempo.

Ingram estava satisfeito com aquilo: ele era juiz, era júri e era assistente. Prosseguiu:

– Isso pode não ser um espírito consciente, mas apenas uma vibração de impressões que persistem na casa, ou, talvez, seja um fantasma repetindo para sempre sua última tragédia, ou uma inteligência ativa a serviço de uma finalidade, ou tudo isso ao mesmo tempo.

– É de confundir – observou Max.

– É de confundir e mesmo de

atordoar; por aí vocês veem como devemos ser cautelosos. E agora vejamos se há provas suficientes que nos permitam ligar, de algum modo, as assombrações com a história dos Meredith.

Aquilo já era ceticismo demais. Protestei:

- Deus do céu, está tudo ligado!
- O rosto de Mary, o rosto de Carmel
- exclamou Pamela.
- Lembre-se daqueles retratos; há neles um forte elemento de sugestão.
- A sessão – ajuntei eu.

Ingram olhou para Pamela desconfiadamente:

- Vocês se ofenderão se eu duvidar da sessão por enquanto?

– Roddy – murmurou ela, sorrindo tristemente – você está comigo no banco dos réus. Estamos sendo acusados.

– Não, não – protestou Ingram. – A sessão, no fim de contas, pode mostrar-se aceitável. O que eu quero somente é estar certo de que pisamos terreno firme.

– Sem dúvida – concordou ela rapidamente. – Mas – insistiu – há provas; deve haver.

– A sensação no *studio* – interveio Max – é justamente a que a brutalidade de Meredith teria produzido.

– Sim – concordou Ingram. – Pense que quase podemos aceitar isso: a agonia de espírito de Carmel permanecendo sem repouso; uma impressão que Judite, a senhora

Hilliard, recebeu.

Com tato, ele se esquivou de referir-se à minha lembrança, dolorosamente honesta, da noite que passei naquele quarto.

– E há a luz – interveio Pamela.

Ele sacudiu a cabeça:

– Quantas velas não foram acesas no passado no quarto das crianças?

– Há o perfume.

Ingram concordou aquiescendo por fim.

– Sim, aí temos um elo definido: Estela possui um pouco do mesmo perfume; ela o liga às recordações de sua mãe e não há razão para duvidar de que esteja certa. Isso é realmente um elo, uma chave. Se na noite passada

tivéssemos sentido o cheiro de mimosa, eu concordaria em que havíamos visto Mary e que o cheiro é o seu símbolo.

– Ele nunca vem com o frio – esclareci.

– Isso – declarou ele – é o fator mais curioso de todos. Acredito, porém, que o compreendo.

– E o cofre? – indagou Pamela ansiosamente. – Por que Mary nos guiou para o cofre de Carmel?

– Há uma possibilidade – replicou ele. – Mas lembrem-se de que só a menciono como possibilidade. É a de que Mary, conscientemente, quisesse indicar-lhes Carmel como a fonte do perigo.

– Nunca pensamos nisso! – exclamou

Pamela.

É um pouco arranjado demais – retorquiu Ingram, exculpando-se.

– Pois creio que é excelente raciocínio – intervim. – Mas, que se há de fazer com o vidro de perfume vazio?

– Isso daria o elo com Mary. O fenômeno da materialização – explicou ele – parecer ter leis sutis e curiosas. Ainda não as compreendemos plenamente. Mas é possível que Mary necessitasse de alguma ligação com Carmel e com vocês, antes de poder produzir uma manifestação guiadora, e o frasco vazio serviu para isso.

– Compreendo! – disse Pamela, impressionada.

Max acenou concordando, tão

satisfeito com essa engenhosa lógica como se ele próprio fosse o inventor da teoria.

– De modo que você, então, está disposto a admitir uma ligação com a história dos Meredith? – perguntei.

– Sim – respondeu Ingram, com segurança.

– E permite-nos admitir – replicou Pamela – que foi Mary quem vimos?

– Penso que podemos admiti-lo – concordou ele.

– Obrigada – agradeceu Pamela, um pouco secamente.

– Esses advogados! – E Ingram fez uma careta. – Dão volta ao mundo só para adiantar-se uma milha!

Max estivera a percorrer o diário;

franziu o cenho.

– Eu desejava saber – pediu ele – por que Mary Meredith, que era uma mulher de fabulosa suavidade, traz aquele frio maligno...

– Exatamente!

Max havia formulado o problema que nos havia perplexificado a todo instante e desfeito nossas teorias, como Pamela se expressara, em bolhas de sabão.

– Penso que posso explicar – redarguiu Ingram, interrompendo.

Inclinou-se para diante, observando interessadamente como reagiríamos a isso.

– Penso que, em todas as suas deduções, vocês fizeram um engano fundamental. Supuseram que o frio e o

horror eram devidos a uma deliberada maldade do espírito; derivavam-se de alguma situação ou atributo da mulher quando ela morreu. Não é?

– Certamente o supusemos – afirmei.

– Mas não é absolutamente necessário pensar nisso.

E ele faz uma pausa para certificar-se de que contava com toda a nossa atenção. Podia contar, sem dúvida.

– Vocês não deram importância à questão do ectoplasma – prosseguiu. – Vocês sabem que, para materializar-se, um espírito deve tirar qualquer coisa dos corpos humanos a seu alcance? Não pensam que foi isso que aconteceu a noite passada?

– Eu certamente me senti... exaurido –

esclareceu Max.

– Essa sensação – continuou Ingram – produz os sintomas físicos do medo e estes, por sua vez, produzem o seu efeito mental. Domina-nos um sentimento como que de pânico. Não concordam? Mas não creio que devamos tomar isso como prova de qualquer maldade do espírito.

– Confesso quanto ao terror pânico – declarei.

Pamela sacudiu a cabeça:

– Também eu, mas... não posso evitá-lo, Sr. Ingram... esse frio me parece maligno.

Eu estava atônito com sua obstinação a tal respeito; a exposição de Ingram fora brilhante e afastara a anomalia que estivera a obstruir todos os caminhos do

pensamento.

– Sentimentos! – exclamou Ingram, advertidoramente. – Você sabe que não devemos confiar realmente neles!

Ela não respondeu. Eu podia ver que não estava disposta a render-se.

– Creio que você acertou! Isso é grandemente esclarecedor! – ajuntei.

Max pensava maduramente.

– Mas, olhe aqui – interveio ele.

– Por que não se sente frio algum com as outras manifestações? Por exemplo, quando Mary visitou Estela no quarto das crianças, à primeira vez?

– Receio que a reação de Estela tenha de ser eliminada. O poder sugestivo daquele quarto seria forte demais.

– Você está eliminando muita coisa –

comentei, levianamente.

– Não se incomode! – riu Max. –
Contanto que elimine o fantasma...

Ingram sentou-se silencioso. Teria ficado ofendido? Não! Olhava com expressão um tanto perturbada para Pamela e disse, suavemente:

– Espero que compreendam que eu não posso, plausivelmente, prometer fazer isso...

– Ora, sem dúvida – replicou ela, com calor. – O Sr. nos está ajudando a compreendê-lo; era o que esperávamos; o resto compete-nos fazê-lo.

– Então, está entendido, não é, Ingram? – disse Max. – Mas, voltemos ao problema. Por que não se sentiu frio naquela noite, na sala de jantar, quando

Mary os guiou ao cofre?

– Você não vê – respondeu logo Ingram – que ela não estava tentando materializar-se? Nenhuma forma se tornou visível, não é? Isto é que assevero! Enquanto Mary permanece invisível, não causa sensação de medo ou frio, mas, logo que ela tenta materializar-se, torna-se terrível e perigosa.

– Homem!

Eu estava tremendamente excitado; aquela era uma bela teoria. Adequava-se aos dados. Estávamos todos falando a um só tempo.

– Bem! Vivam todos os investigadores sofisticos e cépticos! – exclamou Max, satisfeito. – Nunca ouvi

nada tão engenhoso.

– É muito engenhoso! – murmurou Pamela.

– Então, não há dois espíritos – conjecturei. – O tempo todo, é Mary. Carmel está eliminada... Ou não está? Você faz minha cabeça andar à roda.

– Cada vez mais se confunde a confusão! – riu Ingram. – Olhe aqui... eu mesmo só cheguei a essa ideia sobre o frio agora. Não a digeri ainda. De fato, se vocês não se incomodam, eu preferiria pensar um pouco mais antes de dizer qualquer coisa.

Apoiei-o. Necessitávamos de um tempo de descanso.

– Deixemos isso – concordei. – Voltaremos ao assunto à noite. Haverá

sol ainda por uma hora mais ou menos; vamos sair um pouco.

– Sinto muito – respondeu Ingram, bem pensativo, ao nos levantarmos. – Pareço ter sido bastante desanimador; a sessão, depois este diário... É um belo trabalho e a teoria é consistente. Parece horrível romper com ela.

– Não estamos totalmente apaixonados por nossa teoria – assegurou-lhe Pamela, ao saírem para o jardim.

Levamos uma hora mostrando a Max e Ingram nossas amplidões e reunindo ramos caídos para a fogueira. Depois, preparamo-nos para a merenda. Por acordo tácito, nossas preocupações não foram discutidas e discorreremos acerca

do futuro da Irlanda, no qual Ingram depositava ilimitada fé, e sobre a guerra espanhola. Depois da merenda, sugeri um passeio de carro ou a pé, mas Pamela replicou que preferia descansar no jardim, e Ingram, que tinha de escrever alguma coisa.

– Nunca sei o que estou pensando – explicou-nos – enquanto, antes, não o escrevo.

Max e eu saímos para ver “os duendes”. O Sol estava travando uma batalha sem esperança com três regimentos de nuvens e um pé de vento nos arrastava. Tínhamos umas boas três milhas de caminhada pelas charneças do sul, e depois por uma vereda estreita e alcantilada e uma estrada carroçável, até

à praia cheia de calhaus.

Max seguia agarrando seu chapéu de abas largas.

– Meu Deus! Disto é que eu estava precisando! – exclamou. – Que engano é Londres! É uma pena que haja tantas coisas que não possam ser feitas em outra parte!

Falou-me de uma série de exposições por empréstimo de quadros de pesquisa de vários pintores, que estava tentando organizar. O obstáculo – declarou – não são as “grandes massas ignaras”, com sua suspeita sobre tudo quanto é novo, mas os snobs convencionais e ignorantes, que gritam aleluias às mais asininas mediocridades, simplesmente porque o que fazem é obscuro. Sua

cólera parecia ensombrecer os céus, mas foi logo esquecida.

– Por falar nisso, seu amigo Carey. Que notícias me dá dele? – perguntou, interessado.

Respondi-lhe que nenhuma, mas ele ou Wendy provavelmente telefonariam dentro de um ou dois dias, quando vissem um artigo em que eu havia dito qualquer coisa acerca de Salomé.

– Eu gostaria de saber – pediu-me Max – se Christopher Pennant lhe disse alguma coisa. Eu lhe havia mencionado o trabalho de Carey.

– Deus do céu! A Pennant?

– Sim, ele está empresando uma série de peças com Dunsany. Andava como um louco, procurando um homem que

fizesse o cenário, alardeando acerca de todo o dinheiro que estava disposto a gastar e dos efeitos de luz que queria tentar. Parecia interessante. Pensei que o estilo de Carey fosse o que lhe conviesse, aquela mistura de poético e de grotesco. Pennant entusiasmou-se quando lhe falei nisso e afirmou que iria a Brístol pessoalmente.

– Puxa, Max! Carey ficaria bem arranjado.

– Espero que isso dê certo.

Falei-lhe acerca de minha peça; ficou imensamente satisfeito e apreciou meu tema.

– Contudo, não será fácil fazer sua Bárbara convincente – refletiu. Não é um motivo comum. É?

– Gosto de explorar motivos incomuns – respondi – e estou certo de que o amor do poder toma, nas mulheres, estranhas viravoltas; é tão reprimido! As mentes modernas, complexas, mal conhecem os motivos que as fazem agir; são rodas dentro de rodas; e veja só que selva venenosa os psicólogos estão desvendando.

– É tudo sombrio e strindbergiano? – perguntou.

Expliquei que me entregava ao pesado trabalho de torná-lo claro.

– As coisas não têm sido propícias – murmurou com simpatia.

Passeamos por um instante em silêncio; eu, meditando no problema da morte de Bárbara, e Max, bem eu sabia,

absorvido em Cliff End.

Depois, falou-me acerca de Estela, perguntando se as coisas a haviam afetado tanto como se poderia esperar.

– Que ideia terrível para torturar a cabeça daquela criança! Ela deve ter sido horrivelmente impressionada, para vir sozinha daquele jeito à casa vazia. Mas que coragem! Vai passando bem?.

– Só Deus sabe – respondi.

– Judite deseja saber se “*La belle au Bois dormant*”⁸ já começou a acordar. Ambos nos sentimos atraídos por ela; há uma fonte tão borbulhante de vida e de afeição cuidadosamente oculta nela!

Relatei a Max muita coisa acerca de Estela e vi que ele deduzia outras. Havia uma ou duas que eu não lhe contaria.

Não podia falar dos piores temores de Scott. O que lhe contei deixou-o atônito.

– Que situação diabólica! exclamou. – Certamente, você irá acabar com isso depressa. Não poderá ela ser persuadida a consentir no exorcismo? Poderia o padre Anson tentá-lo?

– Eu não o arriscaria.

– Por que, Roderick?

– Porque Estela poderia ceder, mas nunca ficaria satisfeita; até o fim da vida, nunca se sentiria certa de que não enviara a alma de sua mãe para dentro das trevas.

– É um atroz dilema para você.

– É, sim.

A esse tempo, havíamos chegado aos “*duendes*”; o Sol se pusera e as rochas

de formas estranhas, bem como as ilhotas, não mostravam seu melhor aspecto. Não obstante, Max andou por entre elas, excitado.

– Por Júpiter! – exclamou. – Imagine aquele sujeito visto a uma luz baixa, vinda do leste! E aquela garganta ali em cima! Um poente tormentoso... Meu Deus, sim, eu preciso ver tudo isto de novo.

– Bem! Espero que estejamos aqui.

Voltando, tivemos tempo de ver um brilho no alto da colina: a última saudação do Sol derrotado, incendiando a relva e as urzes. Subimos ao alto e olhamos para a casa. Também ela se banhava na luz flutuante, mas só por um momento, e as sombras se fecharam, a

casa parecendo contrair-se e aniquilar-se.

– Supondo – perguntou Max – que tudo corra pelo pior, que tudo falhe, se você tiver de escolher entre tentar o exorcismo e abandonar Cliff End, que faria?

– Abandonaria a casa.

– Compreendo. Se fosse com Judite eu faria o mesmo.

Podíamos ver Ingram lá em baixo, na clareira, indo de rocha em rocha e gesticulando loquazmente. Pamela seguia-o, vivamente interessada. Puxou-me com ansiedade pelo braço quando descemos.

– Olhe! O Sr. Ingram acredita que podemos cultivar gencianas aqui, da

espécie que se encontra em Galway. Diz que podemos ter uma coleção de plantas alpinas e um verdadeiro jardim marinho, com exemplares brotando por baixo do penhasco. Uma amiga de sua mãe fez isso em Howth.

– Vocês podem fazer uma coisa rara – informou ele – mas seria um trabalho imenso.

Bela hora escolhera Ingram – pensei eu – para fazer Pamela gostar ainda mais de Cliff End.

Pamela determinou que tomássemos um bom chá. Depois viria a ceia, que nós mesmos prepararíamos, seguida pela conferência adiada; e entre as duas refeições, sono. Não houve oposição a esse programa, mas Lizzie, quando lhe

falamos que podia sair mais cedo, olhou-nos com suspeita. “Que espécie de coisas vão vocês fazer – perguntava claramente o olhar dela – para quererem que eu não atrapalhe?”

Ingram já não estava com aqueles modos contritos. Disse que não conseguira persuadir Pamela a abandonar sua convicção de que vira Carmel e ouvira Carmel chorar.

Pamela discutia, embora não apresentasse razões para sua tenacidade.

– Receio que me tornei inteiramente feminina e intuitiva – confessou.

Ingram sorriu e citou: “*Le coeur a ses raisons que la raison connait point*”.² Ele estava muito animado e o chá transcorreu alegre; Max pilheriando

conosco.

– Você e Roderick deviam ser demitidos de investigadores – disse ele a Ingram. – Ambos escrevem peças. Pamela e eu somos os únicos de espírito honesto e não dramáticos.

– Deus o ajude, Max – replicou Pamela.

Ingram voltou-se para mim:

– Serei um refinado ignorante? Não sabia que você escrevesse peças.

Passamos a conversar sobre o trabalho dos escritores de teatro e Ingram confessou, francamente, a respeito de suas próprias peças:

– Elas não vão bem. O diálogo nada tem de mau, pois todos nascemos fazendo diálogos na Irlanda, mas o estilo

não se mantém sério: fica oscilando para a farsa. E depois, quando Barry Fitzgerald e Maureen Delaney se encarregam disso... – e fez uma careta. – Antes que repetíssemos a peça, o empresário me falou: “Preferimos autores mortos”. Respondi: “Infelizmente, para você, nem mesmo os dramaturgos morrem realmente de paixão”. Mas eles são bons atores. Estava engraçado, deveras.

Rimos e bocejamos. Pamela começava a parecer bastante cansada. Levantou-se para ir para o quarto.

– Se eu não aparecer por volta das sete – pediu ela – alguém faça o favor de bater com força à minha porta. Estou um pouco fatigada. Algum de vocês quer

uma cápsula de luminal? Tenho um tesouro secreto delas.

Recusamos todos e Ingram ajuntou, com ênfase:

– Oh, não!... Por favor, senhorita Fitzgerald – ouvi-o dizer ansiosamente, quando saía da sala – tenha cuidado! Não gosto absolutamente de drogas quando estamos tratando com influências psíquicas.

Drogas! Drogas... Subi devagar, absorvido numa ideia nova e entusiasmadora. Seria esse o fim próprio para Bárbara? Uma aplicação de drogas. Sim. E sua vítima, Jennifer, como um instrumento inocente... Uma aplicação de drogas destinada a produzir um inferno de angústias

naquela que ela enganara, e que recaí sobre ela, inferno que ela mesma produziu. Seria uma Nêmesis perfeita. Wendy poderia representá-lo: eu a podia ver: os gestos fracos, sem direção, o olhar vago, a fala incoerente e depois a exaustão e o tormento... Voltei-me para o patamar, a fim de comunicá-lo a Pamela, que corria depressa, com um sorriso nos lábios.

– Olhe, tive uma ideia para a morte de Bárbara, em vez do fim com que você não concordou.

– Teve, Roddy? – exclamou ela vagamente.

– Sim... Drogas. Que é que você acha?

– Drogas? Acabo de ouvir um sermão

paternal acerca de drogas. Ora, sim, acho que isso ficaria bem.

Ela foi para o quarto e eu para o meu escritório. Pamela não estava mais interessada em minha peça. Isso não era estranho, monologuei; a sessão da noite era prova considerável para ela. Não era isso, porém, o que a preocupava. Por que aquele sorriso divertido e suave?

Desci de novo, sentindo-me inquieto e liguei para o telefone de Scott. Informaram-me que ele estivera fora o dia inteiro. A falta de notícias é uma boa nova. Voltei para trabalhar e pus-me a alterar o terceiro ato.

Depois do jantar, Lizzie deixou café e sanduíches preparados na mesa,

chocolate num bule e biscoitos numa bandeja. Mesmo que ela suspeitasse que quiséssemos evocar o diabo, não iria deixar irlandeses morrer de fome. Lizzie simpatizara com Ingram e Max ocupava há muito tempo um lugar no seu coração.

Logo que nos sentamos em volta da lareira, Ingram tirou as notas que andara escrevendo e preparou-se para comunicar-nos as conclusões a que chegara. Já não estava com a mesma alegria; ela se fora tão completamente, que de súbito, suspeitei ter sido uma alegria forçada a fim de esconder o desânimo.

– Receio que vá incomodá-los um pouco – começou. – Há um ponto que não encontrei mencionado no diário,

mas que me impressionou quando de novo o examinei. Refere-se à senhorita Meredith – Estela; desculpem-me se uso o nome próprio. Já observaram que as assombrações se intensificaram depois de cada uma de suas visitas a esta casa?

– Penso que já o observamos – retorquiu Pamela.

– Você acha que haja alguma ligação direta com Estela? – perguntou Max.

– Temo que sim – replicou ele gravemente.

Não sei que coisa estava esperando; fora insensato imaginar que Ingram pudesse dizer ou fazer alguma coisa que alterasse aquele fato terrível; mas meu desaponto tornava difícil falar. Foi Max quem disse:

– Você construiu uma teoria. Não é?
– Fiz duas – respondeu Ingram.
– Duas teorias? – exclamou Pamela.
– Sim, infelizmente. Significa, sem dúvida, que não achei nenhuma delas inteiramente satisfatória. Mas, em ambas, fiz a suposição que vocês desejavam fazer, isto é, que foi Mary Meredith quem vimos.

– Fico satisfeito de que você o suponha – afirmei.

– Em ambas rejeito «Lili» como intrusão sem sentido do exterior, ou simples movimento casual do copo.

Pamela parecia ir opor-se a isso, mas conteve-se.

– Penso – prosseguiu ele – que é importante imaginar quão agudamente

Mary deve ter sofrido e também que ela conheceu felicidade e paz excepcionais. Sou inclinado a crer que a experiência desses extremos torna a mulher muito sensível com relação aos outros, ansiosa por sua felicidade e apreensiva de que eles possam sofrer aquilo que ela mesma sofreu. Depois, a confiança de Mary em seu pai tê-la-ia levado a idealizar os homens. Muito provavelmente, teve ilusões românticas acerca de Meredith. Ele não só as destruiu, mas despojou-a dessa casa, violou seu lar. Em ambas as minhas teorias tudo isso tem de ser lembrado.

Ingram falava pensativamente, em voz baixa, olhando para o fogo.

— Minha primeira teoria rejeita a

sessão; supõe que só haja um fantasma. De fato, já a sugeri a vocês. Imagino que Mary morreu tão docemente como viveu. Incomoda-se por causa de Estela, imaginando que ela se sinta solitária e desejando consolá-la. Visitou Estela no quarto das crianças e fê-la sentir-se “*acariciada*”. Levou uma luz fantasmal, criou o delicioso perfume de flores, guiou vocês ao cofre de Carmel, porque desejava que encontrassem o frasco de perfume, a fim de verificar que ela se acha, ali, como presença consciente, e contar isso a Estela. Espera que Estela se lembre do perfume. Sabe do desejo que Estela tem de vê-la e anseia por entrar em contato com sua filha. Vem quando Estela está aqui e volta para

procurá-la e, quando não a pode encontrar, chora. Mas, esta é a tragédia de Mary...

Ingram olhou para Pamela; no rosto dela ainda via alguma resistência. Max sentou-se como se enfeitiçado pela história e eu me sentia comovido, convencido. Ingram continuou, num timbre de voz intenso e cheio de compaixão:

– Seu destino é trágico, mesmo depois da morte; quando ela tenta aparecer, quando se tentar tornar visível, torna-se um motivo de horror, e quase aterroriza Estela até à morte. E sempre acontecerá assim: Mary, materializada, visível, sempre causará medo.

Houve um silêncio e depois

murmurei:

– Creio que você tem razão.

– É fortemente convincente – acrescentou Max.

– Qual é a sua outra teoria? – perguntou Pamela.

– Pode dar-me outra xícara de café?

Ingram sorriu. Estava cansado, pois dedicara-se muito a isso. Eu não podia compreendê-lo bem: até onde estaria dramatizando e até onde seria sincero? Sentia-me convencido de que desejava sinceramente ajudar-nos.

– Minha segunda teoria – prosseguiu, depois de alguns minutos – não contradiz a primeira, mas completa-a: minha crença sobre os efeitos da materialização permanece. Mas aceito a

sessão: estamos em contato com Mary no *studio*; outros seres, não importa quem, tentaram intervir. Mas são as palavras de Mary as que têm sentido. Ela protege Estela e perdoa a moça que a matou. Deseja salvar do mal a todos os de Cliff End. O perigo vem de Carmel.

Fez uma pausa. Nossa atenção estimulava e, conscientemente ou não, estava produzindo o melhor efeito que podia.

– Carmel – continuou ele – como se vê da narrativa, era uma moça selvagem, desenfreada. Apaixonara-se loucamente por Meredith e viveram juntos como amantes na Espanha. Ele a fez feliz, até Mary chegar e levá-lo. Carmel não é

uma *cocotte* de Paris, mas uma mulher do sul, em quem o amor cria raízes. É astuciosa e resolve destruir aquele casamento. Joga com a satisfação de Mary em fazer gestos generosos e obtém uma posição como sua criada. Nesta casa, consegue o que quer: Meredith torna-se de novo seu amante e Mary, descobrindo-o, adoece. Quando a vida na casa se transtorna, ela é esperta, é a Mary que se liga. Não fez ainda com Mary o que desejava. Estela nasceu e Carmel passa a influenciar a criança. Mary, então, permanece firme. Deixa Carmel em Paris e traz Estela para casa. Sabemos o que aconteceu. Carmel voltou, talvez com saudade de seu amante, talvez para mendigar ou para

fazer chantagem, não sabemos. Mas sabemos o que Meredith lhe fez. Isso encheria qualquer mulher de ódio. A paixão de Carmel, por vingança, torna-se uma obsessão: chora, encoleriza-se, deseja morrer. Mas, ao morrer, quer aperfeiçoar sua vingança contra os dois. Destruirá sua filha. Deixou de fazê-lo porque Mary a deteve, mas matou Mary. Carmel, quando morreu, sentia-se ainda num frenesi de vingança insatisfeita. Ainda, provavelmente, num delírio sem fim, tentando matar Estela ainda.

Pamela estendia-se na cadeira, pálida e fraca.

– Roddy – disse ela, ofegante. – Você telefonou?

– Sim. – respondi. – Scott não está em

casa.

Houve uma pausa. Max serviu bebidas, passando-as a nós. Telefonei de novo para Scott: ainda não chegara.

– Vou telefonar para Wilmcote – declarou Pamela.

– Você não deve fazer isso – sugeri. – Estela poderia responder; lembre-se do que Scott disse. Você sabe que não deve fazê-lo.

– Sim, sei; mas não posso suportar mais.

– Scott telefonaria se ela estivesse pior.

Por um instante pareceu que Pamela ia chorar; depois, olhou para o rosto de Ingram. Este parecia aniquilado e murmurou:

– Não sei como pedir-lhe desculpas.

– A culpa é nossa – esclareceu Pamela, tentando sorrir. – Devíamos ter confiado no senhor; não era direito contar-lhe só a metade da história. Desde a noite em que estive aqui, Estela sofreu de insônia; mas ontem estava muito melhor. Não há motivo para ansiedades. Eu é que tive uma crise de medo.

– Não posso perdoar-me – sussurrou Ingram.

Max fez um esforço para reconduzir a discussão a um terreno geral.

– Olhe, Ingram – disse ele. – Todas as suas duas teorias fazem com que esta casa se torne inabitável. Não deixam outra saída.

– Exatamente. Isso é o que mais me perturba. Se é Carmel quem a está assombrando, é por algum mau propósito; e Mary, com o seu desejo de ajudar e proteger, torna-se uma presença terrivelmente perigosa. Receio que seja um beco sem saída.

– Você certamente não sugere um meio de fazer o que esperávamos, isto é, achar um modo de dar descanso aos espíritos? – inquiri.

– Agora, não vejo esperança – redarguiu Pamela tristemente. – A menos que surja na sessão desta noite.

– Há uma coisa que vocês podem fazer: é desagradável – disse Ingram, com ansiedade – mas tem provado dar certo; realizar na casa um serviço de

exorcismo.

– Isso já está fora de cogitação – acrescentei. – A menos que aconteça esta noite alguma coisa que o torne possível. Estela não pode suportar tal ideia; adora Mary, você sabe.

Ingram parecia aniquilado.

– Mas esse caso é realmente um beco sem saída. Não se pode fazer nada.

– Podemos abandonar a casa – interrompeu Pamela.

Houve uma pausa. Ela parecia ser outra, angustiada e desanimada.

– Está ficando tarde. Vamos começar – sugeri.

8. La belle au Bois dormant – *A bela adormecida no bosque. Em francês no original.* – Nota do Tradutor.

9. Le coeur a ses raisons que la raison connaît point –

O coração tem razões que a própria razão desconhece. Em francês no original. – Nota do Tradutor.

AS PALAVRAS ESPAÑHOLAS

Entristecia-me que tivéssemos de usar, para esse fim, o quarto das crianças; parecia encantador, com a colcha e as cortinas cor de narciso, os quebra-luzes e os tapetes verdes, a penteadeira cairelada, com jarras de porcelana amarela e branca e a mesa redonda circulada de cadeiras baixas. Poder-se-ia pensar em Estela, criança, oferecendo ali um chá a suas amigas. Um fogo pequeno brilhava fortemente e o quarto estava aquecido. Imaginei, mas não o

diria em frente de Ingram, que havia ali um resquício fraco e doce de perfume de mimosa. Aquele quarto causava-me dor ao coração.

Foram colocados os cartões na mesa. Asseverei a Ingram que eu e Pamela estávamos tão ansiosos por obter uma resposta particular para certa pergunta, que achava melhor um de nós não tomar parte e, se eles pudessem trabalhar sem mim, eu iria tomar notas. Concordou. Puseram os dedos no copo. Houve uma longa espera e depois, de súbito, ele se moveu. Andou em volta do círculo de letras, como da outra vez; parou, balançou-se e Ingram fez um sinal a Pamela para começar.

— Quem está aí? — perguntou ela.

“Mary” — foi soletrado imediatamente.

— Foi quem vimos na noite passada?

“Sim”.

— Deseja aterrorizar-nos?

O copo moveu-se para N e depois para o A. Foi soletrado “não vocês”.

— Deseja aterrorizar alguém?

“Sim”.

— Quem?

“Carmel”.

O movimento era calmo, sem pressa; não havia hesitação nem dúvida, a qualquer momento, quanto à letra a que se dirigia o copo. Pamela prosseguiu:

— Deseja que ela deixe Cliff End?

“Sim”.

— Podemos fazer alguma coisa para

que ela se vá?

“Não”.

Pamela olhou para mim, com a face ansiosa e depois fez a pergunta crucial:

– Deveríamos tentar o exorcismo?

O copo correu instantaneamente para o “Não”.

Tivéramos nossa resposta. Senti um choque de desmaio, uma sensação negra de afogamento, por um instante. Depois, alívio. Acabara-se. Aquilo significava uma decisão. Nada mais de tormentosas hesitações, de recusas em aceitar a verdade, de hesitar entre tudo quanto Estela me significava, e de salvar a casa. Já havia durado demais. Aquilo era o fim, a libertação.

Olhei para Pamela e ela me

respondeu com um olhar firme e um pequeno sorriso.

Ingram estava perplexo; perguntou-lhe:

– Não é a resposta que desejava. É?

– Não – replicou ela – mas é muito melhor do que nenhuma.

– Quer dizer...

Conteve a pergunta impulsiva, mas Pamela respondeu:

– Sim; quer dizer que devemos abandonar a casa.

– Esta bela casa! – Ele estava acabrunhado; toda a sua suficiência e compostura desapareceram.

– Não, não! – protestou Max. – Não podemos ceder ainda. Perguntemos de novo.

– Não adianta – afirmiei, mas ele insistiu. Pamela suspirou, cansada.

– Tentaremos então sem Pamela – concordei, para satisfazê-lo e pus meus dedos, com os dele e os de Ingram, no copo, enquanto ele se estendia numa cadeira de campo. Parecia ter perdido o interesse pela sessão; espichara-se com a cabeça de lado, sobre uma almofada, e em sua face havia o aspecto vago que se vê nas faces dos amantes da música quando esta os tem sob seu feitiço.

O copo não se moveu durante longo tempo. Logo que um leve tilintar começou, Max disse:

– Mary, tente dizer-nos que deveremos fazer.

A resposta foi:

“Ir”.

– Quer dizer – perguntei – que devemos deixar Cliff End?

Três vezes o copo se moveu entre o I e o R.

– Por que devemos ir?

“Perigo” foi soletrado.

– De quem? De onde vem o perigo?

O copo moveu-se rapidamente para C A R e M, mas, antes que tivesse alcançado o E caiu e ficou rolando de lado. Quando de novo o erguemos, ele correu, exatamente como fizera na noite precedente, oscilando para frente e para trás, entre o L e o I e depois virou-se de novo.

– Isso deve significar alguma coisa – sugeriu Max.

– Não pode ser coincidência – afirmou Ingram, carrancudo.

Mais uma vez Max colocou o copo de pé e mais uma vez tentamos uma pergunta.

– Ajudaria mandar chamar o padre? – indagou Max.

Seguiu-se uma agitação selvagem. O copo deslizou por entre as letras, atirando fora os cartões, e depois arrojou-se pela borda da mesa, caindo ao chão e quebrando-se.

– O padre não é popular.

Max notou, detendo-se para apanhar as letras caídas, enquanto Ingram e eu, com auxílio de sua lâmpada de bolso, recolhíamos os fragmentos de vidro. Pamela não dera pela nossa confusão;

quando me levantei, vi-a estendida na cadeira, dormindo, em posição torta.

– Pamela – gritei, em tom agudo – acorde!

– Não faça isso! – exclamou abruptamente Ingram, prendendo-me o braço.

Max pôs um braço em torno de Pamela e levantou-lhe os ombros, a cabeça oscilando; não despertou. Ele encarou Ingram, alarmado. Eu tremia.

– Pelo amor de Deus, Ingram, acorde-a! – pedi.

Ingram ficara pálido, mas respondeu calmamente:

– É muito melhor não o fazer; poderia causar-lhe um choque. Isso é transe; não lhe fará mal.

– Pamela – gritei, de novo. Max ajeitou-lhe a cabeça junto da almofada, dizendo:

– É melhor seguir o conselho de Ingram.

Eu podia ver o estado em que Ingram se achava, embora fizesse esforços para aparentar calma.

– Já vi isso muitas vezes; passará – advertiu-nos.

– Você tem de despertá-la – disse eu.

– Imploro-lhe...

Pamela suspirou, respirando vagarosa e profundamente, como se num sono inquieto; sua face não estava mais pálida do que de costume. Max sentou-se a seu lado, com os dedos a sentir-lhe o pulso. Acenou-me, dizendo:

– Ela está bem.

Sua respiração se tornou mais profunda e seus lábios se abriram; parecia sorrir. Depois de um instante, entreabriu os olhos. Um calafrio atravessou-me as costas e o coração, porém permaneci imóvel. Afinal, ela falou.

As sílabas que Pamela proferiu eram-me tão desconhecidas como a voz em que as pronunciava, uma voz vibrante, alegre, macia e entusiástica, completamente diferente da dela.

– Não conheço a língua – sussurrou Ingram. – Conhece?

Agarrou meu caderno de notas e começou a escrever. Max sacudiu a cabeça:

– Não é latim nem italiano.

– Deve ser espanhol – esclareci.

Ouvi sons ternos, repetidos incessantemente. Pamela sorria.

“É Carmel” – pensei. “A conversa de amor de Carmel com Meredith. Carmel revivendo sua mocidade. Aquilo poderia acabar em possessão”.

Voltei-me para Ingram:

– Isso é intolerável! Você tem de acordá-la! Você não pode fazer suas malditas pesquisas à custa de Pamela! Lembre-se de que Carmel era uma suicida, uma maníaca, uma assassina...

Pamela gritou... foi um grito terrível. Depois, começou a lastimar-se. Era de apavorar. Chorava com abandono. Era o soluço desesperado que ouvíamos

tantas. Enregelava-me o próprio coração o ouvi-lo. Sentia-me dominado pelo medo. Tremia de frio e via o pavor na face de Ingram.

De súbito, Max abriu a porta. Olhou para fora e voltou, imediatamente, fechando-a.

– Levem-na para fora, pelo jardim – ordenou. – Depressa!

Levei bastante tempo a desferrolhar a janela e a abrir a tela de arame. Enquanto eu o fazia, Max e Ingram ergueram Pamela e levaram-na para fora, pela estufa, depositando-a no canapé da sala de visitas. Ela cessara os soluços. Abriu os olhos.

– Você está bem? – souu trêmula a voz de Ingram.

– Sim, naturalmente – respondeu ela.

E depois exclamou:

– Roddy, que é que houve? Por que está você tão pálido? Que sucedeu? Certamente eu não desmaiei...

Era a sua voz; era ela mesma. Quase doente de alívio, afundei-me numa cadeira.

– Graças a Deus! – exclamou Ingram, e saiu do aposento.

Max respondeu-lhe:

– Não, você caiu em transe.

Ela estava interessada, intensamente. Ele principiou a contar-lhe o que acontecera.

– Era Carmel – declarou ela, logo.

– Mas Mary estava vindo – disse-lhe.

– Só tivemos o tempo de fugir.

Ela pegou-me no braço.

– Onde está Ingram? Oh! Max, por favor... Max foi ao vestíbulo e voltou com ele. Ambos haviam perdido a cor e Ingram estava tremendo; sentou-se num banco, com frio demais para falar.

– Ela desapareceu para dentro do quarto das crianças – disse Max. – Uma espécie de espectro amortalhado; agora, lá está uma neblina, terrivelmente fria.

– É muito perigoso – advertiu Ingram.

De nós quatro, era Pamela a mais calma. Não se lembrava de nada que acontecera depois que o copo soletrara “Lili” de novo.

– Era realmente transe? – perguntou a Ingram.

– Sim – replicou ele. – Profundo

transe mediúnico. Sua cabeça dói?

– Dói, um pouquinho; mas não se incomode. Conte-me o que eu disse.

Ele leu em suas notas, tentando reproduzir as sílabas que ela havia proferido.

– Deve ser espanhol e não sei uma palavra disso! – exclamou ela. – Nunca o ouvi falar antes. Era Carmel, sem dúvida.

Nada pudemos tirar daquelas sílabas e não havia em casa dicionário espanhol.

– Eu não tive a impressão – esclareceu Ingram – de que isso pretendesse ser uma comunicação.

Concordei com ele e disse-lhe ter pensado que Carmel estivesse revivendo

momentos passados com seu amante.

– A voz parecia muito feliz – disse Max. – Não vem isso afetar suas teorias de um modo ou de outro?

– Penso... – e Pamela mergulhou em pensamentos, olhando para as notas de Ingram.

Ninguém replicou. Sentamo-nos quietamente, fumando e tragando nossos cálices, todos apavorados com o que havíamos feito e imersos no alívio da fuga.

– Guardarei estas notas e dar-lhe-ei uma cópia. Posso? – disse Pamela, colocando as notas dentro de seu diário.

Depois sorriu.

– Bem, aqui finda a nossa investigação! Sinto-me satisfeita de que

tenha acabado. Não suponho que venhamos a saber a verdade, mas, pelo menos, sabemos o que devemos fazer.

– Vamos amanhã comigo para Londres, os dois – pediu Max. – Não passem outra noite aqui.

– Não será Londres, Max – repliquei. – Irei para Brístol, logo que me tiver libertado daqui... Por causa de minha peça – acrescentei.

– Oh! sim... eu tinha esquecido sua peça.

– Mas, definitivamente – afirmei a Pamela – esta é a sua última noite em Cliff End.

– Muito bem, Roddy – replicou ela. – Não se incomode. Há sempre a “Corça Dourada”.

Levantou-se, pronta a ir deitar-se.

– Por favor, espere – disse Ingram, indo examinar o vestíbulo e o patamar.

– Está tudo em paz! – gritou ele, lá de cima.

– Tudo isso é bem terrível para Ingram – declarou Pamela, ao deixarmos. – Tentem animá-lo.

Ela devia ter achado alguma coisa de consolador para dizer-lhe, pois ele parecia muito mais satisfeito quando voltou. Encarou-me, penitentemente, dizendo-me:

– Você tinha razão para estar bastante zangado comigo!

– Com você, não – respondi. – E peço-lhe desculpas por ter-me excedido tão absurdamente. Estou furioso comigo

mesmo.

– Eu devia ter avisado a senhorita Fitzgerald – sacudiu ele a cabeça.

– Estávamos avisados; Pamela sabia ao que se estava arriscando.

– Assim ela me disse. Falou-me que era interessante! Ela é a mulher mais intrépida...

E deteve-se, sem expressões, pela primeira vez.

– Por que incomodar-se? – interveio Max, com firmeza. – Pamela está bem.

Mas Ingram persistiu:

– Tudo isso significa para vocês muito mais do que eu imaginara. – Acrescentou, num tom de remorso. – Sua amiga, a senhorita Meredith, envolvida de modo tão horrível, e esta linda

propriedade, e o terrível perigo de
possessão... e eu tratei tudo como um
problema abstrato, inteiramente sem
coração... Não consigo dizer quanto o
sinto...

Antes que eu pudesse encontrar uma
resposta, Max interrompeu:

– Eu fui quem fez isso, Ingram!
Enganei-o o mais completamente que
pude! Roderick e Pamela têm vivido
aqui às voltas com fantasmas. Eu sabia
que seu temperamento de brisas alpinas
era justamente o que lhes faria bem. Se
você tivesse adivinhado que eles se
encontravam numa angústia real, não
poderia ter sido como um tônico. Não é,
Roderick?

– Naturalmente! Eu apreciava bem,

agora, como fora reanimador o jeito de Ingram e quão fortemente me teria feito mal uma atitude de condolência. Tentei convencê-lo disso:

– E você fez o que desejávamos; ajudou-nos a tomar nossa decisão.

Ele estava olhando para o fogo, com os cotovelos sobre a prateleira da lareira. Suspirou:

– Eu gostaria que fosse uma decisão bem diferente!

Depois, deu-nos boa-noite e deixou-nos, acabrunhado.

– Estou com pena de Ingram – disse a Max.

– Não esteja – replicou-me. – Ele é um companheiro encantador, mas necessitava desse mergulho em águas

fundas, creio. Tem chapinhado bastante alegremente no raso, penso eu. Vai fazer-lhe bem verificar que veio à tona das profundezas. Gosto dele.

– Também eu.

– E Pamela?

– É difícil saber.

Sentamo-nos, até que Max acabou de fumar seu cachimbo e depois fomos para nossos quartos.

Dormi como um bêbedo. Quando acordei, relutantemente, foi para encontrar o escritório cheio de luz e Lizzie, inclinando-se sobre mim, enorme de censuras.

– A senhorita Pamela não está passando bem – declarou ela.

Fui, pouco a pouco, tomando

conhecimento dos fatos. Lembrei-me de que era sábado. Estela estava indo para Brístol e nós íamos deixar Cliff End.

– Que é, Lizzie?

– Estou lhe dizendo que ela não passa bem.

– Que é que ela tem? – perguntei, subitamente, espantado.

Ela mandou dizer que está com dor de cabeça e teme que tenha de repousar; é para o Sr. dizer aos cavalheiros que ela sente muito e que não é nada em consequência da noite de ontem.

Aquilo era autêntico de Pamela. Ri, aliviado. Lizzie acrescentou, com um jeito portentoso:

– Foi isso o que ela mandou dizer.

– Mas acho que Elizabeth tem outro

ponto de vista...

Isso era estratégia do tempo de escola; chamá-la Elizabeth, quando assumia aqueles ares formidáveis. Mas isso não conseguiu quebrar-lhe a melancolia. Numa voz carregada de inquietação e censura, perguntou:

– Que é que andaram fazendo no quarto das crianças, na noite passada?

– Deus do céu! – resmunguei. – Não estava tudo direito?

– Sessões de mesa. Não é? – prosseguiu Lizzie. – Práticas malditas e excomungadas, bastante para tirar os diabos do inferno! Eu sei bem o que o padre pensa nessas evocações e sei o que ele me dirá, por ficar numa casa onde há gente que faz isso.

– Posso dizer-lhe, com toda a verdade, Lizzie, que não vimos diabos.

– Viram alguma coisa, ou ouviram alguma coisa – declarou ela. – Senão, por que é que os olhos da senhorita Pamela estão afundados como duas pedras na cabeça dela? Não, Sr. Roderick, eu estava desconfiada disso e agora tenho a certeza. E não vou suportar isso. É um ultimato.

– Que é que você quer dizer, Lizzie?

– Quero dizer que eu... que eu... – Ela voltou-se de costas e deu um puxão desnecessário nas cortinas. – Sr. Roddy – acrescentou, com uma voz embaraçada. – O Sr. devia estar envergonhado.

– Talvez eu esteja envergonhado.

Voltou-se para mim, com a face pesada de tristeza e perplexidade, pedindo:

– Por que não dá uma oportunidade ao padre Anson?

– Não falemos mais nisso, Lizzie.

– Mas ele quer...

– Eu não quero... Escute, Lizzie, você se deve incomodar por isso. Vai haver uma grande mudança em nossos planos. Se você não fosse uma mexeriqueira tão contumaz, eu lhe contaria mais alguma coisa. Você saberá, no tempo devido.

Ela o aceitou, com ar de dúvida.

Fazia uma cinzenta manhã, batida de vento. Ninguém descera ainda. Fui ver Charlie lá fora; estava dando os toques finais à cerca. Começou a tagarelar

sobre a bela sebe de macrocarpos que iria plantar nela. Detesto macrocarpos e falei-lhe que devia ser urze; depois, lembrei-lhe de que não ia haver mais cerca.

– Deixe isso – acrescentei. – Vá ajudar Lizzie lá dentro.

Surpreendido e ofendido, ele saiu.

Havia uma listra de luz sobre as pontas do norte, que flutuavam como ilhas iluminadas, em vaporoso mar – as ilhas dos bem-aventurados, Tir-na-n'Og. A não ser no auge do verão ou no mais sombrio do inverno, nunca se olharia dali dois dias seguidos vendo a mesma cena; as variações executadas pelo tempo e pelas estações e as horas do dia, as marés e os ventos, no mar, na

terra e no céu, eram infinitas. Durante todo o dia, a excitação da beleza mutável dominava os nervos. Pensei que preferiria morar numa cabana de pastor nas charneças do que viver a olhar para paredes.

Gaivotas, flutuando para a terra, impelidas pelos ventos, girando, guinchavam, a atirar-se sobre alguma coisa para além do penhasco. Ouvindo o grito de sua briga rouca, lembrei-me do quadro que Estela narrara das gaivotas ao pôr do Sol. “Era mágico” – dissera ela.

Como se sentiria Estela, ao chegar a um higiênico quartinho de dormir, na casa da senhorita Holloway; ao encontrar-se entre aquelas mulheres

tristes, desalinhasdas; ao viver sob o domínio daquela vontade de aço? Sentir-se-ia uma prisioneira, sem amigos?

Certamente, podíamos lembrar-lhe que tinha amigos! Qual era o nome daquela loja de flores em Brístol, onde havíamos comprado flores para Wendy? Não poderia fazer-lhe qualquer mal um envio de flores, sem um nome. Ela adivinharia; mas não escreveria. Poderia evitar-lhe uma onda de desolação. Ou iria – perguntei a mim mesmo, aflitivamente – atirá-la numa paz reprimida? Eu não sabia que fazer.

Fui telefonar para a casa de Scott, mas a governanta, exasperada, respondeu-me que, se fosse de novo o

Sr. Fitzgerald, tinha a dizer-lhe que o amigo dele estava melhor e ia viajar naquele dia.

Que esperava eu mais? Estela estava melhor. Isso devia ser bastante, mas a carga de apreensões pesava sobre mim ainda. Que seria preferível? Mais animação ou mais resignação? Afinal, eu supunha, não mais teríamos de enfrentar, ora uma fúria, ora uma santa, nem mais seríamos ameaçados por aquele destino fantasmal.

– “Withers” – o nome era Withers.

Achei o número em Brístol e telefonei. Uma quente voz de mulher respondeu-me. Aceitou minha encomenda e referências com interesse e prometeu enviar rosas sem nome ou

mensagem de qualquer espécie.

Max desceu e paramos no pórtico. Contei-lhe o que fizera e minha inquietação era tão grande que desvendi meus temores acerca do que Estela iria sofrer. Ele ouviu pensativamente.

– Ela não aturará isso muito tempo, Roderick – declarou. – É uma moça cheia de espírito; há de revoltar-se.

– Mesmo que o desejasse, que poderia fazer?

– Escrever a Pamela.

– Apreenderão suas cartas.

– Aquilo não é uma prisão.

– A desculpa será uma “cura de repouso”.

– Permitirão que escreva a seu avô.

– Não quer queixar-se ao avô: ele está doente.

– Ela fará alguma coisa; fugirá.

– Para onde? Proibimo-la de vir aqui e ela não quererá aborrecer o velho.

– Roderick, a moça tem dezoito anos!

– Há hotéis. Mandar-lhe-ei nosso endereço.

– Nunca o receberá.

– Ela deve ter amigos em alguma parte.

– Duvido que tenha. Além do mais, tirar-lhe-ão o dinheiro.

– Supõe realmente que o farão? – Max parecia atônito.

– Aquela Holloway é capaz de tudo. Acredito que ela matou Carmel – acrescentei.

Aquilo fora um belo derrame de pessimismo. Senti-me envergonhado. Max já se achava bem descontente por termos de abandonar Cliff End; isto agora parecia aniquilá-lo.

– É uma desgraça! – comentou.

A chegada de Ingram foi um alívio. Ele descera as escadas correndo, lépido como a manhã, tendo acesa uma excitação agradável nos olhos. A notícia de que Pamela estava repousando o desconcertou consideravelmente, mas apreciou a fórmula pela qual ela nos assegurara de que não se sentia pior em consequência da sessão. Depois do almoço, seu projeto foi revelado.

– Se sua irmã pensar em vir visitar sua prima em Dublin, isso seria uma

mudança de ares esplêndida, supõe que gostaria de viajar de avião? Você pode ir lá, muito bem, em duas horas, de Brístol. Talvez eu pudesse ter o prazer de viajar com ela? Isto é, se, por um acaso, ela pudesse ir dentro de uns oito dias.

Estava tão satisfeito com essa ideia que me entristeceu ter de dizer-lhe que sabia não ter Pamela a intenção de ir à Irlanda por enquanto.

Max cobriu seu silêncio prometendo enviar-me, imediatamente, um dicionário espanhol. Desejava uma cópia das notas que Ingram tomara, mas Pamela as guardara dentro de seu diário, no seu quarto.

Quando Lizzie veio tirar a mesa

declarou que Pamela ainda dormia. Repeti o recado de Scott, dizendo-lhe para comunicá-lo a Pamela, logo que esta acordasse. Às onze horas, quando devíamos levar Ingram a seu trem, ela dormia ainda.

Ingram não pôde recuperar o ânimo. Sentou-se no carro, olhando para a casa com o olhar saudoso de uma criança enviada de volta para a escola. Também Max se sentia deprimido.

O trem de Ingram para Brístol sairia da estação de Bideford às onze e trinta e cinco. Max, que regressava a Londres, declarou que não passaria a manhã num trem; decidiu dar uma volta pela estrada, até a estação, merendar num café e sair às três e quinze. Pôs sua maleta no fundo

do carro. Justamente então o telefone tocou. Era Peter Carey, ardendo por causa da visita de Pennant. Respon-di-lhe que não podia esperar e enviei Max ao fone.

– Boa sorte, Roderick! – desejou Max. – Judite e eu poderemos juntar-nos a vocês na “Corça Dourada”.

Ocorreu-me que ele talvez encontrasse Estela na estação e estava torturado entre a ansiedade de enviar por ele uma mensagem e a convicção de que ela não devia ser incomodada. Acabei, afinal, nada dizendo. Deixei-o a escutar Peter com uma careta de satisfação.

Ingram, durante a viagem, esteve bastante silencioso; quando falou, foi

acerca da casa.

– Muitas vezes, os assombramentos fazem pouco mal, ou nenhum; de vez em quando, atemorizam uma criança, ou uma criada; mas este é tão forte e a senhorita Fitzgerald é tão sensitiva... Estou certo de que vocês estão fazendo a única coisa possível.

Quando subimos ao topo do Tor, parei o carro por um momento, tão bela era a paisagem. O mar estava recortado, cintilando, de estrias de prata, e uma franja de prata orlava o Lundy. O Sol estava encoberto por vasta nuvem, quase negra, tendo a orla superior fulgurantemente branca: nergas alargadas de luz, filtrando-se dentre ela, apanhavam uma ponta de terra e

mantinham-na num brilho aéreo de ametista.

– Belo! – exclamei. – E como Max o contempla!

Ingram fez uma pausa, antes de responder, e declarou depois:

– Concordo com Hilliard em que isto deve ser magnífico, pelos meados do inverno.

– Eu desejaria convidar você para o Natal em Cliff End – repliquei. Ele olhou-me com agradecimento.

– Se estiverem em algum lugar onde possa juntar-me a vocês, permitem que o faça? Isto é, se não nos encontrarmos antes na Irlanda...

Mostrou o primeiro sinal de desconfiança ao perguntar isso e fui

capaz de responder com cordialidade.

Durante os poucos minutos restantes, conversamos, do modo mais animado, sobre os estranhos lugares e pessoas que ele encontrara no decurso de suas pesquisas.

— Nunca imaginei — disse-me — que fantasmas me dessem tão grande prazer como o que senti nesta visita. Por favor, apresente minhas melhores recomendações à sua irmã. Ela prometeu informar-me de como andam as coisas. Dê-lhe meus agradecimentos. Diga-lhe que de novo pecarei para ser perdoado tão graciosamente.

Quando o trem se foi, senti ter perdido Ingram; sua vitalidade fora estimulante. Max já teria partido,

também, quando eu chegasse à casa e, à noite, Pamela e eu dormiríamos na estalagem. Estela estaria a cem milhas de distância.

Examinei o horário na estação. O trem da tarde saía às cinco e quinze. Eu não devia vir à estação. Não devia guiar o carro pela Avenida e olhar para Wilmcote. Segui diretamente para casa. Ao passar pela “Corça Dourada”, hesitei. Deveria reservar quartos para aquela noite? Pamela poderia não se sentir bastante bem para sair; poderíamos arranjar tudo pelo telefone.

Pamela, muito melhor, apoiava-se em travesseiros, no quarto semiobscorecido, quase sem dor de cabeça.

– Foi um incidente – confessou-me ela. – Tinha ficado acordada até depois das cinco. Estou triste por causa do Sr. Ingram, Roddy... Quero uma noite de suspensão da pena...

– Concedido – repliquei – com a condição de que você não saia deste quarto.

– Estou ocupada demais para mover-me. Quero apenas pensar. Estivemos terrivelmente, loucamente enganados.

– Vamos parar com isso, Pamela! Não vou começar tudo isso outra vez!

– Mas, Roddy, eu estou!... Há esperança...

– Não canse a cabeça com isso, Pamela. Não servirá para coisa alguma e você irá exaurir-nos a ambos.

– Muito bem, nada direi enquanto não tiver certeza. Conte-me o que há de novo. Oh! Max subiu e veio falar-me a respeito de Peter. Existe alguém igual a Max?

Dei os recados de Ingram o melhor que me foi possível, dizendo recear que eles tivessem perdido um tanto de elegância durante o trajeto. Ouviu com um semissorriso.

– Que estaria ele querendo dizer com aquilo de pecado e perdão? – quis eu saber.

– Oh! suponho que foi quando ele estava preocupado, ontem de noite. Foi realmente má sorte dele e você não foi tão delicado como devia ser.

– Ora, gostei muito daquilo! Meus

dentes rangiam de irritação e você queria que me contivesse!

– Você não se conteve! Ele estava fazendo o que podia por nós e você tratou-o como... como...

– Como o que, em nome de Deus?

– Oh! – riu ela – como bichinho numa caixa, enfiando-lhe a cabeça para dentro quando ele a punha para fora.

– Não fiz isso. E ele andou só com a cabeça de fora.

– Vá embora, Roddy! Você é que está fazendo minha cabeça doer.

– Oh! muito bem! Mande buscar-me quando precisar enfiar as unhas em alguém.

Pamela encarou-me com dignidade.

– Quando mandar chamá-lo –

redarguiu – será para fazer-lhe uma
comunicação da mais elevada
importância.

VOLTA

Passei uma tarde horrível. Depois de merendar sozinho, rasguei papéis, embrulhei meu manuscrito, escrevi cartas de negócios, e fiz listas de numerosas coisas a serem ultimadas com o fechamento da casa. O lugar não podia ser usado sequer para depósito, pois seria roubado facilmente; tudo tinha de ser despachado. Mas, para onde? Onde iríamos morar? Durante algumas semanas, alugaríamos quartos mobiliados em Brístol; mas eu nada podia fazer sem livros e maços de papel. E para onde iríamos, depois de

Brístol?

Não podia imaginar como, entre todos aqueles problemas e trabalhos, acabaria minha peça a tempo. Pamela ficaria comigo, mas Lizzie... Não poderíamos ficar com Lizzie. Seria mau para ela.

Quando veio trazer-me o chá, ela me disse:

– A senhorita Pamela quer jantar só uma omeleta. O Sr. quer uma costeleta?

– Não, Lizzie – respondi. – Quero também uma omeleta e eu mesmo vou fazê-la: uma omeleta de queijo. Sei fazê-la muito bem, e vou fazer também para ela, pois não confio no que você cozinha quando ela não está de boa saúde.

Ansiei em vão pelo forte riso de Lizzie. Ela permaneceu tão grave como

Buda.

– Não vou sair esta noite – anunciou ela.

– Oh! mas Lizzie, você deve sair! Aqui você ficará nervosa!

– Posso ser encontrada morta em minha cama, tesa de terror, pela manhã, talvez, e vocês serão culpados de minha morte.

– Meu Deus! E por que você não sai?

– Porque não confio em vocês. Não tenho confiança em vocês quando lhes viro as costas.

Então era aquilo! Lizzie estava-se preparando para ficar e proteger-nos contra os diabos saídos do inferno.

– Lizzie – repliquei – você me venceu. Se lhe der minha solene palavra

de honra que nada faremos esta noite que o padre não aprove, você sairá?

Ela soltou um imenso suspiro de alívio.

— Benza-o Deus, senhor Roderick, sairei.

Desci à sala de visitas para reunir livros. Era curioso, refleti, que os quartos que utilizávamos todos os dias não parecessem ser assombrados. Naquele belo aposento não houvera incômodos. Desejei que Pamela não começasse de novo com indecisões; era inútil, debilitante, e minha decisão fora irrevogavelmente tomada. Comecei a trabalhar numa crítica e acabei-a quando o Sol se pôs. A chuva caía num dilúvio e o som de passos lá fora me

surpreendeu. Seria Scott? Prometera vir domingo. Era o padre Anson, que se vinha arrastando sob um enorme guarda-chuva, ao qual se agarrava com ambas as mãos, lutando contra as rajadas de vento. Corri para abrir a porta e ele precipitou-se dentro de casa, ofegante, ansioso e desconfiado.

– Posso entrar? – perguntou. – O Sr. passa bem? Ia fazer alguma coisa?

Pude falar-lhe, com toda a sinceridade, que estava deleitado por vê-lo. A ansiedade no seu rosto, porém, não se dissipou. Seus olhos cavados pesquisaram-me a face. Falou, com gravidade:

– Espero que a senhorita Fitzgerald passe bem.

Disse-lhe que ela ficara de cama com uma dor de cabeça, mas estava melhor. Ele sentou-se, parecendo aliviado:

– Sinto-me muito satisfeito por saber que ela não está doente – sorriu – e se tiverem de me dizer que sou impertinente, prefiro ouvi-lo do senhor sozinho.

– Ninguém dirá isso do senhor.

– Se os senhores fossem da minha religião, teria sido meu dever, como padre, vir; mas, como não são, minha visita será realmente uma intrusão, a menos que possam aceitá-la como a de um amigo.

– Obrigado, padre Anson. Minha irmã e eu precisamos de amigos, justamente agora.

– Era o que receava.

Não pude deixar de sorrir; era evidente que os mexericos sobre nossas “práticas endemoninhadas” lhe haviam chegado aos ouvidos. Passei a pensar no futuro.

– Não é tão sério como o senhor imagina – confessei-lhe. – Eu gostaria de explicar. Mas, primeiro, deixe-me deduzir: Lizzie contou a Charlie; Charlie contou à senhora Jessup, que o repetiu a... deixe-me ver...

– Ao filho do dono do armazém – colaborou padre Anson, com um sorriso – que contou à minha criada, a qual, por sua vez, relatou-me. – Ele ficou subitamente grave. – A despeito de minha advertência, os senhores se

sentiram levados a fazer isso – acrescentou.

– Foi um último recurso.

– E mostrou-lhes isso como dar descanso aos espíritos?

– Não.

– Nem poderia. Mas agora eu tenho grande esperança de ajudá-los. Chegou a permissão do Bispo.

A tenacidade do padre era embaraçosa; eu, afinal, devia tornar-lhe claro que o exorcismo estava fora de questão. Declarei:

– Desejaria que o senhor não tivesse incomodado o Bispo; o Sr. vê...

Interrompeu-me com um gesto.

– Eu sei! Eu sei que a permissão deve ainda ser obtida de uma fonte que – e

sorriu muito levemente – que lhe parece mais importante. Meu passo imediato será obtê-la.

– Estela Meredith vai hoje para Brístol – disse eu.

– A viagem a Brístol não está além das minhas forças.

– É muita bondade sua, padre Anson, mas, creia-me, é melhor que ela esqueça isso. Ademais, não se precisa fazer mais nada agora por causa das assombrações; decidimos abandonar a casa.

– É uma decisão penosa.

– Não temos outra alternativa.

Inclinou a cabeça por um momento, pensativo. Esperei que não voltasse a seu tema, mas voltou. Olhou-me inquisidoramente.

– Desculpe-me, Sr. Fitzgerald, mas vou ser um pouco persistente a esse respeito. Não estou pensando apenas em sua bela casa, por mais dolorosa que seja a sua perda, mas naquela infeliz criança. Irá ela passar o resto da vida sob o peso do pensamento de que nesta casa está o espírito de sua mãe, com essa crença terrível e blasfema? Ele enrubescera de veemência, mas de novo se suavizou, prosseguindo docemente:

– Eu conheci a mãe de Estela; penso que posso dizer – hesitou – penso que posso dizer que fomos amigos. Deixei de cumprir meu dever ao perder contacto com sua filha. Eu devia visitar Estela; pretendo fazê-lo e estou ansioso de saber se, caso eu consiga que ela

concorde com a ideia do exorcismo, o senhor e a senhorita Fitzgerald consentiriam.

Fiquei triste. Sentia-me atraído para o padre Anson e gostaria de conservar sua amizade, mas que poderia eu dizer? Se lhe dissesse alguma coisa, seria a verdade. Aqueles velhos olhos de há muito compreendiam a natureza e as fraquezas dos homens. Ele veria, sob qualquer raciocínio, qualquer pretexto fictício, o filho de Adão, o herdeiro do pecado original.

Relatei alguma coisa do que dissera a Max, expliquei a situação de Estela e repeti o que Scott narrara. Ele ficou acabrunhado e, inclinando a cabeça, seus lábios se moveram numa oração.

– Deus me perdoe – exclamou, de súbito. – Terei chegado tarde demais?

– Certamente – protestei – o senhor não tem responsabilidade alguma.

Ele não replicou. Para distraí-lo, comecei a falar sobre a sessão e a descrever o transe de Pamela. Mas Lizzie entrou, demonstrando intensa satisfação, para dizer que Pamela esperava que o padre Anson a fosse ver antes de sair. Subimos imediatamente.

Pamela estava sentada, com sua elegante blusa de fitas. Seu quarto parecia acolhedor, com lâmpadas acesas e as cortinas impedindo a entrada da tristeza externa. Folhas de manuscrito estavam espalhadas na cama. Saudou calorosamente o padre Anson,

adiantando que estava completamente curada e tivera um dia cheio de trabalho.

– O Sr. sabe espanhol, padre? – indagou ela.

Ora, por que não havia eu pensado nessa possibilidade?

– Costumava saber – replicou ele.

Ela passou-me as notas de Ingram.

– Pode lembrar-se de como era a pronúncia, Roddy? Leia as palavras. Padre Anson – explicou ela – estas são as palavras que eu disse na noite passada, quando estava em transe.

Ele sacudiu a cabeça, repreensivamente. Não obstante, seus olhos se iluminaram de interesse e ouviu com sofreguidão; enquanto eu reproduzia as sílabas, o melhor que

podia: *Niña mia; chies, guapa*, e as outras.

Tomou-me o papel:

– Estas são simples palavras de carinho; diminutivos, tais como “minha querida”, “meu bebê”, “minha filhinha”, as palavras de uma mãe para sua filha.

Os olhos de Pamela saltitavam. Foi c que eu imaginei!

Ela encarou o padre e perguntou-lhe:

– Carmel teve uma filha?

Ele examinou o papel, como se não tivesse ouvido, e, depois de um momento, replicou vagamente:

– Carmel veio da Espanha. Conheci somente poucos meses de sua vida. Muitas coisas podem ter acontecido em sua terra, sem que ela me contasse.

Pamela sorriu e colocou o papel a um lado.

– Bem – disse ela – o senhor não pode ter objeções a responder a isto. Quando conheceu Carmel pela primeira vez, era ela uma moça gentil, afetuosa?

– Creio que sim.

– Seu gênio, suas paixões, eram tão terríveis como dizem?

O padre sorriu:

– Vi Carmel uma vez zangar-se com a minha criada; era como uma criança colérica, infeliz e chorosa.

Ouvi Lizzie arrastando-se pela escada e saí para ajudá-la a trazer a pesada bandeja. Aquela tagarelice de Pamela estava-me aborrecendo bastante. Nada disso tinha mais importância. Que me

importava se Carmel deixara uma criança na Espanha? Não era Carmel com seu choro que nos estava mandando embora.

Lizzie trouxe ao padre Anson chá, sanduíches, e um prato de bolos de batata com manteiga. O homem devia estar faminto, pois foi evidente o prazer de seu rosto, quando colocamos a bandeja em frente dele.

– Bem Lizzie – disse ele, piscando os olhos – eu estava mesmo pensando numa terrível nova penitência para os mexericos, mas, você sabe, acredito que vou perdoar-lhe.

Ela deu uma risada:

– Aquele Charlie!... Bem, padre Anson, não posso dizer, em consciência,

que esteja arrependida pelo que o trouxe a esta casa. Não se esqueça dos bolos de batata, estão pingando de manteiga. Olhe, trouxe-lhe um guardanapo; ponha-o nos joelhos.

Enquanto o padre Anson se deleitava com a refeição, Pamela o atropelava com ansiosas perguntas. Ela estava altamente excitada e expressava-se sem restrições.

– Roddy, fomos cegos como toupeiras! Carmel era uma moça amável, afetuosa e simples, e Mary – e sua voz assumiu um tom de ira – Mary era uma pretensiosa, fria, rígida e tacanha!

Padre Anson lançou-lhe um olhar de advertência:

– Minha filha, *de mortuis...*

– O senhor concorda.

– Meu Deus, Pamela, que é que você está pensando? – exclamei. – A admiração de todos por Mary chega quase à idolatria!

O padre concordou:

– Mary Meredith inspirava fortes sentimentos.

A face de Pamela se endureceu:

– Mary Meredith era uma egoísta, hipócrita, que só pensava em si.

– Que pode fazê-la pensar tão severamente assim? – perguntou o padre Anson, atônito.

– O que é que o senhor pensa, padre, de uma mulher que deixasse uma criança no escuro, chorando de terror, e lhe recusasse uma luz?

– Ela possuía seu próprio sistema de disciplina.

– Isso mesmo: um sistema seu de disciplina! Seu código de leis para os outros. Ela adotava um método próprio de dirigir os caracteres deles, um plano próprio para salvar-lhes as almas. Belo sistema: sujeitar uma criança ao terror e uma jovem de sangue ardente à tentação, a fim de que ela pudesse observar, guiar e desempenhar o papel de anjo da redenção! Mandar seu marido à perdição, só para que ela mostrasse sua “infinita magnanimidade!

Eu estava perplexo; mas o mais divertido era a descoberta de que alguma obscura parte de meu cérebro havia sentido aquilo acerca de Mary,

durante longo tempo. Como Pamela o descobrira?

– Não falemos de “venenos” – declarei.

Pamela, exausta, recostara-se nos travesseiros e sorria para o rosto repreensivo do padre Anson.

– Começo a temer – disse ele com seriedade – que a senhorita não se tenha ainda curado completamente do transe. Oh, minha filha, aquilo foi tão perigoso, tão mal feito! E agora – sorriu ele – não posso ficar aqui sentado ouvindo tais conversas amargas. Devo deixar intactos estes deliciosos sanduíches?

– Muito bem, não continuarei; mas creio que, no íntimo, o senhor concorda comigo.

O padre Anson asseverou, refletidamente:

– Concordo, até este ponto: penso que Mary, como muitas mulheres nobres e virtuosas, punha um freio indevido, às vezes, sobre a natureza humana.

– Isso me serve perfeitamente – adiantou Pamela.

Quando o padre acabou sua refeição, levantou-se, dizendo:

– Acho que tenho de fazer as vezes de um mendigo: comer e ir-me embora.

Parecia tão cansado que desejei poder levá-lo de carro à casa e assim lho disse, explicando que era tarde demais para deixar Pamela sozinha.

– Isso não seria bom – concordou.

Ficou ao lado da cama, segurou-lhe a

mão e implorou-lhe que não tomasse parte em mais sessões, acrescentando:

– É justamente porque a senhorita tem um espírito tão ardente e uma imaginação tão divagante, que isso é coisa muito perigosa.

– Espero que estejamos chegando ao fim de tudo isso – replicou ela e agradeceu-lhe calorosamente por sua visita e seus cuidados.

Lizzie, sentada no vestíbulo, esperava a hora de sair. Observei-os andarem na chuva pesada e na noite, com o imenso guarda-chuva do padre Anson a proteger a ambos; depois, corri para cima. A porta de Pamela estava fechada. Bati.

– Eh, mulher, que negócio é esse?

– Dir-lhe-ei na ceia – respondeu ela.

– Estou me preparando. Seja bonzinho e abra-me a torneira do banheiro. Principie a fazer a omeleta quando eu tocar a campainha.

Minha omeleta estava entre nós, na travessa azul, cheia e lisa. Cortei-a cuidadosamente e ela não minguou.

– Delicioso, Roddy! – exclamou Pamela. Leve como espuma amarela de maré!

Vestida de vermelho, com reflexos cor-de-rosa colorindo-lhe as faces, Pamela não parecia que há pouco estivera doente, mas eu ainda estava sem saber como interpretar a alegre excitação que lhe brilhava nos olhos. A última coisa que desejava era vê-la entregando-se, uma vez mais, a

esperanças que estavam condenadas a falhar.

– Espero – adiantei – que você tenha alguma desculpa racional para parecer tão satisfeita.

– Roddy – ela tornou-se muito séria – não estou satisfeita. A verdade é que estou extremamente nervosa.

– Nervosa? Por quê?

– Porque não sei como dizer-lhe isto. Desejo tão intensamente que você o acredite! Se você acreditar tudo ficará mudado.

– Pamela, tenha juízo! Que poderá mudar? Mesmo que você tenha explicado Carmel e seu choro, e eu o duvido, não posso dedicar minha vida a pesquisar orfanatos na Espanha, na

França e na Inglaterra, em busca de um enfeitado abandonado há muitos anos. E, em qualquer caso, não é Carmel que importa: é Mary. Nada altera o fato de que sua assombração é insuportável.

Pamela olhou-me perplexa. Estava dominada por uma excitação impulsiva, mas desejava agir com tato. Suspirou.

– Eu queria que você mesmo descobrisse isso.

– Descubrisse o quê?

– Eu queria que você pudesse ver que todo preconceito contra Carmel é extremamente injusto.

– E isso tem importância?

– Tem enorme importância. Oh, Roddy, ela foi tão maltratada! Essa gente ignorante! Só porque ela era

alegre e estrangeira e sabiam que havia sido seduzida uma vez! Os Jessups tê-lam adivinhado. Ela foi seduzida, mas era fiel: amou Meredith lealmente até o fim; mas suponho que a descrevem como uma mulher leviana.

– É assim mesmo que a descrevem.

– Depois, a senhorita Holloway! O ciúme que a senhorita Holloway tinha de Carmel era doentio. E Mary não tinha, absolutamente, pena dela.

– Mas, meu Deus, Carmel matou ou não matou Mary?

– Não matou, Roddy! Foi a árvore! A árvore feriu Mary, como feriu a você.

– Ora! por que não pensei nisso? E isso, por assim dizer, saltando-me aos olhos.

– A senhorita Holloway o sabia; sabe-o e mente; mente a si mesma, para salvar sua consciência, aniquilada pela morte de Carmel. E Mary sabe-o e mente, mesmo agora.

– Você está me dizendo que os fantasmas pregam mentiras?

– Foi o que Carmel tentou dizer-nos, quando interveio na sessão. Ela não sabia soletrar a palavra inglesa “*lie*” (mentira) e por isso escreveu LI, LI.

– Palavra que é engenhoso.

– É simples. Todas as duas vezes isso surgiu imediatamente depois de Mary comunicar que Carmel estava tentando fazer mal a Estela. Ninguém está tentando fazer mal a Estela.

Levantei-me e passeei pelo quarto.

Agora, eu estava interessado; aquilo era impressionante, ainda que não nos auxiliasse. Pamela, sôfrega, olhava-me com um ar de apelo.

– Tente afastar de seu espírito todos esses preconceitos e calúnias contra Carmel; tente ver que ela era uma moça gentil, fiel e bondosa. Você não sente isso, Roddy?

– A fisionomia do quadro “Aurora” é encantadora – admiti.

– E assim é a face que eu vi. Gostei dessa face. E padre Anson também: conheceu-a e gostava dela.

– Sim, imagino que sim.

– E aquele choro solitário? A voz é suave e lastimosa, não é?

Sim, refleti, isso era inteiramente

verdade; além do mais, a voz com que Pamela, em transe, falara aquelas palavras de carinho, era a voz mais suave e terna que eu já ouvira. Mas, por que, imaginei, por que insistia ela tanto sobre isso?

– E pense agora em quanto ela sofreu! Pense nela, na Espanha, jovem, alegre, apaixonada. Meredith a fez feliz ali. Depois, chega Mary, fria, britânica, estranha, tendo também algum dinheiro e uma casa. Creio que ele estava cansado de uma vida nômade. E casam-se. Isso não quebrou o coração de Carmel? De qualquer modo, ela o perdoou. Em vez de perdê-lo de vista, tornou-se criada de Mary. Creio que ela apenas pretendia ser boa; desejava apenas, depois de

tudo, ser o modelo dele. Mas ele a seduz. E depois, a filha dela, que ela adorava, é-lhe retirada, e quando ela volta...

– Cale-se, Pamela!

Eu estava hirto. O mundo rodava para trás.

– Pelo amor de Deus, que é que você está tentando dizer-me? A filha dela? Estela? Estela é filha de Carmel?

– Sim, Roddy; você não vê?

Tentei pensar, mas não podia. Não podia ver nada, nada mais a respeito de Estela, ou de Carmel, ou de Mary. Toda a lógica tombava no caos. E só sabia que o vento gemia desoladoramente, que a chuva se estraçalhava no telhado da estufa e que Estela estava a cem milhas

de distância. Coloquei achas no fogo e sentei-me no tamborete, tentando ver claro em tudo isso. Havia uma multidão de razões pelas quais isso não podia ser verdade.

– A senhorita Holloway deve tê-lo descoberto – argumentei – e ela não ficaria 10 anos cuidando da filha de Carmel.

– Ficaria, por causa do “exorbitante salário”. Mas não creio que ela soubesse.

– E em Paris?

– A criança foi separada da mãe logo que nasceu; então, só Mary estava com Carmel.

– Bom Deus! E o padre Anson?

– Carmel pode ter confessado que

teve uma filha mas nunca lhe disse que era a de Meredith. Não sei. Não creio que ele soubesse, durante todos esses anos, mas agora penso que adivinhou.

– Isso explica seu súbito interesse por Estela.

– Sim.

Sentei-me, a pensar nisso, durante longo tempo, em silêncio. Pamela acendeu o fogo para o café e depois sentou-se, enrolada, na cadeira, tão confortável e recurvada como um gato, como se todas as suas inquietações tivessem findado. A chuva diminuía, mas o gemido do vento continuava. Ia ficando tarde. Pamela acrescentou:

– Se vai tudo bem no patamar, vou tentar alguma coisa. Quero pôr o

aquecedor de óleo lá em cima, para ver se seu calor afasta aquele frio. Você quer ir espiar?

Fui ao patamar. Não havia frio, nem neblina. Um fraco gemido soava pela casa, mas bem podia ser do vento. Desci e informei Pamela de que tudo ia bem: por um instante, deixou-me sozinho no aposento. Eu necessitava acreditar naquilo: apreciava-o. Se Estela nada tivesse da natureza de Mary, se aquelas pequenas inibições tímidas fossem todas impostas, se ela tivesse um sangue meridional, quente e impetuoso... Contemplei novamente o quadro chamado “Aurora”. Era uma face encantadora; um abismo profundo de amor e doçura se mostrava através

daqueles olhos escuros... Só por um instante, quando se sentara na cama, no quarto de Pamela, Estela tivera um olhar tímido, macio... E havia alguma coisa na posição das orelhas e na curva dos lábios... Mas quando Pamela voltou, um impulso de orgulho, dominou-me. Escarnei de sua ideia de deter um fantasma com um aquecedor.

– De qualquer modo, ele está aceso – replicou ela, alegremente. – Roddy, você não se convenceu?

Eu não ia ceder daquele jeito. Passeei para um lado e para outro.

– Isso é puro melodrama – declarei. – Uma mulher não adota a filha de seu marido e de outra mulher. É muito rebuscado.

– Mary era rebuscada; isso era exatamente o que ela faria.

– Não vejo por que motivo.

– Para conservar Meredith, naturalmente! Ele estava se aborrecendo. A Espanha o atraía, Carmel o adorava e ele gostava da criança.

– E Mary fez isso para inclinar a balança em seu favor?

– Perfeitamente.

– Mas Carmel entregaria sua filha?

– Que futuro teria ela, se a despedissem? Provavelmente, já perdera a sua beleza. Um modelo de artista com uma criança para criar! Meredith não a sustentaria e Mary não a pouparia. Não pode você imaginar a

grande cena da persuasão? “Que pode fazer você pela criança, você que não passa de uma pobre exilada? E nós lhe daremos uma vida tão bela!”

– Você devia começar a escrever peças.

– O fato de uma coisa ser dramática não quer dizer que não seja verdadeira.

– Oh! eu acredito.

– Deveras Roddy?

– Quase.

– É hora de jantar na jaula do leão. Deixe de andar assim. Você me distrai.

– Oh! Está bem.

Sentei-me do lado oposto a ela, da outra banda da mesa de café, e disse:

– Vou interrogá-la de novo, se concorda.

Ela riu:

– Pobre Sr. Ingram, estamos a esquecer-nos dele.

– Ele vai surgir de novo. Agora, ponto A: a reputação de Mary. Não é em vão que uma mulher adquire o renome de ser quase uma santa.

– Quais são as pessoas que admiravam Mary? Todas elas, pessoas que *precisavam* disso, Roddy. Veja os Jessups e os da mesma espécie. Eles querem estar em boas relações com esta casa, e ficariam impressionados, definitivamente, com uma bela face, maneiras graciosas e modos senhoris e liberais. Ela era o que se chama uma “senhora bondosa”, não o duvido.

– Oh! então você concede a Mary

algumas virtudes?

– Todas as sete virtudes capitais, Roddy! Todas as virtudes egoísticas, frias, presumidas.

– Bem, concedo-lhe os Jessups. E a senhorita Holloway, suponho...

– A senhorita Holloway é do tipo de Mary; são aves da mesma plumagem, de penas brilhantes a adorná-las, mas sem bastante humanidade natural entre elas para confortar uma criança amedrontada.

– Isso é o que lhe deu a pista – respondi, numa careta.

– Isso mesmo! Foi o que me fez, subitamente, adivinhar. Bem, olhe aqui! Quando a senhorita Holloway encontrou Mary pela primeira vez, que era ela? Um fracasso com suas teorias

avançadas, um bom punhado de ambições e nenhum vintém para realizá-las. Mary partilha de suas teorias, e Mary tem dinheiro para que elas se concretizem.

– Concordo com isso, naturalmente.

– Então, veja só! A senhorita Holloway *precisava* amar e admirar Mary; ela não queria considerar-se como uma hipócrita e necessitava de uma desculpa bela e virtuosa. Devotamento pessoal! Aí está!

– Você é cínica!

– E você um céptico cego.

– E como se arranja com o Comandante?

– Pobre homem! Também acreditava no que gostava de pensar!

– Eu sei: ele *precisava* pensar que sua bela Mary era perfeita!

– O Comandante não tinha outra pessoa e, além do mais, ela partilhava de seu modo de ver as coisas, completamente. Ela era admirável, no seu temperamento gélido.

– Está você voltando à ideia de que o frio provém do temperamento do fantasma?

– Estou.

– E vai me dizer que Mary está “ansiando por vingança?”

– Não; o que Mary prefere é perdão.

– Você a descreve como um tipo estranho. Não estará inventando muito?

– Não estou, Roddy. Pense nas coisas que sabemos acerca de Mary: deixar

Carmel na casa, depois que descobriu... Ela devia ter *necessitado* de que aquilo prosseguisse. Pense no que ela fez quando Carmel regressou, desesperada! Você não a pôde ver, você não a viu, realmente, inclinada sobre o balaústre a olhar para aquele rosto devastado, sorrindo depois, imaginando o que poderia fazer? Mandar Carmel embora? Não, conservá-la, deixar que Meredith a pinte; deixar que ele contemple e torne a contemplar aquela face marcada pela morte! E depois... lembra-se? Imagina?... depois foi Mary quem chamou Carmel ao *studio*, na última tarde, para mostrar-lhe o que ele havia feito.

A voz de Pamela vibrava.

- Você a transforma num demônio.
- Numa provocadora de naufrágios; pior do que a sua Bárbara.
- Palavra, sim, é espantoso!
- Não estou tão certa: era estranho, você entregar-se a esse trabalho, com uma avidez que nunca dedicou a nada...
- Pensa que a atmosfera da casa pode explicá-lo?
- Não sei... o motivo é diferente, porém.
- Não, não é. Em Mary, é também o amor do poder, embora de um poder de outra espécie.
- Bárbara gosta de ver os naufrágios; Mary gosta de socorrer, eis tudo.

O café estava muito forte e borbulhava, sem que lhe déssemos

atenção. Enchi uma xícara e fiz uma saúde a Pamela:

– Você é melhor caçadora de fantasmas do que Ingram.

– Ele não conhecia Carmel, não vira Carmel, não foi Carmel, como eu *fui*, a noite passada.

– Desejava que ele e Max estivessem aqui.

– Roddy... nós não poderíamos contar-lhes.

Ficamos silenciosos por um instante, meditando nas consequências de tudo aquilo.

O relógio bateu as dez horas e meia. Lá fora estava tudo mais quieto, mas eu ouvi aquele som baixo e lastimoso, que bem podia ser o gemido da pobre

Carmel, ou o vento.

– Espero que o Comandante nunca o tenha suspeitado! – exclamei.

– Oh! Roddy, nem se deve pensar em tal coisa.

– Seria cruel.

– Tudo isso é cruel. Pense na crueldade que há para Estela, desde que ela nasceu. Você bem pode ver nela a natureza de Carmel, não é? A alegria impulsiva, a afeição, o calor? E tudo isso abafado, recalçado, reprimido...

Pamela falava com amargura, mas depois sua face se amenizou, acrescentando:

– Penso que, quando ela souber, será um agradável alívio.

– Não podemos contar à Estela –

exclamei.

Pamela encarou-me, com os olhos muito abertos.

– Não contar a ela?

– Naturalmente! Depois de haver passado todos esses anos idolatrando Mary como sua mãe... seria um choque pavoroso.

– Mas não podemos deixar que ela viva sob tal mentira.

– Nunca poderemos contar-lhe.

– Você poderá enfrentar Estela e conservar essa mentira deprimente, Roddy? Além disso, a distorção, a mutilação...

Não ouvi o resto do argumento de Pamela porque estava prestando atenção àquele gemido, que se erguia e

desfalecia, ora abalado, ora um longo e baixo lamento. Não era o vento. Levantei-me.

— Escute isso — interrompi asperamente. — Nós conhecemos tudo isso. E de que vale? Para onde nos leva? Escute isso! Que podemos fazer?

Pamela levantou-se também, tremendo um pouco.

— Devemos contar a Estela. Carmel deseja que ela saiba. Ela não pode suportar que sua própria filha acredite em todas essas calúnias e mentiras, sem saber que é sua filha! Estou certíssima de que é por isso que ela permanece aqui. Pergunte-lhe Roddy. Tente de novo com o copo! Talvez eu seja capaz de ficar em transe outra vez. Pergunte-lhe e

ela responderá por meu intermédio.

— Não! — exclamei violentamente. — Não quero que se conte a Estela! Não tocaremos no copo, nem você entrará em transe. Deixaremos esta casa amanhã.

— Mas isso não será necessário! Podemos dar um fim a isto agora! Oh! Roddy, você então não vê que sua Mary só aparece por causa de Carmel, por medo de que esta diga a verdade? Estou certa disso, *inteiramente* certa. Se pudermos satisfazer Carmel e ela se for, Mary desaparecerá também.

Era essa uma ideia perplexificante. Estaria realmente a chave de todo o mistério em nossas mãos? Se estivesse, como a usaríamos? Perdi-me em pensamentos, tentando desenredar essa

nova teia, quando o telefone tocou. Não era Scott; era Max.

– Estou acabando de chegar à casa. Como vai Pamela? – perguntou ele.

– Otimamente – repliquei. – Estou satisfeitiíssimo por você ter telefonado. Ela acaba de coordenar uma teoria impressionante. Mas, espere, você já devia ter chegado aí muito antes; que é que o reteve?

Um riso curto e embaraçado veio pelo fio.

– Creio que foi aquela nuvem – asseverei. – Max, você perdeu o trem!

– Apreciei a nuvem e perdi o trem – respondeu ele, com voz divertida. – Mas perdi-o de propósito. Estela estava me preocupando muito.

– Estela!

– Sim, Roddy. Fiz uma coisa horrível.
Não sei o que você irá dizer...

Afastei o fone para que Pamela, que estava perto, demonstrando ansiedade, também pudesse escutar. Ela fez um aceno:

– Estou ouvindo.

– Bem – prosseguiu Max – pensei que poderia ser uma boa ideia ver Estela; ela não iria tomar o trem das três e quinze, mas achei que eu podia esperar pelo trem da tarde e fazer baldeação em Taunton. E foi o que fiz. Ela veio com aquela matrona. Estela parecia muito mal.

– Doente?

– Como que aterrorizada.

Aterrorizada, aniquilada e desesperada.
Fiquei satisfeito por tê-la esperado.

– Você falou-lhe?

– Sim. Ela voou para mim. A mulher correu para nós, como uma fúria, mas eu tive tempo de deslizar algum dinheiro para o bolso do paletó de Estela.

– Max! Dinheiro?

– Sim, e nosso endereço; eu já estava com isso pronto. Tinha trocado o dinheiro e pensei que poderia ser útil...

– Foi a mais brilhante ideia que você já teve em toda a sua brilhante vida!

– Fico satisfeito de que você aprove. Só tive tempo de murmurar: “Aqui estão três libras”. Então a mulher chegou. Fiquei pensando que Estela fosse chorar, mas ela não o fez. Apresentou-

nos, com toda a cortesia.

– Ela é assim.

– Contou-me que seu avô estava num hospital. Fora operado de apendicite de manhã cedo. Mostrava-se terrivelmente ansiosa por causa dele. Não tivemos tempo para mais nada. A mulher colocou uma etiqueta “só para senhoras” na porta de seu compartimento, de modo que fui para a saleta de fumar. Pensei que veria Estela no carro, mais tarde, mas não vi. Roddy, ela escapuliu-se! Fugiu do trem antes que ele partisse.

Ri. Não pude deixar de rir. O alívio, o pensamento de que Estela ainda estava em Wilmcote, o espetáculo de Max desempenhando o papel de instigador de fugas e o quadro da consternação da

senhorita Holloway, tudo isso era demais para mim. Ouvi Max perguntar, por uns outros três minutos, e queixar-se:

– Isso é mais engraçado para você do que para mim.

– Que aconteceu? – perguntei, sufocando as gargalhadas.

– Bem, quando a matrona viu que ela desaparecera, veio procurar-me. Pediu-me que a ajudasse a pesquisar no trem, pôs os condutores a lhe acompanharem os calcanhares, enviou telegramas da primeira estação, fez não sei mais o que. Foi com dificuldade que me pude desvencilhar dela em Taunton! Não estou acostumado a esta espécie de coisas.

– É um rapto autêntico, Max.

– Pensei que vocês já tivessem ido para a estalagem.

– Pamela quis ficar. Olhe, ela quer falar com você.

Passei o fone a Pamela e corri para o andar de cima. Desejava mover-me. As janelas estavam abertas no meu quarto e o vento derrubava as coisas. Fechei-as. O aquecedor antifantasmal de Pamela se apagara. Estava cheio de óleo e sua portinhola vermelha se fechara. Não fora apagado pelo vento. Aquele lugar no princípio das escadas, onde ela o colocara, não parecia convir-lhe. Empurrei-o um pouco para um lado e acendi-o de novo. Tive o pressentimento de que Mary voltaria aquela noite. Que

viesse! Estela não estava naquela prisão. Estava em Wilmcote; algum dia, em algum lugar, muito breve, iria vê-la.

Não escutei a campainha da porta soar, mas ouvi um baque forte da aldrava. Pamela correu para a porta e abriu-a. Estela entrou.

DUELO

Durante alguns instantes, fiquei petrificado na escada, atônito demais para poder mover-me. Estela estava no vestíbulo, ofegante por causa da rajada que a impelira, a olhar-me ansiosamente.

– Estela, Estela é você? – era tudo quanto eu podia dizer.

Respondeu-me, trêmula:

– Vovô está morrendo... Pensei – acrescentou, voltando-se para Pamela – que seria bom falar-lhe, só um pouquinho... Mas estou com medo de que seja mais tarde do que eu havia

pensado... Minha carruagem está ali... –
Eu... vou-me embora.

– Não vá! Você não pode desaparecer novamente!

Agarrei-lhe o pulso. Perdera completamente a cabeça e não pensava em outro perigo – que não o de perder Estela uma vez mais. Ouvi Pamela dizer:

– Não posso deixá-la sair.

Estela, ainda de pé, tremendo, caiu-lhe nos braços e inclinou a cabeça por sobre o ombro de Pamela.

Abri a porta e encontrei Wally Moss no pórtico, segurando as rédeas; as luzes de sua carruagem mostravam-no rudemente desganhado, com os olhos redondos de curiosidade. Fitou a nota que lhe dei, dizendo:

– Bem, não é uma noite maravilhosa?

– Uma noite magnífica, brilhante, estrelada, Wally – respondi e deixei-o pensando que eu estava louco.

Pamela, correndo pela escada com chinelas, meias, escova e pente, disse:

– Estela quer que você telefone para o hospital, dando o número de nosso aparelho, mas o Comandante não deve saber que ela se acha aqui – fez uma pausa. – Oh, Roddy, ela veio correndo por todo o caminho para a aldeia, desde Wilmcote!

Entrou na sala de espera e eu toquei para o hospital.

Depois do costumeiro “passa tão bem como se poderia esperar” do porteiro, consegui que a Irmã de plantão, em

peessoa viesse a atender. Ela me disse que o Comandante se achava em estado de coma, mas poderia ficar assim um dia ou dois, e prometeu telefonar se houvesse alguma novidade.

– Minha irmã ou eu levaremos a neta dele aí imediatamente, se ele perguntar por ela – afirmei. – Mas se a senhora puder deixá-lo acreditar que ela está dormindo no hospital, isso lhe poupará bastantes preocupações.

– Compreendo perfeitamente – replicou a Irmã. Receio, porém, que ele seja incapaz de fazer qualquer chamado e seria melhor para a senhorita Meredith não o ver. Ele está muito mudado. Mas eu telefonarei, sem dúvida.

Parecia ser uma mulher sensível; isso

era bom.

Pamela, correndo para a cozinha, avisou:

– Vou esquentar um pouco de sopa.

Encontrei Estela sentada numa pequena cadeira perto do fogo, trajando a blusa amarela que usava quando eu lera a minha peça. Estava mais pálida, mais magra; os olhos ensombrecidos e suas mãos tremiam um pouco ao aproximá-las das brasas. Sofrera amargamente. Deu-me um olhar rápido, ou melhor, tímido, e depois olhou para a frente.

Comovido, declarei:

– Eu não sabia se a iria ver ainda alguma vez.

Ela não voltou a cabeça.

– Obrigada por haver telefonado.
Houve alguma novidade?

– Não. Se houver, eles nos avisarão;
ficaram de dizer-lhe que você está
dormindo lá.

– Eles me deixariam dormir no
hospital, mas não havia lugar.

– Alegra-me essa falta de lugar.

Ela parecia rígida e suas palavras
vieram ríspidas:

– Mas você não queria que eu viesse
aqui!

– Eu nunca havia desejado tanto uma
coisa em toda a minha vida!

Ela voltou vagorosamente a cabeça e
deixou os olhos, atônitos, caírem nos
meus.

– Oh! Estela, você ainda não

descobriu – gritei – que os desejos e a prudência nada têm em comum, absolutamente? Eu estava tentando ser prudente, por sua causa, e isso estava me matando.

– Quase me matava, também – disse ela, em voz baixa.

Prendi-lhe as frias mãozinhas nas minhas.

– Vamos deixar de ser prudentes, Estela?

Não respondeu. Deu-me um leve sorriso, tão doce e feliz que me tirou a respiração; mas havia com ele um tênue gesto de timidez e afastamento, que me enviou de recuo até minha cadeira e me fez ficar silencioso, até que Pamela voltasse.

Colocando a sopa diante de Estela, Pamela perguntou alegremente:

– Que é que você fez com a pobre da senhorita Holloway? Conte-nos isso!

– A senhorita Holloway – respondeu Estela com energia – é uma mulher sem coração. Espero que nunca mais me encontre.

– Também o espero – respondi, fervidamente.

– Ela ia jantar com certo famoso doutor que iria visitá-la e fez com que eu me despedisse, só por causa disso. Podem crê-lo? Ele estava em estado de coma, mas a Irmã ter-me-ia permitido esperar. A senhorita Holloway observou-me que as ordens de vovô, dadas por carta, eram as de levar-me no

sábado, quer ele estivesse vivo ou morto e ela se recusava a esperar por um trem posterior. E a gente não pode brigar num hospital. Queria livrar-me dela na estação, mas sabem o que ela fez? Tomou minha valise, de modo que eu fiquei sem dinheiro. Estava sem um auxílio, quando aconteceu a coisa mais miraculosa...

E ela arregalou os olhos, que mais se abriram quando Pamela ajuntou, sorrindo:

– Max é miraculoso, às vezes...

– Mas foi exatamente o que aconteceu! – exclamou Estela. Como você soube? Ah! ele contou... ele telefonou!

Ela riu-se, alegremente, com a

história da sua procura e da espantosa fuga com que ele se livrara da senhorita Holloway, mas depois, quase em lágrimas, narrou-nos como tomara um carro diretamente para o hospital. Não quiseram deixar que ela visse o avô, dizendo que o estado de coma se tornara mais intenso e que ele não era capaz de voltar à consciência. A Irmã a persuadira a ir para casa.

– Mas não havia ninguém em Wilmcote, havia? – perguntou Pamela.

– Não. Eu me esquecera disso; se eu lhe tivesse falado, ela talvez me deixasse ficar.

– Mas tome sua sopa, Estela.

Ela tomou-a, obedientemente.

– Eu estava com fome – confessou.

– Você ficou sozinha na casa vazia?

– Sim.

– Por quanto tempo, minha querida?

– Desde quase as sete horas... Eu não podia ficar no escritório do vovô – disse a tremer. – E não podia ficar no meu quarto, não aguentava. Assim, sentei-me na cozinha. Fiquei sentada ali, tentando... tentei... tentei realmente com tenacidade... não vir aqui.

– Mas Estela, meu bem – murmurou Pamela, triste – se nós ao menos tivéssemos desconfiado! Por que você não telefonou?

– O telefone tinha sido cortado, bem como a luz, e tudo. Eu penso que ele se tinha preparado – sua voz se embargou – para não voltar. Ademais, eu prometera

não... Mas, afinal, quebrei todas as minhas promessas e saí correndo de casa.

Ainda as lágrimas iminentes foram contidas.

– Com toda aquela chuva? – exclamei.

– Já havia parado quase. Não... era o vento, ou o fato de estar na cama tanto tempo, ou todo aquele brometo... eu me sentia fraca. Não podia andar mais. Mas tive muita sorte. Entrei na casa da Sr^a Dendle. Ela lava nossa roupa e é uma boa pessoa. Mandou seu filho chamar Wally Moss.

– Você teve um dia terrível – redarguiu Pamela. Estela sacudiu a cabeça.

– Hoje não foi tão terrível como a noite passada, o insuportável minuto em que o Dr. Scott me falou que ele estava para morrer. Por alguma razão, penso que posso agora suportar isso. A vida não poderia ser feliz para ele muito tempo mais. Não é? Ele estava exausto. E hoje não está sofrendo. A noite passada teve uma dor tão forte! Sua mente delirava e estava de fazer pena; pensou que eu fosse minha mãe e que ela lhe havia dito uma mentira.

Pamela olhou-me, espantada.

– Você sabe que espécie de mentira achava ele que fosse? – perguntei.

– Não. Ele ficou apenas repetindo: “Mary, você não me mentiu? Diga que não me mentiu”. E eu respondi: “Nunca,

papai querido... nunca, em toda a minha vida”. E então ele ficou de novo tranquilo.

Eu estava aliviado. Seria aquele um meio terrível para Estela saber da verdade. Talvez Pamela tivesse razão e devêssemos dizer-lhe; não, porém, naquele momento.

– Você não deveria ir dormir agora?
– interoguei.

– Oh! por favor, ainda não!

Era quase meia-noite; a casa estava quieta, a não ser o ruído do vento. Aticei o fogo e Pamela empilhou almofadas na cadeira de Estela e tentou fazê-la descansar, mas Estela estava com uma intensa necessidade de falar conosco, os olhos brilhantes, muitas vezes de

felicidade, muitas vezes pelas lágrimas. Sua voz, de vez em quando, estremecia.

– Há certa coisa que eu desejo dizer-lhes – começou ela, e hesitou.

Veio-lhe à face um aspecto de desolação e seus olhos perderam toda a luz.

– É acerca de minha mãe – continuou. – Você tinha razão, Roddy, e fui pueril e tola. Não era minha mãe quem estava no quarto das crianças. Foi só imaginação minha.

Aquilo era inexplicável e feria-lhe o coração dizê-lo. Perguntei, avidamente:

– Que é que a leva a pensar isso?

– Vovô me falou – respondeu ela com dificuldade. – Tentei dizer-lhe o que se passara no quarto das crianças. Foi

depois de sua visita, Pamela. Ele se mostrara bondoso acerca daquilo e pensei que não seria direito deixar de tentar tudo para fazê-lo compreender. Contei-lhe a respeito do cheiro, do conforto e das deliciosas palavras. Esperei que ele ficasse satisfeito, porém ficou mais furioso do que nunca eu o vira em toda a minha vida. Fez-me ver que eu andara imaginando aquilo, porque parece... – e ela esforçou-se para continuar – parece que minha mãe não era pessoa daquela espécie. Ele me contou: “Ela não era sentimental a teu respeito. Ela nunca foi apaixonada por bebês”.

Suas mãos cobriram a face de súbito e as lágrimas brotaram. Eu poderia ter

amaldiçoado o velho moribundo. Ele roubara a Estela uma coisa que nunca mais lhe seria restituída, refletia. Depois, porém, pensei que não era assim. Nós sabíamos a verdade.

– Estela, ele estava enganado – atalhei. – Ele esteve enganado, a todos os respeitos. Ela lhe mentiu e ele acreditou na mentira.

Estela olhou-me, com o rosto incrédulo, mas iluminado de esperança, e fitou em seguida os olhos sorridentes de Pamela.

Ajoelhando-se ao lado de Estela e retirando-lhe as mãos do rosto, Pamela esclareceu:

– Meu bem, não foi imaginação sua. Nós conseguimos descobrir a verdade.

Eu quero contar-lhe tudo, se você puder ficar calma, mas não o farei se isso fizer com que você chore.

– Conte-me, por favor – suplicou Estela, com firmeza, após haver suspirado fundo.

– Sua mãe a amou. Adorou-a. Mimou-a, acariciou-a e entrou furtivamente no seu quarto, com uma luz. Nenhuma criança foi mais amada. Ela nunca deixou de amá-la. Mas todos cometeram um engano monstruoso.

Estela olhava com intensidade, para a face de Pamela. Depois, encarou-me:

– Vocês também estavam enganados?

– Sim. Todos estavam.

– Eu sabia que alguma coisa estava errada – sussurrou ela, lentamente.

– Era sua mãe – prosseguiu Pamela – quem esteve com você no quarto das crianças e a fez sentir-se tão feliz. Mas, Estela, não era Mary Meredith. Você não é a filha de Mary Meredith.

Estela fitou o fogo por uns instantes e algumas lágrimas caíram. Não eram, porém, lágrimas de tristeza. Murmurou, em voz baixa:

– Eu me admirava, às vezes. Sou tão diferente dela... E desde que adoeci... desde que vovô me falou aquilo... não fui mais capaz de amá-la direito. Era como se ela me tivesse maltratado, como se tudo me houvesse maltratado. Amava-a e odiava-a ao mesmo tempo.

– E isso – ajuntei – é o inferno para uma pessoa.

– Tentei dominá-lo, por causa de vovô, mas nunca consegui.

Ela ergueu-se e estendeu as mãos, num gesto de perplexidade.

– Por que me sinto feliz? Por que isso me faz sentir-me como se pudesse voar?

– Porque – respondi – você agora pode ser você mesma e não mais uma imitação de Mary.

– Vocês sabem quem era minha mãe?

Hesitei. Senti-me contrafeito, Se Estela ouvisse o lamento de Carmel, de novo aquele desgraçado dilema se apresentaria. Devíamos ter pensado naquilo e espetado até ter saído de casa. Pamela também hesitava, mas Estela leu em nossos rostos.

– Vocês sabem! Seria Carmel?

Isso arranjava tudo. Procurei o volume de fotografias e apresentei-o a ela, aberto na “Aurora”.

Ela encarou o retrato, prolongadamente, com terno sorriso.

– Eu havia visto seu rosto nos esboços de meu pai e sempre gostara dele – murmurou ela. – Dizem que ela era perversa, mas isso, sem dúvida, não é verdade. Sua face é tão encantadora e bondosa como a voz no quarto das crianças.

Pamela começou a falar-lhe acerca de Carmel, como me havia falado, aliviando a parte relativa a Mary e a Meredith. O rosto de Estela assumia um aspecto grave e compassivo, enquanto ouvia.

Era esplêndido que ela reagisse assim. Não obstante, sentia-me muito culpado. Seria desastroso se aquelas lamentações recomeçassem. Dei volta à casa, acendendo as luzes, como se isso, ou alguma coisa, pudesse evitá-lo. Aliviou-me ver que o aquecedor de óleo ardia ainda.

Quando voltei, Estela estava dizendo, tristemente:

– Pense em vovô, iludido todos esses anos. Eu sou a filha daquela moça que ele desprezava e daquele homem que ele detestava, e ele me deu tudo.

– Ele foi feliz – interrompi. – Teve uma amável companhia, que era atenciosa e leal para com ele. Você foi mais do que o teria sido uma filha de

Mary e de Meredith e ele nunca o saberá.

– Não – disse Estela, com firmeza – ele nunca o saberá. Se se curar, serei muito boa para ele. Mas temo que seja tolice pensar nisso... A tempestade está ficando mais violenta. Não é? Soa como se estivesse encolerizada com as árvores.

O vento se intensificara e varria as charnecas, agora, como uma horda de demônios. Os lariços, nossos guardiães, debatiam-se e gemiam. Ninguém seria capaz de dormir enquanto durasse aquele rumor. Estela estava completamente desperta.

Pamela, andando preocupada pelo quarto, observou:

– Parece-me que não temos quase nada para comer.

Isso era verdade, e conservar Estela cá em baixo seria a coisa mais prudente.

– Agora que você falou nisso, sinto-me faminto – declarei.

– Imagino o que não sucede às pessoas que comessem um mexido grelhado à meia-noite...

– Abençoam o cozinheiro e dormem suavemente.

– Dormirei na cozinha! – Pamela olhou-me e saiu do quarto.

Segui-a. Estava tirando, do depósito de roupas, capas e mantos de pano grosso.

– Roddy – disse ela – acho melhor pôr essas coisas perto das portas do

fundo. Se a situação piorar, poderemos fugir para a garagem. Talvez tenhamos de dormir no automóvel. Acho que Mary voltará esta noite e fará o pior que puder, penso eu.

– Também o pressinto – confessei.

– Fique com a chave da garagem no bolso. Vou cozinhar a ceia agora e ficarei observando, lá dentro, tudo. Se você puder ajudar, Roddy, não deixe Estela pensar que estamos preocupados. Já lhe aconteceu muita coisa. Se as coisas sucederem de repente, você poderá levá-la pela estufa. Não se incomode; eu avisarei. Tome conta dela.

– Você é um bom guarda, Pamela – repliquei.

Estela estava agora recostada em

minha poltrona, cansada, mas tranquila, com o retrato nos joelhos.

– Estive pensando a respeito da pobre Carmel – disse ela. – Como foi ferida e maltratada! Seu amado e sua filha lhe foram, ambos, retirados. E a própria filha nem mesmo sabia quem era sua mãe e dedicava todo o seu amor a outra! – e ela interrompeu-se. – Qual é a palavra espanhola para “mãe?” – perguntou, e depois exclamou: Oh! lembro-me: é *madre*... uma linda palavra.

– Como você sabe disso? – interroguei.

Ela riu-se.

– Aprendi um pouco de espanhol no colégio. Havia lá uma rica menina

castelhana que costumava receber cartas secretas. Ofereceu-se para ensinar espanhol a três de nós, mas isso era somente uma desculpa para mostrar-nos que lindas cartas de amor recebia.

– Estela – interrompi, abruptamente. – Vamos sair de Cliff End. Breve, estarei morando num simples apartamento, ou num feio chalé.

Lançou-me um olhar de relance e depois olhou para diante, por um minuto, antes de responder. Como eram delicadas e firmes as linhas de seu rosto! Parecia ainda mais amadurecido, depois que emagrecera. Meu coração bateu mais depressa, enquanto esperava que ela falasse.

Sua voz estava calma:

– Sinto, por vocês, essa questão da casa, Roderick; mas ela não é necessária para vocês. Não é? Vocês serão felizes. Você e sua irmã têm um ao outro, e isso é o que importa mais.

– Você gostava tanto desta casa...

– Era infantil idade minha. Não era?

– E você já “abandonou as manias infantis”?

Ela sorriu:

– Um pouco.

– Poderia ser feliz numa casinha simples?

Certamente que poderia – respondeu, sem olhar-me, com voz firme, propositada.

– Está usando perfume de mimosa?

Não era isso o que eu pretendia, mas,

sim, dizer coisa muito mais importante, mas a onda de perfume surpreendeu-me, tão forte era.

– Ora, não, porque o dei a Pamela... De onde está vindo ele?

Levantou-se, ofegante de expectativa.

– Vem também a este quarto? Que significa?

Era inútil dizer-lhe o que não fosse a verdade. Adverti:

– Estela, tente não assustar-se. Esse perfume nada traz consigo que amedronte. Penso que significa que Carmel está perto.

Não havia vestígio de temor no rosto de Estela, séria e silenciosa. Ficou a meu lado, prestando ouvido, com a mão em meu braço.

– É esse o lamento de Carmel? – perguntou.

Era: não se podia confundir isso com o vento. Nenhuma voz humana poderia ter sido mais clara. Era Carmel, emitindo profundos, saudosos, solitários suspiros.

– Penso que talvez ela me pudesse ouvir. Acho que talvez me compreendesse – acrescentou Estela, baixinho.

Andou até a porta, como se se apressasse a consolar alguma desgraça humana.

– Espere! – atalhei, e entrei no vestíbulo.

Não havia frio ali, nem vapor serpenteante. Iluminava nitidamente o

patamar a luz vermelha do aquecedor. Acendi as luzes no vestíbulo e no quarto das crianças para ver se havia algum sinal daquele maléfico e luminoso nevoeiro; nada vi. Contudo, do quarto das crianças, vinha o som lastimoso e o odor de flores.

– Ela está agora naquele quarto – declarou Estela.

Parou, na luz que vinha da porta da sala de visitas, e olhou para mim. Meu temor foi dominado pela beleza de sua face, pela brilhante e calma convicção de sua própria capacidade de auxiliar.

– Roderick, penso que serei feliz, por toda a vida, se for agora ao quarto das crianças, sozinha; mas farei o que você quiser.

Quando viu a recusa em meu rosto, tal mudança experimentou que senti ser desumano fazer aquilo.

– Se você deixar a porta aberta, pode ir.

Ela penetrou silenciosamente no quarto escuro e fiquei do lado de fora. Podia ouvir seu respirar ávido, rápido, e o sussurro soluçante de Carmel, como se houvesse duas mulheres naquele aposento; depois, Estela começou a falar. Começou com fragmentos de espanhol, frases quebradas. Depois, vieram em inglês. Mas nem as palavras nem a língua proferida importavam, tal era a ternura de sua voz. Alteava-se e descia, suave, persuasiva, doce de pena e de amor, como se uma mãe estivesse

consolando um filho. “*Madre mia, madre caríssima*” – ouvi. Quando ela terminou, tudo era quietação no quarto: o suspiro cessara, o perfume, também, se desvanecera.

– Descansa em paz! – ouvi-a dizer, suavemente. Depois de um minuto ela sussurrou meu nome.

– Foi-se embora! Oh, Roddy, acredito que ela se tenha ido em paz.

Estela tremia. Apertei-a em meus braços. Disse-lhe que aquilo fora a coisa mais corajosa e mais deliciosa que eu já vira alguém fazer, que ninguém mais no mundo teria feito precisamente aquilo, e que não havia ninguém semelhante a ela em todo o mundo. Disse-lhe que, se ela não me pudesse

amar, eu não saberia como viver.

– Mas você sabe... você deve ter sabido – murmurou ela. – Oh! meu amor, eu teria morrido...

Pamela teve de chamar-nos mais de uma vez, para que eu me científicasse do motivo dessa chamada e abrisse a porta.

O frio súbito fez-me ofegar. Mandeï Pamela com Estela para o quarto das crianças e apaguei a luz do vestíbulo, que ela havia acendido. Eu desejava ver aquilo contra que ia lutar. Mary estava chegando. Bem, que tentasse fazer o pior!

Abri caminho, de encontro a uma pressão impalpável, até o pé da escada, e ergui os olhos para a coisa. Ela estava de pé, mais alta do que eu a vira antes,

com formas palidamente luminosas, que se ampliavam e contratam. Começou a flutuar, descendo, para onde eu estava, com um movimento leve, ondulante. Vi-lhe as feições; os olhos intensificavam seu brilho. Eu não queria que Estela visse aqueles olhos.

Parei no segundo degrau, com as mãos para trás, agarradas ao balaústre. Desse modo, podia impedir uma queda, a despeito do tremor de meus joelhos. Eu me agitava todo; meu esqueleto era de gelo e minha carne parecia desprendida dos ossos; a voz não conseguia irromper da garganta; as palavras que eu dizia eram sussurradas e minha gargalhada, rouca.

Ri. Ri, porque era tudo tão absurdo: o

espanto e o terror que haviam rodeado o fantasma de Carmel, em contraste com a inocência inofensiva de seu espírito; e a simplicidade do que Estela havia feito. Mary, também, era ridícula, com suas mentiras por intermédio do copo e suas materializações noturnas. Pobre espectro, que sabia ela, que poderia jamais saber; da alegria, da magnificência e do valor audaz do amor?

Ela surgia ali, ondulando, enquanto, degrau a degrau, eu subia ao seu encontro, manifestando meu desprezo em frases cortantes, aceradas.

— Você já se acabou, lastimável embusteira! Você já não vale de nada! Suas atitudes e suas momices não

passam de pó e você é uma fraude total.

A aparição tremeu e vacilou, perdendo contornos e brilho; foi-se tornando numa coluna cinzenta de névoa, com um núcleo luminoso, a recurvar-se. Minha voz gelava-se na garganta, mas meus pensamentos brotavam, batendo-a como um mangual. Vi-a encolher-se, contorcendo-se e enrolando-se, como a fumaça, sob um vento vindo do chão.

– Nada resta de você, Mary – zombei – além de uma história ridícula, um conto para as criadas darem gargalhadas na cozinha. Suma-se espantinho de palha!

Sentia-me doente, em delíquio. A névoa estava fria, mas, seu centro incandescente morrera, afinara-se e

crescera, dissolvendo-se, sumindo, como que a filtrar-se pelo teto. Eu não poderia ter lutado mais; não me restavam forças. No patamar; cambaleei e encostei-me à porta do *studio*. Ela cedeu e tropecei para dentro do quarto. As trevas e o frio me envolveram. Caí.

MANHÃ

Devo ter ficado inconsciente apenas um instante. O brilho das chamas atuou magicamente para fazer-me voltar a mim. Estela e eu estávamos batendo na porta, com travesseiros, antes que o fogo fosse além da superfície, enquanto Pamela, empunhando o extintor “*Minimax*”, no patamar, produzia com ele uma exalação sibilante.

O tapete estava lá fora, incendiado, e a soleira da porta pegara fogo. Tirei um colchão da cama e cobri com ele o lugar; Estela puxou de outro e o lançou a Pamela, que o atirou sobre a grande

poça de óleo flamejante. A chama foi aos poucos dominada; só tínhamos agora que lidar com algumas línguas de fogo impudentes. Pamela veio trazer-me toalhas e lençóis úmidos e caí com eles sobre cada chama, à medida que surgiam. Parecíamos malucos, pulando e dançando em cima daqueles colchões, em meio à fumaça espessa e sufocante.

Então, Pamela gritou:

– Saiam! Vão para o lado do telhado!

Estela estava tossindo, engasgada. Puxei-a para trás e fi-la curvar-se para o soalho. A janela parecia pregada, mas abri-a por fim e debruçamo-nos para fora, sorvendo o ar fresco.

Voltei ao combate. O vento pusera em chamas um canto do colchão que

abafava o fogo. Pamela jogou-lhes água; elas sibilaram venenosamente e morreram.

– Acabou-se! – gritou ela.

– Você está bem?

– Estou. Não tente vir por esse lado; pode estar queimado. Vou trazer uma escada.

Ouvi-a correr pela escada abaixo.

Estela gritava por mim, terrivelmente. Não nos podíamos ver uns aos outros, no aposento repleto de fumaça, mas agarrei-lhe o braço e saltei com ela sobre o teto chato. Ela agarrou-me e prendeu-me a mim, ofegando e tossindo, cheia de medo, inteiramente abatida.

O vento fustigava-nos e a fumaça sala em torvelinhos. Segurei Estela de

encontro à parede e abriguei-a o melhor que pude, mas ela estava dominada pelo choque e pelo terror, agora que não havia mais necessidade de ação.

– Oh! como foi que você pôde? Como foi? – arquejou. – Você subindo, ela terrível, tão terrível, e você subindo sempre! Eu nem mesmo podia gritar! Oh! Você estava caído no chão e eu não podia levantá-lo... e as chamas... as chamas...

Fiz tudo o que pude para acalmá-la. Não sei quanto tempo passamos ali, abaixados, sob as rajadas do vento; até ouvir a voz de Pamela.

– Está pesado demais – gritava ela. – Eu não posso.

A fumaça estava menos espessa,

agora, na sala; entramos. O dano não fora muito; a porta estava enegrecida e a pintura formava borbulhas na metade superior; a soleira e parte das tábuas do soalho estavam queimadas e as traves expostas tinham sido chamuscadas, mas era fácil saltar por cima do buraco. Corremos para a cozinha e encontramos Pamela atarefada ali, enegrecida como um limpa-chaminés; riu-se, ao ver-nos. Isso pôs termo ao pânico de Estela, que me olhou e riu também; ela mesma estava coberta de fuligem. Lavamo-nos, em seguida, na pia da cozinha.

– Poderá alguém dizer-me o que aconteceu? – perguntei. – Suponho que caí de encontro ao aquecedor.

– Não acredito que fosse você –

declarou Pamela. – Você fez coisas loucas esta noite, mas isso não! Oh! Roddy, pensei que todos nós tivéssemos perdido a cabeça. Era de fazer medo olhar para você. Mas o incrível é que isso tenha dado certo. Sei que deu: ela não voltará! Amanhã, não acreditaremos em nada disto! Ela foi escarnecida e expulsa. Eu gostaria, se pudéssemos tomar champanha!

Pamela estava delirante com o entusiasmo da vitória e a louca excitação que se tem após lutar contra o fogo; também eu me sentia assim; mas Estela deitara-se extenuada na cadeira de Lizzie.

– Acabou-se a nossa ceia – queixou-se Pamela – Terei de estrelar uns ovos.

“Whisky” saudou graciosamente essa invasão madrugadora, visitando em troca a cada um de nós, rosnando com excitação e esfregando-se afetuosamente. Sentou-se no colo de Estela e começou a lambe-la a mão: sinal supremo de estima. Estela conseguiu acariciá-lo e, ao mesmo tempo, cear numa bandeja colocada a seu lado.

– Lizzie pensará que o diabo estava nele durante todo esse tempo e não se enganará! – exclamou Pamela. – Seus cobertores, Roddy, estão queimados, e também o tapete da lareira e a passadeira da escada, tão bonita! Que holocausto!

– Não faz mal – respondi. – Estão no

seguro.

Ela deu uma gargalhada:

– Eles não pagam prejuízos dolosos e eu juro que esse foi doloso!

– O gesto de adeus de Mary? Gostaria de vê-los tentar provar isso.

– Contanto que não peçam um parecer ao Sr. Ingram...

– Por falar nisso – refleti, empurrando a xícara pela mesa, para ser servido de mais chá – Ingram pode vir agora para o Natal.

O chá que caía, desviando-se, jorrou no pires. Pamela colocou o bule na mesa e fitou-me.

– O Sr. Ingram? No Natal? Que coisa é essa que você está dizendo?

– Não tinha lhe contado?

– Não.

– Não, mesmo? Ele se considerou convidado para vir no fim do ano, se estivéssemos aqui. Ficou assentado!

– É a primeira vez que ouço falar nisso!

– Viva! E será que eu não disse que ele propôs que você fizesse uma viagem de avião com ele à Irlanda?

– Ele propôs isso?

– Juro que sim.

– Eu? À Irlanda? Com ele? Bem palavra de honra, seu cabeça-de-pau, você pelo menos podia ter dado o recado!

– Não era um recado!

E, em autodefesa, tentei explicar que não pensara ter essa proposta qualquer

importância, pois ela, Pamela, naturalmente não queria ir.

– Oh! – concordou ela. – Não tem a mínima importância. Querem mais algumas torradas?

Levantou-se e rabiscou um bilhete para Lizzie: “Tudo vai bem, mas não amole ninguém enquanto alguém não chamar”.

– Isto é a única coisa de real importância – acrescentou.

Parecia extraordinariamente divertida.

Voltei-me para Estela e verifiquei que ela estava dormindo na cadeira. Os quartos de cima estavam ainda repletos de fumaça. Trouxemos colchas e lençóis para baixo e fizemos do sofá da sala de

visitas uma cama para Estela. Armei uma espreguiçadeira para Pamela, que declarou:

– Esta noite, eu poderia dormir num varal.

Estela mal se mexeu quando a levantamos para pô-la na cama.

Dormi no quarto de crianças e sonhei, coisa que raramente acontece. Sonhei que me banhava num mar luminoso.

O gato despertou-me: senti-lhe o peso macio, enquanto andava devagarinho pela colcha, sobre meu peito. Seus grandes olhos encontraram os meus, complacentemente; ele rosnava e ondulava a cauda dourada. Fitei-o, imaginando se as coisas que recordava poderiam mesmo ter acontecido. Ali

estava eu, porém, deitado no quarto de crianças; ali estava o gato, no aposento de que fugira, a estremecer de alegria; e ali estavam minhas roupas, sujas de fuligem. Era verdade, tudo aquilo... tudo aquilo: Carmel, e Mary, e o fogo, e o beijo de Estela...

Saltei da cama, para ver os danos à luz do dia, seguido pelo gato. Lizzie já estava a trabalhar com baldes e vassouras. Lágrimas caíam-lhe pelo rosto. A vista de “Whisky” mudou-lhe a tristeza em alegria.

– Eu não podia crer que ele estivesse aqui! – exclamou. – Pensei que tivesse fugido da casa e que nunca mais lhe poria os olhos em cima. E não o censuraria por isso – acrescentou,

erguendo-se vagarosamente, a apertar o gato entre os braços – pois esta casa não convém a um cristão, quanto mais a um gato. Onde está a senhorita Pamela? Afinal de contas, que aconteceu?

– Lizzie, esta é a melhor casa da cristandade! – exclamei e fui tomar o meu banho.

Enquanto me vestia, ouvi Estela e Pamela subirem. Uma vez mais empolgou-me a incredulidade. Olhei para fora, para o panorama cintilante, lavado de chuva. As nuvens, retalhadas em andrajos pelo vento, deixavam passar a luz do Sol. Abri a janela: o ar, que as urzes perfumavam, vibrava com o canto das calhandras. A árvore que salvara Estela ondulava os galhos; era

uma árvore amiga. Recordei o alegre princípio de nossa vida ali e a sombra negra que nos enlutara, e pensei nas novas esperanças, tão brilhantes que mal podia ainda encará-las.

Depois de um momento, Pamela bateu à minha porta e entrou.

– Você está passando bem, Roddy? Estela já tomou banho; você também? Levei-a para a cama no meu quarto. Telefone para o hospital, sim? A menos que ela queira ver o avô, é melhor que fique deitada o dia inteiro. Ela está enormemente cansada.

– Você sabe que foi que Estela fez ontem à noite?

– Sei que ela deu um salto por entre as chamas para dentro do *studio*, à sua

procura. Oh! Roddy, você quase nos matou!

Contei-lhe o que acontecera no quarto das crianças. Ela ficou de pé a meu lado, olhando para longe.

– Assim – murmurou – ela despediu-se de sua mãe. Não precisa mais amar um fantasma...

– Não. Estela não precisa mais amar um fantasma.

– Oh, como estou satisfeita!

– Está de fato satisfeita? – perguntei-lhe.

– Inteiramente. Sinto-me mais feliz do que há muitos anos. Vou tomar meu banho.

A natureza pode ser cruel para com os velhos, pensei, ao descer para telefonar.

O Comandante não participaria desta alegria. Esse homem tivera uma vida honrada, leal, dedicada e agora... Haveria alguém para quem sua morte fosse uma perda completa? A negra teia que Mary tecera fizera-o sua vítima, afinal. Lastimei-o; mas a natureza e a vida estavam agora do meu lado e do de Estela.

Disseram-me que ele estava deperecendo lentamente e não voltaria a si. O cirurgião estava agora com ele. Esperavam o Dr. Scott e pediriam a este que me telefonasse depois.

Teríamos muitas coisas para contar a Scott. Eu estava faminto como um viking.

– Lizzie – gritei. – Almoço para três

no quarto de Pamela.

Corri para cima e bati à porta.

– Entre – disse Estela.

Parecia muito pequena, sentada na grande cama de Pamela, e muito pálida, vestida com a camisa rendada de Pamela, cor-de-creme. Quando lhe contei as notícias do hospital, seus olhos se encheram de lágrimas.

– Se ao menos ele pudesse viver um pouco mais, agora que compreendo tudo! – disse ela, pensativa. – Mas eu teria de ficar todo o tempo a enganá-lo e creio que ele preferiria morrer a que lhe mentissem.

Algumas lágrimas caíram. Consolei-a o melhor que pude. Reclamei um beijo de bom-dia. Deu-me um beijo acanhado,

como o de uma criança. Sorriu-me e suspirou.

– Sinto-me tão feliz! Será falta de coração sentir-se a gente feliz assim?

Quando Pamela chegou e lhe contei as informações do hospital ela prometeu a Estela que iríamos de carro, depois, até lá, a menos que Scott o proibisse quando chegasse.

– Iremos lá e, depois, cama de novo – declarou ela. – Penso que é necessária uma cura de repouso. Esta deve ser sua “Casa de Harmonia”, sabe?

Estela riu-se.

– Que nome tão engraçado... Sempre me deu vontade de rir, mas a senhorita Holloway encarava-o tão solenemente! Oh! Querido, acho que ninguém poderia

ser mais malvada do que ela costumava fazer com que eu me sentisse!

Lizzie chegou com a bandeja, colocou-a na mesa e plantou-se no meio do quarto, contemplando um por um de nós, com olhar espantado e acusador.

– Entrei – disse ela – e encontrei a casa meio queimada, os quartos todos numa confusão, uma boa porção de comida estragada na cozinha e “Whisky” reaparecido. Subo e encontro a senhorita Meredith como um cromo de um livro de orações e a senhorita Pamela com um sorriso no rosto e “Whisky” – por favor, olhem para ele – ele, que nem queria pôr o pé num degrau da escada, rondando aqui em busca de seu ovo... E o Sr. Roderick com a cara de quem está nas

nuvens... Pelo amor de Deus, que é que isso quer dizer?

– Você é capaz de guardar um segredo, Lizzie? – perguntei-lhe.

Pamela soltou uma gargalhada e Lizzie, num resmungo, envergonhada, replicou:

– Não vou arriscar-me a perder a alma com uma promessa dessas.

A mão de Estela deslizou para a de Pamela e ela sorriu.

– Conte-lhe Roddy! Eu quero que Lizzie saiba.

– Isso quer dizer, Lizzie – segredei – que a senhorita Meredith prometeu casar-se comigo, e que vamos continuar morando em Cliff End, e que os fantasmas foram-se embora.

Lágrimas despontaram nos olhos de Lizzie.

– Bem – murmurou ela de súbito. – Se eu tivesse três desejos, seriam esses. Pamela, minha querida... Senhorita Meredith... Oh! Sr. Roddy...

Sua face se abria num sorriso e iluminava-nos com um brilho de afetuosa bondade.

– Deus nos ajude a todos – murmurou.

Table of Contents

Capa

Dados biográficos da autora

Prefácio do tradutor

CLIFF END

O COMANDANTE

A ALDEIA

MERGULHADO EM PRAZE

INFINITO

ESTELA

O “STUDIO”

A FESTA INAUGURAL

O PADRE ANSON

DIA DE FEIRA

O QUARTO DAS CRIANÇAS

A EXPERIÊNCIA DE PAMELA

A SENHORITA HOLLOWAY

A ÁRVORE

A VISITA DO COMANDANTE

OS TESOUROS DE CARMEL

O MODELO DO ARTISTA

UMA ADVERTÊNCIA

O COPO QUE ESCREVE

MARY

BECO SEM SAÍDA

AS PALAVRAS ESPANHOLAS

VOLTA

DUELO

MANHÃ